



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DOUTORADO CIDADES



**Igrejas, conventos, cemitérios:
o lugar dos mortos configurando
a paisagem urbana e arquitetônica
de Marechal Deodoro, Alagoas.**

Ana Cláudia Magalhães
Orientadora: Maria Angélica da Silva

Maceió - Alagoas
2018

ANA CLÁUDIA VASCONCELLOS MAGALHÃES

**IGREJAS, CONVENTOS, CEMITÉRIOS: O LUGAR DOS
MORTOS CONFIGURANDO A PAISAGEM URBANA E
ARQUITETÔNICA DA CIDADE DE MARECHAL DEODORO,
ALAGOAS.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAU/UFAL, área de concentração Cidades, como requisito para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria
Angélica da Silva

Abril de 2018.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

M188i Magalhães, Ana Cláudia Vasconcellos.

Igrejas, conventos, cemitérios : o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas / Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães. – 2018.

358 f. : il.

Orientadora: Maria Angélica da Silva.

Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas Centro de Tecnologia. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 116-351.

Anexos: f. 352-358.

1. Arquitetura religiosa – Alagoas – História. 2. Urbanismo. 3. Igrejas (Marechal Deodoro, AL). 4. Conventos (Marechal Deodoro, AL). 5. Cemitérios (Marechal Deodoro, AL). I. Título.

CDU: 726(813.5)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ANA CLÁUDIA VASCONCELLOS MAGALHÃES

**IGREJAS, CONVENTOS, CEMITÉRIOS: O LUGAR DOS MORTOS
CONFIGURANDO A PAISAGEM URBANA E ARQUITETÔNICA DA CIDADE DE
MARECHAL DEODORO, ALAGOAS.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 07 de maio de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Angélica da Silva
Orientadora / Presidente – UFAL

Prof.^a Dr.^a Josemary Omena P. Ferrare
Examinador 1 do Programa – UFAL

Prof.^a Dr.^a Roseline Vanessa Santos Oliveira
Examinador 2 do Programa – UFAL

Prof. Dr. Renato Cymbalista
Examinador Externo 1- USP

Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho
Examinador Externo 2 - UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória como pesquisadora e que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento e conclusão desta tese:

Aos professores do Doutorado, pelos ensinamentos, às coordenações, antigas e atual, a Luciane Prado, sempre prestativa na secretaria;

Aos queridos e queridas colegas de turma;

Aos professores componentes da banca, que gentilmente aceitaram participar da avaliação e contribuíram para o aperfeiçoamento do texto;

À arqueóloga Jaciara Andrade pela cessão das imagens e dados sobre a pesquisa arqueológica realizada no adro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição;

A Túlio Almeida por me apresentar às sepulturas e ossários das igrejas de Salvador;

Ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, pelas trocas tão ricas, pelas viagens, pelas discussões. Agradeço, especialmente, a Roseline Oliveira, fonte de aprendizado constante, pelo incentivo de sempre, e ao “grupinho orientandas” pela solidariedade;

Aos companheiros de trabalho no DEPAM/IPHAN, em Brasília, pelo apoio;

Aos diretores e funcionários dos arquivos pesquisados, onde tive acesso a documentos e livros, pelo atendimento cordial de sempre, especialmente o IHGAL e APA;

Ao Prof. Elias Passos Tenório (in memoriam) e Célia Paiva, primeiros diretores do Museu de Arte Sacra, que me abriram as portas do antigo convento franciscano e apoiaram minhas experiências iniciais como conservadora de bens móveis;

À Prof^a Josemary Ferrare por dividir comigo sua história com Marechal Deodoro, pelas idas a campo (inclusive à noite), pelas “longas” conversas no telefone, pela amizade;

A Allan Christian, morador da antiga Madalena, que generosamente compartilhou comigo fotos, informações e, principalmente, a afeição que sente por sua cidade;

À minha família pelo carinho, especialmente Nara, pela companhia, pelas caronas, pelas fotos.

A todos os franciscanos, religiosos e leigos, que cruzaram meu caminho e ensinaram que a irmã-Morte é uma experiência de despedida breve;

Para os meus “*mortos muito especiais*” (avós, tios e tias, amigo Hélivio, professores, frades, moradores de Marechal Deodoro), minha gratidão, meu respeito, minha afeição.

“Estudara nos livros demais.
Porém aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar,
no provar e no cheirar”.

(Manoel de Barros).

A querida Maria Angélica, minha gratidão por não ter desistido, pelo incentivo, pelas orientações à distância... pelos ensinamentos que levarei para a vida.

“– A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem para de piscar chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme e acorda, dorme e acorda, até que dorme e não acorda mais [...]. A vida das gentes neste mundo, senhor Sabugo, é isso. Um rosário de piscados. Cada pisco é um dia. Pisca e mama, pisca e brinca, pisca e estuda, pisca e ama, pisca e cria filhos, pisca e geme os reumatismos, e por fim pisca pela última vez e morre.

– E depois que morre? Perguntou o Visconde.

– Depois que morre, vira hipótese. É ou não é?”

(Memórias de Emília, Monteiro Lobato, 1936).

RESUMO

A gênese das cidades coloniais brasileiras tem sido estudada sob diversos aspectos, sobretudo privilegiando as dinâmicas econômicas subjacentes aos movimentos de ocupação e povoação do território. Mais recentemente, uma nova geração de pesquisadores tem se debruçado sobre o protagonismo dos eventos de natureza religiosa, especialmente aqueles ligados à cultura funerária. As investigações que colocam as dinâmicas ligadas à Morte como agentes de promoção do espaço reconhecem que, embora pareça contraditório, nelas esteve concentrada grande parte da vitalidade do cotidiano urbano, pelo menos até o século XIX, quando um novo modo de lidar com o lugar dos mortos se apresenta na paisagem edificada e cultural das cidades. Nesse sentido, a tese investigou e discutiu como, na cidade de Marechal Deodoro, em Alagoas, se atendeu às demandas urbanas referentes às práticas funerárias, condição fundamental para que a povoação mantivesse seu status de espaço habitado. Considera-se que tais práticas estiveram submersas em todos os extratos sociais, os quais, organizados em confrarias, foram responsáveis pela construção e manutenção dos espaços que a legislação canônica da época considerava adequados para os sepultamentos: conventos, igrejas, capelas, adros. A cultura da Morte é apresentada na cidade através de pequenos e grandes gestos urbanos e arquitetônicos: espaços edificadas para os sepultamentos; rede de ruas e largos organizados também em função de cortejos, procissões, percursos funerários, devoções. A partir de meados do século XIX, foram se definindo formas diferentes de lidar com antigas crenças e o novo lugar dedicado aos mortos, o Cemitério Público, estabelece uma relação distinta e, por vezes, conflituosa, entre território da Morte e população. E a cidade, na sua dimensão construída e na sua dimensão simbólica, passa a refletir essa outra realidade

Palavras-chaves: Morte, cidade, arquitetura, história, religião.

ABSTRACT

The genesis of the Brazilian colonial cities has been studied under several aspects, especially about the economic dynamics underlying the movements on occupation and settlement on the territory. Recently, a new generation of researchers has focused on the role of religious events, especially those related to funerary culture. Researching that have considered the dynamics linked to Death as spatial agents, recognize that, although it seems contradictory, it was a great contribution of the vitality of urban daily life till at least until the nineteenth century, when emerged a new way of dealing with the place of the dead in the built and cultural landscape of cities. In the light of this context, this thesis explored and discussed how, in the city of Marechal Deodoro, located in Alagoas, Brazil, urban requirement regarding funeral practices were met, a fundamental condition for the population to maintain its status as an inhabited space. It is considered that these practices were part of the whole social extracts, which, organized in confraternities, were responsible for the construction and maintenance of the spaces that the canonical legislation of the epoch considered appropriate for the burials: convents, churches, chapels, churchyard. The culture of the Death come out in the city through small and great urban and architectural gestures such as spaces built for the burials; network of streets organized according function of processions, cortege, funerary routes, religious devotions. From the middle of the nineteenth century, different ways of dealing with old beliefs were defined, and the new place dedicated to the dead as the Public Cemetery, have established a distinctive, and at a time, conflicting relationship between the a kind of territory of Death and the inhabitants. On the whole, the city, in its built dimension and its symbolic dimension, begins to reflect this other reality.

Keywords: Death, city, architecture, history religion.

LISTA DE FIGURAS, MAPAS E PLANTAS BAIXAS

Figura 1. Detalhe de portada da Capela dos Ossos, Igreja de São Francisco, Évora/Portugal, Século XVII.	I
Figura 2. Imagem do Senhor Morto, Igreja do Convento de Santa Maria Madalena.	I
Mapa 1. Divisão Administrativa de Alagoas – 1636-1763	II
Figura 3. Detalhe do Mapa “Província de Pernambuco”.	II
Figura 4. Relação entre a localização de Taperaguá e Madalena;	III
Figura 5. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Centro;	III
Figura 6. Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, Taperaguá.	III
Figuras 7. Pagus Alagoae Australis, por George Marcgrave/1647.	IV
Figura 8. Alagoa ad Austrum, por Frans Post/1643.	IV
Figura 9. Mappa tipográfico dos portos e costa da Bahia de todos os Santos Olinda e Pernambuco.	IV
Figura 10. Perfil arquitetônico e urbano da cidade: ruas, casas, quintais e lagoa.	V
Figuras 11 e 12. Imagens do casario, anos 50, século XX	V
Mapa 2. Localização das igrejas, destacando seus adros.	VI
Figura 13. Adro do Convento Franciscano.	VI
Figuras 14 e 15. Desenho a bico de pena representando a fachada e detalhes ornamentais das torres sineiras, planta baixa para a Igreja Matriz, 1766.	VII
Figuras 16 e 17. Fachada e nave da Igreja Matriz.	VIII
Figura 18. Plantas Baixas com indicação das sepulturas da Igreja de São Domingos/Séc. XIII, Porto, Portugal.	IX
Figura 19. Igreja do Divino Espírito Santo, Montijo, Portugal - Livro das Sepulturas, 1685.	IX
Figura 20. Planta baixa do pavimento térreo da Igreja Matriz;	X
Figura 21. Imagens internas da nave e capelas.	X
Figura 22. Planta baixa do pavimento térreo da Igreja do Amparo.	XI
Figura 23. Imagens internas nave, capela-mor e coro.	XI
Figura 24. Planta baixa do pavimento térreo da Igreja do Rosário.	XII

Figura 25. Imagens internas da nave e capela-mor.	XII
Figuras 26, 27, 28 e 29. Vistas aéreas e frontais dos conventos da OFM e OTC.	XIII
Figuras 30, 31 e 32. Inserção urbana dos conventos da OFM e da OTC	XIV
Figura 33. Adros das igrejas Matriz, do Amparo, do Rosário e dos conventos da OFM e da OTC.	XV
Figura 34. Testamento Político, Vida Pública de Pedro Paulino da Fonseca – 1895.	XV
Mapa 3. Marechal Deodoro - faixas cemiteriais associadas às igrejas e conventos.	XVI
Figura 35. Versão esqueletizada do piso da nave com exposição das sepulturas, Igreja de São Pedro, Grândola/Portugal.	XVII
Figura 36. Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, Povoado Barra do Ipanema, Belo Monte, Alagoas.	XVII
Figura 37. Procissões tradicionais na cidade: santos padroeiros e Semana Santa. Cortejos funerários recentes.	XVIII
Figura 38. Vista aérea da cidade, com indicação das igrejas e conventos e Rua dos Mortos destacada em vermelho; Pessoas aguardando um cortejo funerário, início do século XIX.	XIX
Mapa 4. Nomenclatura antiga das ruas nas quais se localizam as igrejas e os conventos.	XIX
Figura 39. Conventos Franciscanos de Pernambuco, pinturas a óleo de Frans Post-1612/1680;	XX
Figura 40. “Orbis Seraficus - 1754” - Forro da Capela de Santana, Convento de N. Senhora das Neves, Olinda/PE.	XX
Figura 41. Conventos da Escola Franciscana do Nordeste.	XX
Figura 42. Painéis de azulejos: “A certeza da Morte” e “A Morte a todos iguala”, Claustro do Convento de São Francisco, Salvador/BA, Século XVIII.	XXI
Figura 43. Desenho do forro em caixotão, esculpido e policromado / capela-mor da igreja franciscana.	XXII
Figura 44. Detalhe: “O olho de Deus”.	XXII
Figura 45. Representações de São Francisco Penitente.	XXIII

Figura 46: As várias formas com que se refere à Morte nos textos lidos.	XXIV
Figura 47. Ordem Terceira Franciscana do Convento de Santa Maria dos Anjos, em Penedo, Al.	XXV
Figura 48. Convento de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha/ES.	XXV
Figuras 49 e 50: Igreja conventual franciscana, locais de sepultamento: capela lateral com cripta funerária, retábulo colateral	XXVI
Figuras 51 e 52: Claustro franciscano com inscrição da Irmandade de São Benedito.	XXVII
Figura 53. Claustro franciscano.	XXVIII
Figura 54. Planta de Maceió, 1859 com indicação dos cemitérios públicos mais antigos.	XXIX
Figura 55. Capa das Compilações, 1854, Arquivo Público de Alagoas.	XXIX
Figuras 56 e 57. Cemitérios dos antigos engenhos Varrela e Prata, São Miguel dos Campos/AL.	XXX
Figura 58. Cemitério Público.	XXXI
Figura 59. Escapulário carmelitano; Nossa Senhora da Boa Morte.	XXXI
Figura 60. Nossa Senhora da Boa Morte.	XXXI
Figura 61 e 62. Muro do cemitério do Convento Franciscano – Fachada do Convento com cemitério murado	XXXII
Figura 63. Planta baixa: Igreja Matriz, Igreja do Rosário, Igreja do Amparo – indicação de áreas de sepultamento – interna e externa.	XXXIII
Figura 64. Igreja Matriz - Esqueletos e objetos pessoais encontrados na área externa.	XXXIV
Figura 65. Igreja do Rosário – Esqueleto encontrado na área externa, Lápides na área interna - Inscrições e desenhos.	XXXV
Figura 66. Igreja do Amparo – Lápides na área interna - Inscrições e desenhos.	XXXVI
Figura 67. Planta baixa: Capela da OTC e OTF. Indicação de áreas de sepultamento - área interna e externa - Desenho em lápide	XXXVII
Figura 68. Planta baixa: Convento e igreja franciscana. Indicação de áreas de sepultamento - interna e externa. Desenho em lápide	XXXVIII
Figura 69. Planta baixa: Igreja Carmelita. Indicação de áreas de	XXXIX

sepultamento - interna e externa. Capela lateral - Desenho em lápide.

Figura 70: Imagem de missão realizada por Frei Damião Cap. (data não identificada); Frei Francisco de Vicência Cap. (séc. XIX); Trabalho de construção como atividade de uma missão capuchinha. XL

Figuras 71. Sede da Sociedade Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos. XLI

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	126
Data da fundação dos conventos da Província de Santo Antônio do Brasil, em destaque, os três últimos posteriores à invasão holandesa.	
Quadro 2	152
Despesas decorrentes de um sepultamento ocorrido em 1696, em Recife, Pernambuco.	
Quadro 3	223
Situação dos cemitérios públicos de cidade e vilas alagoanas em 1881.	
Quadro 4	271
Indicação das irmandades existentes na cidade das Alagoas, no ano de 1855.	
Quadro 5	274
Os Estatutos/Compromissos e a condução do cerimonial da Morte pelas Confrarias.	

SUMÁRIO

1. Introdução	15
2. O lugar ocupado pela morte em Marechal Deodoro: Bastidores e palco da cultura funerária.	39
2.1. A longa tradição que orientou os sepultamentos nas igrejas cristãs: <i>Ecclesia e Cimeterium</i> .	39
2.2. “Há Lagoas”.	53
2.3. “Seu nome seria Madalena”.	60
2.3.1. A afirmação da vivência religiosa em grupo: igrejas, conventos, irmandades. “Assisti-me durante a vida, consolai-me na hora da morte”.	66
3. Um lugar para a irmã Morte na casa franciscana: Santa Maria Madalena.	120
3.1. O Protagonismo do Convento Franciscano: percurso histórico.	120
3.2. “Liberame Domini da Morte Eterna”.	145
3.3. Dos milagres e outros fatos extraordinários na casa franciscana.	169
4. Do centro à periferia: Das igrejas ao Cemitério Público.	190
4.1. A gênese das “ <i>idades da morte</i> ” em Alagoas.	190
4.2. “Memória do tempo em que a Província das Alagoas viveu de enterrar seus mortos”.	205
4.3. Cidade das Alagoas: do encontro nas igrejas à despedida no cemitério.	226
Considerações Finais.	283
Bibliografia	289
Anexo A	352
Anexo B	354
Anexo C	355
Anexo D	357

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

1 INTRODUÇÃO

Na velha sociedade colonial ocupava a igreja tão subido lugar, vivia tão sobranceiramente que tolhida ficaria a história se quizesse decidir pleitos sem ir aos claustros, às sacristias, às catacumbas. (CABRAL, 1879a:1).

Quando, em 1874, o médico alagoano João Francisco Dias Cabral fez a afirmação acima, estava antecipando uma forma de olhar que só muitos anos depois passaria a ser considerada pelos pesquisadores como parte dos elementos que permitem a construção do conhecimento histórico a respeito de cidades: as marcas do cotidiano religioso. Nessa perspectiva o membro fundador do recém-criado Instituto Archeológico Alagoano¹, em sua lida com os documentos escritos, reconhece que existe alguma coisa para além do papel, o que o leva a constatar que espaços e lugares também falam. E, nesse contexto, ele aponta muito claramente as expressões materiais da religiosidade – a igreja e seus recintos de encontro e celebração (claustros e sacristias), ressaltando, de forma inusitada para a época, os lugares dedicados à Morte (catacumbas) como parte das narrativas que ajudam a construir a história.

Esta tese de doutorado tem como objeto de estudo a antiga Madalena, depois chamada de Alagoas do Sul, hoje cidade de Marechal Deodoro, no Estado de Alagoas, mas a partir do lugar concedido à Morte, aqui colocado como aspecto fundamental para entendê-la, tendo sido encaminhada no sentido para o qual Cabral, pioneiramente, chamou a atenção. Sem desprezar as valiosas fontes escritas e iconográficas que nos forneceram um imprescindível arcabouço de dados, se concedeu também atenção à fala presente na própria constituição física, através do seu arruado, seu casario, suas igrejas, as lembranças da sua gente, os quais, juntos, forneceram o amplo repertório de informações que permitiram visualizar o

¹ O Instituto Archeológico Alagoano foi criado e recebeu esse nome em 1869, teve seus estatutos inspirados no modelo do de Pernambuco, e Dias Cabral foi um dos membros fundadores.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

engajamento da cidade na perspectiva a partir da qual foram desenvolvidos todos os argumentos e onde se estrutura o discurso que aqui será apresentado.

Entre os temas associados aos estudos sobre as cidades brasileiras, a Morte é um dos mais recentes, destacado por uma nova geração de pesquisadores, de várias áreas do conhecimento, que analisam os espaços que as diferentes épocas e contextos concederam ao morrer, seja no que se refere ao imaginário, seja propriamente no ambiente construído; como a ritualização desse processo físico, natural e irreversível, reverberou diretamente na constituição e na manutenção dos núcleos habitados; como as vilas e cidades de origem colonial lidaram com os lugares de acolhimento dos corpos e como esses lugares foram arranjados para que a finitude da vida fosse uma permanente lembrança aos vivos.

As práticas religiosas e, dentre elas, as de natureza fúnebre, fizeram parte do conjunto de elementos que integraram o processo de ocupação do território pelos portugueses, tendo sido difundidas nos mecanismos do empreendimento colonial no Brasil. O compartilhamento de crenças, incentivado, mas também construído, possibilitou a hegemonia cultural e religiosa que marcou os núcleos urbanos mais antigos, se sobrepondo inclusive à cosmogonia dos grupos indígenas e dos povos africanos que também compunham a sociedade.

Marechal Deodoro se insere nesse contexto histórico e cultural. Sua origem está ligada ao projeto lusitano de ocupação das terras ao Sul da Capitania de Pernambuco e sua exploração econômica. O início da povoação, às margens da Lagoa Manguaba, acontece nas primeiras décadas do século XVII. Desde seus princípios mais remotos teve nas igrejas e confrarias o elemento que impulsionou seu crescimento, interferiu na distribuição da terra urbana, determinou seu desenho, modelou sua arquitetura e definiu um perfil cultural que ainda hoje se manifesta.

A bibliografia e documentos consultados, além do trabalho de campo, demonstraram que a preocupação com a Morte e o morrer, as práticas que antecederam e sucediam o

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

acontecimento, bem como a forma como o luto era elaborado pelo coletivo, estavam todos embutidos nos movimentos que determinaram a construção das igrejas, que, na época, mais que celebrar a liturgia católica, eram espaços cemiteriais que correspondiam à necessidade de destinação apropriada dos corpos. Nesse aspecto, a antiga Madalena atendia adequadamente à população funerária, pois dispunha de conventos, igrejas e confrarias para pardos, para negros e para brancos.

Privilegiou-se como recorte espacial para o desenvolvimento desse estudo a nucleação central mais antiga onde, a partir do seiscentos, foi se estabelecendo um casario singular, em meio ao qual foram se inserindo as edificações mais destacadas – igrejas e conventos. No século XVIII já contava com três delas – Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de Nossa Senhora do Amparo dos Pardos, bem como dois conventos de mendicantes – de Santa Maria Madalena e de Nossa Senhora do Carmo. Embora os elementos que fundamentam a tese indiquem que, nessa parcela do território, os fenômenos que aqui se procurará ressaltar se deram com mais ênfase, em alguns momentos, conforme se verá, será preciso vagar por outros espaços com os quais Marechal Deodoro mantinha estreita relação, a exemplo de Maceió, ou mesmo da área rural circundante, onde estavam os engenhos, a respeito dos quais foi necessário alguma problematização, embora sem maior aprofundamento, pois o objetivo era situá-los, tão somente, em relação ao tema e à cidade estudada.

O recorte temporal selecionado é o tempo compreendido entre os séculos XVII e XIX quando, a partir do seiscentos, Madalena emerge como espaço habitado, freguesia, vila, depois cidade, chegando a afirmar-se politicamente como capital da Província até o seu ocaso com a perda desse título. Nesse período, evidencia-se a presença forte da Igreja determinando, desde cedo, uma dinâmica urbana profundamente vinculada à religião, especialmente no que diz respeito à ritualística funerária e o abatimento da força política, econômica e mesmo cultural, que ela conquistara nos anos anteriores, após a perda da condição de capital, o declínio econômico e político crescente e a alteração de práticas sociais seculares, destacando-se aquelas ligadas às

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

tradições religiosas. Destacam-se, nessa perspectiva, as mudanças nos processos funerários em consequência direta de alterações nos costumes decorrentes de revisões internas próprias da Igreja Católica, do Estado e da própria sociedade, cujo efeito mais palpável é a proibição dos enterramentos nas igrejas e a construção do cemitério público. É importante ressaltar que os tempos eleitos no recorte, são privilegiados, mas não são irreversíveis, pois que, por vezes, se misturam através de recorrências de um passado que teima em permanecer em momentos posteriores, numa espécie de trânsito temporal das ideias.

O interesse em estudar o tema da Morte surge da necessidade de ampliar um olhar que vinha sendo construído sobre a cidade, tendo como referência o Convento Franciscano de Santa Maria Madalena e que se inicia, no campo profissional a partir de 1996 quando, recém-formada pelo CECOR/UFMG, executei serviços de conservação no acervo móvel do Museu de Arte Sacra, instalado no prédio em 1984. No campo acadêmico, se deu através da pesquisa para o Mestrado, realizado entre 2003 e 2005, cujo tema foi a casa franciscana, quando houve um contato direto com o monumento, analisando sua vinculação histórica e estética com a chamada “Escola Franciscana do Nordeste” (BAZIN, 1983), o reflexo da espiritualidade franciscana na sua configuração física e o comportamento do prédio em relação à nova função de museu que exercia desde 1984.² Através desse estudo, foi possível conhecer mais profundamente o lugar, sua história e sua arquitetura. Os olhos que, nessa época, se voltaram para a cidade tiveram, entretanto, as janelas do convento como *locus* de observação, pois, foi ali que se deu o encantamento primeiro.

Os saberes relacionados à casa franciscana e à cidade de Marechal Deodoro foram sendo alimentados também por investigações desenvolvidas como membro do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL, que tem como interesse os processos de construção da

² A dissertação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado, DEHA/FAU/UFAL, recebeu o título: “Frades, Artistas, Filósofos: o Convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza – ontem e hoje”. Teve orientação do prof. Dr. Leonardo Bittencourt e co-orientação da prof. Dr^a. Maria Angélica da Silva.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

paisagem colonial nordestina e dentro dela, os edifícios erguidos pelos franciscanos. Como desdobramento das atividades de pesquisa, houve a produção de artigos e a participação em eventos relacionados à temática, expedições de estudo a todas as cidades com conventos franciscanos de origem seiscentistas e setecentistas do Nordeste e do Sudeste, de modo a relacioná-los entre si e identificar as recorrências históricas e formais, bem como, em que medida se manifestava a sua ligação com os núcleos urbanos onde se instalaram.

A condição de arquiteta, com especialização em conservação e restauração de bens culturais móveis, possibilitou a oportunidade de participar da obra de restauração do monumento, com a atribuição de propor e acompanhar todas as intervenções restaurativas na estrutura física do prédio, o que foi facilitado pelo conhecimento construído no decorrer do mestrado. Esse contato diário, ocorrido entre os anos de 2007 e 2009, contribuiu para o estabelecimento de uma relação mais próxima com o convento e a constatação da força da sua presença, na dimensão material e imaterial, no contexto da cidade, especialmente no que se refere ao grande legado proporcionado pela intervenção restaurativa, que foi revelar na matéria o que se sabia pela literatura da Ordem: a significativa função urbana exercida pela casa de Madalena no passado, como solo sagrado destinado ao acolhimento tanto dos vivos quanto dos mortos. É uma decisão desse restauro que permite a exposição das sepulturas da nave da igreja e do claustro, que antes estavam escondidas sob camadas espessas de terra e outros pisos que foram sendo colocados sobre elas.

Na sequência, entre 2010 e 2012, surgiu a chance de coordenar a equipe que restaurou o acervo de imaginária do antigo convento, o que, mais uma vez, propiciou momentos de muita intimidade com o espaço, além de permitir uma reflexão sobre a carga simbólica presente nas imagens e demais objetos sacros, que contaminavam todo o edifício com sua estética inspirada no barroco, conformando uma ambiência que reforçava sentimentos e consolidava crenças.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Atualmente, na qualidade de servidora no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, órgão que tem como meta a preservação dos bens culturais do país, conforma-se uma nova modalidade de contato, mas o olhar já amadurecido pela convivência com o lugar permite ver a complexidade do que é Marechal Deodoro na atualidade, referenciada no seu reconhecimento, em 2006, como patrimônio nacional graças à peculiaridade da sua paisagem urbana e edificada.³ Hoje é possível enxergá-la como a soma de todas as experiências pelas quais passou, como resultado do contexto histórico e cultural incidente, compreendendo também a influência decisiva do modo com que seus moradores pensavam e viam o mundo, nos quais se inclui um amplo e profundo universo mental ligado à Morte, modelado pelas crenças divulgadas pela religião católica.

As fontes utilizadas para a construção da tese foram de natureza bibliográfica e documental. Alagoas vive hoje um momento privilegiado em relação ao conhecimento produzido a seu respeito. Apesar de ter passado muito anos sem uma revisão historiográfica, atualmente existe uma produção acadêmica considerável sobre a Alagoas colonial, a presença holandesa, a importância da economia açucareira na formação dos seus núcleos habitados, os reflexos de um lugar marcado pela presença das águas, os sistemas de dominação, especialmente aqueles que partiram de relações escravistas. Entretanto, existe um longo caminho a ser percorrido no que se refere à história das mentalidades. As experiências sociais, no âmbito coletivo ou particular, ainda não têm sido devidamente exploradas e isso se deve, em parte, ao domínio da historiografia oficial, que privilegiou por muito tempo os grandes eventos e os heróis, onde os sistemas de dominação foram, não apenas reafirmados, mas, reproduzidos. Não há como esperar que fosse diferente, pois as pesquisas e produção historiográfica inicial foi gerada pela elite intelectual alagoana, formada pelos grandes proprietários de terras, médicos, políticos e sacerdotes e, necessariamente, vinculada ao IHGAL.

³ O tombamento do sítio pelo IPHAN complementa reconhecimentos isolados que aconteceram anteriormente na cidade, como o tombamento do Convento Franciscano e da Casa de Marechal Deodoro, em 1964.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O Instituto, criado por um presidente da Província, teve dentre seus objetivos, a constituição de uma identidade que, desde a emancipação política de Pernambuco (1817), se buscava definir e que seria alcançada através do exercício de “*colligir, trasladar, verificar e publicar os documentos e tradições históricas da província*”.⁴ Nessa perspectiva, era missão dos membros a coleta de dados referentes ao passado alagoano ou, mais precisamente, a tudo que pudesse organizar, cronologicamente, sua trajetória no tempo e destacar seus personagens mais nobres. É nesse contexto que, em 1870, ao escrever um texto sobre o Convento de Santa Maria Madalena e a vida dos frades ilustres que nasceram em Alagoas, o Frei José de Santa Engrácia Cavalcante OFM ressalta que não o faz por vaidade, mas para obedecer a imposição feita pelo Instituto (1879:12). Nessa perspectiva, Santos (2017:115) entende que “*a história era utilizada como o recurso para se forjar uma identidade alagoana*”.

Na construção do conteúdo da tese, inevitavelmente, recorreu-se à produção dos velhos pesquisadores, membros do Instituto, eles mesmos responsáveis pela sua criação. Beneficiados pelo livre acesso aos antigos documentos de igrejas e cartórios, tiveram oportunidade de transcrevê-los, sistematizar os dados identificados, construir narrativas. Assim, foram responsáveis por parte das informações relacionadas ao objeto de estudo. Apesar de parte considerável dos documentos primários (testamentos, cartas, atestados, entre outros) disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas encontrar-se em mau estado de conservação, uma outra quantidade significativa foi publicada nas suas revistas graças às transcrições realizadas.

Alguns desses memorialistas não apenas transcrevem documentos, mas escrevem uma história a partir deles. Destacam-se nessa seara o já referido médico João Francisco Dias Cabral e o político Pedro Paulino da Fonseca, ambos homens do século XIX, integrantes da elite econômica e política alagoana, que, beneficiados pelo livre acesso à documentação histórica,

⁴ Um dos fins do Instituto Archeologico e Geográfico Alagoano, criado em 1869, cujos estatutos foram aprovados em 1870. In: REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO, 1879.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

algumas não mais disponíveis, terminaram por possibilitar que parte das informações pudessem ser acessadas hoje. Dias Cabral atribui à sua produção escrita o caráter de compilação e afirma que ela servirá de “*prenúncio a estudos e de prólogo á história*” (CABRAL, 1879a:2). Por sua vez, Pedro Paulino da Fonseca mostrou-se uma fonte muito especial, já que foi contemporâneo dos fatos narrados. Privilegiado por ter assistido e vivenciado a cidade como morador, destaca-se pelo cuidado que teve em relatar eventos significativos ao interesse dessa tese, como as celebrações e festas religiosas da Marechal Deodoro oitocentista.

As Falas e Relatórios presidenciais também foram fundamentais para a compreensão de como a recém-criada Província das Alagoas tentava se enquadrar no universo mais amplo do Império, suas aspirações de modernidade e progresso e as estratégias para implementá-las em meio a um cenário que mudara no nome e no status político/administrativo, mas não no conteúdo. A forma como cada uma das vilas e cidades oitocentistas, particularmente a cidade das Alagoas, representadas nas suas Câmaras Municipais, respondem às demandas do poder central, informam muito sobre os termos nos quais se construía a expectativa e como, de fato, se estabelecia a realidade urbana e social da Província.

Outra instituição a destacar é o Arquivo Público de Alagoas que, depois de uma longa temporada na qual o acervo esteve inacessível à consulta, recentemente foi reaberto e constituiu-se em uma fonte preciosa de informações, já que ele tem sob sua guarda a maioria dos documentos primários oficiais, na forma de relatórios, cartas, ofícios, entre outros de caráter histórico, expedidos pelos governadores da Província, padres e membros da câmara. A sua leitura foi imprescindível para entender os esforços empregados na construção do Cemitério Público da cidade das Alagoas, os eventos que provocaram seu surgimento, mas, sobretudo, como esse mesmo cenário cultural teve que aprender a lidar e se relacionar com esse novo lugar da Morte. Além disso, foi imprescindível ter acesso à Compilação das Leis Provinciais, que tornou acessível quase todos os estatutos e compromisso das irmandades e ordens terceiras ali atuantes no século XIX. Embora não sejam os documentos da época da

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

fundação das confrarias, nos séculos XVII e XVIII, ainda assim, forneceram subsídios relevantes para se entender um pouco mais como tais associações se organizavam, suas devoções e inserção social, o espaço concedido à parte mais desprestigiada da sociedade, especialmente no quesito Morte, e como tiveram que se adaptar à nova conjuntura política e cultural local. Isso se torna especialmente significativo quando se trata de observar as mudanças nos estatutos das irmandades que, em sua origem eram dedicadas a negros e pardos.

É importante destacar que, ao adotar as fontes mencionadas, se procurou atentar para os filtros que o discurso oficial impõe à escrita. Apesar de ter cuidado em inseri-los corretamente no contexto em que foram produzidos, quando reconhecido o conteúdo ideológico, a compreensão dos processos fica mais clara e as contradições mais evidentes.

Quanto ao Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió, pertencente à Arquidiocese, também consultado através dos documentos e artigos disponibilizados em meio eletrônico, pelo privilégio que teve de poder recolher e reunir em um único local documentos oriundos de paróquias e sacristias interioranas, os quais representam uma parte significativa da memória eclesiástica do Estado, constitui-se hoje em imprescindível referência para os pesquisadores que têm nos aspectos ligados à religião, ou à religiosidade, seu fundamento teórico principal.

A parceria de natureza técnica e científica recentemente estabelecida entre a Arquidiocese de Maceió e Centro de Documentação Histórica de Alagoas/UFAL, ligado ao curso de História, tem resultado na coleta de preciosas informações relacionadas aos temas afetos à instituição católica, sustentada em projetos que se propõem a organizar, conservar, digitalizar e divulgar o acervo, na maioria composto de documentos de natureza eclesiástica, apresentados na forma de registros de batismos, casamentos, óbitos, testamentos, e demais assuntos de competência da Igreja.⁵

⁵ Os projetos desenvolvidos através dessa parceria Arquidiocese de Maceió e UFAL são: Alagoas Histórica Digital: preservação, digitalização e difusão da documentação histórica do ACMM e Atividades do Estágio

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Devidamente tratado, esse *corpus* documental, cuja abrangência favorece a pesquisadores das mais diversas áreas, possibilita o reconhecimento do comportamento social e cultural da época, as várias nuances da imbricação entre dimensão política e religiosa e como isso reverbera diretamente na sociedade. Apesar de não ter acessado diretamente essas fontes primárias, foi esclarecedora a leitura dos vários artigos gerados pelos integrantes do projeto, os quais disponibilizam dados que ampliam a perspectiva de observação do objeto de interesse desta tese.

O campo do conhecimento a respeito do território alagoano tem tido hoje maiores oportunidades de desenvolvimento, conforme já se procurou demonstrar aqui. No que diz respeito a Maceió, as pesquisas a ela relacionadas têm sido especialmente favorecidas pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAU/UFAL (mestrado e doutorado), cujas produções tem se voltado para diversos aspectos de sua história, seja ela urbana ou arquitetônica. Com isso, se atualiza um estudo feito por Verônica Robalinho Cavalcanti (1998), cuja tese promoveu um olhar muito cuidadoso sobre a cidade, as igrejas, as irmandades e o discurso higienista se insinuando entre instâncias que não diziam respeito apenas à saúde física.

A também recente possibilidade de ter acesso a documentos dos séculos XVII, XVIII e XIX, disponibilizados em meio digital, contribuiu enormemente para a consolidação do conhecimento do tema, especialmente quando se tratou dos grandes repositórios da literatura histórica, tal como a Biblioteca Nacional Digital, Biblioteca Digital Luso-Brasileira, Institutos Históricos e Geográficos, Brasileiro e Pernambucano, e através dos quais foi possível acessar documentos raríssimos relacionados à Ordem dos Frades Menores, como os Estatutos da Província Franciscana e o Cerimonial da Ordem, entre outros, tanto da província portuguesa

Supervisionado em Arquivos. Como produto tem também a Revista *Quaestionis Documenta* que, desde 2016, publica diversos artigos relacionados aos temas afetos à religião e seus desdobramentos na sociedade, na economia, na política. Cf. <https://sites.google.com/site/arquivocuriametropolitana/projetos>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

quanto da brasileira, e verificar assim como os frades se movimentavam no rigoroso mundo ditado pela Regra.

Na construção do conhecimento específico sobre a história de Marechal Deodoro, destaque-se aqui as contribuições de Josemary Ferrare (2001, 2002, 2014). A arquiteta, que pesquisa o tema há décadas, trabalhou com fontes primárias e situou a cidade na história, fazendo uma leitura cuidadosa e coerente das fontes primárias, mas conferindo o texto escrito com a observação direta do objeto, o que possibilita situar com precisão a dimensão imaterial como parte dos valores urbanos. Ferrare não desvincula os aspectos materiais dos aspectos simbólicos envolvidos, e sobre a forma urbana ela a vê como:

não apenas como o invólucro do assentamento populacional da cidade Marechal Deodoro, mas, com a ‘estrutura revelada’ pelos processos históricos que se articularam no tempo e se solidificaram na dimensão simbólica dos espaços que a configuram na atualidade (FERRARE, 2014:2).

Nesse sentido, a pesquisadora destacou sempre em seus escritos a presença das igrejas e conventos e as manifestações religiosas que ajudaram a conformar o lugar e constituem sua personalidade cultural ainda hoje.

Sobre a metodologia adotada, optou-se por não mergulhar no contexto da História Oral. Mas, reconhecendo a importância do conhecimento gerado pela memória dos mais velhos, relatos informais frutos de conversas com moradores, mas que se apresentavam como subsídios importantes para a ampliação do conhecimento sobre o lugar, foram introduzidos apenas visando a compreensão de determinado fato e reconhecendo e assumindo seu caráter periférico nesta tese, uma vez que o refinamento das informações demandaria o uso adequado do método.

O Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, sob a coordenação de Maria Angélica da Silva, também foi essencial para a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos teóricos através da prática de confrontar leitura com observação dos lugares e o contato com sua

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

arquitetura através do exercício sensível do olhar. As viagens feitas aos conventos da Escola Franciscana do Nordeste permitiram verificar como o modelo conventual da Ordem dos Frades Menores se manifesta em cada uma das cidades visitadas (desde a Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe até a Bahia), estabelecendo um paralelo entre eles, tendo a possibilidade de distinguir particularidades e continuidades nordestinas de um modelo franciscano de morar e rezar trazido pelos portugueses.

Nesse sentido, as idas à Marechal Deodoro, já com a capacidade de observação treinada para buscar os sinais de que aquela paisagem se mobilizara para os sepultamentos e em que medida isso se dera, permitiram outro nível de aproximação com o espaço urbano. Nesses momentos, a grande contribuição que a porção construída da cidade legava, na sua condição de documento, era complementada pelas outras formas de expressão urbana, não edificadas, definidas por ruas, becos e adros, que permitiam de forma mais generosa o encontro com o lugar e com seus moradores.

O interesse pelo tema da Morte, que surgira a princípio tímido, torna-se grande à medida que se reconhece nela uma dimensão histórica, espacial e simbólica determinante. Conclui-se nesta tese que é possível encontrar marcas que demonstram que a cidade de Marechal Deodoro ainda se impregna do esforço feito ao longo dos anos para atender a essa necessidade vital para a sobrevivência urbana, e que tal fato foi resultado de longo processo de organização social.

A partir do momento em que essa dimensão fica latente, os elementos que a comprovam vão se afirmando, demonstrando que a povoação, em sua gênese, teve nas igrejas um núcleo de poder, cuja força não estava tão somente no atendimento espiritual que prestava aos vivos, mas, sobretudo, pelo espaço que nelas destinava aos mortos.

Cada religião encara a vida terrena e o seu contrário - a Morte, de modo muito particular. Segundo José Saramago (2005:36), *“as religiões, todas elas, por mais voltas que lhe dermos,*

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

não têm outra justificação para existir que não seja a Morte, precisam dela como o pão para a boca". No caso da Igreja Católica, aquela que reinava absoluta no universo colonial brasileiro, o fim da existência corporal foi um dos elementos nos quais se estruturou, pregando que morrer era a condição fundamental para que uma vida plena se efetivasse, e que o espírito sobreviveria sempre. Mas, para que isso acontecesse, não bastava deixar que a natureza agisse. O fiel tinha que seguir uma série de preceitos e ritos que garantiriam o chamado "bem morrer". Nisso estava incluído todo um cerimonial de cuidado e destinação adequada do corpo, afinal a ressurreição da carne é uma das promessas do Cristianismo. E essa promessa precisa, não apenas da experiência física da Morte, mas, para sua completude, é necessário a passagem do morto pelos lugares do além, os quais abrigariam, em paz ou em sofrimento, o espírito antes do Juízo Final: o Céu, o Purgatório, o Inferno.

É em cima dessas verdades, divulgadas em centenas de preceitos, imagens, orações, sermões e cânticos, que se constrói o imaginário colonial. E tais elementos não estavam apenas no recinto das igrejas; ao contrário, eram transportados para os ambientes domésticos, através dos oratórios, dos livros, dos santinhos, das lembranças dos que já haviam morrido. Quando Jorge de Lima, poeta alagoano, escreve em 1935, o romance *Calunga*, ele localiza no ambiente de uma casa simples, de pessoas que sobreviviam às custas da lama do manguezal, como a divulgação de territórios desconhecidos e amedrontadores agia na dimensão do mundo privado:

Em frente a Lula, no corredor, um caixilho com a estampa do 'Justo e o Pecador', morrendo. O primeiro tinha a família reunida chorando, São Miguel afundando Satanás, o padre ali junto salvando o homem, enquanto o pecador, virando a cara ao vigário, já estava era nas profundas, assistido pelo capeta, o fogo do inferno debaixo da cama, assando o desgraçado" (LIMA, 1997:42).

Esse tipo de imagem que recorre ao bom e ao mau, associando-os ao Céu e ao Inferno, sem dúvida repercutiam na formação de uma mentalidade e essa mentalidade repercutia no meio físico. As reverberações desse material doutrinário, cuja maior força estava no caráter intimidador, influenciavam as pessoas em todos os aspectos da sua vida na cidade.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Tal enfoque, que concede aos assuntos fúnebres papel tão fundamental, é um campo relativamente novo no Brasil. Mesmo quando se trata da França, onde o discurso da Nova História se originou e se consolidou, Durier (2013) afirma que, no âmbito da comunidade acadêmica francesa, a abordagem é iniciada a partir de meados dos anos 70. Verificou-se desde então uma intensa produção de pesquisas tendo como tema a Morte, tomando como referência diversos elementos, tais como as fontes documentais, a arqueologia, a arte. A autora reflete sobre as grandes possibilidades contidas na temática em termos de pesquisa, ao mesmo tempo em que afirma que não é, propriamente, a Morte que é importante, mas tudo o que a envolve e os muitos eventos daí decorrentes. Nesse sentido, ela destaca todos os campos que são enriquecidos e ampliados quando estudados sob essa perspectiva: a arqueologia, as práticas funerárias, a geografia do além, os destinos da alma e do corpo, os testamentos, os monumentos funerários, a memória litúrgica, entre outros.

A ampliação desse conhecimento e da discussão cemiterial, se aprofunda a partir da fusão das fontes de natureza arquivística, de origem civil e religiosa, com a produção científica atualizada, através dos grandes estudiosos do assunto na Europa e no Brasil. No campo mais amplo das referências bibliográficas pioneiras, destacam-se as obras publicadas nos anos 70 de Phillipe Ariés (1981 e 1989) e Jacques Le Goff (1995). Ariés, o grande precursor dos estudos relacionados à Morte na França e sua inserção no campo dos estudos das mentalidades, fala das formas com que o fenômeno foi tratado em diferentes tempos e cenários, destacando o que ele chama de morte domesticada – compartilhada, aceita, e a outra morte apartada – a contemporânea, objeto de temor e repulsa. Por sua vez, Le Goff contribui para a compreensão de como emergiu no percurso histórico do Cristianismo esse “quase espaço físico”, o Purgatório, inserindo-o como parte da geografia da morte, uma espécie de lugar, onde, segundo a doutrina católica defende, a maioria das pessoas permanecerá até o dia do Juízo Final.

No Brasil, os estudos cemiteriais, ou estudos relacionados à Morte, têm alcançado uma projeção maior nos últimos anos e suas expressões mais destacadas se revelaram a partir dos

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

anos 90, com a obra de historiadores como João José Reis (1991) e Cláudia Rodrigues (1997). O historiador baiano, tomando como divisa o episódio denominado Cemiterada, ocorrido na cidade de Salvador no início do século XIX, apresenta as diversas nuances com as quais a Morte era celebrada, inserindo de forma muito vigorosa o papel das irmandades leigas e sua dependência do cerimonial da morte para garantir a sua manutenção. Cláudia Rodrigues é outra pesquisadora que está no rol dos pioneiros, pois, no fim dos anos 90, desenvolve seu mestrado tendo como objeto de reflexão o lugar dedicado aos mortos no Rio de Janeiro oitocentista, e como essa cultura funerária se situa em meio aos debates higienistas, além de questões políticas e religiosas, e que resultam em profundas mudanças no lugar a eles destinados, bem como na configuração de um novo espaço que os acolha.

Uma fonte de conhecimento substancial que se impôs como essencial no decorrer do percurso da escrita, foi a do arquiteto Renato Cymbalista cujos estudos sobre a Morte são fundamentais para qualquer pesquisador que enverede por essa temática. Com uma trajetória relativamente recente, porém vasta, ele aprofunda o tema no mestrado, cuja dissertação resulta no livro *Cidade dos Vivos* (2002), onde, sem deixar de lado a discussão das alterações que se impõem nos lugares tradicionalmente destinados aos mortos – apresenta os cemitérios paulistas, abordando tanto o que mantém da tradição antiga, quanto no que diferem e impactam as cidades.

No doutorado, Cymbalista (2006) avança no tema e destaca como a perspectiva da Morte esteve latente nos movimentos missionários que trouxeram os primeiros religiosos para o Brasil e como ela era celebrada quase como uma premiação. O autor chama também a atenção para as verdades reveladas pela fé como sustentáculos de todos os investimentos feitos nas práticas fúnebres, destacando a crença no Juízo Final, a passagem pelo Purgatório e a ressurreição da carne.

Em complemento às fontes escritas identificadas, a pesquisa considerou outros recursos para a produção do conhecimento, a exemplo do material iconográfico, representado por fotografias,

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

plantas arquitetônicas, bem como outras expressões materiais das práticas funerárias espalhadas na cidade, mais especificamente nos edifícios, a exemplo do desenho das sepulturas e a distribuição de lápides nos pisos e paredes das igrejas, importante referencial para a pesquisa, pois permite outro nível de leitura dos espaços internos e de sua utilização pela cultura fúnebre.

O trabalho foi desenhado de modo a respeitar uma cronologia existente, com a qual é mais fácil distinguir os diversos momentos históricos vividos por Marechal Deodoro em sua relação com a Morte, mas procurou-se não ser inflexível e permitir que, assim como acontece no dia a dia das pessoas e das cidades, as várias camadas de tempo eventualmente se cruzem e se misturem. Nesse sentido, foi feita a divisão em quatro sessões, cada uma delas com subitens, de modo a organizar a abordagem a respeito do tema sem, entretanto, evitar que vez por outra um tema já abordado seja reintegrado ao discurso.

Em sequência à Introdução, a segunda sessão se dedica essencialmente a apresentar a povoação de Madalena no seu contexto histórico e geográfico, com destaque para as questões religiosas e sua ação determinante na configuração do lugar e de sua feição urbana e arquitetônica. Aqui as referências mais recorrentes são resultantes da leitura e análise de documentos e textos de autores alagoanos, mas sem deixar de relacionar o tema local com o cenário mais amplo de cidades portuguesas e mesmo de vilas e cidades brasileiras na mesma dimensão temporal e cultural. Fica esclarecido que o grande impulso para o esforço coletivo na construção de igrejas e conventos passava pela necessidade urbana premente que era oferecer um lugar para sepultar seus mortos.

Impulsionadas por uma cultura religiosa que divulgava a estreita vinculação entre a salvação da alma e os investimentos na boa Morte, as gentes congregavam esforços para multiplicar capelas e igrejas que acolhessem os sepultamentos, que assegurassem as cerimônias e toda ritualística religiosa para o antes e o depois da Morte, que confirmassem a presença dos sacerdotes garantindo assim a administração dos sacramentos, especialmente o batismo e a

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

extrema união. Convém ressaltar que nessa sessão, estão apresentadas também as assimetrias sociais e econômicas existentes e como a associação em irmandades foi decisiva para inserir escravizados e seus descendentes, bem como pobres em geral, na cultura funerária vigente, assegurando-lhes o acesso a um enterro cristão. Ao mesmo tempo em que acolhiam essa parcela da população, também eram lugar de afirmação dos senhores.

Coube, ainda, destacar os momentos em que a cidade era, ela mesma, um espaço sagrado. Nesse caso recorreu-se a Mircea Eliade (1956), a partir de quem se observa a capacidade que o ambiente citadino tem de expressar a dimensão de “hierofania”, ou seja, quando através dela, “*algo de sagrado se nos mostra*” (ELIADE, 1956:20). Rubenilson Brazão Teixeira (2009) que estudou a secularização de usos, formas e funções urbanas de cidades do Rio Grande do Norte, reconhecidas por ele como “cidades de Deus”, afirma que lugares que têm na religião seu acento mais destacado e influente, inviabilizam qualquer tentativa de pensa-los à parte desse universo e dos fenômenos a ele associados.

Nessa perspectiva, é ressaltado em que medida essa cultura ultrapassava os limites das casas - onde se morria, e das igrejas - onde a Morte era celebrada, e invadia as ruas tornando-se parte do cotidiano da população, intrometendo-se, inclusive, na definição de caminhos e na nomenclatura de logradouros. É o momento onde a reflexão concede lugar aos cortejos e procissões, em sua dimensão de conagração coletivo.

A terceira sessão é toda dedicada ao Convento de Santa Maria Madalena. A experiência profissional desenvolvida no interior do monumento permitiu a formulação de grandes hipóteses sobre o seu papel nessa cultura da Morte. Os estudos preliminares, gerados ainda no início do doutorado possibilitaram a constatação de algumas dessas conjecturas, as quais identificavam um possível protagonismo conventual (ou seria franciscano?) em relação aos demais espaços religiosos existentes. O Convento de Madalena se destaca nessa seara porque é o único que resguarda o maior número de marcas físicas no prédio, tais como as sepulturas na nave da igreja e no claustro e nas lápides na Capela da Ordem Terceira; é ele que detém a

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

maior quantidade de indicações historiográficas de como seus recintos foram amplamente explorados para os enterramentos; é ele que mantém entre seus atributos iconográficos insinuações discretas, mas fortes, quanto à finitude da vida; é ainda ele que, no século XIX disponibiliza para a cidade, seu cemitério externo, o qual é indicado pela municipalidade para usufruto público, enquanto a necrópole oficial e laica não era construída. É no convento que estão registradas nos documentos as maiores atitudes de enfrentamento da proibição de enterramentos nas igrejas, prática que ele mantém, afrontando não apenas a normativa, mas principalmente o pároco da cidade, feroz opositor dos costumes funerários antigos. E também, foi preciso considerar que, ao longo da pesquisa outras marcas dessa preponderância foram aflorando. Além das fontes franciscanas contemporâneas, como os textos produzidos pelo alemão Frei Venâncio Willeke e, mais recentemente, as pesquisas disponibilizadas por Frei Hugo Fragoso, destaca-se como leitura obrigatória as Crônicas de Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão (1858, 1859, 1861, 1862), essencial, por tratar-se de uma fonte clássica, que descreve como estava materializada, no Brasil Colônia, na época uma parcela do império lusitano, a imbricação da Província Franciscana com o projeto político/religioso português.⁶ Através delas, foi possível constatar que o convento só se instala e se afirma na vila por conta de doações e que parte significativa dessas doações era feita antes mesmo da própria presença física do prédio e visava patrocinar a construção de capela funerária e retábulos que receberiam restos mortais do doador. Ou seja, o espaço dedicado à Morte no convento precedeu o próprio convento.

As pesquisas realizadas por Ivan Cavalcanti também foram fundamentais para ampliar o conhecimento sobre a casa franciscana. No decorrer do desenvolvimento de uma tese de doutorado sobre os conventos da Escola Franciscana do Nordeste, ele publicou vários artigos ampliando consideravelmente o arcabouço de informações disponíveis.⁷ Em um dos seus textos, ele discute as principais devoções franciscanas e, em que medida, isso interferia na

⁶ O Novo Orbe Seráfico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil é uma obra histórica, oficial, encomendada pela própria OFM a Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, e publicada em Lisboa no ano de 1761.

⁷ Não foi possível ter acesso à tese referida uma vez que ainda não foi publicada.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

espacialidade, das igrejas. Chamou também a atenção para o culto especial que os Menores dedicavam à Imaculada Conceição, responsáveis inclusive pela introdução dessa devoção na Colônia (CAVALCANTI, 2011b). Além disso, apoiado nas Crônicas, em um dos seus artigos ele aborda a prática dos sepultamentos nas igrejas e de como isso, ao mesmo tempo que garante a manutenção material da comunidade, afeta o desenvolvimento dos edifícios em relação à sua configuração, forma arquitetônica e decoração interna (2008). Cavalcanti também ressalta um certo pioneirismo dos Menores ao dispor, em suas casas e igrejas, de espaços para os escravizados desenvolverem suas devoções e, em consequência, estimular o culto a São Benedito, com o qual esses se identificavam pela questão da cor.⁸ As considerações feitas pelo pesquisador foram essenciais para as reflexões a respeito da utilização privilegiada do claustro pelos membros da Irmandade de São Benedito, eminentemente negros, que ganharam o benefício de terem à sua disposição uma quadra inteira para dispor suas sepulturas, com direito, inclusive, a uma inscrição que delimitava muito claramente um território.

A divulgação da Morte como plenitude existencial sempre estava presente nas narrativas da Ordem – crônicas, estatutos e cerimoniais, associando a vida dos frades a pequenas mortes, através dos sacrifícios, das punições corporais, do desapego às coisas da matéria, na divulgação de que alguns deles quase que já viviam como que num plano intermediário entre terra e céu. A forma particular como o franciscano se refere à Morte não deixa de ser especial, pois ao chama-la de “trânsito”, de certa forma, retira do acontecimento a ideia de fim e associa à passagem, mudança de estado para outro.

Diante do exposto, a discussão sobre os vínculos entre franciscanismo e Morte entra nesta tese a partir de outra dimensão de discussão e mereceu uma sessão dedicada totalmente ao tema,

⁸ De acordo com Boschi (1986:153), além da questão da afinidade epidérmica e identidade de origem, os africanos escravizados se sentiam mais próximos de santos como Benedito, Efigênia e Elesbão, por acreditarem que eles compreenderiam melhor as dificuldades que enfrentavam.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

que se encaminha para confirmar a declaração de Ariés quando afirma que os franciscanos foram “os grandes especialistas da Morte” (1981:87).⁹

Como fechamento da terceira sessão dedicada ao convento, foi feita uma tentativa de sair do contexto do prosaico e entrar no mundo onde as imposições da Regra não estivessem tão definidas. Nesse sentido, foi escrito o texto que conclui o tema, apresentando o convento a partir de uma perspectiva mais sensível, misteriosa e, ao mesmo tempo instigante. As leituras mostraram que havia lendas e histórias relacionadas aos seus frades, a beatas que transitaram entre a loucura e o fervor religioso e, de certa forma o convento as alimentava e era alimentado por elas, pois, na medida em que o lugar era o palco de experiências extraordinárias, isso o reafirmava na cidade, ao tempo em que, o sacralizava mais ainda aos olhos dos fiéis.

A quarta sessão voltou-se para as transformações verificadas a partir do século XIX na cidade das Alagoas. Reformulações no campo científico, político e filosófico comprometeram o universo até então dominado pela religião, ajudando a alterar padrões culturais consolidados no tempo e no espaço. Como consequência, têm-se os primeiros movimentos em direção à laicização do Estado, que gera o enfraquecimento de códigos de conduta determinados pela Igreja. Presume-se que esse novo cenário cultural tenha contribuído significativamente para a decadência dos espaços religiosos, notadamente, do convento franciscano, bem como das associações leigas de apoio mútuo.

No bojo das mudanças estavam as de natureza higienista. Em Alagoas, é o tempo dos lazaretos, dos orfanatos, dos cemitérios públicos. Tudo que incomodava deveria ser expelido do convívio social. Como o lugar antes dedicado aos mortos lida com as novidades? Como capelas, igrejas e conventos, destituídos de uma das suas condições mais emblemáticas,

⁹ Assim Ariés (1981:87) se refere aos mendicantes, entre eles os franciscanos, família religiosa da qual os capuchinhos também fazem parte.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

sustentadas no entrelaçamento entre o “bem viver” e o “bem morrer”, podem se manter? Sem dúvida, esse deslocamento de função secularmente estabelecida, faz com que os espaços religiosos percam forças e se fragilizem minando o simbolismo exercido junto à população, como abrigo que eram da pacífica vizinhança entre vivos e mortos.

O novo território concedido à Morte, o seu novo lugar na cidade, agita o arcabouço simbólico que girava em torno dos sepultamentos nas igrejas e, de certa forma, o compromete. E isso não tem a ver somente com uma instalação física. O imaginário coletivo marcado por uma fé centrada na perspectiva da Morte é também transformado. Apesar de ter passado muito anos envolto em acusações de precária condição de funcionamento, um dia ele finalmente é entregue à cidade e passa a exercer sua função. Embora o cemitério público tenha mantido, em sua origem, aproximação com a religião, a laicização da prática funerária foi o grande passo para afirmação de um processo ao qual Ariès (1989:174) atribuíra um caráter de “*interdito da Morte*”, que caracteriza o modelo contemporâneo com o qual estamos hoje todos familiarizados. Trata-se de uma área urbana disponível à ocupação, onde originalmente funcionou o Convento Carmelita, mas percebe-se que a cidade resiste a alcança-la e vai preenchendo, de forma mais densa, outras direções da cidade, deixando solitário o local onde o Cemitério Público está instalado, com uma ocupação mais concentrada em apenas um dos lados do grande adro que existia à sua frente.¹⁰

O tema da construção do cemitério público de Marechal Deodoro foi analisado tendo como fonte principal os documentos produzidos pelos presidentes da província e vigários, na forma de ofícios, relatórios, cartas. Sávio Almeida (1996), que teve acesso a toda essa documentação, localizou com muita precisão o papel do vibrião do cólera nesse cenário, as qual conferiu quase que um status de personagem, atuando vigorosamente em povoados e vilas, deixando sequelas, provocando o horror, mas, também, forçando melhoramentos

¹⁰ Esse adro sofreu intervenção recente que transformou parte dele em estacionamento, outra em canteiros, resumindo o adro, propriamente dito, apenas à área mais próxima à igreja e à capela carmelita, em cujos fundos o Cemitério Público foi instalado.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

urbanos, estimulando novas formas de arranjo da cidade, fornecendo os motivos para que novas crenças surgissem quando a ciência não dava respostas.

Destacou-se as tensões sociais envolvendo população dos vivos, os mortos que ficavam insepultos, o padre diocesano, os frades, a Câmara Municipal. É importante ponderar que se impõe aí um disputado espaço de poder cujo desejo de controle está vinculado não apenas às questões de natureza religiosa, mas se seguem a interesses políticos e de geração de rendas.

No meio de todo esse contexto conflituoso é introduzido na cidade das Alagoas um novo personagem, tão ligado à crença na finitude da vida quanto aqueles que o antecederam: os capuchinhos. Também franciscanos, também especialistas em Morte, não foi à toa que esses religiosos, trazidos da Itália, foram escolhidos para atuar em Alagoas, com definições muito claras de ação na contenção de conflitos, sendo os relacionados à construção do cemitério público, sua apropriação pelo povo e sua manutenção, talvez dos mais urgentes de enfrentamento pelos poderes estabelecidos. Nessa sessão, foi investigada essa presença, que tem passado despercebida em meio às pesquisas relacionadas a Marechal Deodoro e ao cenário alagoano como um todo, não sendo referenciados, embora qualquer aprofundamento que se faça na história das cidades alagoanas no período oitocentista, constatará que lá estavam os missionários italianos, os venerados barbudinhos.

Ao término desse longo processo de investigação fica uma pergunta: como seria uma cidade que reconhece o importante papel desempenhado por essa figura feminina, cujo nome ousou escrever com letra maiúscula, conforme apresentada por Saramago (2005), porque reconheço que ela é mais complexa que qualquer capacidade humana alcança? Aquela Morte que não é sinal de fim, mas de trânsito, conforme aprendemos com os franciscanos. Morte geradora de lugares, cidades, capelas, fé, devoções. Morte que ajudou a construir conventos, igrejas e uma cidade inteira. Todos hoje sobreviventes, apesar de, em alguns momentos, quase terem sucumbido diante de processos que levaram à degradação, ao abandono, ao esquecimento.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A antiga Madalena materializa esse modo de ser. Vivenciou essa dinâmica de natureza fúnebre que estimulou empreendimentos arquitetônicos e urbanos, expressões de solidariedade, através das diversas associações religiosas leigas, do compartilhamentos de celebrações através de devoções.

Espera-se que os saberes resultantes desse trabalho possam ser capazes de auxiliar na compreensão das intrigantes relações existentes entre cultura / urbanismo / arquitetura. E, não menos desejável, que a partir dele se consiga estimular na antiga Madalena o re-nascimento de um imaginário coletivo que se nutra da sua história; que sabedores das tantas vidas que repousam sob seus pés, seja confirmada sua identidade com o lugar, também, a partir dos seus mortos.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

IGREJA, s. f. a congregação dos Fieis debaixo de seus legitimos Pastores. § a Igreja Universal, todos os fieis unidos em huma só crença, e Baptismo, que reconhecem por seu Pastor universal ao legitimo successor de S. Pedro. § O templo, ou casa de oração. § f. os Ecclesiasticos.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

2 O LUGAR OCUPADO PELA MORTE EM MARECHAL DEODORO

Bastidores e palco da cultura funerária

2.1. A longa tradição que orientou os sepultamentos nas igrejas cristãs.

Ecclesia e Cimeterium

O eixo argumentativo dessa tese tem como ponto de partida o caráter determinante e dominante que está por trás da significativa quantidade de igrejas existentes na antiga povoação de Madalena, dado diretamente vinculado, não apenas ao fervor religioso próprio da mentalidade colonial, mas à necessidade vital de prover o ambiente urbano de um lugar para os mortos.

Relacionando a cultura religiosa com as dinâmicas do espaço habitado, o que se assiste nos meios urbanos marcados por esta mentalidade é a proliferação de espaços dedicados aos mortos, se chegando ao ponto de inverter a demanda de forma que, a partir de então, “*para estabelecer um cemitério constituía-se uma igreja*” (ARIÈS, 1981:56). O que, em parte justifica a grande quantidade delas espalhadas nas cidades.

Philippe Ariès, na sua obra clássica, o *Homem Diante da Morte* (1981:34), ousa chamar de promíscua a relação de familiaridade que se expressa na atitude do homem com a Morte, no período que vai do século V ao XVIII, possível de ser vislumbrada através da proximidade entre vivos e mortos, no campo físico e no imaginário.

Contudo, o autor explica que nem sempre a prática se encaminhou nesse sentido. As sociedades pagãs veneravam seus mortos e cultuavam suas sepulturas, mas não para conservar a proximidade entre eles; ao contrário, o objetivo era que se mantivessem distantes. Esse modelo propagado por Roma certamente foi seguido pelos primitivos cristãos que, assim

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

como os pagãos, também enterravam os seus defuntos fora das cidades, todos distantes da convivência com os vivos, inclusive os santos mártires.

Tanto romanos como judeus enterravam seus mortos fora das cidades, a própria legislação romana e o senso comum até o século IV obstruíam os sepultamentos intramuros. Dessa forma, também os mártires foram sepultados do lado de fora das muralhas, em geral nos cemitérios pré-existentes (CYMBALISTA, 2006:34-35).

São justamente os mártires que provocam uma alteração na forma como mortos e sepulturas passam a ser apropriados pelos vivos. De acordo com Maria Manoel Lobo Pinto de Oliveira (2007:31), com seu amplo trabalho de pesquisa sobre cemitérios portugueses, devido à perseguição imposta aos primeiros cristãos, eles costumavam usar catacumbas já existentes, por vezes de romanos convertidos, para nelas depositarem seus mortos. Tais locais de deposição dos despojos se mantiveram caracterizados como “*zona funerária extensa e mal definida*” (ARIÈS, 1981:60), localizada fora dos muros da cidade, ao longo de estradas ou em espaços subterrâneos. Entretanto, o fato de abrigarem corpos santificados pelo martírio promove a sua sacralização e eles passam a ocupar um novo status no imaginário popular (ARIÈS, 1981:35).

Fosse porque ali estava sepultado um mártir, fosse porque ali alguém fora martirizado, esses lugares vão sendo consolidados como territórios de veneração, tornando-se pontos de interesse e visitação, atraindo grande fluxo de pessoas. Com isso torna-se necessário a criação de espaços que comportem os visitantes em massa. Crentes na proteção oferecida pelo contato com aqueles que morreram pela fé cristã, o que antes era evitado, agora passa a objeto de desejo.

Iniciada nas colônias romanas da África, depois na Espanha e finalmente na antiga capital do Império, aos poucos se impõe uma alteração na forma com os restos mortais eram encarados pelos vivos. Nos primeiros anos do Cristianismo havia um desinteresse explícito pelos despojos uma vez que o investimento religioso estava mais voltado para a alma imortal. Entretanto, essa atitude é substituída pela preocupação com a destinação dos corpos que

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

deveria ser adequada e resistente à violação, pois, de acordo com a cultura religiosa da época, esse invólucro material era essencial para que se efetivasse a “ressurreição da carne”, crença tão cara à escatologia cristã, centrada numa expectativa de final dos tempos onde o indivíduo recuperaria integralmente a vida, no corpo e na alma.¹¹ E, nesse sentido, “*a opinião popular acreditava que uma violação da sepultura comprometia o despertar do defunto no último dia e, por conseguinte, a sua ida eterna*” (ARIÈS, 1981: 36-37).

Segundo Jerome Baschet (2006:417-418), a argumentação teológica relacionada à concepção física da ressurreição, onde o corpo ressuscitado conserva sua materialidade carnal, foi construída e defendida por muitos teólogos medievais. Daí resulta que a veneração aos santos passa a ser conveniente na vida e na morte. Não bastava aos vivos visitarem os túmulos dos mártires. Enterrar-se próximo a eles favoreceria a integridade física dos próprios restos mortais e a salvação da alma no dia do juízo final. Essa vizinhança contribuía para a purificação dos pecados além de protegerem contra todo tipo de mal. Dos vivos afastavam o pecado; aos mortos orientavam na direção da luz.

Posteriormente, não apenas os sepulcros dos santos e dos mártires, construídos fora do recinto das cidades, mas os vestígios materiais da sua passagem pelo mundo – as relíquias – se tornam o alvo das multidões de crentes. Basílicas grandiosas se espalham na periferia das muralhas urbanas para abrigar sepulturas e relíquias abrindo um vasto capítulo da história do cristianismo, com largas repercussões urbanas, arquitetônicas e artísticas.

Renato Cymbalista (2006:35-36) reconhece que desse movimento de uso e apropriação dos antigos cemitérios emerge uma “*nova geografia sagrada*”, marcada por um outro e importante centro que se impõe às margens da cidade, que se afirma fora das muralhas, e que se constitui em um território da cristandade, foco da fé. Desenhado a partir de sepulturas de

¹¹ Os documentos canônicos católicos, ainda hoje, são bastante claros quanto à crença secular de que existirá uma ressurreição no final dos tempos e que não será simbólica, mas abrangerá o corpo e a alma do indivíduo. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/ressurreicao-dos-mortos-ou-ressurreicao-da-carne>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

mártires, ou dos locais de martírio, esse centro tem na basílica seu ponto de apoio, ao tempo em que se articula com outras centralidades de culto através de fluxos de peregrinação e de percursos processionais, estabelecendo uma rede de ligação que caracteriza o mundo cristão em ascensão. O pesquisador frisa que a afirmação destes locais sagrados como novas centralidades que se fixam nas bordas da cidadela começa a acontecer a partir do século IV, quando a Igreja Católica já está estabelecida como uma instituição poderosa, sendo a consolidação dos santuários cemiteriais um dos resultados mais marcantes e duradouros desse processo.

Com o tempo, a cidade intramuros já não apresenta a mesma atitude de estranhamento em relação à vizinhança com os mortos. As próprias catedrais urbanas passam a acolher despojos. Inicialmente apenas famílias reais e aristocráticas tinham esse privilégio, depois também a elite, tanto civil quanto religiosa e, com o tempo, a população em geral vai conseguindo alcançar a concessão.¹² Começando a ocupação funerária pelo interior da igreja, posteriormente, foram alcançando o adro e terrenos vizinhos. De acordo com Oliveira (2007:32-33), a partir do século XII, o costume das igrejas como espaços cemiteriais, estava completamente generalizado no Ocidente cristão urbanizado.

Os mortos já misturados aos habitantes dos bairros suburbanos pobres foram assim introduzidos no coração histórico das cidades: daí por diante já não houve em parte alguma igreja que não recebesse sepulturas em seus muros e que não fosse ligada daí a um cemitério. A relação osmótica entre igreja e cemitérios ficou definitivamente estabelecida (ARIÈS, 1981:41).

As ocorrências não se detêm na urbe, mas se estendem e dominam também as áreas rurais. O enterramento na igreja, ou em sua circunvizinhança, passa a ser uma obrigação e não mais uma escolha.

¹² OLIVEIRA (2007:33) ressalta que a localização das sepulturas “na maior ou menor proximidade às relíquias, no enterramento no interior ou no exterior da igreja”, era determinada pela capacidade econômica do morto.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Em dado momento, a prática chegou a ser questionada pelas próprias autoridades eclesiásticas reunidas em concílios. Permaneceria a obrigação de enterramento no recinto sagrado, mas devendo se ater ao entorno imediato da igreja e não no seu interior, com direito a exceções quando se tratava de membros do clero.¹³

Apesar da legislação canônica chegar a prescrever que as igrejas não deveriam mais exercer a função cemiterial, as cidades europeias conservaram o costume e, assim, os sepultamentos continuaram a ser realizados como de costume, permanecendo desse modo por toda a medievalidade, adentrando também pelos séculos seguintes.

Ao desenvolvimento das cidades, iniciado a partir da Baixa Idade Média, correspondeu um aumento populacional e, considerando que o ambiente citadino não se restringia à parcela viva da população, o significativo contingente constituído pela população funerária também deveria ser objeto de atenção e investimentos urbanos. A necessidade da destinação adequada desse segmento populacional impelia, quase que obrigatoriamente, à criação de novos espaços cemiteriais.

Renato Cymbalista (2006:254) transporta essa questão de atendimento aos sepultamentos para a colônia portuguesa na América a partir do século XVI, e a problematiza em função de um cenário diferente do europeu. E pondera que, se na Europa os movimentos e negociações necessários à resolução do problema estavam postos há séculos, o mesmo não se verificava no Brasil.

No processo de ocupação do espaço, desenvolvido pelos portugueses, a preocupação com os sepultamentos constituiu-se, em um dado essencial. As práticas funerárias não eram apenas resultado de preocupações passageiras com a destinação final de um corpo morto. Elas se

¹³ A Igreja fez alguns movimentos na tentativa de classificar oficialmente o público que poderia ser sepultado no interior dos templos. De modo geral, estabeleceu que o privilégio deveria se restringir aos consagrados a Deus, àqueles que se destacaram no serviço religioso e à coisa pública, e aos patronos da Igreja. Cf: Ariés (1981:52).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ligavam aos ambientes mais profundos das crenças e se refletiam diretamente no investimento fúnebre. Por trás dele estavam a *“perspectiva de um juízo final, a necessidade de salvação das almas, o desejo de ajudar as almas no purgatório e a expectativa de recebimento de recompensas”* (CYMBALISTA, 2006:282). Com a concentração de força baseada na crença de uma vida que vinha após o seu aparente término, tais práticas foram agentes definidores e estruturadores do território

Isso porque, de acordo com a cultura religiosa vigente em Portugal e transplantada integralmente pelos primeiros ocupantes da Colônia - parte deles constituída de religiosos - não poderia haver investimento na vida sem dispensar atenção para os mortos. Luiz Felipe de Alencastro (1997:124) chama de aspecto fundamental da cultura funerária colonial a escolha correta do local onde o corpo seria sepultado. Segundo ele, *“uma das formas mais temidas de morte era a morte sem enterramento adequado”*.¹⁴

Considerando a estrutura precária dos primeiros assentamentos, não era incomum, por ausência de uma capela ou igreja, as pessoas serem enterradas no campo. Os habitantes da então vila Ribeira do Canindé, no Ceará, traduzem essa aflição em alguns documentos dirigidos a autoridades, no período de 1796 a 1801, onde informam terem, às suas próprias expensas, construído uma capela, ao tempo em que pedem encarecidamente que lhes seja concedida assistência permanente de um padre, que lhes administre os sacramentos, pois, à falta dessa assistência, eles vivem e morrem como hereges. A presença de um sacerdote é invocada, especialmente, para que tenham socorro na *“importantíssima hora da morte”*, pois que, sem isso, estão *“morrendo ao desamparo, enterrados como brutos”*. Concluindo, indicam as providências tomadas para evitar o enterramento indigno e a construção da igreja é a alternativa para atender às necessidades funerárias da população: *“temos levantado à nossa*

¹⁴ Morrer sem a garantia da destinação adequada dos despojos era *“algo aterrorizante, quase um sinônimo de arder nas chamas do inferno e jamais ter a possibilidade da ressurreição final”*. (CYMBALISTA, 2006:282).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

custa uma boa igreja distante da matriz do forte cinquenta léguas com a invocação de São Francisco das Chagas para nela sermos enterrados, o que antes era no campo”¹⁵

A vida cotidiana, resultante das práticas sócio espaciais coletivas, exigia elementos urbanos e arquitetônicos que permitissem e mantivessem sua manifestação, o que termina por demandar do ambiente citadino a criação de uma estrutura que lhe dê sustentação. É justamente a força das expressões criadas para atender às necessidades funerárias, parte indissociável do dia-a-dia, que se pretende destacar aqui como elementos essenciais para a sobrevivência das cidades, particularmente no que se refere à povoação de Madalena, atual cidade de Marechal Deodoro. Destinar locais adequados à acomodação dos mortos se afirmava como resposta à uma necessidade dos vivos e, especialmente, dos espaços habitados em formação.

Essa cultura religiosa que tem no discurso ligado à Morte um dos seus argumentos mais estáveis, e cuja origem mais remota está nas primeiras comunidades cristãs, é introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses, que fornecem o repertório cultural de devoções, hábitos e costumes religiosos preponderante no universo colonial brasileiro, constituindo-se em presença destacada na rotina diária das pessoas que, inevitavelmente, acabam por acatá-las e ritualizá-las.

Apesar de não ser objeto de aprofundamento nesta tese, é impossível não fazer alusão aos pactos interculturais que ocorrem de forma ampla na Colônia, e que aqui são resultantes do regime de exclusão social que dizimou barbaramente as populações nativas, adotando também a prática da escravidão, o que coloca a parte mais expressiva dos habitantes fora da margem a qual se resumiu os direitos e deveres da vida cristã. Sobre essa lacuna pesa ainda o fato da doutrina ter sido imposta a esses povos com pouca ou nenhuma margem de escolha.

¹⁵ Os documentos primários, Súplica dos Habitantes da Povoação de Canindé – 1796, e Requerimentos dos Canindeenses, cujos fragmentos foram citados, constam como anexos do livro São Francisco das Chagas de Canindé: resumo histórico, de autoria de Frei Venâncio Willeke (1973b:85-92).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A respeito dos indígenas, Renato Cymbalista (2006:291-331) dedicou um capítulo de sua tese discorrendo sobre: *“Os índios, sua terra e seus mortos”*. O pesquisador chama a atenção para a mobilidade como um traço daquela cultura e isso, por si só, levava a um certo descompromisso com o lugar onde estariam os despojos dos seus mortos. Em contraponto, conferiam grande honra aos que faleciam em combate, justamente por dispensar um processo de sepultamento, que expunha o corpo à uma (a seu modo de ver) humilhante putrefação. Além disso, embora com pequenas variações, havia uma prática comum às várias nações indígenas aqui existentes: a ritualização do consumo de carne humana. Essa prática, que tanto assombrou os europeus, era para os índios uma espécie de premiação, pois, conforme conta Pero de Magalhães Gandavo, 1576 (apud Cymbalista, 2006:306), o ritual antropofágico livrava o morto de *“sofrer de coisa tão baixa e vil como é a terra lhe coma o corpo de quem eles tanto amam, que a sepultura mais honrada que lhe podem dar é metê-lo dentro de si, e agasalha-lo para sempre em suas entranhas”*.

Um relato datado de 1587, de autor desconhecido, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil, que também chama a atenção para a antropofagia comum aos índios da Colônia, aponta alguns rituais associados às cerimônias fúnebres realizadas pelos índios Tupinambás, destacando-se prantos e lamentos, bem como um ritual de luto, através da aplicação, em todo o corpo, de uma tinta preta retirada do jenipapo, o que os deixavam, durante certo tempo, com *“a pelle tão negra quanto as dos negros da Guiné”*. Esse costume era seguido por homens, mulheres e crianças (REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRAZIL, 1856:214).

Por sua vez, os povos africanos que foram trazidos para a Colônia portuguesa na América também tinham sua maneira distinta de lidar com a Morte, embora se saiba que algumas tradições específicas relativas às diversas nações que constituíram a massa de escravizados convergem, genericamente falando, na cosmovisão religiosa bantu: a transmissão da cultura apoiada na oralidade, a noção bem arraigada da sustentação do grupo em função da coletividade, o reconhecimento da força sagrada contida na natureza e, de modo especial, o

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

culto aos ancestrais.¹⁶ É justamente o respeito à ancestralidade que faz com que a Morte seja vista como parte da vida e componente essencial para que a vitalidade do coletivo seja preservada e, para tal, torna-se imprescindível que a ligação entre vivos e antepassados seja mantida.

O morto, nesse sentido é o antepassado ainda presente, “*ser que permanece para além do tempo e do espaço*” (CASTELAN, 2016:15). Assim, não haveria antagonismo entre vida e Morte, já que não é aceitável, nessa cultura, a possibilidade de não-existência. Em ambas as situações, o ser mantém a energia vital, o Axé (PEREIRA, 2007:160). É justamente a proximidade com a ancestralidade que regula a força vital dos vivos, “*quanto mais perto dos antepassados e os agradando, mais cheio de força vital se está; quanto mais afastados dos antepassados, mais fraco, debilitado e sem forças se fica*” (PEREIRA, 2007:161). E por isso que a velhice é desejada e abraçada, pois é no idoso, onde a iminência da Morte é mais presente, que reside a certeza da continuidade da vida e do grupo, bem como a garantia de que a indispensável comunicação entre vivos e mortos se manterá (CASTELAN, 2016:16).

Pereira reconhece que, embora divergissem na essência e no conteúdo, havia alguma familiaridade entre a crença católica e a africana, já que, para ambas havia um bom e um mal morrer. Para a primeira, o condicionante era o ritual, o lugar de sepultamento, a assistência religiosa nos últimos momentos de vida. Para a segunda, “*morrer longe dos seus ancestrais ou mesmo de não poder venerá-los*”, se constituíam em “*mal morrer*” (PEREIRA, 2007:162). Portanto, se essa assertiva procedesse, praticamente todos os escravos estavam já condenados ao “mal morrer”.

¹⁶ Pereira (2007) e Castelan (2016) classificam os africanos que foram trazidos ao Brasil como *banto* (plural de bantu), ou povos bantófonos. O termo *bantu* usado no texto circunscreve tribos que compartilhavam o tronco linguístico comum, não caracterizando uma cultura específica, como usualmente se entende (PEREIRA, 2007:156, nota 61).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Desse universo multifacetado inerente a culturas diferentes, em alguns aspectos antagônico, contraditório e conflituoso, resultou um dos traços mais peculiares da religiosidade brasileira, dos primórdios da ocupação do território aos dias de hoje, a sua qualificação como sincrética.

Entre os elementos que caracterizavam o ambiente religioso da época, destacava-se a crença na eficácia das orações sobre o estado de graça ou de tormento alcançado pelo morto no ambiente espiritual. Segundo Jacques Le Goff (1995:26), esse costume antigo contribuiu para o estreitamento das relações entre os habitantes dos dois planos, ao tempo em que favorecia o que ele chama de “*formação de grandes solidariedades*” entre vivos e mortos, o que sem dúvida conferia grande poder aos primeiros. A própria legislação eclesiástica alertava para o poder das orações e cerimônias dedicadas aos mortos e o quanto geravam de benefícios.

É cousa santa, louvavel, e pia o socorro de sufragios pelas almas dos defuntos, para que mais cedo se vejam livres das penas temporaes, que no Purgatorio padecem em satisfação de seus peccados, e aos que já gozão de Deos se lhes acrescente a gloria accidental (VIDE, 1853:293).

Ampliando ainda mais o poder das orações, a aposta na força dos sufrágios desenhou os princípios da ideia de Purgatório na Idade Média, inicialmente como um simples esboço até se afirmar, alcançando quase que um status de lugar, praticamente um espaço físico dentro da dimensão espiritual (LE GOFF, 1995:27).¹⁷ Some-se a essa dimensão física, da qual o Purgatório foi revestido, a sua caracterização como uma “*localidade temporal, transitória e de passagem*”, com vinculação direta com o dia do Juízo Final, que marcaria seu término (QUÍRICO, 2009:LXV). Suaviza-se, assim, a dicotomia entre céu e inferno, polaridade que aponta para uma permanência irreversível e eterna.

O processo de afirmação desse “*lugar de espera*” (ARIÉS, 1981:115) veio se delineando ao longo dos anos e se consolidou de fato a partir do século XII, quando passa a ter grande

¹⁷ Segundo Le Goff (1995:86) a gênese teológica do Purgatório está ligada a Santo Agostinho. Ele foi também o primeiro a afirmar a importância e eficácia dos sufrágios para liberar os mortos desse lugar intermediário entre céu e inferno.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

visibilidade na teologia e na prática católica. A Igreja de Roma, como um todo, e, especialmente, as Ordens Mendicantes, se beneficiaram enormemente dessa crença, difundindo e, ao mesmo tempo, alertando para as consequências relacionadas à permanência no Purgatório e divulgando a confissão, prática que também redime o erro e abre a possibilidade de negociá-lo.

Voltando à colônia portuguesa na América, o destaque conferido ao fenômeno da Morte ressoava diretamente na constituição das povoações, influenciando seu perfil físico através da configuração de uma malha urbana onde os espaços sagrados eram privilegiados e para os quais a sociedade se organizava a fim de promover sua implantação e manutenção. O investimento nestes espaços se devia à necessidade de providenciar local para a realização das cerimônias litúrgicas cotidianas e a disponibilização de um campo santo para enterrar seus mortos. Isso alimentava um contato diário entre os vivos e os mortos, desprovido de constrangimento físico ou emocional, re-estabelecendo, também, a relação de intimidade que havia em vida.

Mas para alcançar a vida além da Morte era necessário disciplina, como mostra o franciscano Frei Francisco da Conceição, atuante no Brasil setecentista, ou seja, no contexto barroco e, conseqüentemente, penitente por excelência:

Faça cada dia uma hora de oração mental dividida em duas vezes, parte da manhã, parte à noite. Ouça missa todos os dias podendo e não podendo, a medite espiritualmente. Reze a cada dia a Coroa de Nossa Senhora meditada ou o Rosário ou o terço dele com devoção a Novena das Almas, a Estação do Santíssimo Sacramento. Visite devotamente a Via Sacra todos os dias que puder, mas ao menos nos dias Santos e Sextas-Feiras. Faça todos os dias muitos atos de amor a Deus e muitas e fervorosas jaculatórias e se lhe não se lembrar outra, repita esta muitas vezes: Senhor tende misericórdia de mim. Faça um dia de retiro cada mês e os de oito ou dez dias uma vez no ano, podendo jejue nas segundas, quartas e sextas. Ponha um cilício nas terças, quintas e sábados por tempo de uma ou duas horas. À noite faça exame de consciência pouco antes de se deitar, considerando que pode não se levantar senão para a sepultura. (Frei Francisco da Conceição, Apud MOTT, 1997:159-160).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Esses mesmos edifícios religiosos que se deveria frequentar assiduamente, divulgavam as delícias do céu, porém, dentro do espírito da tensão barroca, não deixavam de lembrar que também existia um inferno, não permitindo dúvidas sobre a infelicidade de tê-lo como destino final. O italiano Santo Afonso Maria de Ligório foi um dos pensadores católicos que contribuiu para a criação de imagens assustadoras de penas eternas que aterrorizaram a mentalidade do setecentos, chegando a descrever com minúcias o ambiente onde o corpo físico padecia dores indescritíveis:¹⁸

Considera que o inferno é uma prisão hedionda, cheia de fogo. Neste fogo estão submersos os condenados. Neste abismo de fogo que os rodeia por todos os lados, têm chamas na boca, nos olhos, em todas as partes do corpo. Cada sentido tem seu sofrimento próprio: os olhos são atormentados pelo fumo e pelas trevas, e horrorizados pela vista de outros condenados e dos demônios; os ouvidos ouvem dia e noite contínuos clamores, prantos e blasfêmias. O olfato é atormentado pelo cheiro nauseabundo daqueles inumeráveis corpos corrompidos, e o paladar por ardentíssima sede e fome insaciável sem poder obter uma gota de água nem uma migalha de pão. Por isso aqueles encarcerados infelizes, abrasados pela sede, devorados pelo fogo, torturados por toda espécie de sofrimentos, choram, clamam, desesperam-se, mas não há nem haverá quem os alivie e console” (In: <http://tocadeassis.org.br/de-olho-na-rua/ver/23/as-sete-meditacoes-de-santo-afonso-maria-de-ligorio-para-cada-dia-da-semana>).

Como se depreende dessa narrativa, nada poderia aliviar a agonia vivida no inferno. Nada que os vivos fizessem atenuaria esse sofrimento atroz, ao contrário do Purgatório, cuja permanência dependia fundamentalmente da ação daqueles em prol dos mortos. E, portanto, do cumprimento de demandas da instituição religiosa.

Para o pecador assumido restava sempre a esperança que essa passagem pelo Purgatório lhe propiciasse o acesso futuro às maravilhosas recompensas celestiais. O discurso religioso também fazia apologia às graças inigualáveis destinadas àqueles que, por seus méritos, alcançavam o céu:

¹⁸ Afonso Maria de Ligório nasceu em 1696 e morreu em 1789. Escreveu vários livros sobre os dogmas da Igreja e textos que rememoravam a finitude da vida e as consequências dos pecados na alma imortal. Foi o fundador da Congregação do Santíssimo Redentor (Padres Redentoristas). In: <http://www.infoescola.com/biografias/santo-afonso-de-ligorio/>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Lá no Céu haverá saúde sem doença, formosura sem fealdade, imortalidade sem corrupção, abundância sem miséria, sossego e paz sem turbação, segurança sem temor, conhecimento sem erro, fartura sem fastio, alegria sem tristeza; não haverá inquietações, nem turbações; tudo finalmente será paz, alegria e felicidade, e glória! (Couto, 1868, Apud NOBRE, 2011:113).

Para chegar ao céu, entretanto, era preciso enfrentar a passagem estreita da Morte. E para isso a capacidade expressiva dos templos re-afirmava, cotidianamente, a perspectiva da mortalidade inerente ao ser humano. Arranjadas, não apenas para exercer uma função meramente visual, mas, sobretudo, para rememorar a Morte, a paisagem interna de igrejas e conventos foi manipulada em torno dessa cultura. Através de imagens esculpidas e pintadas, a iconografia religiosa barroca fazia alusão à fugacidade da vida, ao juízo de Deus, à salvação ou à danação eternas, divulgando, não apenas a iminência e inevitabilidade dessa passagem, mas, especialmente eram especialistas em cultivar aquilo que Umberto Eco chama de “o terror das penas infernais” (ECO, 2007:62).

Os apelos visuais da iconografia religiosa foram sempre variados e carregados de simbologia e mensagens. É possível incluir aí a presença das próprias campas distribuídas nos pisos das igrejas¹⁹, sobre as quais, a celebração da liturgia católica era realizada, promovendo a continuidade das relações afetivas estabelecidas em vida: “*Os mortos continuando junto dos vivos. Os avós junto dos netos. Os mortos como quase uma espécie de santos ancestrais. Inspiradores dos vivos. Como que melhores que os vivos (...)*”. (FREYRE, 1979:14).

No universo seiscentista e setecentista a atração pelo *Carpe Diem* era confrontada pela consciência da *Vanitas*, pensamentos caros à cultura barroca. Constantemente lembrada através de sinais presentes nos atributos iconográficos dos templos e das cerimônias religiosas, as alusões à fugacidade da vida eram recorrentes, seja através de apelos visuais (cenografia das igrejas, procissões e santos,) ou verbais (sermões, cânticos, livros religiosos).

¹⁹ “*Campa – peça superior das sepulturas rasas, de pedra, tábuas ou outro material. frequentemente forma parte do piso das igrejas antigas, onde se faziam os sepultamentos*”. (ÁVILA et al, 1980:30).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A Igreja Católica defendia a eficácia dessa rememoração. A tradição do sepultamento no mesmo local onde havia intensa frequência dos vivos e a consequente convivência entre eles era normatizada e estimulada pela legislação canônica.

A frase inscrita na parte superior da cercadura de uma portada existente na Capela dos Ossos, em Évora, Portugal, é bem ilustrativa desse apelo constante que se fazia à lembrança da transitoriedade da vida (ver figura 1 - I). A pregação verbal (sermões, cantos, leituras) e a iconografia (imagens de santos, pinturas, altares) também tinham como objetivo a rememoração da inevitabilidade do fato, o que deixava a Morte quase que um “*personagem fixo (...) no teatro da vida*” (ECO, 2007:62). Nessa perspectiva, o fenômeno atuava como um dos mais poderosos mecanismos que eram usados para assegurar a manutenção das tradições e a proteção de uma ordem religiosa secularmente estabelecida (ver figura 2 - I).

Embalado pelo discurso do Concílio de Trento, ocorrido de 1545 a 1563, o importante documento publicado em 1719, estabeleceu uma longa lista de procedimentos, códigos e ordenações, destinados aos espaços religiosos, mas também definindo a própria postura dos católicos.

É costume pio, antigo, e louvável na Igreja Catholica, enterrarem-se os corpos dos fieis Christãos defuntos nas igrejas e cemitérios dellas: porque como são lugares, a que todos os fieis concorrem para ouvir, e assistir ás Missas e officios divinos, e Orações, tendo á vista as sepulturas, se lembrarão de encommendar a Deos nosso Senhor as almas dos ditos defuntos, especialmente dos seus, para que mais cedo sejam livres das penas do Purgatório, e se não esquecerão da lhes morte, antes será aos vivos mui proveitoso ter memória della nas sepulturas. Por tanto ordenamos, e mandamos, que todos os fieis que neste nosso arcebispado fallecerem, sejam enterrados nas Igrejas, ou Cemiterios, e não em lugares não sagrados (...). (VIDE, 1853:295).

Considerando que, em atendimento à legislação religiosa, a única opção aceita para os enterramentos cristãos eram os chãos sagrados de capelas e igrejas, certamente havia grande investimento coletivo para responder à necessidade, e essa, possivelmente, seria uma das

“NÓS OSSOS QUE AQUI ESTAMOS PELOS VOSSOS ESPERAMOS”.



Figuras 1 e 2. Detalhe de portada da Capela dos Ossos, Igreja de São Francisco, Évora/Portugal, Século XVII.

Imagem do Senhor Morto, Igreja do Convento de Santa Maria Madalena.

Fontes: <http://www.panoramio.com/photo/3765599> / Acervo Digital do IPHAN (sem data)

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

forças que estimulavam mais incisivamente a capacidade de coesão social nos núcleos coloniais, mesmo nos mais incipientes.

2.2. “Há Lagoas...”²⁰

No âmbito do cenário acadêmico, a gênese das cidades coloniais brasileiras tem sido estudada exaustivamente sob diversos aspectos, notadamente no que se refere aos interesses econômicos como impulso para os movimentos de ocupação e povoação do território. Este enfoque pode ser encontrado também quando se observa os estudos sobre a construção do espaço habitado alagoano. Sua importância histórica como parte produtiva do Sul da antiga Capitania de Pernambuco leva quase sempre à supervalorização desses aspectos como elementos determinantes para a compreensão da sua gênese e desenvolvimento, embora hoje já se perceba um interesse cada vez maior no papel desempenhado pelas estruturas mentais e no protagonismo dos eventos de natureza cultural, inclusive os religiosos.

O Prof. Dr. Alexandre Alves Costa (2013, Apud FERRARE, 2014), chama a atenção para a diversidade de elementos que atuam no processo de construção de um ambiente urbano, não sendo adequado condenar nenhum deles ao ostracismo histórico. Nessa perspectiva, ele afirma que: *“há motivos diferentes para a cidade aparecer e se desenvolver e agentes que nem sempre são ordenanças do poder político central”*.

Nessa perspectiva, sem desconsiderar outras forças relacionadas à ocupação e exploração do lugar que hoje constitui a cidade de Marechal Deodoro, aqui se dará destaque ao fenômeno religioso, visto como elemento fundante na construção do território e da mentalidade que o animava. Conforme se procurará situar, a cultura funerária dele decorrente e toda a ritualística relacionada à Morte eram objeto privilegiado dentro desse contexto social profundamente ancorado na religiosidade.

²⁰ De acordo com Ferrare (2014:216) a expressão “*Há Lagoas*” gera o topônimo que nomeia a antiga Província das Alagoas, atual Estado de Alagoas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Um dos vínculos mais fortes que a Morte demanda é a religião. Esta, de modo geral, propõe princípios norteadores à conduta humana no meio social e, sem dúvida, essa conduta, de certa forma, “domesticada”, determina ou, no mínimo, influencia as dinâmicas que animam a sociedade. A cidade, organismo eminentemente social, se desenvolve a partir de ações resultantes de tais condutas, as quais reverberam diretamente nos elementos que a caracterizam fisicamente. Dentre os muitos campos em que a religião atua no contexto da vida humana, a Morte é, possivelmente, o que ela opera com mais segurança. É através da religiosidade, mais que de outras fontes, que se consegue obter algum tipo de resposta, ou alento, para o mistério e, por que não dizer, o desconforto que envolve esse tema, pelo menos para grande parte da cultura ocidental.

De acordo com Capistrano de Abreu (1998:25-26), o português que chega ao Brasil no século XVI era produto de um mundo que transitava entre a Idade Média e a modernidade, deixando-o permanentemente dividido no serviço prestado a dois senhores poderosos: o Papa, “*cabeça da sociedade religiosa*”, e o rei, “*sujeito jurídico da sociedade civil: na qualidade de senhor absoluto, seus poderes não admitiam fronteiras definíveis*”. E é esse modelo de sociedade, caracterizado por tal compartilhamento de poderes, e por “*legados onerosos do regime medieval*” que passam a conviver com o fortalecimento do comércio, do renascimento da indústria e da renovação intelectual portuguesa, que, justamente, marca a atuação lusitana na colônia brasileira.

No universo colonial brasileiro, política e religião conviviam numa relação de complementariedade, onde uma dimensão alimentava a outra. O que caracteriza esse projeto de lugar que se tentava executar são as intersecções entre dependência e cumplicidade, presentes na relação do plano português de colonização e do projeto missionário católico.

Embora o rei de Portugal não fosse investido de uma autoridade específica dentro da hierarquia católica vigente, tinha os agentes eclesiásticos e o corpo administrativo da Igreja sob o domínio do aparelho do Estado. A política do padroado, que deu ao monarca as honras

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

de Grão-Mestre da Ordem de Cristo, tem como resultado imediato a dependência da Igreja aos interesses políticos, especialmente no que se refere à questão financeira, já que, teoricamente, o clero deveria ser sustentado pelo governo. (BARBOSA ET AL, 2006:53). Mas a Igreja Católica dispunha de trunfos, os quais, em um mundo cristianizado, a colocavam em uma posição confortável, onde o exercício da submissão não era muito comum.

A Igreja dominava soberana pelo batismo, tão necessário à vida civil como à salvação da alma; pelo casamento, que podia permitir, sustar ou anular com impedimentos dirimentes; pelos sacramentos, distribuídos através da existência inteira; pela excomunhão, que incapacitava para todos eles; pelo interdito, que separava comunidades inteiras da comunicação dos santos; pela morte, permitindo ou negando sufrágios, deixando que o cadáver descansasse em lugar sagrado junto aos irmãos ou apodrecesse nos monturos em companhia dos bichos; dominava pelo ensino, limitando e definindo as crenças, extremando o que se podia do que não era lícito aprender ou ensinar (ABREU, 1998:25-26).

Convém ressaltar que havia um relativo equilíbrio de forças, propiciando que o sistema de dependência não fosse unilateral. De fato, imperava um entrelaçamento de interesses e a perspectiva de ganhos para ambos os lados esteve atrelada aos projetos de conquista, fosse ela voltada para as almas ou para o território. Nesse sentido, o fenômeno religioso esteve diretamente associado ao processo de constituição das primeiras vilas e cidades da América Portuguesa, atuando como elemento motivador da estrutura urbana, influenciando sua forma e determinando o cotidiano dos seus habitantes.

A lógica da colonização lusitana concedia à Igreja Católica uma participação determinante nesse processo e o corpo eclesiástico atuava como agente facilitador da penetração e da conquista do território.

Compartilhando dos interesses da expansão ultramarina, várias ordens religiosas se dedicaram às ações de catequese e evangelização em meio à Colônia longínqua da Europa. Nesse sentido, se destaca a Ordem dos Frades Menores, cuja entrada nas terras brasileiras fez parte do seu grande movimento de itinerância pelo mundo e se deu quase que em paralelo à sua ocupação pelos colonizadores portugueses, a partir de 1500. Coube ao franciscano Frei

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Henrique de Coimbra, mais oito frades, a missão de acompanhar e fortalecer espiritualmente a comitiva de Pedro Álvares Cabral e celebrar a primeira missa em solo brasileiro.

As povoações que surgem no Brasil desde então, foram resultado de fatores diferentes - políticos, econômicos, sociais, embora não dissociados entre si, e os vínculos com o sistema religioso vigente, os quais determinaram a sua expressão material e simbólica.

Aderidas a um projeto de ocupação e exploração do território, as povoações iam se constituindo ao longo da costa litorânea, geralmente a partir de um precário assentamento humano que, ao longo do tempo, ia se constituindo e se conformando como um espaço habitado.

As Ordenações do Reino, que continham toda a ordem jurídica portuguesa e que, durante muito tempo, foram também aplicadas na Colônia, pouco interferiam na seara urbana. Ao contrário, a Igreja tinha claras e definidas normas eclesiásticas que se intrometiam diretamente na construção do espaço, embora que se adaptando aos condicionantes de um cenário de muitas necessidades. Murilo Marx classifica as várias etapas presentes em um processo de hierarquização urbana, pelas quais passam os primeiros núcleos habitados no Brasil, e a Igreja aparece sempre como um elemento determinante nessa hierarquização, sendo uma das mais influentes promotoras de quaisquer tipos de alterações nessa lógica. Sem o templo católico não havia povoação, não havia vila, não havia cidade:

Uma concentração de moradas e uma capela, depois capela-curada ou visitada por um padre, quem sabe uma paróquia mais tarde. Um povoado de determinado porte aspiraria constituir uma paróquia mais tarde ou, denominação que prevaleceu entre nós, uma freguesia. Depois, tal freguesia vai almejar a autonomia municipal que, se alcançada, implicará o seu símbolo, o pelourinho, e a casa de câmara e cadeia. Símbolo e sede do município que deverão se compor com o templo preexistente. O ponto privilegiado topográfico já estará ocupado, a área mais prestigiada do lugar definida, o largo principal constituído... (MARX: 1991,11-12).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Alagoas surge nesse cenário colonial a partir da segunda metade do século XVI, como resultado do modelo de colonização adotado pelo governo português: a divisão do território nos grandes latifúndios chamados Capitanias Hereditárias, sendo a que correspondia a Pernambuco, ou Nova Lusitânia, a primeira a ser doada, em 1535. Alguns historiadores afirmam que logo após a posse, o donatário Duarte Coelho de Albuquerque organizou expedições de reconhecimento à parte sul da capitania, chegando a atingir a região onde hoje se encontra a cidade de Penedo, nas margens do Rio São Francisco.

É nessa época que a porção localizada no extremo sul da capitania, guarnecida por vários pontos naturais de desembarque, passa a ser alvo de ações de reconhecimento e ocupação, uma vez que era facilmente acessada por corsários franceses no tráfico do pau-brasil. É dentro dessa perspectiva de proteção do território, através da elevação de povoações e da implantação de atividades geradoras de renda, que aquela região é loteada em sesmarias, provocando o surgimento dos primeiros polos de ocupação do lugar que logo passa a ser conhecido como Alagoas devido ao fato de ser atravessado por diversas massas lagunares. Nesse contexto, surgem tímidos núcleos habitados; “*nódulos de população no imenso deserto humano no Brasil de então*” (AZEVEDO, 1956:19, APUD MACHADO, 2012:108): Penedo, a partir de 1570, Porto Calvo, a partir de 1590, Alagoa do Sul, a partir de 1591.²¹ (ver mapa 1 e figura 3 - II).

São essas pequenas povoações que vão se estabelecendo na extremidade sul da Nova Lusitânia as responsáveis pela criação das condições para a afirmação de um território que

²¹ O lugar nasce Madalena, mas atende a várias denominações ao longo do tempo. Mesmo o nome original apresenta muitas variações: Madalena do Sumaúma, Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul, ou simplesmente Madalena. Também foi chamada de Alagoa do Sul, em referência à Lagoa Manguaba, também conhecida como do Sul, cidade das Alagoas, ou somente Alagoas. A partir de 1823 é elevada à condição de cidade e passa a ser referenciada sempre nos documentos como cidade das Alagoas. Finalmente, em 1939, tem seu nome mudado para Marechal Deodoro, em homenagem ao primeiro presidente do Brasil republicano, que ali nascera. Neste texto, se optou por referir-se ao lugar de acordo com a nomenclatura usada no contexto temporal ao qual se refere o conteúdo abordado, portanto, inicialmente se usará Madalena, considerando sua condição e povoação e vila, depois, cidade das Alagoas, conforme aparece nos documentos oficiais e, finalmente, Marechal Deodoro, nas referências contemporâneas. A respeito das diversas nomenclaturas registradas ao longo do tempo, consultar CAETANO, 2010, FERRARE, 2014 e CURVELO, 2014.

Igrejas, conventos, cemitérios

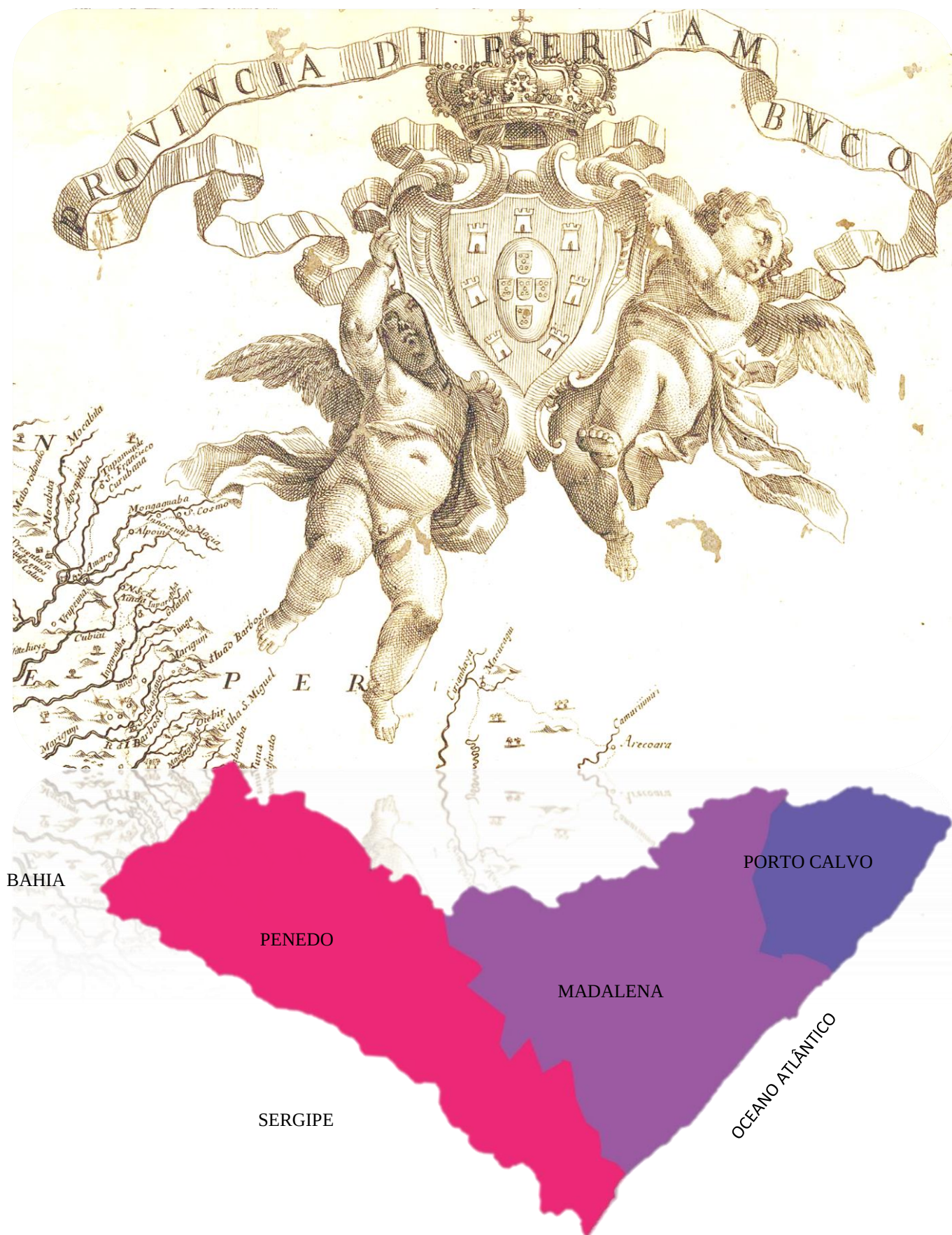
o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

será chamado de Alagoas e que, posteriormente, adquirirá autonomia administrativa e política em relação a Pernambuco, se tornando uma das unidades da federação brasileira.

O espaço que hoje compreende o Estado de Alagoas se constrói historicamente a partir da exploração do seu *“terreno gordo e argiloso, (...) na maior parte coberto por soberbas florestas (...) farto de águas,”* (HUM BRASILEIRO, 1844:12), cortado por vários cursos hídricos - rios, São Francisco (ao sul), Manguaba, Camaragibe, Santo Antônio Grande e Tatuamunha (ao norte); Paraíba e Mundaú (ao centro), e lagoas e lagunas, Manguaba, Mundaú e Jequiá, além dos muitos outros rios e ribeiros menores, bem como canais lagunares que se infiltram pelo interior do território. Essa conjuntura natural propiciou a oferta de grandes faixas de *“terras baixas e frescas”* propícias ao cultivo da cana-de-açúcar, e partes *“altas e enxutas”*, disponíveis a outras explorações criatórias e agrícolas. (HUM BRASILEIRO, 1844:21). Devido a tais fatores, alcança rapidamente algum destaque econômico e político na capitania pernambucana, favorecida também pelos diversos portos naturais ali existentes, *“pontos estratégicos para o aporte de navios de carga”*, que facilitavam a circulação comercial dos produtos oriundos dos investimentos da agropecuária. (OLIVEIRA, 2011:65).

Atenta às ações de ocupação do espaço, a Igreja Católica esteve junto em todo o processo, acompanhando e abençoando as iniciativas lusitanas, sustentada pelo que Barbosa (2006:53) chama de *“cumplicidade entre o projeto colonizador e o projeto missionário”*. Na verdade, mesmo sendo a motivação primeira os interesses de conquista e/ou defesa, ainda assim, a religião jamais esteve dissociada dos movimentos que geraram cidades (TEIXEIRA, 2009:36). De fato, a religião nutriu as intenções urbanizadoras lusitanas, estimulando o nascimento e contribuindo decisivamente na manutenção dos primeiros núcleos habitados.

A circulação dos agentes eclesiásticos nas terras ao sul da Capitania de Pernambuco inicia-se no século XVI junto com os movimentos iniciais de povoação. De acordo com Dom Otávio de Aguiar (1985:108-109), a primeira paróquia criada foi a de Bom Sucesso, atual município



Mapa 1. Divisão Administrativa de Alagoas – 1636-1763.
 Figura 3. Detalhe do Mapa “Província de Pernambuco”.
 Fontes: <http://bdlb.bn.br/acervo/handle/123456789/43443>
 Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

de Porto Calvo, cuja fundação se vincula ao fim do 1500. Já Madalena e Penedo do Rio São Francisco têm suas primeiras igrejas datadas das décadas iniciais do século XVII, entre 1616 e 1633.

O estabelecimento dessas primeiras capelas ou igrejas pode ser contextualizado em dois grandes movimentos de itinerância religiosa que, em paralelo às expedições de conquista da região, catequisavam e evangelizavam: a que percorreu o que hoje se conhece como Zona da Mata (litoral e Mata Atlântica), protagonizada, inicialmente, por franciscanos e carmelitas, e a que percorreu as bordas do Rio São Francisco, tendo à frente jesuítas e capuchinhos, os quais, a partir do século XVI, acompanhando o mesmo percurso da instalação das fazendas de gado, alcançam o sertão (QUEIROZ, 2015:37-51). Segundo Ferrare (2014:208, nota 15), os padres inacianos chegaram a transitar entre Porto Calvo e Madalena, especialmente no chamado período holandês, mas apenas através de uma “*itinerância efêmera de missionários*”, a serviço da resistência luso-brasileira, não mantendo residências fixas.²²

É na Zona da Mata, área que engloba todo o litoral nordestino, qualificada por uma geografia e um clima favoráveis ao plantio da cana-de-açúcar, que a política colonial aposta na ocupação e exploração econômica, através da fundação de engenhos e implantação de núcleos de povoamento, colocando a religião como parte dos investimentos que serão feitos para alcançar os objetivos desejados. É justamente essa a ambiência que se entendeu adequada para estabelecer uma povoação que viria a se chamar Madalena, localizada em uma região que ficaria conhecida como Alagoas do Sul.

De acordo com Curvelo (2014:45), as jurisdições da futura Madalena se originaram a partir de quatro sesmarias doadas a diferentes sesmeiros: a primeira deu princípio a Santa Luzia do Norte; a segunda à freguesia de Nossa Senhora da Conceição - Madalena, na área central; a

²² Os jesuítas chegaram a fixar residência no lugar onde hoje está a cidade ribeirinha de Porto Real do Colégio. Sobre a presença jesuíta em Alagoas, os interessados podem consultar Abelardo Duarte (1966) autor de um ensaio sobre o assunto.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

terceira e a quarta originaram São Miguel dos Campos e, a partir do século XVIII, uma parte da atual cidade de Atalaia.

2.3. “Seu nome seria Madalena”.

Observar uma cidade a partir de seus mortos, os lugares a eles dedicados, e como se celebrava essa passagem. Desta forma, se adentrará na pequena povoação de Santa Maria Madalena, às margens da Lagoa do Sul. De tímido núcleo à vila, e depois à cidade das sobreposições de tempos, da dinâmica dependente da religião, sobre a qual se sustentaram por tantos anos seus princípios básicos. Madalena das pessoas devotas e crentes; dos cortejos que tanto acompanharam os santos quanto os pecadores adormecidos em Cristo, conforme a visão da época. Cidade que, através da religião, se instrumentalizou para acolher ricos e pobres, brancos e negros, mas, sobretudo, para permitir o compartilhamento urbano e arquitetônico dos vivos e dos mortos.

Embora exista alguma controvérsia em meio aos pesquisadores quanto aos detalhes e data exata da origem de Madalena do Sumaúma, de acordo com a maioria dos relatos historiográficos, em 1591, o português Diogo Soares da Cunha recebeu uma sesmaria localizada na região das lagoas, tendo a Manguaba ao sul e a Mundaú ao norte, para iniciar atividades de povoamento e exploração econômica. Ali ele fundou três engenhos e distribuiu pedaços de terra para as primeiras pessoas interessadas na conquista do lugar (CURVELO, 2014:63).

Essa doação [sesmaria] abrangia uma data de cinco léguas de terras ao longo da costa e sete para o sertão. O ponto de referência era a boca da lagoa Manguaba, daí três léguas da costa para o sul, e duas léguas para o norte. Diogo Soares pedira estas terras para nelas criar vila, adiantando logo que **seu nome seria Madalena**. (DIÉGUES JÚNIOR, 1980:57, grifo nosso).

Estabelecer um núcleo de povoamento e torna-lo habitável não era tarefa fácil naqueles tempos iniciais. A maioria dessas povoações embrionárias, caracterizada por aquilo que

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Flexor (1988:90), define como “pequenos grupos bastante frouxos, pouco coerentes, compostos de construções esparsas” sofria limitações de todas as ordens, destacando-se a de manter seus moradores. O esforço de fixar o homem ao solo era comprometido por uma série de motivos e, não raras vezes, povoados inteiros foram abandonados levados pela escassez de colonos, dificuldade de convivência com os indígenas, falta de ferramentas e de mão-de-obra para a realização de atividades e serviços, carências no campo administrativo e jurídico, enfim, toda sorte de problemas que comprometiam a sobrevivência em meio tão adverso.

Ressalte-se que, no que tange à religião, a “falta de assistência espiritual e má qualidade dos religiosos” foram apontados pela pesquisadora como um dos elementos responsáveis pela dispersão, demonstrando a importância que tais agentes tinham na consolidação de um espaço habitado. (FLEXOR, 1988:93). Madalena sofreu as consequências dessa carência própria de um mundo novo a construir-se. De acordo com um relatório holandês, escrito em 1643, o processo de arregimentação de moradores não foi fácil. Em mais de uma ocasião houve a tentativa de estabelecer povoados em pontos específicos da sesmaria e a evasão dos colonos parecia recorrente:

(...) Diogo Soares distribuiu a diversas pessoas grandes parcelas de terra para serem povoadas; mas como os moradores (exceptuados mui poucos) **se retiraram para a Bahia [...]**levando suas cartas de doação (...); As terras situadas entre Porto Francez e a Ponte do rio Cabauna, que é o lado sudeste da lagoa do Sul, foram dadas por Diogo Soares a Gonçalo Ferreira, Gonçalo Fernandes e Francisco Martins. **Todos três retiraram-se** e por consequencias suas posses passaram para a Companhia. (...); Em seguida se encontram as 600 braças de Antonio Fuentes e meia légua de Simão André; **Ambos retiraram-se** (...). Começando do oriente ou da pequena igreja, a primeira doação foi feita a Manoel Gonçalves Evangelio e comprehendia meia légua ao longo da lagoa. **O donatário retirou-se por ocasião da guerra.** (WALBEECK E MOUCHERON, 1887:155-154, grifo nosso).

A prerrogativa do abandono das terras podia também configurar-se como uma espécie de trunfo a ser usado pela população, inclusive como elemento de barganha e negociação, quando lhe parecesse conveniente. Isso fica bem evidenciado no documento que descreve a reação dos moradores reunidos na câmara da vila de Madalena, no ano de 1677, ao tomar conhecimento do pedido do governador de Pernambuco, Dom Pedro de Almeida, no sentido

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

de contribuírem com mantimentos e escravos para reforçar as tropas que combatiam no quilombo dos Palmares. Nesse sentido, assim se manifestam: “(...) *reluctarão os povos e não quizerão dar escravos à escolta das vitualhas destinadas aos Palmares, dizendo que se a isso fossem obrigados, desprezariam a terra e irião fora della*” (CABRAL, 1873a:169).

Portanto, mais um aspecto da vida urbana, e que, embora se situe fora dela, tem fortes repercussões internas: o grande cenário rural e, além dele, nos seus recônditos, os quilombos, onde, se a pesquisa fosse adiante, possivelmente encontraria fortes sinais de religiosidade sincrética e de culto à Morte.

Além da evasão dos moradores pelos motivos anteriormente aludidos, outra ameaça pairava sobre os primeiros assentamentos urbanos na Colônia : a mudança de sítio por decisão do próprio Reino.

Madalena viveu essa situação, pois o local de implantação original da povoação teria sido onde hoje está situado o atual bairro de Taperaguá (figura 4 - III). É possível que esse assentamento se tratasse de um núcleo ainda acanhado e destituído de uma caracterização urbana mais consistente.²³ O que restou dele foi uma série de casas concentradas em torno de uma igreja dedicada ao Senhor do Bonfim e seu generoso adro, ainda hoje existentes (figuras 5 e 6- III).

O núcleo habitado migra desse local para o alto de um morro próximo, ali desenha os princípios de uma vida urbana e, ao longo do tempo, segue deslizando em direção à borda da lagoa.

²³ De acordo com os registros documentais essa primeira tentativa de estabelecer a povoação se dera em local inadequado, pois se tratava de terreno com cota baixa em relação ao Rio Sumaúma e à Lagoa Manguaba, sujeito, portanto, a inundações, além de ser de fácil acesso ao invasor, fazendo com que a vivência urbana estivesse sempre em estado de alerta. A bibliografia acessada não fornece maiores dados sobre o assunto, porém, o certo é que os colonizadores não devem ter demorado muito para constatar a inadequação do local às intenções de ocupação e exploração. Esse foi o argumento que fez com que o núcleo inicial fosse transferido para uma área considerada mais adequada, “*convenientemente situada à vista do mar, em um morro*” (BULLESTRATE, 1642, APUD FERRARE, 2014:226). A respeito dessa transferência, Cf. FERRARE, 2014:225.



Figuras 4, 5 e 6. Localização de Madalena e Taperaguá;
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Centro;
Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, Taperaguá.
Fontes: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL, 2012 e
Ana Cláudia Magalhães, 2012.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

As ilustrações mais antigas daquele assentamento inicial, feitas no início dos seiscentos pelos holandeses George Marcgrave e Frans Post, mostram uma povoação ainda muito incipiente, na qual, entretanto, já se vislumbra seus elementos mais marcantes: duas edificações de maior porte e uma via principal colocada entre elas, ladeada pelo que parece ser a representação de uma fileira de casas (ver figura 7 - IV). Essa composição corresponde ao conjunto edificado, hoje existente na parte mais alta da cidade, formado pelas Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Na extremidade de uma via secundária que desce em direção à lagoa, alguns anos depois será construído o Convento Franciscano.²⁴ A segunda ilustração, é uma visada frontal da mesma paisagem, na qual se vê, no alto de um morro, uma edificação religiosa envolvida por um cinturão de proteção, do tipo paliçada, dentro de uma prática usual na época de usar a edificação religiosa como elemento de fortificação e defesa. (ver figura 8 - IV).

Essas imagens sinalizam para a importância dos edifícios religiosos e, em consequência, embora a partir de uma alusão indireta, mostram também o lugar concedido à Morte naquela época.

Aparentemente, sem marcos legais organizando seu crescimento e, possivelmente, contando apenas com o que Murilo Marx (1991:12) chama de “*vagas recomendações sobre o feitiço urbano*”, Madalena teve na presença forte da religião o eixo norteador que apontou, ou estimulou, a direção para a qual deveria se encaminhar. Entre uma igreja e outra surgia uma continuidade de casas, nas adjacências delas foram se constituindo becos, ruelas; à sua frente amplos adros. Eram portas e janelas urbanas arejando o lugar, marcado por corredores contínuos de casinhas geminadas. Imagens de meados do século XX confirmam essa caracterização arquitetônica que, com poucas alterações, se mantém até hoje (ver figuras 10, 11 e 12 - V).

²⁴ As imagens holandesas aqui apresentadas podem ser mais detalhadamente conhecidas a partir da análise apresentada por Machado e Muniz (2011:3-10).

Igrejas, conventos, cemitérios

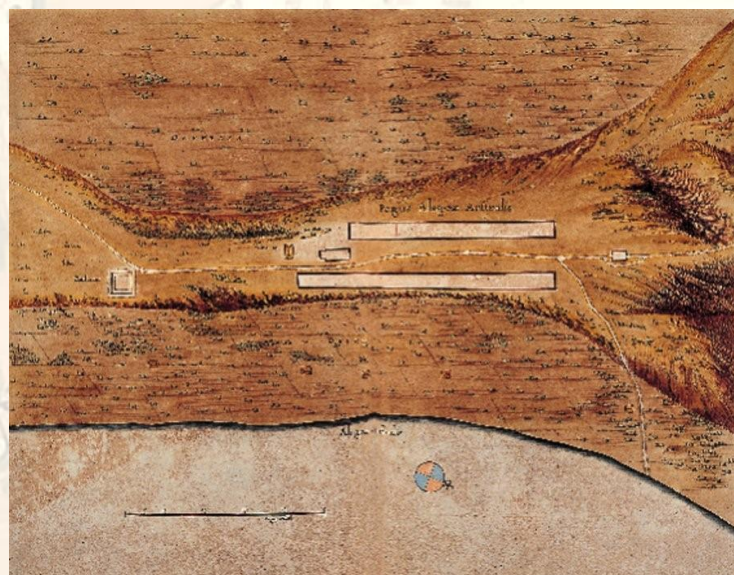
o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A arquitetura religiosa produzida no Brasil teria recebido do Concílio de Trento, inicialmente, e depois das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, determinações muito definidas oriundas de um sínodo ocorrido no ano de 1707, cujo objetivo era fornecer os elementos necessários à organização religiosa da América portuguesa.²⁵ O longo documento continha preceitos bem claros quanto à implantação no sítio, orientação solar, relação com o casario circunvizinho e pactos celebrados entre uma edificação e a outra. Além disso, detalhava a forma e o conteúdo das celebrações, definia a conduta do católico e do clero, determinando o lugar reservado aos santos e aos pecadores dentro do ambiente urbano e religioso.

Com sua inserção nas vilas e cidades clarificada por essa legislação própria do organismo institucional ao qual pertenciam, as igrejas atuaram como agentes definidores do ambiente urbano, ao atrair ruas e influenciar desenhos, contribuindo significativamente para afirmação da importância da urbe uma vez que a população - fosse ela urbana ou rural, livre ou escrava, pobre ou rica, carecia dos serviços oferecidos pelo clero (cerimônias, rituais, sacramentos) e para elas afluíam, estimulando e fortalecendo a vitalidade econômica e cultural do lugar.

O universo colonial privilegiou tais edificações uma vez que nesses espaços de natureza cerimonial eram desenvolvidas atividades essenciais, sem as quais uma sociedade submissa à cultura católica não sobreviveria. Madalena estava inserida nesta dinâmica de forte associação entre religião, política e economia. Nesse sentido, admite-se que um dos elementos mais importantes na definição da sua personalidade urbana foram as igrejas. A elas eram destinadas porções maiores de terras, o que lhes permitia ficarem soltas nos lotes; ficavam sempre em lugares topograficamente destacados, atraindo a atenção de qualquer lugar onde se estivesse; apresentavam porte monumental em relação ao casario vizinho, conforme é possível visualizar no mapa 2 (VI). A figura 13 (VI) ilustra bem essa situação de proeminência do

²⁵ “Além de normas relativas ao funcionamento da liturgia católica, a obra *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* traz regras de natureza administrativa a serem seguidas pelo clero. Impressas em Lisboa (1719) e em Coimbra (1720), e no Brasil apenas em 1853, estas *Constituições Primeiras* referem-se também a questões como casamento, direito de asilo e outros institutos jurídicos. Seu autor, D. Sebastião Monteiro da Vide, foi arcebispo entre 1702 e 1722”. In: <http://livraria.senado.gov.br/edicoes-do-senado-federal/constituicoes-primeiras-do-arcebispado-da-bahia.html>.



“Em toda a sua modéstia, essa era por volta de 1640, a Vila de Santa Maria Madalena”. (REIS, 2000:325).

Figuras 7, 8 e 9. Pagus Alagoae Australis, por George Marcgrave/1647.
Alagoa ad Austrum, por Frans Post/1643.
Mappa tipográfica dos portos e costa da Bahia de todos os Santos Olinda e Pernambuco.

Fontes: REIS b, 2000:69-70

<http://bdlib.bn.br/acervo/handle/123456789/37146>

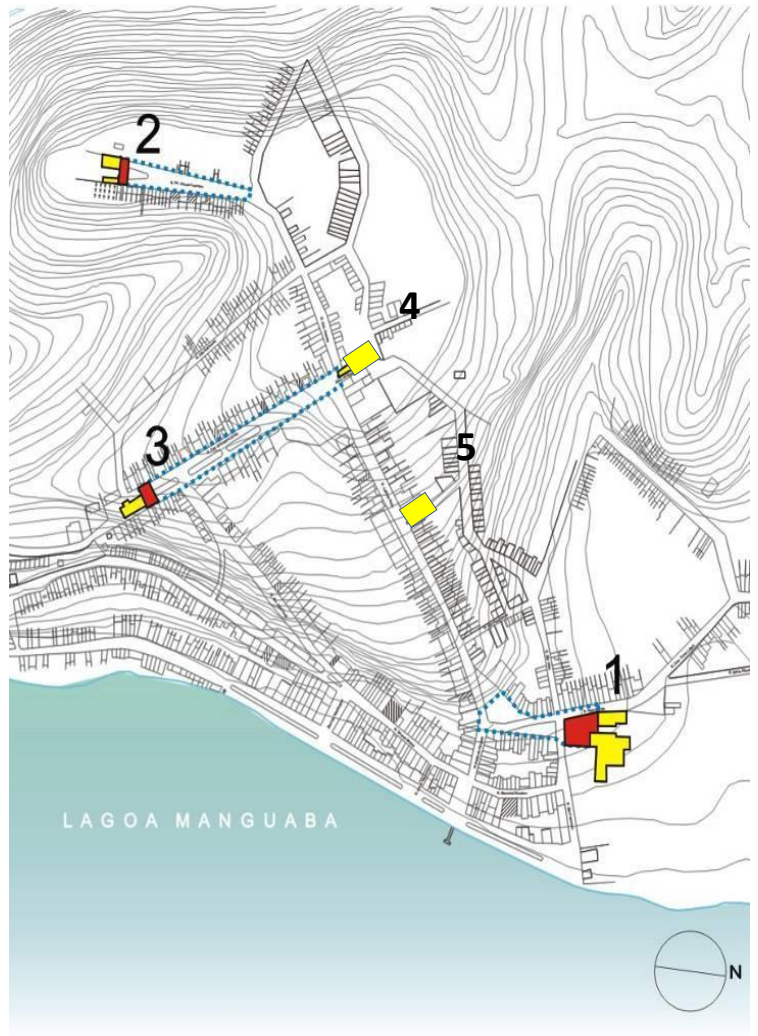


Figuras 10, 11 e 12. Perfil arquitetônico e urbano da cidade:
ruas, casas, quintais e lagoa..

Imagens do casario, anos 50, século XX.

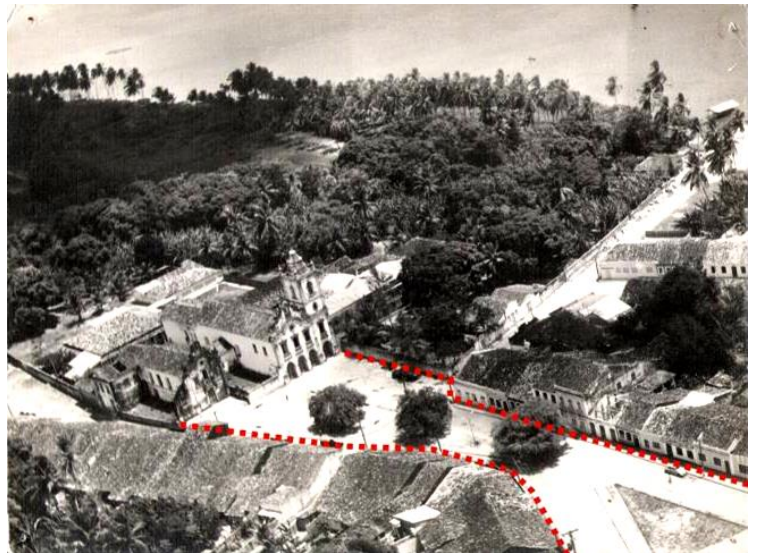
Fontes: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/marechal-sera-sede-do-governo-de-al-no-dia-da-proclamacao-da-republica.html>

Acervo Digital do Iphan.



Legenda:

1. Convento Franciscano
2. Convento Carmelita
3. Igreja Matriz
4. Igreja do Rosário
5. Igreja do Amparo



Mapa 2. Localização das igrejas, destacando seus adros.

Figura 13. Adro do Convento Franciscano.

Fontes: Arquivo da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, adaptado por Érica Albuquerque, 2010.
Arquivo da Superintendência do IPHAN em Alagoas, adaptado por Érica Albuquerque, 2010

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

edifício religioso em relação à sua vizinhança, aqui exemplificada pelo Convento Franciscano de Santa Maria Madalena. É de fundamental importância ressaltar que as igrejas eram privilegiadas na política fundiária da época e por isso recebiam, para o sustento do templo e do padroeiro, generosas parcelas de terras, das quais podiam dispor para seu próprio crescimento e, inclusive, para gerar renda. Eventualmente, elas ofertavam o que Murilo Marx (1991:40) chama de “*pequenos chãos*”, cedidos geralmente a pessoas mais pobres, e assim, garantindo gente à sua volta. Esse tipo de destinação é reconhecido pelo pesquisador como “*brechas no sistema sesmarial*”, que não chegam a contrariá-lo, mas sim o prolongam, já que, no fundo, continuam servindo aos seus interesses (MARX, 1991:36). Nessa perspectiva, o patrimônio fundiário religioso funcionava como um propulsor do crescimento citadino.

O “solo de um santo”, conforme analisado por Murilo Marx, funcionava como um agente agregador, que reunia partes ainda dispersas. A prerrogativa de dispor da terra urbana fazia da Igreja uma das mais poderosas forças de aglutinação, uma espécie de entidade em torno da qual as identidades se reconheciam e se consolidavam.

Os elementos citadinos que mais fortemente materializaram essa mentalidade dominada pela força da instituição católica foram, sem dúvida, as capelas, igrejas e conventos. A cultura religiosa estimulou o aparecimento desses edifícios os quais, definiram a trama urbana sequente, desenhando ruas e largos, nos quais se projetaram com destaque.

Mais que espaços de celebração a serem realizadas em função dos vivos, capelas, igrejas e conventos confirmaram a importância das cerimônias que promoviam a convivência solidária entre vivos e mortos; ruas e largos organizaram-se em função de cortejos, procissões, percursos de sepultamentos; homens e mulheres, de classes sociais diferentes, passaram seus dias em função da vida no pós-Morte. Todos esses elementos coletivamente construídos e vividos, criaram e enriqueceram uma paisagem, contribuindo para a qualificação do espaço habitado chamado Madalena.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Rubenilson Teixeira (2009), explorando um universo de estudo localizado no Rio Grande do Norte, produziu uma tese onde a experiência religiosa de alguns núcleos habitados foi destacada, levando o autor a afirmar que a compreensão da sua dimensão urbana, em relação ao uso, à forma e à função, não poderia acontecer sem que fosse problematizada a partir de uma perspectiva cristã. Suas cidades, conforme visto pelo pesquisador, nascem inseridas em um projeto religioso que, em grande medida, as determina, sendo, posteriormente, objeto de “*metamorfose social e espacial*” quando um irreversível processo de secularização se instala (TEIXEIRA, 2009:39). A história da velha Madalena possibilita identificar muitas associações com essa “*Cidade de Deus*”, conforme alcunhado pelo autor, que tem na religião seu acento mais destacado e influente e, por isso, inviabiliza qualquer tentativa de pensa-la à parte desse universo e dos fenômenos a ele associados.

Na condição de abrigo de fenômenos de natureza religiosa e cultural ligados à Morte, imprescindíveis à dinâmica colonial, Madalena foi afetada em sua experiência como lugar, pois foi submetida a um intenso investimento voltado para o adequado atendimento à cultura funerária e à chamada “Boa Morte”: assistida, precedida da extrema-unção, acompanhada de rezas e luto.

2.3.1. A afirmação da vivência religiosa em grupo: igrejas, conventos e irmandades.

“Assisti-me durante a vida, consolai-me na hora da morte”.²⁶

Nas primeiras décadas do seiscentos a Igreja Matriz dedicada à Nossa Senhora da Conceição já existia. Não se tem a data exata da criação da Freguesia, entretanto, sabe-se que, em 1631, quando começa a invasão holandesa na Capitania de Pernambuco, ela já havia alcançado esse posto, embora, sabendo-se que essa distinção de natureza eclesiástica, em um espaço e tempo marcados pela carência absoluta, tinha muito mais reverberação administrativa, social e política do que atendimento a demandas religiosas.

²⁶ Trecho de uma oração a Nossa Senhora do Carmo.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Não era somente o acesso garantido então à desejada e necessária assistência religiosa que se obtinha, mas também o reconhecimento da comunidade de fato e de direito perante a Igreja oficial, portanto, perante o próprio Estado. Não era apenas o acesso ao batismo mais próximo, ao casamento mais fácil, ao amparo aos enfermos, aos sacramentos na morte, mas também à garantia do registo de nascimento, de matrimônio, de óbito, registro oficial, com todas as implicações jurídicas e sociais. Não era somente o acesso ao rito litúrgico que propiciasse no cotidiano, nos faustos e infaustos, o conforto espiritual; era também o usufruto da formalidade civil com todo o direito e a segurança que pudesse propiciar. (MARX, 1991:18).

A presença da igreja e do sacerdote disponibilizava ao aparato administrativo/político um poderoso instrumento de controle da população em geral, através dos registros eclesiásticos realizados e enviados regularmente ao governo da Província, contendo relação de nascimentos, batizados, casamentos e óbitos.²⁷

Além disso, uma igreja Matriz era um elemento estruturante em vários sentidos e sua presença era condição para a elevação de um simples arruado em povoação e demais hierarquias com que se classificava, à época, os espaços habitados nascentes: povoado, vila e cidade (TEIXEIRA, 2009:56). Apesar disso, não se espera que, em seus princípios, o edifício dedicado à Nossa Senhora da Conceição, em sua apresentação física, fosse muito mais que uma capelinha, mas o peso do título de Matriz lhe conferia superioridade em relação às demais edificações religiosas que por ventura existissem na vizinhança, com impacto direto na dimensão política local. Como sede da autoridade eclesiástica local, ela era a legitimação mais forte do poder da Igreja. Além disso, ali se reunia a Irmandade mais antiga do lugar, formada pelos “*homens bons*” da terra.²⁸

A devoção à Conceição se liga à própria origem de Madalena, quem sabe trazida pelo dono da sesmaria ou pelo primeiro colono que ali se estabeleceu. O culto mariano, nas diversas formas

²⁷ A documentação primária, de origem oitocentista, pesquisada, na forma de relatórios, ofícios e falas dos presidentes da província, cartas de padres, documentos das câmaras, etc, mostram que demandas governamentais a respeito deste tipo de informações eram comuns e os vigários eram instados a manter controle, registrar e informar ao governo todas as movimentações da sociedade civil.

²⁸ De acordo com Ortmann OFM (1951:18), “o termo *homens bons* é de aceção jurídica e as leis qualificam assim as pessoas gradas do povo, que figuram em listas especialmente feitas com o direito de voz passiva e ativa nos cargos públicos”.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

com que se manifestou, era forte em Portugal, especialmente no que se refere à Imaculada Conceição de Maria. Muito cara aos portugueses, dos quais é padroeira, foi por eles transplantada para a Colônia, como que legitimando e, ao mesmo tempo, protegendo todos os sonhos de conquista e enriquecimento.²⁹ O frade Agostinho de Santa Maria (1707:8-12) destaca essa devoção lusitana, registrando as edificações religiosas, a ela dedicadas, existentes na cidade de Lisboa. No início do século XVIII, a cidade tinha quarenta e seis conventos masculinos e trinta e seis conventos femininos, e entre os primeiros, vinte e cinco dedicados à Maria e entre os segundos, dezenove; quarenta e três paróquias, sendo treze dedicadas à Maria; vinte e nove ermidas com a mesma devoção. O religioso acrescenta ainda aos seus registros que há de se considerar as quintas e casas de campo distribuídas no meio rural, onde as devoções domésticas eram tão fortes quanto nas cidades e que, frequentemente, também se ligaram ao culto mariano.

Do referido se vé, que todo esse nosso Reyno he hú continuado Templo & casa da Mãe de Deos, & da nossa soberana Senhora Maria santíssima (...); por que ella he a que nos ampara, a que nos assiste, & a que nos defende (SANTA MARIA, 1707:11).

Nessa mesma perspectiva devocional, foram eretas as igrejas mais antigas de Alagoas, tendo como padroeira Nossa Senhora e, é possível, que essa destinação já estivesse previamente estabelecida nos documentos de criação das freguesias: Nossa Senhora da Apresentação - século XVI, em Porto Calvo, Nossa Senhora da Conceição, em Madalena, e Nossa Senhora do Rosário, em Penedo, nas primeiras décadas do século XVII (AGUIAR, 1985:109).

Não é por acaso que, em 1633, ao passar pela povoação, os holandeses fazem questão de incendiar, além de casas e canaviais, também a igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição. Embora sem desconsiderar outros interesses de guerra relacionados a uma desestabilização política e, sobretudo, econômica, é possível supor que, destruir a estrutura material do templo mais significativo era também aniquilar um ícone de status urbano e de

²⁹ De acordo com Cavalcanti (2011), os frades franciscanos receberam a incumbência de introduzir na Colônia o culto à Imaculada Conceição, que já era padroeira da Ordem desde 1422.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

coesão social. Essa suposição encontra apoio em Durkheim (1996:241) quando afirma, “*sem símbolos, os sentimentos sociais não poderiam ter senão uma existência precária*”. Atingir essa igreja, portanto, de certa forma era atingir seus fundadores, ou seja, toda a elite rural e urbana, cuja presença também era legitimada pelas ações voltadas para os assuntos religiosos.³⁰

As consequências físicas desse prejuízo foram difíceis de reverter. Apesar de todo o valor que tinha na constituição de referências e na afirmação do poder, o século XVII já ia findando e a Matriz continuava carregando as sequelas do incêndio,³¹ embora, por muitos anos, a população, ciente de sua importância, tenha tentado reconstruir o edifício arrasado, sem obter sucesso devido à falta de recursos suficientes.³² De acordo com narrativa contida no 2º Livro de Vereações da Camara das Alagoas, no ano de 1672, autoridades e “*alguns homens bons do povo*” de Santa Maria Magdalena da Lagoa do Sul, além do vigário e o procurador da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, se reúnem na Casa da Câmara para organizar as providencias relacionadas à reedificação do edifício, alegando que a “*villa estava sem igreja matriz suficiente para se celebrar o culto divino*”.³³

Decidiu-se, naquela ocasião, que toda a arrecadação relativa ao pagamento de taxas sobre a aguardente, azeite, vinho e sal, seria destinada à obra. São poucas as referências a respeito de como a população lidou com isso. Ao mesmo tempo que a reconstrução da Matriz era um

³⁰ De acordo com Curvelo (2014:55), naquela época, Madalena, além de ser preciosa fonte de suprimentos, era uma região estratégica, local por onde as tropas passavam, e que, portanto, favorecia tanto os movimentos de ocupação feitos pelos holandeses, quanto os de resistência, feitos pelos luso-brasileiros. Daí seu saque e destruição de elementos vitais, como casas, igreja e unidades de produção.

³¹ Em 1656, o Alcaide-Mor da vila de Madalena, Gabriel Soares, destina para a Confraria de Nossa Senhora da Conceição o dinheiro decorrente de taxas cobradas por uma parcela de terras ali existentes, e certamente um dos objetivos era que o recurso contribuísse na reedificação da Matriz, onde a associação leiga se reunia (CABRAL, 1879a:2).

³² A bibliografia acessada aponta a possibilidade da igreja incendiada pelos holandeses ter sido reconstruída em outro local, diferente do original, tema discutido por Josemary Ferrare, em sua tese de doutorado. Entretanto, não se adentrará nessa seara, por já ter sido devidamente aprofundado pela pesquisadora. Para efeito dessa pesquisa, se considerará apenas que a edificação que abrigava a Matriz foi incendiada e reconstruída, sem se deter se houve alteração na localização ou não.

³³ REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLÓGICO E GEOGRAPHICO ALAGOANO, 1879:24-25.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

desejo coletivo, também não devia estar totalmente apaziguado o fato do povo arcar com todas as despesas decorrentes, já que, até então, o Reino não assumira qualquer compromisso com a obra. Um breve vislumbre de que subsistia alguma tensão em meio à aparente submissão da população colonial, aparece na citação de João Francisco Dias Cabral, referente ao ano de 1679, ao ressaltar que, ao ser imposta nova “finta”, dessa vez para a obra da cadeia, “respondeu o povo que pesado era esse encargo, sendo crescidos os gastos com a reconstrução da matriz, até então sem o menor auxilio do bolso de S. Alteza”.³⁴ Apenas a partir de 1755 o governo contribui para a continuação dos serviços, assumindo a construção da capela-mor (CABRAL, 1879a:3).³⁵

Mais de um século depois, a obra parecia ainda arrastar-se, apesar das alusões dos moradores à necessidade de finalização. De acordo com um manuscrito datado de 1766, identificado por Josemary Ferrare no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, o vigário e alguns moradores da vila encaminharam ao rei D. José de Portugal, um pedido de ajuda para continuação dos serviços necessários à reedificação da Matriz:

Peço a Vossa Magestade pelo amor de Deus; e de Nossa Senhora da Conceição Padroeira do Reyno e Tutelar daquela Igreja, e por hum muito natural efeito da Real grandeza, e Piedade de Vossa Magestade seja servido mandar uma esmola e ajuda de custo para se aperfeiçoar a obra referida (...). (AHU_ACL_CU_004, Cx. 3, D. 185 Apud FERRARE, 2012:7).

Completar a obra e adequar o espaço físico à sua importância era confirmar uma preponderância dentro da estrutura hierárquica da Igreja, bem como manifestar o status político do lugar. Em 1711, a vila passara a ser sede da Comarca, posto conquistado após disputa com Penedo e Porto Calvo, o que demonstra uma articulação forte da qual sai vitoriosa (Cf. CURVELO, 2011). Anos depois, em meados do século XVIII, Madalena torna-

³⁴ A respeito da palavra “Finta” Bluteau informa que (1789:617) trata-se de um “tributo real pago do rendimento da fazenda de cada sobdito; de ordinário se impõe para obra pública, v. g. para pontes, ou por ocasião de guerra: também põe ou lança fintas, as Câmaras, com licença del-Rei. § Collecta, ou somma junta, do escote, e contribuições de vários para despeza em commum”.

³⁵ Na maioria das vezes, a capela-mor, haja vista seu destaque dentro do conjunto da igreja, tinha suas custas assumidas pelo Coroa Portuguesa.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

se a sede da Vigararia Geral, e seu vigário tinha jurisdição sobre todas as demais paróquias da Província (AGUIAR, 1985:116).³⁶ Seu aparato administrativo e político, portanto, era mais destacado que o das demais vilas já que ali estava concentrado um poder e sua expressão arquitetônica e urbana deveria atestar e confirmar isso.

Se em 1642, o Conselheiro holandês, Adraen Van Bullestrate, ao passar pela localidade, deixa registrado que ela estava “*inteiramente incendiada e destruída*”, entre 1696 e 1700, ela já contava com cerca de dois mil e setecentos habitantes livres, distribuídos em quinhentas e quarenta casas (CURVELO, 2014:69). Tendo passado por um processo de reconstrução econômica (e mesmo populacional) que se iniciara a partir de 1650, como resultado, em 1712 dispunha de vinte e seis engenhos de cana-de-açúcar, (CURVELO, 2014:57-68).³⁷

A Matriz não deixava de ser uma expressão física desse posto conquistado e, certamente, exercia importante papel junto às operações ligadas à Morte. Nela eram celebradas as solenidades religiosas e políticas mais destacadas da região.

Em conformidade com o que as normativas canônicas prescreviam, a Matriz tinha uma proeminência que não apenas a afirmava fisicamente em relação ao seu envoltório construído, mas, também, no atendimento às necessidades do ideário político/religioso, de modo a garantir a conquista de almas e de convicções.

As Igrejas Parochiaes terão Capella maior, e cruzeiro, (...). Terão pias Baptismaes de pedra, e bem vedadas de todas as partes, almarios para os Santos Oleos pias de agoa benta um pulpito, confessionários, sinos, e casa de Sacristia; e haverá no âmbito, e circunferências delas adros e, cemiterios capazes para nelles se enterrarem os defuntos (VIDE, 1853:253).

³⁶ De acordo com Dom Otávio Aguiar (1985:116), a data da criação da Vigararia Geral é ignorada, mas sabe-se que existia em 1755.

³⁷ Curvelo (2014:67) informa que, em 1655, dos seis engenhos existentes nas primeiras décadas do século XVII, restava apenas um em funcionamento, estando os demais arruinados.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

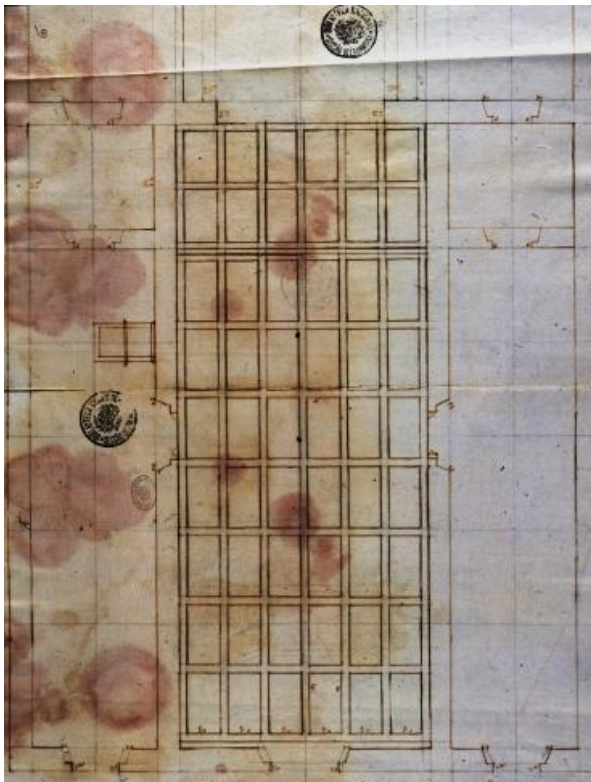
A sacralidade dessa igreja estava não apenas no prédio, mas, igualmente na área não edificada adjacente, garantida na presença do adro e do cemitério que a envolvia. Daí resulta a influência que teve na dinâmica de crescimento do lugar. Convém lembrar que, de acordo com o que se observa da iconografia holandesa já mostrada anteriormente (Figura 7), os primeiros moradores foram se acomodando na sua vizinhança, sendo possível afirmar que ela está diretamente ligada ao processo de expansão urbana, a partir da qual a malha viária foi se desdobrando em direção a outros pontos.

Portanto, é movida pela reverência àquela que era vista como um símbolo materializado da fé, a própria casa de Deus e de Maria na terra, que a população se movimenta para reconstruí-la após o incêndio. No manuscrito do Arquivo Ultramarino, já citado anteriormente, junto com o pedido de ajuda financeira para a reedificação da igreja, também era descrito o estágio em que se encontrava a obra e estava incluído um desenho com uma proposta arquitetônica, constando de fachada e planta baixa mostrando a nave e corredores laterais, os quais parecem ter sido modulados a partir das campas (figuras 14 e 15 - VII).³⁸ Aparentemente, esse conjunto de documentos enviado ao Reino deu o necessário impulso para o apoio aos serviços faltantes. O frontispício da igreja, parte geralmente deixada por último no conjunto da obra, traz uma cartela com a datação de 1783, indicando o ano de sua conclusão (ver figuras 16 e 17).³⁹

Alguns elementos chamam a atenção na planta baixa desenhada para a Matriz. Inicialmente o ineditismo desse risco setecentista para uma igreja em Alagoas. Além disso, convém acentuar o fato do planejamento do recinto da nave incluir os espaços destinados aos sepultamentos. Identifica-se na planta a apresentação de um módulo construtivo que toma como base a

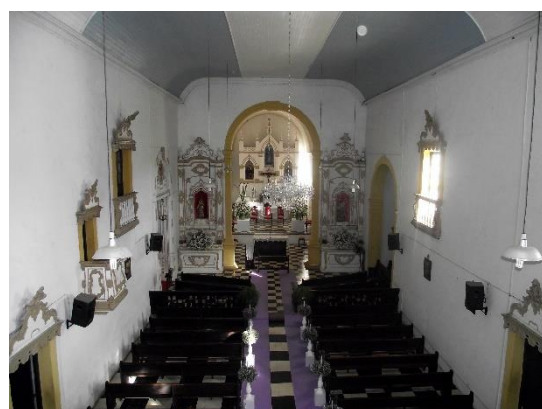
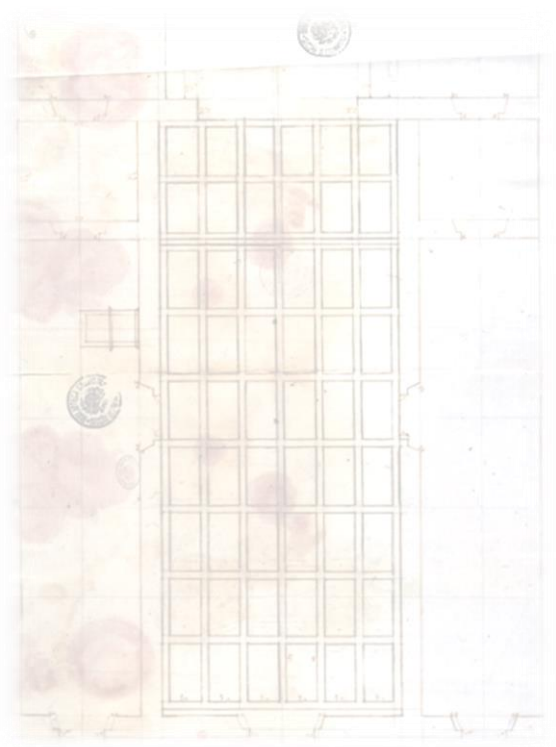
³⁸ O projeto identificado por Ferrare no Arquivo Ultramarino era em preto e branco. A planta e fachada apresentada nesta tese é colorida e foi encontrada em pesquisa eletrônica, conforme indicado na fonte.

³⁹ De acordo com a fachada proposta no projeto, a igreja teria duas torres, mas não se sabe os motivos para a supressão de uma delas, bem como de outras alterações que se destacam quando se compara o frontispício atual com o planejado (ver figuras 16 e 17). Apesar da inscrição referente à finalização da obra ter sido 1783, não é seguro afirmar que, naquele ano a edificação estivesse de todo terminada já que, apenas em 1822 se construiu a torre sineira direita que, por sua vez, esperou quatro anos para receber um sino (SANT'ANA, 1970:12).



Figuras 14 e 15. Desenho a bico de pena representando a fachada e detalhes ornamentais das torres sineiras, planta baixa para a Igreja Matriz, 1766.

Fonte: <https://bdlb.bn.gov.br/redeMemoria/handle/123456789/301360>.



Figuras 16 e 17. Fachada e nave da Igreja Matriz.
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2012

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

dimensão e disposição das campas, as quais aparecem bem definidas em toda a extensão da longa nave e corredores laterais, como, de fato, era comum em expressiva parte das edificações religiosas da época. Fica demonstrado que o lugar destinado aos mortos era pensado antes do prédio ser entregue e usufruído pelos vivos. Demonstra também que essa destinação não era acessória, nem tão pouco secundária, mas protagonista, e, certamente, estava prejudicada pelos danos resultantes do incêndio, podendo ser um dos fortes motivos para a urgência na finalização da obra.

Apontar a localização das sepulturas na traça das edificações religiosas não era incomum em Portugal e certamente essa era uma das partes às quais se dedicava todo empenho no projeto (figuras 18 e 19 - IX). O desenho da nave da Igreja de São Domingos, na cidade do Porto/Portugal ressalta a precisão geométrica com que se tratou a disposição das sepulturas no interior do edifício e o seu alinhamento com os elementos definidores do espaço interno - paredes e pilares. As molduras chanfradas das campas parecem insinuar a busca por uma relação com as demais referências formais dos componentes da nave. Ou seja, percebe-se que pensar as sepulturas envolvia um planejamento tão cuidadoso quanto aquele prestado aos demais elementos constitutivos do edifício, exigia um investimento não apenas do cálculo matemático que alinhasse o espaço interno aos módulos necessários para os enterramentos, mas, também, associando um valor estético.

O projeto da Matriz, contendo um desenho que considera as campas distribuídas no chão da nave é, portanto, emblemático, não apenas pela raridade já alegada no contexto dos estudos locais, mas, particularmente, por conferir à sepultura um papel fundamental dentro da concepção do edifício religioso, decorrendo que, nessa perspectiva, as práticas funerárias eram componentes essenciais dentro do conjunto de funções ao qual a Igreja Matriz deveria corresponder e, portanto, estavam relacionadas aos usos que se fazia no espaço interno, definindo, inclusive, sua morfologia. Decerto que quando concluída a igreja alcançara a proeminência que caracterizava uma Matriz, seja no aspecto externo, através da volumetria imponente, seja no espaço interno, adequado para acolher as celebrações que certamente ali

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

aconteciam, ou, ainda, no arranjo interno que permitia a retábulos, púlpitos, capelas laterais, imaginária completar o espaço cenográfico do discurso de influência barroca (ver figuras 20 e 21 - X).

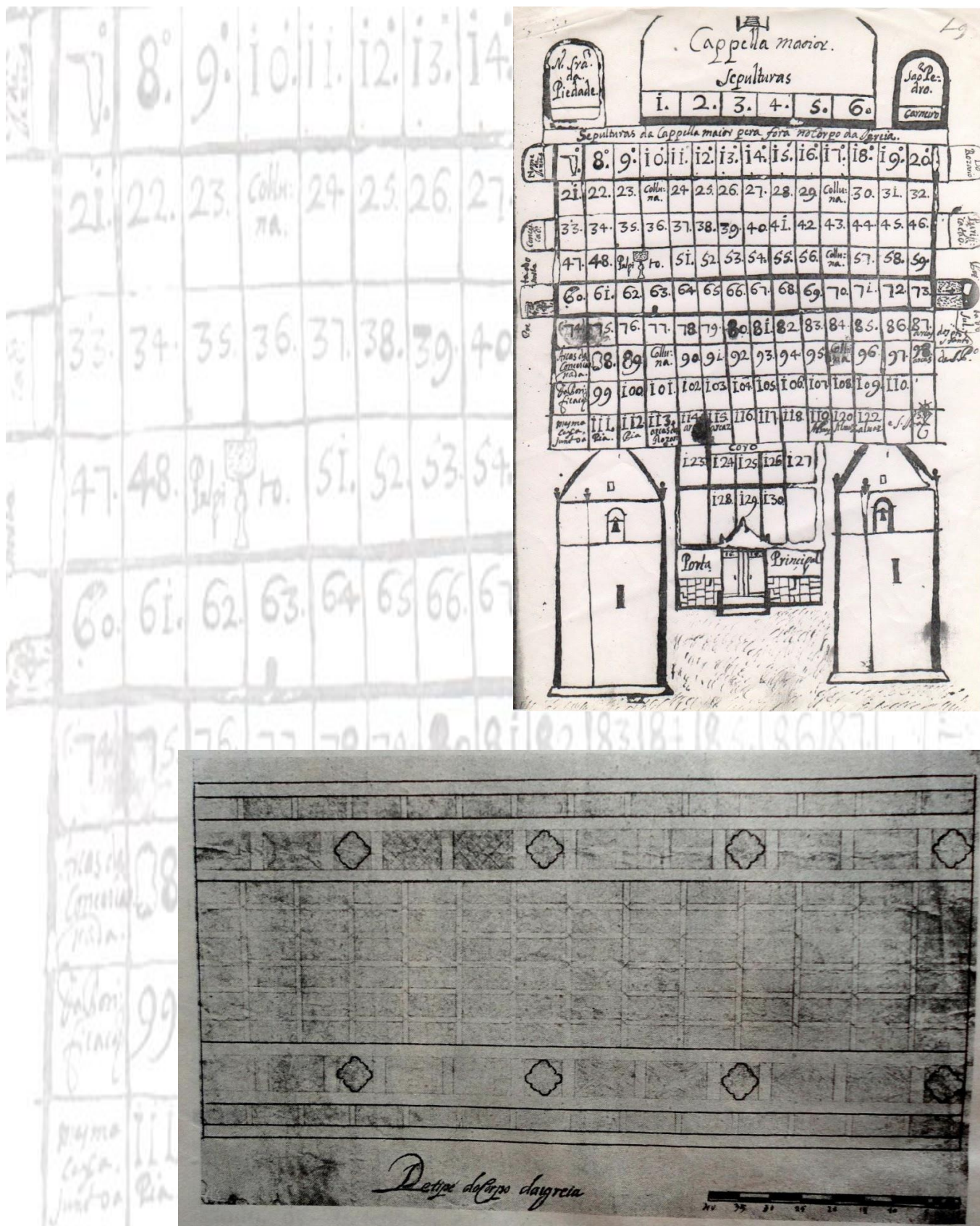
A documentação mais antiga produzida a respeito dessa igreja, à qual se teve acesso, manteve o foco no aspecto material, pouco sendo revelado sobre as cerimônias ali desenvolvidas, ou sobre os cultos e devoções voltados para a Morte que alimentavam seu conteúdo simbólico perante a população, embora se saiba que ela abrigou a maior parte dos eventos da precária vida social da povoação nascente, e não apenas os religiosos. Constatase isso nas cerimônias de natureza laica realizados na Matriz, com objetivos cívicos e políticos, a exemplo do que ocorre em 1819, na posse de Francisco de Melo e Póvoas, primeiro governador destacado para assumir a nova Província, quando ela se separa de Pernambuco. Segundo as referências:

A posse foi muito festejada e a antiga villa das Alagoas revestiu-se de galas para o acto que teve logar na Matriz, para onde foi vindo o Senado da Camara, o desembargador, ouvidor da Camara, o clero secular, a nobreza, o povo” (IZIDORO, 1904:36).

No que diz respeito à função cemiterial exercida pela Matriz, o testamento do Alcaide-Mor de Madalena, Gabriel Soares, datado de 1658, comprova que a igreja atendia a esse fim desde o século XVII, apesar das alegadas reclamações quanto às suas condições físicas, reiteradamente feitas pela Câmara e irmandade, pós incêndio:

(...) que sendo Deus servido levar-me da vida presente se a o tempo de minha morte tiver já feito capella no engenho que ora fais onde moro invocação de Nossa Senhora do Rosario sera nella meu corpo sepultado e não tendo inda feito da sua capella sera sepultado na igreja Matris desta Villa (...). (Doc. 009. Cx. 01. _ Doc. 4 do IHGAL. Apud FERRARE, 2014:225).

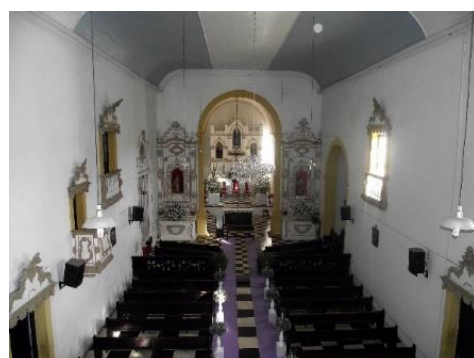
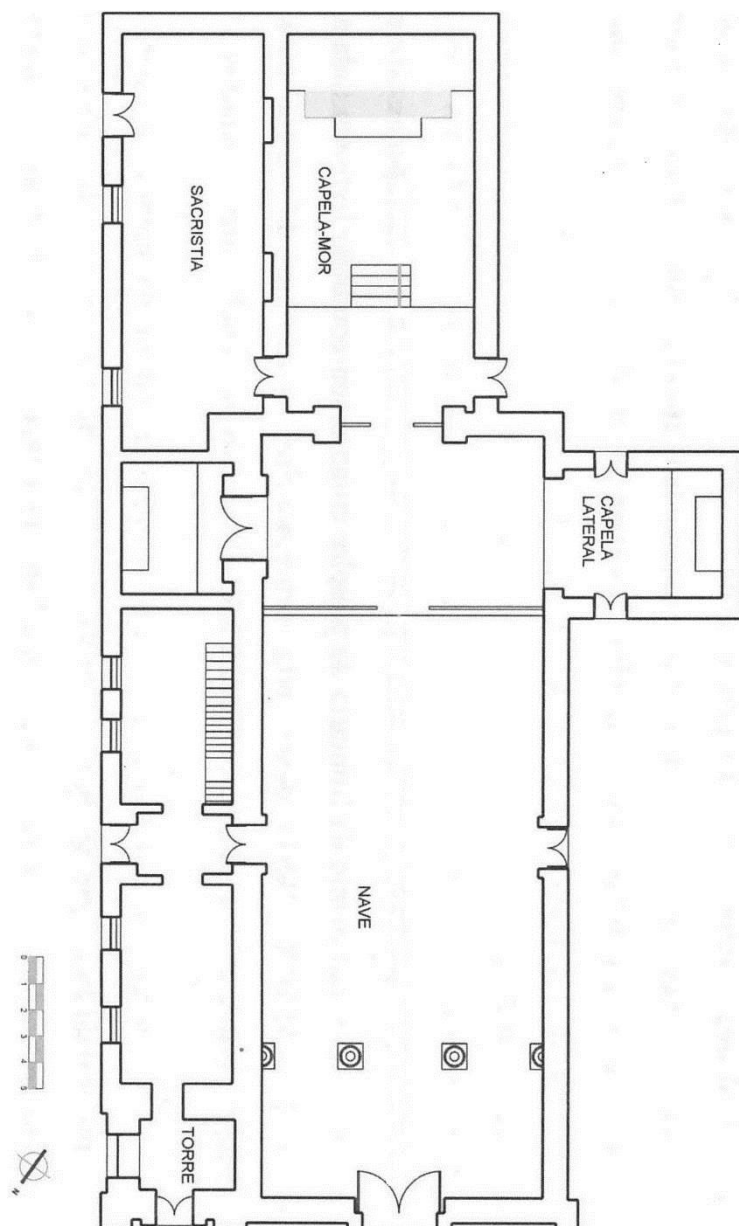
Ora, o trecho destacado nesse testamento traz alguns elementos interessantes que cabe destacar: Gabriel Soares, homem branco e membro da classe senhorial, revela sua devoção por Nossa Senhora do Rosário, pois a coloca como padroeira da capela do seu engenho, demonstrando que esse culto não era exclusividade de africanos escravizados, conforme



Figuras 18 e 19. Plantas Baixas com indicação das sepulturas da Igreja do Divino Espírito Santo, Montijo, Portugal-Livro das Sepulturas, 1685, e Igreja de São Domingos/Séc. XIII, Porto.

Fontes: <http://ruki-luki.blogspot.com.br/2012/06/>

<https://aportanobre.blogspot.com.br/2012/08/igreja-gotica-de-s-domingos-2.html>



Figuras 20 e 21. Planta baixa do pavimento térreo da Igreja Matriz;
Fachada e imagens internas da nave .

Fontes: FERRARE, 2014:282

<https://www.almadeviajante.com/fotos-cidades-historicas-alagoas>

Ana Cláudia Magalhães/2012

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

recorrentemente se afirma; essa capela é a escolhida como o lugar para sua sepultura, o que mostra que os engenhos locais possuíam seus próprios templos e que eles se constituíam em espaços cemiteriais significativos em relação aos disponíveis nos meios urbanos;⁴⁰ É possível conjecturar, também, que os membros da elite agrária podiam escolher ser enterrados onde melhor lhes convinha e que ser sepultado junto ao símbolo da devoção – no caso de Gabriel Soares, a capela do engenho, podia ser mais valorizado que o status de uma edificação urbana de maior porte e significação política/religiosa, representada pela Matriz de Madalena.⁴¹

Em relação às edificações religiosas de engenhos, Manoel Diegues Junior, no livro *O Banguê nas Alagoas*, publicado originalmente em 1949, ressalta que ali, não apenas se comemorava festas, casamentos, batizados, botadas, mas também se celebrava o luto. “*Enterravam-se na capela os mortos queridos*” (DIEGUES JÚNIOR, 2006:217).⁴² Fazendo referência aos testamentos aos quais teve acesso, o autor nomeia os muitos senhores alagoanos que, a exemplo do Alcaide-Mor de Madalena, manifestaram seu desejo de serem sepultados em suas capelas particulares. Ainda hoje, é possível encontra-las nos engenhos remanescentes do período colonial. São construções de grande significação dentro do contexto de uma unidade produtiva colonial, onde se celebrava tanto o santo quanto a colheita.

Mas, se aos senhores estava destinado o solo sagrado das suas capelas, qual seria o destino final dos corpos dos escravos mortos que trabalhavam nas unidades de produção do açúcar? Apesar de não terem sido encontrados registros de como isso era tratado no âmbito dos

⁴⁰ Em 1664, a Câmara de Madalena é convocada a mandar fixar nas portas de todas as igrejas dos engenhos um aviso, o que insere esse tipo de edificação como parte da estrutura religiosa local disponível nos seiscentos. (Cf. CURVELO, 2014:157).

⁴¹ “*Terceira invocação mais frequente no conjunto das irmandades portuguesas do século XVIII, Nossa Senhora do Rosário compôs, ao lado das Almas do Purgatório e do Santíssimo Sacramento, a tríade devocional mais popular em Portugal no período moderno*”. (SANTOS, 2012:304). Em 1586, o próprio governo português criou a Confraria do Rosário, especificamente, para índios e negros, visando sua educação na fé. Por isso, segundo Elizete da Silva, no Brasil, a devoção ficou associada a escravos e libertos mas isso não quer dizer que fosse exclusividade desse segmento da população (SILVA, 1994:56).

⁴² Sobre as práticas funerárias no meio rural, Arantes (1987a:16) afirma que era seguido o mesmo cerimonial comumente praticado no meio urbano.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

engenhos locais, presume-se que eram enterrados no campo, talvez na proximidade da própria capela, a depender da concessão feita pelo senhor.

Quando se tratava de sepultamentos dos negros, as alternativas eram escassas, pois, o rigor da separação entre eles e os brancos não se atenuava na hora da Morte. Embora a Igreja chamasse a atenção dos senhores no sentido de possibilitar a ritualística funerária prescrita na legislação eclesiástica, isso não era cumprido. Em 1693, o próprio rei de Portugal encaminha um documento ao governador da Capitania de Pernambuco, onde reclama dos senhores que afastam seus escravos do aparato litúrgico. Avisando que serão punidos se, por sua causa, os escravos não cumprissem com os procedimentos de desobriga e morressem sem os sacramentos, o rei ressalta que é obrigação facilitar “*todos os caminhos da Salvação, e que nem falem á obrigação da Igreja, nem os deixem morrer sem os sacramentos d’ella*” (INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO, 1908:198).

Pereira (2007) analisa o tratamento geralmente dado ao escravo morto e ressalta que, embora para aqueles que não estavam cobertos pela proteção de uma irmandade houvesse a opção dos adros das igrejas, que também eram considerados *ad sanctus*, muitos senhores não acatavam essa alternativa, não sendo incomum os corpos serem jogados em qualquer lugar, geralmente nas praias para serem levados pelas marés (o que nem sempre acontecia...), ou, quando muito, eram enterrados sob fina camada de terra, às vezes vários corpos na mesma cova, sem qualquer cuidado com a exposição do defunto ao interesse dos animais. Esse destino final não deixava de ser coerente com o tratamento que eles tinham em vida, pois, se os senhores exploravam até o ápice da crueldade o corpo vivo de um escravo, porque teriam consideração com o corpo morto?

Embora se saiba que havia um contingente considerável de escravizados entre a população de Madalena, indispensável que eram à sustentação de todo e qualquer sistema produtivo ali existente, especialmente os engenhos de cana de açúcar, referências mais detalhadas dessa presença são escassas. À exceção são as fontes eclesiásticas e seus assentamentos, cujos dados

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

são precisos quando se referem ao cumprimento dos sacramentos - batizados, casamentos e óbitos, apesar de se reportarem, na maioria das vezes, ao século XIX. De acordo com Santos (2016:91), entre 1825 e 1830, de um total de mil e noventa e quatro registros de batismos, 15% eram referentes a filhos de mães ou pais escravos. Ou seja, um número considerável, talvez maior no século XVIII, reforçando que, diante disso, de alguma forma a sociedade tinha que ter respostas às necessidades de sepultamento dessa parte da população.

As repercussões da presença africana em Alagoas apareceram sempre pulverizadas na historiografia, carecendo de uma problematização mais cuidadosa, o que tem sido recuperado mais recentemente a partir de pesquisas em arquivos paroquiais e cartoriais, alguns deles citados na bibliografia desta tese. A esse respeito, Osvaldo Maciel entende que a escravidão e a presença negra em Alagoas são uma grande lacuna nos estudos históricos e acentua a necessidade de enfrentamento, pelos novos pesquisadores, de todas as demais questões relacionadas ao tema, ao mesmo tempo em que reconhece que a única exceção concedida é a atenção dada ao Quilombo dos Palmares, já de algum tempo sendo discutido e investigado. Nesse sentido, ele questiona: *“afora esta experiência quase sem paralelo na escravidão moderna [Palmares], como se deram as formas de escravismo e de resistência escrava na comarca, e posteriormente, na província”?* (MACIEL, 2011:12). Em um artigo, o pesquisador Antonio Filipe Pereira Caetano (2015:213) também faz importantes reflexões a respeito das tantas lacunas que ainda sobrevivem quando se trata de conhecer a história da escravidão em Alagoas. Entre elas, ele coloca uma que parece cara ao tema aqui abordado: *“de que maneira suas resistências se manifestaram para além dos quilombos”?*

Um elemento vital no sistema social e político implantado nos núcleos coloniais mais antigos era a associação religiosa leiga, fundada sob a aprovação do Estado e das autoridades eclesiásticas, e atuando permanentemente sob sua vigilância. Cymbalista (2006:269), que classifica as confrarias em irmandades e ordens terceiras, sendo essas últimas vinculadas aos religiosos regulares (frades), afirma que esse modelo de leigos associados em confrarias surgia em torno de uma devoção específica e implicava em laços de sociabilidade e

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

solidariedade entre os confrades, tendo sido trazido de Portugal, onde existia desde o século XIII.

A sua manutenção material era de responsabilidade dos membros, através do pagamento de taxas de entrada e anuidades. Cada uma dessas associações possuía seu regulamento/compromisso, que deveria ser previamente aprovado pelo soberano de Portugal, e estabelecia os tipos de pessoas que poderiam ser aceitos no grupo, valores cobrados para ingresso e permanência, obrigações e regras atribuídas aos irmãos.

Cymbalista (2006:269-270) afirma que entre as obrigações dos confrades, o serviço prestado aos mortos poderia se configurar como o mais importante. Isso incluía o sepultamento em local adequado, a realização dos sufrágios e demais ritos funerários, incluindo muitas orações pelas almas. Isso teria sido o estímulo para a proliferação de irmandades e ordens terceiras no Brasil, desde sua origem quinhentista, possivelmente “*como resposta ao desafio de zelar pela alma dos mortos em situação tão inóspita*”.

Além do pagamento de taxas, as irmandades e ordens terceiras recebiam os chamados “patrimônios”, constituídos, geralmente, de grandes pedaços de terras, os quais lhes cabia administrar de modo a gerar renda para sua associação, para a igreja, para o altar, para o santo de devoção. O patrimônio gerava o pagamento dos foros, que nada mais eram que uma “*quantia anual fixa e predeterminada*” que era dado em troca do usufruto das terras, e era revertido em prol de igrejas ou irmandades (MARX, 1991:44).

Convém destacar que o recorte espacial objeto desse estudo tem sua história totalmente conectada à atuação de confrarias e deve a elas a manutenção e, por vezes a própria construção, de suas igrejas e capelas e isso se dá graças ao complexo sistema de dependência estabelecido entre a atuação dos leigos e a constituição do lugar chamado Madalena.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Das irmandades que atuaram em Madalena, a de Nossa Senhora da Conceição é a mais antiga e sua origem e história se confunde com a da própria povoação, bem como de sua primeira igreja, não se sabendo quem se estabeleceu primeiro, se a irmandade ou a Matriz do mesmo nome.⁴³ Em dado momento, o núcleo habitado chega a ser chamado de “Vila de Nossa Senhora da Conceição”.⁴⁴ Recorrentemente citada nos documentos seiscentistas relacionados ao embrião urbano, seus representantes têm presença registrada nas reuniões oficiais importantes ocorridas na Câmara, seja para discutir pagamentos de taxas, necessidades urbanas, demandas da edificação, entre outros itens, o que demonstra a preponderância social dos mesmos.

Essa irmandade era a mantenedora da igreja e, por isso, era também uma das beneficiárias privilegiadas da distribuição fundiária que caracterizava os primeiros núcleos habitados no Brasil, conforme brilhantemente discutido por Murilo Marx (1991). Não foram encontradas referências mais detalhadas acerca da sua origem, mas, possivelmente, foi constituída logo que se ajuntaram pessoas suficientes na povoação. De acordo com um documento oitocentista todos os moradores eram membros natos, embora seja possível que, pelo menos o corpo administrativo, fosse formado por integrantes das camadas mais abastadas da sociedade, ou seja, a aristocracia rural e urbana, conforme se depreende do texto abaixo citado:

(...) em resposta cumpre-me dizer a V. Ex^{cia} que a Senhora da Conceição orago da Freguezia não tem Irmandade mas desde que foi erecta assentarão os Povos, e o Parocho que todos os fregueses, e moradores do districto dela erão irmãos natos e como taes constituirão uma Irmandade para festejarem annoalmente a mesma Senhora reunindo-se então na véspera do dia da festividade algumas pessoas, o Parocho, e o Thecoureiro administrador e compondo a Mesa presidida pelo Dr. Juiz Municipal como Procurador das Capellas fazem a eleição de juiz, juíza, escrivão e noiteiros sendo o Thecoureiro o mesmo administrador.⁴⁵

⁴³ Convém informar que, às vezes, a confraria chegava ao lugar antes mesmo de contar com uma edificação religiosa própria. A Ordem Terceira de São Francisco, instalada em Olinda no fim do século XVI, precedeu os franciscanos e seus conventos, e deu o necessário impulso para a construção da primeira casa da Ordem dos Frades Menores no Brasil.

⁴⁴ Ferrare (2014:274) informa que ela aparece assim referida pelo nome da devoção em relatório holandês do século XVII.

⁴⁵ Caixa 456, Maço 1858 - Visitador das Alagoas. Apenas após a aprovação dos Compromissos da Irmandade, em 1870, houve a regularização dos associados (ver Quadro 5).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Também, não se tem maiores informações de como se deu o processo de constituição do seu patrimônio fundiário, mas é certo que ele existia e era significativo. Com isso, ela detinha poder sobre a propriedade do solo, e contribuía para o alargamento do povoado, ao ceder porções de suas terras para ocupação, inclusive de outras igrejas, a exemplo da doação que faz, em meados do século XVII, à Ordem dos Frades Menores, para construção do seu convento e, depois, no século XVIII, faz o mesmo com os frades carmelitas.⁴⁶

Voltando ao tema dos africanos, se, como já constatado anteriormente, no meio rural os seus corpos eram, na maioria das vezes, objeto de completo desprezo, como seria com os negros e pardos moradores do núcleo urbano? Qual a resposta que a cidade dava às suas necessidades de sepultamento? Certamente, não seria a Igreja Matriz o local mais conveniente.

Os documentos acessados mostram que, através dos mecanismos associativos formados por leigos, a povoação de Madalena contou, pelo menos desde o século XVIII, com duas igrejas voltadas para as camadas mais desprestigiadas da sociedade colonial: Rosário dos pretos e Amparo dos pardos.

As alusões historiográficas e iconográficas à existência da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos apareceram de forma descontínua nas fontes consultadas e atravessaram três séculos. A mais recuada no tempo é a ilustração holandesa, já referenciada (ver figura 7) que mostra a capelinha seiscentista, em frente à Matriz. Depois disso há um longo intervalo de mais de cem anos de ausência de informações, que se altera após Moacir Sant'Ana (1970:19) citar um documento de 1777, relativo à contratação de serviços para a obra dessa igreja. E, finalmente, em 1834, se confirma, oficialmente, o início da obra que gera a edificação como a conhecemos hoje. De acordo com o que é citado por Sant'Ana, que teve

⁴⁶ Essas informações serão tratadas mais detidamente à frente, quando se for apresentar o contexto da fundação dos conventos citados na vila de Madalena.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

acesso aos documentos primários, naquele ano juiz, escrivão, tesoureiro, mesários, entre outros membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, reuniram-se na capela antiga e deram os encaminhamentos para a construção do restante do corpo da igreja.⁴⁷

Assim como em relação à igreja, são escassos também os registros das atividades e componentes da Irmandade do Rosário. O Termo de Ajuste ao qual Sant'Ana (1970:20) teve acesso, constitui uma rara e importante exceção já que traz os nomes de membros envolvidos com o início da obra e algumas poucas informações sobre a aquisição de materiais. O pesquisador destaca dentre as várias assinaturas a de um certo Manuel, cuja condição de escravo estava indicada, bem como a quem pertencia. Essa menção confirma a inclusão de cativos entre os confrades e que, possivelmente, Manuel ocupava um cargo na Mesa administradora, o que não era muito comum, conforme se verá adiante. Considerando que era a única assinatura onde o fato de ser escravo estava devidamente registrado, pressupõe-se que os demais não o eram.

Observe-se que o fato de negros e brancos integrarem a mesma entidade religiosa não significava que havia equidade nos papéis que exerciam. No que diz respeito especificamente à presença dos negros nas associações leigas, mesmo aquelas criadas por eles e para eles, a exemplo do Rosário e do Amparo, observa-se que a inserção da elite branca, comumente não conduzia à integração racial. Pelo contrário, reforçava as diferenças ao determinar que só à classe senhorial era dada a capacidade de administrá-la, bem como gerir os recursos dela provenientes.

Contar com senhores no comando de uma irmandade de negros implicava em uma vigilância e uma ameaça constante, mesmo quando se tratava de alforriados. De acordo com Maria da

⁴⁷ O documento citado por Sant'Ana é o Termo de Ajuste que faz a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos com o mestre de alvenaria Miguel Arcanjo de Vasconcelos para a contratação de serviços necessários à ereção do edifício. In: Doc. N° 140 pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Apud SANT'ANA, 1970:19-20.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Vitória Barbosa Lima (2013:26-27), ser forro não significava liberdade efetiva e permanente, pois os senhores poderiam, a seu bel prazer, e de acordo com as suas conveniências, desfazer o ato retirando a carta de alforria. Nesse sentido, a autora afirma que “*o medo da reescravização [era] uma ‘espada’ que pairava sobre as cabeças dos africanos e de seus descendentes*”.

Portanto, a existência desse tipo de irmandade não significava rompimento com a ordem estabelecida, pelo contrário a confirmava. Mas também é indiscutível que ofereciam algumas vantagens aos seus membros. De acordo com Lima (2013:33), através desse tipo de associação, era “*permitido o acesso à experiência de liberdade, ao reconhecimento social e à possibilidade de auto-gestão dentro do universo escravista*”. De qualquer forma, o fato de ter uma igreja cujos propósitos, de alguma maneira, se ligavam ao negro e suas necessidades, mesmo que esse foco tenha, ao longo do tempo, se pulverizado, ainda assim era a conquista de um espaço de afirmação na urbe.

O grupo, quando reunido em irmandade, obtinha um reconhecimento perante a elite do clero e, conseqüentemente, perante o corpo social no qual estava inserido. Tratava-se, efetivamente, de um espaço de representatividade, em termos simbólicos e materiais, e é possível que as reverberações dessa representatividade não possam ser localizadas na esfera do pessoal, mas em experiências vividas no âmbito do coletivo negro.⁴⁸

A visita pastoral à cidade das Alagoas, feita pelo do Bispo Diocesano, Dom João da Purificação Marques Perdigão, em 1835, é bem representativa desse reconhecimento e insere naquele cenário a irmandade dos pardos que, na época, já contava com igreja própria, conforme atesta o relato do sacerdote:

⁴⁸ Segundo Quintão (2002:111), esse tipo de celebração (festas e procissões) realizada no ambiente urbano por irmandades compostas por negros e pardos era fundamental em termos simbólicos, pois, atestava o seu reconhecimento como parte do corpo social.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

(...) fui assistir de capa magna á festa do Amparo na capella dos pardos, que me receberam de baixo do pálio, exhortando-os em a verdadeira devocção de Nossa Senhora. (PERDIGÃO, 1892:59).

Segundo a historiografia, em 1683, moços pardos reunidos na Matriz criaram a Confraria de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos, classificada como uma Sociedade de Enterro Mútuo, pelo pesquisador Cabral (1879a:4), que teve acesso aos documentos originais mais antigos da irmandade. E a primeira ação resultante da oficialização da associação religiosa leiga foi dar início às arrecadações para a construção de uma tumba ali mesmo, onde se reuniam, uma vez que não dispunham, ainda, de prédio próprio. A preponderância do atendimento à disponibilização de um túmulo fica clara, pois, de acordo com a documentação antiga, tais despesas teriam prerrogativa frente a outras destinadas, por exemplo, à festa da padroeira, realização de missas e aquisição de objetos sacros usados nas cerimônias.⁴⁹

A primeira iniciativa do grupo ter sido a mobilização financeira para a construção de uma sepultura demonstra a preocupação comum à época, de garantir um lugar para o enterramento em solo sagrado. No caso de negros e pardos, o sepultamento era um dos momentos mais marcantes de uma vivência inteira marcada pela exclusão, ocasião em que as contradições da estrutura social, e mesmo do sistema religioso, se agigantavam.

Decerto que a pequena quantidade de edificações religiosas ofertadas na vila pelo fim do século XVII era problemática, no que se refere ao quesito Morte. Dos dados colhidos na pesquisa, existia apenas a Matriz, embora ainda sob o impacto do incêndio, o convento franciscano, mas esse em fase inicial de construção, e a capelinha representada por George Marcgrave em 1647, correspondendo ao que depois vem a ser a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Das demais igrejas e capelas (a carmelita e a de Taperaguá), não se tem referência precisa de sua existência anterior ao século XVIII. Portanto, as alternativas de solos sagrados para sepultamento eram poucas. E essa era, sem dúvida, uma perspectiva

⁴⁹ A esse respeito, Cymbalista (2002:38) afirma que “*assim que recebia da diocese a permissão para sua criação, a irmandade ou ordem terceira podia solicitar uma ou mais covas na igreja matriz, onde seriam enterrados seus membros (...)*”.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

aterrorizante, mas, ao mesmo tempo dava o impulso necessário para que se buscasse atender à essa demanda.

Ao longo da história da constituição urbana de Alagoas, são recorrentes as referências à ausência de capelas e igrejas nos povoados e vilas, cuja consequência mais impactante parece ser a inexistência do solo sagrado para o sepultamento. A alternativa é que se enterre os mortos no campo, ou seja, como se brutos, como se animais fossem. A preocupação demonstrada, reflete a angústia das populações por não dispor das condições adequadas ao enterro cristão e, para isso, restam as iniciativas dos benfeitores particulares. No século XVIII, União dos Palmares, então lugarejo próximo à Madalena, constrói sua igreja com doações:

Para satisfação das necessidades do culto católico, em especial a celebração de missas pelo Natal e Ano Bom, bem como **para o sepultamento das pessoas falecidas**, os primeiros habitantes, em especial o português Domingos do Pino, que doou extensos domínios territoriais, fizeram construir uma tosca capela a que deram por padroeira Santa Maria Madalena (BARROS, 2005:645, grifo nosso).

Embora se tenha consciência que as iniciativas de negros e pardos se agregarem em irmandades religiosas leigas possam ser lidas a partir da perspectiva de submissão à religião do senhor, também pode haver ali uma forma de enfrentamento pacífico à sociedade escravocrata, já que, conforme se sabe, através de tais entidades alguma inserção social era alcançada, espaço para expressões eram abertos, edifícios religiosos próprios eram construídos, alguma propriedade e bens materiais eram garantidos. Discutir o papel das irmandades tradicionalmente formadas por negros e pardos, atuantes em Madalena a partir do século XVII, sob o viés da resistência, pode ser um caminho para responder às indagações dos historiadores, em relação a algum protagonismo, para além daquele que se viu nos quilombos.

É nessas bases históricas e culturais que se fundamentam todos os esforços para a criação e manutenção da Irmandade do Amparo. Mesmo que ainda sem igreja própria, instigada pela urgência na aquisição de uma sepultura, a obtenção dos recursos necessários parece ter sido

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

rápida e, em 1684, havia sobrado dinheiro, inclusive, para emprego na festa e obtenção de uma imagem da padroeira, certamente para adornar um altar a ela dedicado no interior da Matriz. Posteriormente, os confrades registram nos documentos a disponibilidade do valor necessário para a aquisição das indumentárias usadas nas cerimônias, da cera do altar, incenso e alfinetes, bem como para as despesas referentes ao pagamento de mestre de capela, música e harpa, sacerdotes e acólitos, sacristão e celebração de missas (CABRAL, 1879a:4).

Em 1695, era confirmado pelo padre visitador o “*Compromisso da Irmandade dos Homens Pardos Forros sob a Proteção de Nossa Senhora do Amparo*”, mas ela ainda manteve durante muito tempo o local de reunião na Matriz, pois não tivera condições de construir seu templo. A partir da primeira década do setecentos há uma movimentação maior para a obra e, finalmente, em 1757, é lançada a pedra fundamental da igreja. Apesar dos esforços para a conclusão, dez anos depois, o grupo se reunia precariamente no local onde, do edifício pretendido, havia tão somente as paredes levantadas. O que se depreende das informações que Dias Cabral (1879a:4) retira da documentação antiga da irmandade, é que havia alguma dificuldade no recolhimento dos recursos, o que atrasava a continuidade dos serviços necessários à sua conclusão.

Apesar de ter sido criada para atender aos pardos, a Irmandade do Amparo também teve participação da classe senhorial e branca em suas fileiras. A pesquisa de Dias Cabral (1879b:17) em documentos pertencentes ao IHGAL revela os nomes dos homens e mulheres, de famílias nobres de Madalena, que aparecem no Livro da Irmandade, na condição de mordomos, juízes, procuradores e escrivães de mesa. O curioso é que todos pertenciam à linhagem do fundador do povoado, ou a famílias abastadas daquela região. Registros dessa natureza aparecem em diversos compromissos e estatutos de associações leigas para negros espalhadas no Brasil, cuja presença era vista como uma espécie de benevolência do branco.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O cargo de juiz das irmandades dos homens pretos, podia outr'ora, mesmo em virtude de disposições compromissaes ser conferido a homens brancos, de certa posição social e recursos, como meio de importancia e protecção a essas corporações. (COSTA, 1901:285).

Nessa perspectiva, o estudioso destaca um quesito encontrado no Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, da então vila de Igarassu/PE, em Pernambuco, organizado em 1706. No documento está determinado que o cargo de tesoureiro deve ser “*sempre*” exercido por “*um homem branco, abastado de bens, zeloso e temente a Deus, para seguirem os seus bons conselhos e nada se fará sem a sua assistência e voto*” (COSTA, 1901:285). O mesmo tipo de disposição aparece nos estatutos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Olinda, também em Pernambuco.

Essa posição é bem característica da sociedade escravocrata de então: a pardos e negros era dado o benefício de se associarem em irmandades leigas, mas não lhes era facultado o privilégio de comandá-las.⁵⁰ Decerto que integrar a associação era sinal de distinção, mas alcançar alguma posição de proeminência parecia estar vetado. Os estatutos da Irmandade das Almas, organizada em Maceió no século XIX, era bem clara em relação às obrigações e direitos dos seus associados. Um dos seus artigos afirma que: “*Os captivos não terão voto, nem corporação, nem ocupação, mas nos seus enterramentos não haverá diferença*” (Cavalcanti, 1998:144).

Apesar das restrições, o fato de estarem associados a uma irmandade era conveniente a diferentes instâncias: ao Reino, porque garantia a vinculação desse segmento aos padrões de comportamento oficial, aí incluídos os de cunho religioso; aos senhores, pois se configurava em mais um instrumento de controle; aos próprios negros e pardos porque lhes era concedido o privilégio de participação nas cerimônias e demais atos religiosos públicos, além da

⁵⁰ A esse mesmo respeito, Costa (1901:285) informa que, nos antigos compromissos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, da Paróquia da Boa Vista, em Olinda, os escravos tinham direito a voto em mesa, mas em deliberação posterior, datada de 1815, se afirmava que, justamente eles, não podiam se apresentar “*em juízo em qualquer causa da irmandade*”.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

perspectiva de contar com auxílios de várias naturezas por parte dos confrades e saber garantido um lugar no solo sagrado para ser sepultado.

Entretanto, ela não os livrava da carga que era ser “preto” em uma sociedade que sonhava com o “embranquecimento”. Costa (1901: 282) relata o caso ocorrido em 1815, quando um irmão negro, integrante da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Paróquia da Boa Vista, na cidade de Olinda/PE, acusado de determinado delito, foi açoitado publicamente e castigado com a expulsão do grupo e, ainda mais, sentenciado com a punição de, *“em tempo algum possa tomar opa nem ser ouvido em cargo algum de irmão, perdendo todos os sufrágios que lhe caberiam por sua morte.”*⁵¹

No conjunto de “vantagens” oferecido pelas confrarias, os ritos fúnebres e a garantia do túmulo em solo sagrado teriam sido os aspectos mais sedutores para o engajamento de escravos ou forros nesse tipo de associação. Afinal,

É ela quem vai conduzir a procissão fúnebre e avisar aos irmãos do falecimento. Cabe a ela a parte burocrática neste momento de pesar para os familiares. Desde a procissão até a sepultura, tudo passaria por ela” (PEREIRA, 2007:51).

O próprio Dias Cabral não tivera dúvidas que a fundação da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo resolveria o problema das restrições funerárias impostas aos mais desfavorecidos socialmente e, em narrativa peculiar à literatura do século XIX, afirma:

A mãe cujo filhinho apodrecêra á espera da sepultura esmolada, o filho que na via dolorosa não encontrara respeito ás murchas cãs do seu progenitor, a esposa que vira em abandono seu amor fanado, por esquefe a lage, por cyrios os instrumentos do coveiro, todas essas affeições se ergueram procurando na confraternidade consolo ás suas mágoas (CABRAL, 1879:4).

⁵¹ Riolando Azzi (2001) discorre longamente sobre esse quadro que soa cruel aos nossos olhos contemporâneos, e elenca as várias influências responsáveis pela formação da mentalidade escravista que chega ao Brasil em 1500 e, sem maiores conflitos, é pacificada nas mentes e nos corações luso-brasileiros.

Igrejas, conventos, cemitérios

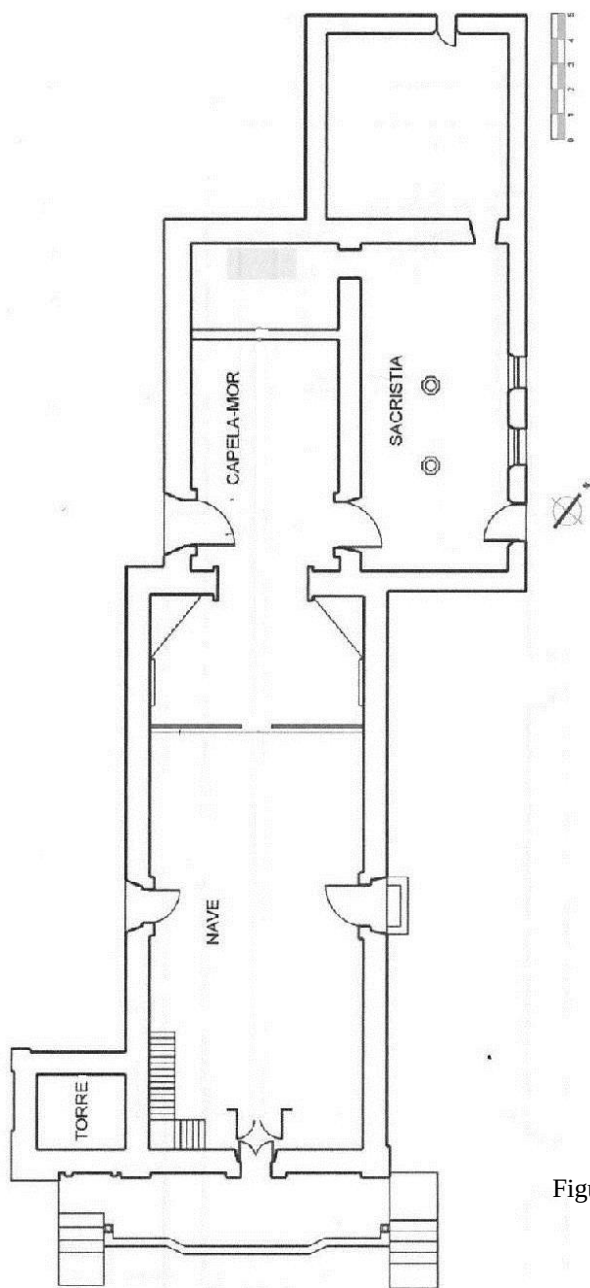
o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

As contradições que vibravam no interior das sociedades se refletiam na vivência citadina. As irmandades podem ser consideradas um dos mais significativos desses fenômenos. Teixeira (2009:107) aponta esses organismos, cuja influência, como se viu, era mais que apenas de natureza religiosa, como um dos parâmetros possíveis de serem usados para a compreensão das dinâmicas da vida urbana no ambiente colonial brasileiro. A sua existência indica uma estrutura social e religiosa organizada, a qual, atendia a, pelo menos, parte dos interesses da comunidade à qual se destinava.

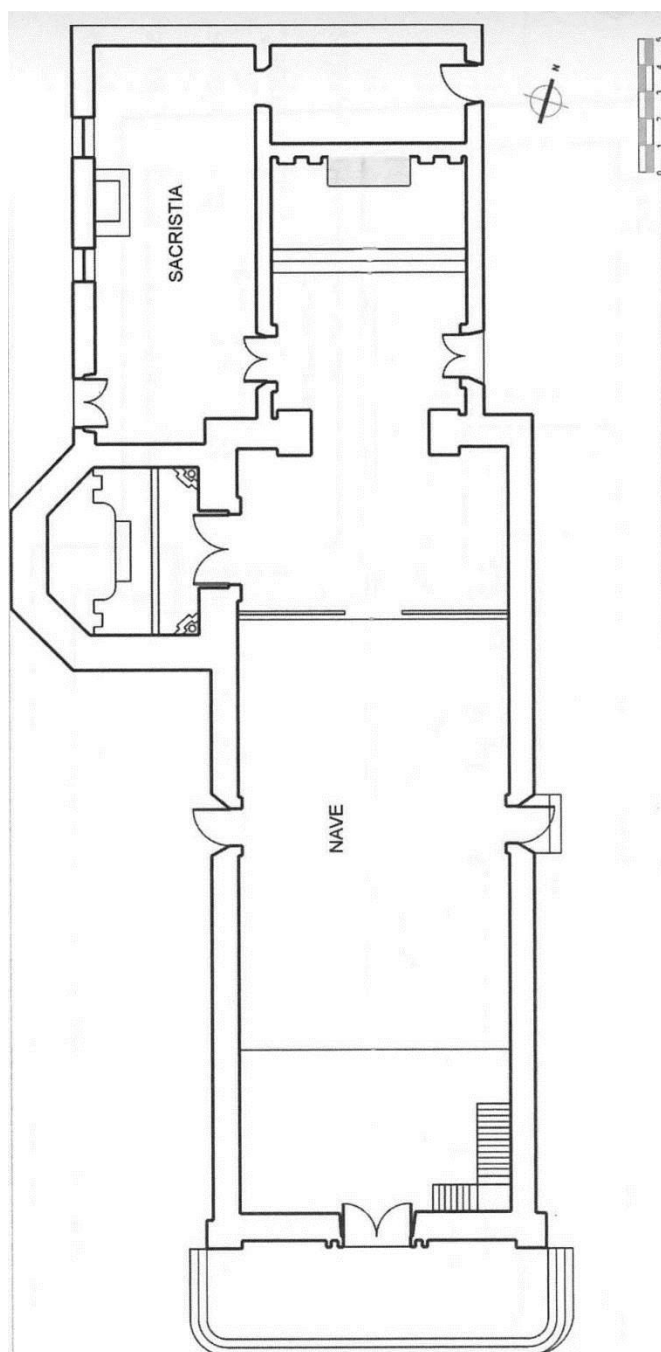
Aqui parece claro que as igrejas do Amparo e do Rosário são frutos desse entendimento e parte importante das motivações para sua construção foi a oferta de locais de sepultamento para negros e pardos, além da assistência na hora da Morte, os sufrágios decorrentes, a disponibilização da mortalha, o acompanhamento do corpo ao túmulo. Esses grupos sabiam que havia devoções marianas muito específicas para africanos e seus descendentes e, não fortuitamente, é a elas que dedicam suas igrejas e é sob sua proteção que escolhem assentar suas sepulturas e seus corpos à espera da uma liberdade que não tiveram em vida.⁵²

Pela análise das plantas baixas das igrejas dos pretos e dos pardos, aqui apresentadas (figuras 22, 23, 24 e 25 – XI / XII), tomando como referência a proposição feita para a Igreja Matriz, vê-se que são edifícios com espaço suficiente para a distribuição longitudinal de sepulturas na nave e capela-mor. A ausência de elementos artísticos integrados à arquitetura, ou o péssimo estado em que se encontram os poucos que foram preservados, não permite que se faça uma leitura de como os atributos iconográficos comunicavam uma relação com a Morte. Tais igrejas foram instaladas no núcleo central, em vias importantes, especialmente a do Rosário, que se encontra à frente da Matriz, em sítio dominante pela altura, tendo ambas um

⁵² O Compromisso mais antigo ao qual se teve acesso foi o da Irmandade do Amparo, redigido em 1803, e ele é bem claro quando, no prefácio, afirma que: “*Sendo costume religiosamente observado em toda a Christandade nos Países da America Portuguesa terem os homens pardos de sua particular devoção hum Templo da Santíssima Virgem Mãe de Deus debaixo de algum titulo significativo da Divina Misericordia que com os mesmos tem practicado o Amabilissimo filho da mesma Senhora Santissima por sua intercessão piedosa, deliberarão se os homens pardos, moradores nesta Freguezia por hum acto de devoção a incorporarem-se erigindo um Templo da Santíssima Mãe de Deus debaixo do Augustissimo titulo da Senhora do Amparo*”. In: Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo desta Villa das Alagoas, 1803.



Figuras 22 e 23. Planta baixa do pavimento térreo da Igreja do Amparo; Imagens internas nave, capela-mor e coro.
Fontes: Ferrare, 2014:284 e D'Angio/2016:22.



Figuras 24 e 25. Planta baixa do pavimento térreo da Igreja do Rosário;
Imagens internas da nave e capela-mor .
Fontes: FERRARE, 2014:282; Ana Cláudia Magalhães/2017;
<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/12/igreja-do-seculo-xviii-esta-desativada-por-falta-de-estrutura-em-marechal-al.html>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

protagonismo em relação aos monumentos mais destacados do ambiente urbano, conforme é possível visualizar no mapa 2 (VI).

Apesar das aparentes dificuldades financeiras e intromissões dos senhores, é possível constatar que negros de Madalena conseguiram se reunir em confrarias, as quais devem ter tido como princípios fundadores comuns o cuidado em assegurar aos seus confrades um lugar na igreja, nas procissões e, especialmente, espaço garantido nas sepulturas. Além do Amparo e do Rosário, já apresentadas, marcadas em sua própria denominação como de pardos e negros, respectivamente, operava também com esse mesmo público a Irmandade do Glorioso São Benedito, tradicionalmente formada por pretos que devotavam ao santo da mesma cor especial devoção.

Não deixa de ser expressiva a presença dessas três irmandades atuando no ambiente religioso da vila e, mesmo não havendo elementos mais precisos a respeito do seu funcionamento e abrangência, nem em quais termos estavam construídos os primeiros estatutos, de acordo com a vasta literatura a respeito desse tema, se sabe que algumas delas chegaram a atuar decisivamente junto aos associados, inclusive como agências de alforrias.

O culto a São Benedito é um dos mais antigos do Brasil e foi apropriada rapidamente pelos escravos, numa possível identificação com a cor do santo. De acordo com Mariza de Carvalho Soares, apud Pereira (2007:43),

Nenhuma outra classe se entregava com maior devotamento a tais demonstrações religiosas que os negros, particularmente lisonjeados com o aparecimento, de vez em quando, de um santo de cor ou de uma Nossa Senhora preta. ‘Lá vem meu parente’.

Em Madalena, a irmandade de São Benedito pode ser definida como uma “*associação de altares laterais*”, segundo uma classificação criada por estudiosos (Scarano, 1976, apud

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

MOLINA, 2002:123), já que nunca chegou a constituir uma igreja própria, se reunindo no consistório do convento franciscano, conforme consta do Compromisso aprovado em 1860.⁵³ Manteve-se vinculada ao convento franciscano, talvez pelo fato de ter como seu padroeiro um santo da Ordem.

Ivan Cavalcanti (2016:287) afirma que a OFM se organizava de modo a prestar assistência espiritual, através das associações religiosas leigas, às diversas classes existentes no meio em que viviam. Dessa forma, no ambiente do convento, tanto era acolhida a Ordem Terceira, voltada especificamente para a elite branca, quanto a Irmandade de São Benedito, destinada aos escravos. Enquanto aos primeiros era cedida uma parcela do terreno para a edificação da sua capela, algumas muito suntuosas, aos devotos do santo de origem etíope, era disponibilizado espaço dentro da igreja para a inserção de um retábulo, quase sempre em local discreto e mais distanciado dos elementos mais prestigiados dentro da nave, a exemplo da capela-mor.

Há de ressaltar que, no caso do convento de Madalena, a irmandade de São Benedito tinha seu próprio retábulo, localizado em local privilegiado na nave da igreja conventual. A data de 1843 gravada em seu coroamento comprova que, entre a aprovação do primeiro compromisso – 1781, e a elevação do retábulo, quase sessenta anos se passaram. Haveria aí uma indicação de arrecadação modesta que só permitirá a disponibilidade de um altar passados tantos anos após sua fundação oficial? Ainda nessa perspectiva de uma irmandade com recursos reduzidos, se olhado a partir do viés estético, se percebe que, apesar de ter sido executado com o barroco já declinado, ainda assim, trata-se de um elemento artístico marcado pela simplicidade formal. Mas, se por um lado, a presença na igreja é discreta, a força dessa irmandade se confirma de forma absolutamente declarada no claustro, onde uma quadra inteira foi reservada para o sepultamento dos seus membros. Trata-se de um dado muito

⁵³ O primeiro Compromisso foi aprovado em 1781 por Dona Maria, rainha de Portugal, mas só se teve acesso à versão de 1860, a qual será apresentada e discutida nesta tese em sessão posterior.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

significativo, vinculado à questão da Morte, e que, ao mesmo tempo em que afirma uma propriedade, associa também uma ideia de pertencimento.⁵⁴

Constituindo-se em um caso à parte no componente confrarias, haja vista sua proeminência nas cidades nas quais estavam instaladas, estavam as ordens terceiras. Diretamente ligadas às ordens primeiras, dos regulares, essas associações religiosas leigas também tinham como objetivo o apoio mútuo e a incumbência de tomar todas as providências relacionadas à Morte quando do falecimento de um dos membros. Por ser regida pela Regra da Ordem à qual estavam vinculadas, elas tinham o privilégio de ter capela própria inserida no complexo conventual. Estas associações eram, geralmente, compostas por “*comerciantes ricos, intelectuais e os altos dignitários brancos*”. (Eduardo Etzel, 1976, Apud MERO, 1983:29).

Madalena teve duas ordens regulares – a carmelita e a franciscana, e, segundo a bibliografia consultada, ambas foram resultantes de insistentes pedidos dos moradores para a fixação dos frades no lugar e esforço coletivo para sua manutenção. A demanda pelos conventos e frades era bem frequente no período colonial e surge no contexto de um quadro religioso específico, mas há de se considerar que havia, além desse aspecto, um certo status urbano que a presença do edifício conventual atribuía ao lugar, incluindo a perspectiva de ascensão política e administrativa, como a elevação de povoados em vilas e vilas em cidades. No que respeita à cultura funerária, dispor desse tipo de edifício era um privilégio para qualquer núcleo habitado, pois era concebido pressupondo o número de sepulturas condizentes com o lugar, garantia cerimônias mais elaboradas e os religiosos necessários para a realização dos sufrágios.

A instalação definitiva da Ordem dos Frades Menores em Madalena acontece a partir de 1660, quando foi iniciada a construção da casa franciscana. A crônica da Ordem registra que já houvera uma fixação temporária no ano de 1635, quando alguns Menores permaneceram por

⁵⁴ Essa forte evidência material, vinculada à Morte, bem como a forma como a Irmandade de São Benedito se colocava frente às questões funerárias, será apresentada e discutida na sessão seguinte.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

cerca de um ano, vivendo em um recolhimento provisório. Após esse tempo, abandonaram o lugar e se dirigiram para a Bahia em busca de distanciamento dos conflitos gerados pela presença dos holandeses na Capitania de Pernambuco. Dessa acomodação temporária, não restaram marcas edificadas, mas o relato apresentado nas Crônicas mostra que se tratava de uma simples “*caza com oratório*”, na parte baixa da vila, às margens da lagoa (JABOATÃO, 1861:605). A partir de 1657, em atendimentos ao pedido dos moradores, houve providências da Ordem para que ali se iniciasse um convento onde os religiosos morassem em definitivo, o que de fato aconteceu e, pouco mais de cem anos depois, o monumento estava concluído. Nessa mesma época, a OFM começava também a construção do Convento de Santa Maria dos Anjos, na vila do Penedo, o qual mantém-se até hoje com uma comunidade franciscana atuante na cidade.

Em Madalena, os Menores contribuíam para a dinamização da vida religiosa, integrando-se ao lugar através da realização de cerimônias, da divulgação de devoções caras à OFM, do ensino da gramática para as crianças da vila,⁵⁵ da oferta de altares específicos para o culto aos santos franciscanos, alguns deles muito caros aos brasileiros e portugueses, a exemplo de Santo Antônio, São Benedito e o próprio patriarca Francisco de Assis, e, especialmente, por possibilitar a existência de uma Ordem Terceira Franciscana, com todas as atribuições que lhes eram inerentes, e tão caras ao contexto cultural e religioso da época. Em 1719 ela foi instituída oficialmente no convento, com devoção particular às chagas de São Francisco (JABOATÃO, 1861:613).⁵⁶

Ser um leigo franciscano significava se distinguir no ambiente ao qual estava aderido, pois, em meio à série de restrições colocadas para o ingresso, ser filiado à confraria previa boa posição social e econômica. Segundo Casimiro, em sua pesquisa sobre os Terceiros da Bahia, foi constatado que havia uma grande quantidade de pedidos de filiação em contraposição a

⁵⁵ A partir de 1719, os frades passam a oferecer aulas gratuitas de gramática para os filhos dos moradores (JABOATÃO, 1861:611).

⁵⁶ A importância da casa franciscana para a problematização aqui apresentada demanda uma sessão especial, que se seguirá a essa.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

poucas respostas positivas. Nesse sentido, ser membro desse tipo de associação era a garantia de status na hierarquia religiosa, além de privilégios e benefícios tanto no plano espiritual quando no profano.

Destacados entre os demais frequentadores da casa franciscana, os terceiros certamente tinham ali um lugar privilegiado, especialmente quando se tratava de uma fonte generosa de esmolas. As crônicas destacam no convento de Salvador confrades que deixaram doações significativas. Além da segurança dos sepultamentos em locais distintos, a exemplo do claustro, ou nos pés de altares no interior da igreja, a esses era dada a possibilidade de serem recebidos na enfermaria do convento para tratamento de doenças mais graves, as quais necessitavam de maiores cuidados (JABOATÃO, 1859:80). Dependendo da infraestrutura disponibilizada pelo convento, os confrades tinham acesso a benefícios que transcendiam o amparo espiritual.

Mas os privilégios dos terceiros não se encerravam no interior da casa à qual eles estavam vinculados. A cena urbana também era palco para seu protagonismo se revelar. É bem elucidativa a transcrição que Ernani Mero faz da Compilação das Leis Provinciais das Alagoas, no artigo que faz referência à precedência que a Venerável Ordem Terceira da Penitência, da cidade de Penedo, teria nas cerimônias públicas, citando, explicitamente, os enterramentos:

Art. 90 - Tanto nos enterros e procissões, como nos mais actos da corporação, logar da ordem será conforme a praxe usada junto ao clero secular e regular, sem que alguma irmandade leiga lhe possa tomar a preferência por mais graduada que seja, segundo ordenam as bullas apostólicas do S. S. P. Benedicto XIII, datada de 22 de julho de 1728, e do S.S.P. Benedicto XIV em 7 de janeiro de 1749, e ultimamente confirmadas por despacho do nosso Exm^o. Diocesano (Compilação das Leis Provinciais das Alagoas, Apud MERO, 1983:43).⁵⁷

⁵⁷ Embora não se tenha achado nada a esse respeito em relação às confrarias particularmente aqui tratadas, sabe-se que havia intrigas e disputas entre as diversas associações de leigos, seja no interior das igrejas, seja por ocasião dos cortejos e demais cerimônias públicas. Ernani Mero (1983) deixou registradas em seu livro algumas histórias desse tipo ocorridas na cidade de Penedo, envolvendo irmandades e Ordem Terceira Franciscana.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Assim como os franciscanos, a Ordem Carmelita, também realizou movimentos de missão em Alagoas a partir do século XVII, privilegiando a área litorânea e povoados próximos às duas grandes lagoas, Mundaú e Manguaba. Os primeiros religiosos do Carmo chegaram ao Brasil em 1580 e logo começaram a construir conventos e hospícios nas regiões nordeste, sudeste e norte. Até 1720 estavam ligados à Província Carmelitana de Portugal, vindo, posteriormente, a serem criadas três Províncias brasileiras: no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco. Um documento setecentista aponta que, na atual cidade de Matriz do Camaragibe, antiga Freguesia do Senhor Bom Jesus de Camaragibe, região norte de Alagoas, havia no século XVIII “*junto a borda do rio Manguaba, e Camaragibe*” um hospício⁵⁸ de religiosos Carmelitas Reformados, contando com um “*Vigário Prior, e a Igreja dedicada a Nossa Senhora da agoa de Lupe*” (Idea da Capitania de Pernambuco, 1774:53)⁵⁹. Queiroz (2015:43) acrescenta que o edifício abrigava três frades e possuía um patrimônio constituído de terras incluindo uma fazenda de gado.

Mais recentemente, um pesquisador da própria cidade confirma ter havido na região onde hoje é o povoado de Barra de Camaragibe, um convento carmelita, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha. Ele acrescenta ter conhecimento de relatos do início do século XX, de pessoas antigas do lugar afirmando ter alcançado vestígios das ruínas dessa casa carmelitana, as quais, apontavam, inclusive a localização da capela-mor da igreja conventual (BONFIM, 2010:97).⁶⁰ Apesar das divergências em relação à padroeira ser a Senhora de Guadalupe ou da Penha, o importante é saber que havia naquela região a presença carmelitana fixada em

⁵⁸ O hospício era “*uma espécie de casa conventual onde os frades eram hóspedes e passavam grande parte do tempo fora, a trabalho ou estudo*”. (BENEDETTI FILHO, 1990, Apud MOLINA, 2006:18). Não se sabe se aqui o termo empregado estava associado a essa conotação, ou era a mesma coisa que convento. Observa-se na literatura e documentos acessados que ora é empregado o nome hospício, noutras convento.

⁵⁹ Na página 55 do mesmo documento, o edifício é nomeado como convento, ao invés de hospício.

⁶⁰ Em 2002, uma equipe do Núcleo Alagoano de Pesquisas Arqueológicas – NAPA, da Universidade Federal de Alagoas, fez uma coleta superficial de material arqueológico no local onde a tradição oral afirma ter se localizado o convento carmelita, quando recolheu diversos materiais, tais como vidro, porcelana, vestígios de construção, moedas e restos esqueléticos (BONFIM, 2010:97). Não foi possível acessar os resultados dessa pesquisa e não se tem notícias da continuidade ou não das investigações pela equipe da universidade.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

convento ou hospício, embora, por motivos não identificados, a moradia tenha sido abandonada e os vestígios físicos da mesma tenham se perdido.

De acordo com João Francisco Dias Cabral (1879a:8-9), na condição de mendicantes, carmelitas costumavam percorrer a região das lagoas e, em troca das esmolas, prestavam assistência espiritual aos povos. Com isso, vão conquistando os fiéis que começam a congregar esforços para a sua fixação definitiva. Em 1712, os moradores de Santa Luzia, povoação próxima à Madalena, lhes oferecem um terreno para que construam seu convento, “*chamando elles a si a obrigação de prover as necessidades dos egressos, em attenção a excellencia dos socorros espirituais, cuja exiguidade então se sentia*” (CABRAL, 1873b:10). Madalena também demonstra a mesma vontade de contar com frades do Carmo e, em 1715, a Câmara pede permissão às autoridades eclesiásticas para a fundação do hospício, ao tempo em que já informa a existência de um sítio destinado à construção. O sítio em questão estava localizado na parte alta da vila, relativamente próximo à Matriz, mas fora do núcleo urbano mais antigo, em terreno onde já existia uma capelinha de propriedade particular, dedicada a Nossa Senhora do Ó, que é logo doada à Ordem do Carmo (CABRAL, 1879a:8-9). Além disso, era apropriado para a instalação de um complexo conventual, que demandava espaço para a moradia dos frades, a capela da Ordem Terceira e uma igreja, além de cerca e adro. O terreno doado era farto de árvores frutíferas, provido de fonte de água potável e tendo como limite um rio (REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRÁPHICO ALAGOANO, 1879:32). Ou seja, perfeitamente adequado para uma comunidade religiosa que precisava de espaço amplo para a realização das práticas espirituais, sem detrimento da sua sobrevivência material, e alguma proximidade do povo para os exercícios da mendicância.

Apesar de, naquela época, a vila ter disponíveis, quatro espaços de sepultamento (igrejas), ainda assim, aquela era uma destinação importante o suficiente para que a doação do terreno e da capela fosse vinculada ao seu uso como cemitério. Nesse sentido, a casa carmelitana já nasce sob a perspectiva da Morte, pois os proprietários ressaltam que, em contrapartida à

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

oferta do terreno, queriam o direito a ter uma sepultura no meio da capela-mor da igreja conventual, para si e herdeiros.⁶¹

Em 1718, a Câmara justificava o hospício alegando a necessidade espiritual da vila que, constituída de quatro freguesias e vinte e três engenhos, tivera sua demanda pela assistência religiosa aumentada (REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO ALAGOANO, 1879:27). Em 1722, foi aprovada definitivamente a fundação, mas foram impostas sérias restrições à sua presença:

Não podendo a igreja ter porta para fora, nem elles muitos companheiros e menos o direto de esmolar, por ser contrario aos interesses dos capuchos de Santo Antonio, já de há muito estabelecidos no lugar. (CABRAL, 1879a:9).

Apenas a partir de 1733 os Religiosos do Carmo Calçados da Província da Bahia tomaram posse das terras doadas pela Câmara, para o qual a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, deu o consentimento (REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO ALAGOANO, 1879: 28). Por não haver recursos suficientes para o início da obra, os frades ocupam uma casinha existente ao lado da Capela do Ó, onde praticavam seus exercícios espirituais. Os primeiros movimentos para a construção, propriamente dita, só começam a partir de 1734 (CABRAL, 1879a:9).

Segundo as fontes aqui destacadas, os carmelitas enfrentaram severas dificuldades para desenvolver suas atividades, devido à resistência dos franciscanos, os quais, já instalados há cerca de um século, insistiam que a vila era pequena demais para manter, através de esmolas, duas ordens mendicantes.

Embora os frades do Carmo alegassem a legitimidade das doações recebidas, uma vez que provinham dos moradores de forma espontânea, e que os recursos usados no desenvolvimento

⁶¹ Escritura de doação da capela de Nossa Senhora do Ó para a fundação do Hospício das Alagoas do Sul (1732). In: ORAZEN, 2015:395.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

da obra eram resultado da mendicância praticada apenas no sertão, e não no ambiente urbano da vila de Madalena, os Menores não parecem ter sido convencidos, pois insistiram em se opor à sua presença no lugar.

Para a gente piedosa da villa o anno de 1735 foi éra de expiações, pelo escândalo da contenda de duas ordens religiosas que se gladiaram na lama dos proventos, esquecidas da mansuetude e desprendimento de seus instituidores. (CABRAL, 1879a:9).

Em 1754, reunidos na Casa da Câmara, autoridades locais leem uma carta do rei de Portugal esclarecendo que, em atendimento ao guardião e síndico do Convento Franciscano, estava proibida,

Toda a fundação e ereção aos Religiosos do Carmo (...) fazendo-se despejar aos reverendos Padres que estiverem no Hospício por não observarem as primeiras ordens e juntamente se impedirem toda a nova obra que intentarem fazer” (Revista do Instituto Histórico de Alagoas, 1935:66).⁶²

Diante da ordem, a obra é paralisada, sendo que, do planejado complexo conventual, se conseguiu apenas elevar alguns cômodos da parte destinada à moradia dos frades e uma igreja ao lado da antiga capelinha do Ó.

O plano primitivo do edifício era em forma de quadro, do qual somente se concluíram dous raios, ignorando-se quando começou a obra, e quem foi seu fundador e o da igreja, que ficou por alimpar, com exceção da sacristia e capella-mor. (FIGUEIREDO - Relatório, 1870:19).

De acordo com Orazem (2015:262), o prédio apresentava uma estrutura mais simples e menor que os demais conventos de outras vilas, e tinha a forma de um retângulo disposto paralelo ao corpo da igreja, sendo constituído de um claustro em torno do qual se distribuíam cinco celas

⁶² Essa indisposição que se instalava entre ordens regulares diferentes era comum nas vilas e cidades menores uma vez que estava em jogo a disputa pelos recursos que garantiriam a sustentação da comunidade. De acordo com a Informação Geral da Capitania de Pernambuco, de 1749, (pag. 154), em 1724, os frades carmelitas enfrentaram o mesmo problema na cidade de Penedo, onde haviam recebido da população a doação de uma capela. Os franciscanos ali instalados desde a segunda metade do XVII, não aceitaram sua presença alegando que as esmolas do povo não podiam sustentar duas ordens mendicantes. Em 1740 eles tentaram de novo, mas o pedido foi mais uma vez recusado. In: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_028_1906.pdf.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

e um refeitório. Embora inconcluso, a tradição construtiva da Ordem do Carmo nos dá pistas de como o edifício seria se não tivesse sido paralisado. De acordo com Arantes, as casas carmelitanas, herdeiras da longa tradição monástica medieval, caracterizavam-se por serem:

Estabelecimentos robustos e sólidos, com fachada composta por galilé e torre sineira. O complexo arquitetônico envolvia o claustro, as celas (apostos dos religiosos), dependências de serviços, a sacristia, a capela conventual e um templo contíguo - quando havia a presença da ordem terceira (ARANTES, 2011:58).

Inacabado e sem condições de abrigar adequadamente os frades, aliado ao fato desses estarem impedidos da retomada dos serviços religiosos, o convento é abandonado e vai sofrendo, por parte da própria população, a subtração de materiais e logo passa a ser usado apenas como local de pasto para animais. O que sobrevive hoje do complexo conventual é, justamente, a capela de Nossa Senhora do Ó, onde se reuniam os terceiros, e a igreja. Restauradas em 2008, hoje a igreja desenvolve atividades litúrgicas, mas a capela está fechada, o que restou da moradia dos frades, encontra-se em ruínas, tendo perdido quase todos os elementos que permitiriam uma recomposição visual da mesma, e o que permanece está praticamente consumido pelo matagal que se formou no local.

De qualquer forma, apesar da saída dos frades e do abandono do prédio inacabado, a presença carmelitana conquistou seu lugar junto aos moradores e, de certa forma, permaneceu na vila através da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Reforma Calçada. A confraria, que começou a se reunir na capela a partir de 1744 (FIGUEIREDO JÚNIOR - Relatório, 1870:19), manteve-se enquanto grupo, apesar da ausência dos frades e do mal estado de conservação no qual se encontrava a parte edificada.

Uma das motivações para o apreço das pessoas com aquela Ordem era a devoção ao escapulário; (também chamado, no período colonial, de bentinho) que garantia aos usuários o privilégio sabatino de Nossa Senhora do Carmo.⁶³ (ver figura 59 – XXXI).

⁶³ De acordo com a tradição carmelitana, em 1251 Nossa Senhora do Carmo aparece a Frei Simão Stock e informa que todas as pessoas que morressem usando o escapulário, não padeceriam do fogo eterno. Em 1317, o

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Essa crença também encaminha para o tema da Morte. No universo colonial, onde as expectativas com o além era uma das preocupações fundamentais na vida dos cristãos, qualquer manifestação de religiosidade que resultasse no perdão dos pecados, passagem rápida pelo Purgatório e muita distância do inferno, era abraçada com fervor. A oração à Senhora do Carmo é reveladora, pois coloca Maria como intercessora especial naquele momento crucial da existência humana: *“Assisti-me durante a vida, consolai-me na hora da morte”*.⁶⁴ Por outro lado, um convento era mais um espaço privilegiado para os sepultamentos, pois disponibilizava à população a capela, as igrejas e um adro generoso.

Além das questões funerárias, o documento Atestado dos povos da freguesia de S. Miguel em abono dos carmelitas – 1735, defende a presença dos frades ressaltando o grande zelo na realização dos exercícios espirituais, a pregação vigorosa, a assistência aos moribundos, a realização de obras de caridade e, não tão comum, mas, aparentemente, tão importante quanto as demais práticas religiosas, a realização de exorcismos nos *“maleficiados”* (REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLÓGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO, 1879:29).

O documento acima citado, bem como todos os demais acessados no decorrer desta pesquisa, não em qualquer referência a atividades de natureza exorcista sendo realizadas no recorte espacial e temporal estudado. De acordo com o antropólogo Luiz Mott (2010), um dos pioneiros na pesquisa do tema do Santo Ofício no Brasil, havia de fato uma parte do clero colonial que praticava o exorcismo, mas, o que muitas vezes, naquela época, era chamado de possessão, poderia se tratar, na verdade, de resultado da oposição católica veemente a tudo

Papa João XXII proclama a Bula Sabatina onde afirma que, em visão, Nossa Senhora do Carmo lhe confirma que o fiel cristão que usasse o escapulário receberia a graça de ser retirado do purgatório no primeiro sábado após a sua morte. Disponível em: <http://missatridentinaembrasil.org/2013/07/21/algumas-questoes-sobre-o-escapulario-de-nossa-senhora-do-carmo/>.

⁶⁴ Em 1775, a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, instalada na cidade de Penedo, às margens do Rio São Francisco, pede ao Padre Mestre Provincial carmelita providências quanto à disponibilização de um Comissário que os confessasse, absolvesse e demais atos de piedade cristã. E cita outras vilas, a exemplo de Alagoas, cuja OTC está sob a orientação espiritual de um frade. Nesse sentido, ela pede que *“(...) saltem um dos religiosos que por este território se achão para lhes deitar o hábito, bentinhos e professal-os, e terem quem os absolva tanto em vida, como em artigo de morte (...)”*. (Documento Nº 17, pp. 74).

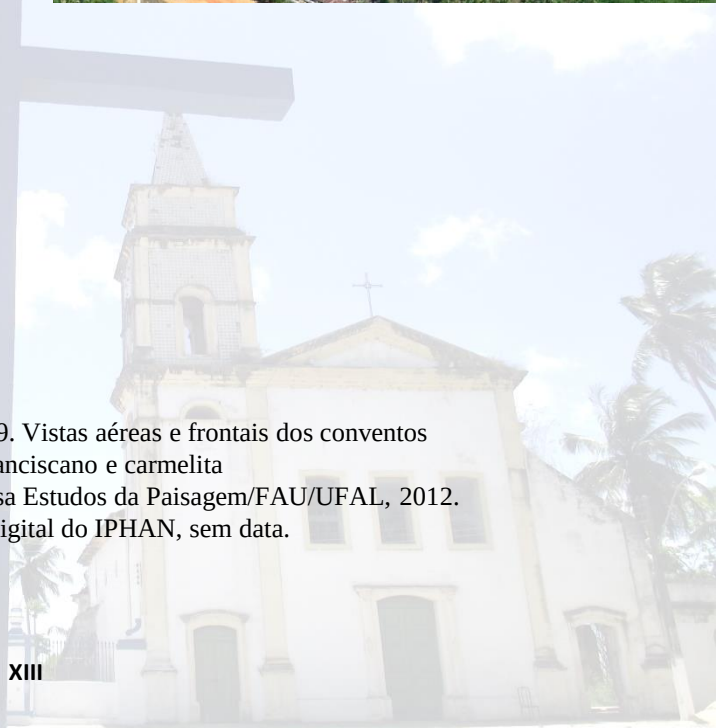
Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

que pudesse estar relacionado à feitiçaria, geralmente assim identificada nos rituais de cura e/ou práticas religiosas de origem africana e ameríndia ou ainda, o que parecia ação do demônio, ser simplesmente consequência de doenças de fundo emocional, desconhecidas em um tempo onde a medicina era precária e, mesmo assim, praticamente inacessível. Mott ressalta que a própria atividade de exorcizar, tinha que ser praticada com cuidado para não atrair os olhares “vigilantes” da Inquisição ao ser, ela mesma, confundida com superstição, heresia ou pacto com o diabo. Não se sabe em que medida se deram esses exorcismos, pois nenhuma outra informação a respeito foi identificada nas fontes, mas é possível supor que, se realmente esse tipo de cerimonia acontecia, tão carregada de simbologia e mistério, deveria repercutir muito junto às pessoas e criar em torno dos frades uma fama relacionada a fatos miraculosos.

Apesar desse conjunto de elementos favoráveis à permanência dos carmelitas na vila, os moradores não foram atendidos. Os frades tentaram, por algum tempo, defender sua permanência, mas as condições adversas não permitiam, além das possíveis dificuldades com a sobrevivência material, já que as restrições aos seus movimentos estavam bem explicitados. De qualquer forma, se sabe que a OTC permaneceu ativa por muito tempo, possivelmente mantendo as reuniões na própria capela, sendo justamente essa manutenção de atividades que garantiu a preservação, não só da capela, mas também, da igreja, as quais, mais de cem anos depois, passam a ter uma nova inserção na cidade, como parte da estrutura do complexo arquitetônico do cemitério público que ali seria instalado no século XIX.

Talvez por estar localizado em um sítio afastado da área de concentração do casario e das demais igrejas, ou por constituir-se numa construção incompleta, com ares de melancólico abandono, o certo é que, ao contrário das outras edificações religiosas, que atraíam o casario e o povo, o complexo arquitetônico afirmou-se como um lugar recuado do ambiente urbano mais adensado. A cidade não chegou até ele, ficando a velha casa carmelita ativa, porém só. (ver figuras 26 e 27 - XIII).



Figuras 26, 27, 28 e 29. Vistas aéreas e frontais dos conventos franciscano e carmelita
Fontes: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL, 2012.
Acervo digital do IPHAN, sem data.



Figuras 30, 31 e 32. Inserção urbana dos conventos franciscano e carmelita.

Fontes: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL, 2012;
<https://carlitolimablog.blogspot.com.br/2014/03/conjunto-franciscano-de-marechal.html?showComment=1509625711963#c1283035643188081528>;
 Google Earth, 2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Com a fundação do Cemitério Público, essa segregação se consolida e a região chamada de Carmo, se afirma inclusive como uma área à parte do Centro, embora esteja a menos de dois quilômetros dele. A própria indicação daquele sítio para a instalação do cemitério confirma que se tratava de uma escolha que tinha a ver com a separação do convívio urbano oferecida pelo local.

Ao contrário, o convento franciscano se estabeleceu fortemente, constituindo-se em referência urbana no lugar. A implantação do edifício conventual, a partir do século XVII, abrigado sob a farta vegetação que beirava a lagoa, na parte baixa do lugar, onde nada havia além do casario mais simples dos pescadores, atraiu uma população cujas casas acompanharam a cerca conventual, e depois se bifurcaram e se prolongaram para além do perímetro da casa franciscana, gerando uma malha cuja essência morfológica se conserva até hoje. “São estes caminhos a estrutura básica da nova cidade”. (COSTA, Prefácio. FERRARE, 2014). (ver figuras 28, 29 e 30 – XIII / XIV).

Deve-se a ele a ocupação mais adensada daquela região, como polo atrativo que era devido, inclusive, às atividades devocionais ali desenvolvidas, voltadas para santos populares, como Santo Antônio, São Francisco e São Benedito, o próprio culto a Nossa Senhora da Conceição, a fatos milagrosos, como será posteriormente discutido e, sem sombra de dúvida, à sua capacidade de atender à população funerária.

Considerando a rápida passagem dos carmelitas pela vila de Madalena, a presença franciscana foi muito mais incisiva e se deu em várias perspectivas e numa dimensão mais ampla, conformando um perfil religioso que tem no convento uma de suas referências.

Como visto, na antiga Madalena, tantas igrejas distribuídas em um ambiente relativamente pequeno, quando o núcleo habitado não estava ainda esgarçado e se restringia, praticamente à parte mais antiga, no alto, e um prolongamento para a parte baixa, próxima à franja da lagoa, foram resultado da congregação de muitos esforços e recursos para sua construção e provisão,

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

o que demonstra uma necessidade por espaços que, de alguma forma, permitiam representatividade e reconhecimento coletivos. Ressalte-se, ainda, que para cada igreja havia uma quantidade de altares, cada um deles dedicado a uma devoção específica. Ou seja, a oferta de espaços para as práticas da religiosidade se manifestava não apenas no edifício, mas em seu conteúdo.

Reunidas em um caminho que se desenha desde o século XVII, começando na parte mais alta do lugar, núcleo inicial da povoação, e terminando na parte baixa, nas bordas da Manguaba, as igrejas, da Conceição, do Rosário e do Amparo, além das conventuais, determinaram a composição do cotidiano de Madalena. Cotidiano esse marcado por sons de sinos, matracas e missas, revelando uma forte conexão entre população e espaços religiosos.

É imprescindível considerar o relevante papel ocupado pelas irmandades e ordens terceiras na manutenção da cultura religiosa e suas práticas, que contribuíam para fazer do sagrado uma parte da vida cidadina e, nesse sentido, as atividades ligadas aos processos funerários constituíam parcela significativa. E a cidade era o grande palco aberto onde os agentes da religião circulavam. Gente... Crenças... Ritos.

Os mendicantes - franciscanos e carmelitas, cada um, a seu modo, e de acordo com a capacidade e possibilidade que lhes foi conferida de atuar junto ao povo, deram grande impulso à consolidação de uma mentalidade orientada para crenças ligadas a uma outra vida além da terrena, através de um discurso religioso impregnado de alusões a um julgamento póstumo e a uma passagem inevitável pelo Purgatório (ARIÈS, 1989:73). Desde o surgimento dessas ordens na Idade Média, sua influência pastoral os afirmou como grandes divulgadores dos privilégios contidos nas indulgências, generalizando também uma série de outras crenças. Aos franciscanos, por exemplo, se deve a responsabilidade pela promoção de novas devoções junto às populações urbanas, das quais prezavam tanto estarem próximos, como a do Cristo Crucificado, a Rainha dos Anjos, a Imaculada Conceição, São Miguel e São Gabriel, entre outras internas à própria ordem, como São Francisco de Assis, Santa Clara e Santo Antônio

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

(GOMES, 1998:181-183). O autor afirma que os franciscanos foram os verdadeiros promotores e beneficiários de um campo devocional inovador e especificamente vocacionado para catapultar a fé das massas populares (GOMES, 1998:193). Por sua vez, deve-se aos carmelitas a introdução do culto à Nossa Senhora da Boa Morte, que se mantém vivo até hoje.

Sob a influência do clero e das irmandades, a mobilização da paisagem urbana para atender à cultura religiosa foi intensa e parte dela se deveu à necessidade dos locais para sepultamentos. Considerando que os núcleos urbanos coloniais não foram edificadas exclusivamente para serem povoados pelos vivos, o investimento urbano e arquitetônico voltado para os locais de enterramento foi um empreendimento tão importante quanto qualquer um dos demais levados a cabo pela Coroa Portuguesa, na antiga Madalena, desde seu início no século XVII.

Por outro lado, a concentração das edificações religiosas, através de uma inserção urbana que apostou na proximidade espacial (conforme foi possível visualizar no mapa 2), permitiu uma articulação de natureza física que facilitou a organização das procissões, dos fluxos dos fiéis por ocasião das celebrações religiosas, e mesmo do serviço funerário.

Retomando a reflexão feita por Philippe Ariès (1989:125-126) quanto ao uso de todo o espaço contíguo às edificações religiosas para os sepultamentos, e considerando a quantidade e disposição das igrejas concentradas muito próximas umas das outras, é possível presumir que, no alvorecer do século XIX, estando as igrejas e capelas concluídas e em pleno uso, a parte mais antiga do núcleo habitado de Madalena podia ser considerada como um grande cemitério, pois:

A palavra *coemiterium* não designava necessariamente o lugar reservado às inumações mas o *azylus circum ecclesiam*, todo o recinto que rodeava a igreja e que beneficiava o direito de asilo. Enterrava-se por todo o lado dentro desse recinto, na igreja e em volta da igreja, nos pátios, *atrium*, nos claustros (...) (ARIÉS, 1989:125).

Em sua origem as palavras *ecclesia* e *cemiterium* eram praticamente sinônimos. E o que se compreendia como igreja era na verdade todo o espaço, constituído pela área edificada -

Igrejas, conventos, cemitérios

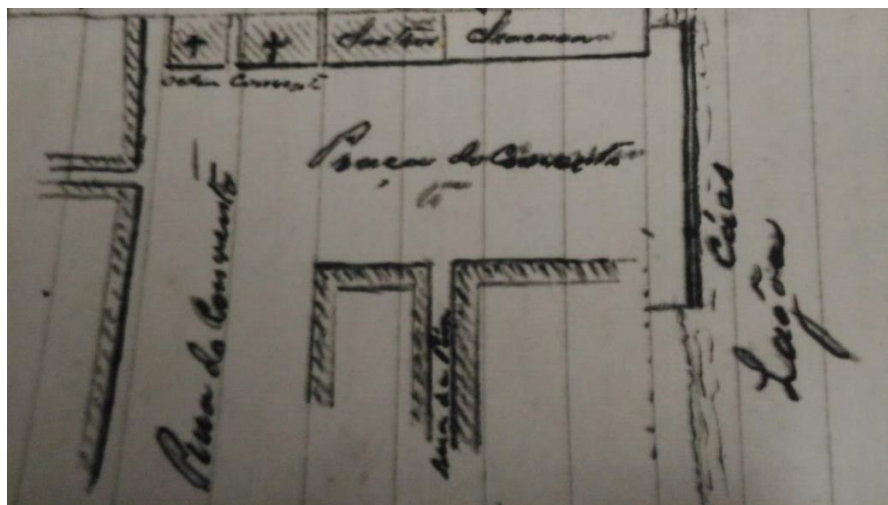
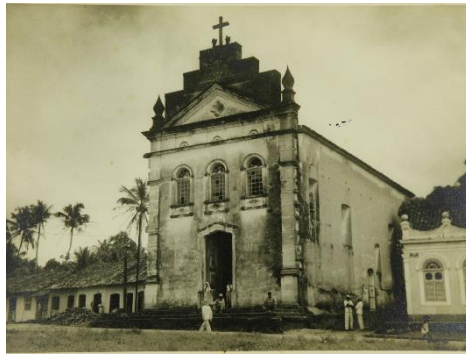
o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

recinto eclesiástico, acrescida da área externa, onde se dava parte dos enterramentos. O cemitério, propriamente dito, portanto, era apenas a área não edificada, da igreja. Analisar o espaço que povoados e vilas concederam aos seus mortos, permite deduzir que a sombra da Morte pairava à flor da pele urbana todo o tempo, e estava posta como parte dela integralmente.

Nessa perspectiva, é possível ponderar que o ambiente citadino de Madalena tenha sido, durante muito tempo, caracterizado pela presença de grandes faixas cemiteriais, muito próximas umas das outras. Totalizava-se, ao todo, um claustro, duas capelas e cinco igrejas, além das áreas externas circunvizinhas às áreas edificadas, todos servindo como espaços de sepultamento. (ver mapa 3 - XVI).

A bibliografia também afirma que os adros eram recorrentemente utilizados como alternativa para o sepultamento daqueles cuja situação financeira não lhes oferecia outra alternativa. *“Fazia toda a diferença ser enterrado dentro das igrejas ou em seus adros, sendo o interior dos templos reservado àqueles que podiam pagar por esse privilégio”*. (CYMBALISTA, 2002:34). Se os adros e áreas não edificadas contíguas às igrejas eram bem maiores que aquelas que se apresentam atualmente, pode-se avaliar como o impacto dos recortes espaciais destinados à Morte era bem maior.

As imagens mais antigas das edificações religiosas, às quais se teve acesso, indicam que elas apresentavam amplos espaços não construídos, à frente, lados e áreas posteriores aos prédios. Essa constatação visual, que confirma o que a tradição arquitetônica religiosa já afirmava, é importante porque todas as igrejas tiveram parte desses terrenos apropriado para outros usos, mas, no caso da igreja do Amparo dos Pardos, ela se torna particularmente significativa, pois, entre as demais, é que se encontra mais desfigurada em sua inserção urbana, já que lhe foi imposta uma rua estreita à frente, estando hoje parcialmente comprometida em sua visualização pelas construções que se colocaram muito próximas à fachada principal e às laterais. (ver figura 33 - XV).



Figuras 33 e 34. Adros das igrejas Matriz, do Amparo, do Rosário e dos conventos carmelita e franciscano.
Testamento Político, Vida Pública de Pedro Paulino da Fonseca – 1895.
Fontes: Acervo digital do IPHAN, sem data.
Arquivo Público de Alagoas;
Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

“A palavra *coemiterium* não designava necessariamente o lugar reservado às inumações mas o *azylus circum ecclesiam*, todo o recinto que rodeava a igreja e que beneficiava o direito de asilo. Enterrava-se por todo o lado dentro desse recinto, na igreja e em volta da igreja, nos pátios, *atrium*, nos claustros (...)” (ARIÉS, 1989).



Mapa 3. Marechal Deodoro - faixas cimiteriais associadas às igrejas e conventos.
Fontes: FERRARE, 2014:291 (adaptado) e Ana Cláudia Magalhães, 2015.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

No decorrer da pesquisa, foi possível ter acesso a um manuscrito, pertencente ao IHGAL, intitulado Testamento Político, Vida Pública de Pedro Paulino da Fonseca⁶⁵, escrito em 1895, no qual constam alguns desenhos das igrejas do Rosário e do Amparo, bem como do convento franciscano. Nesse último, é possível constatar que o adro conventual, ali chamado de Praça do Convento, se estendia por uma área bem mais extensa do que a atual, que se encontra parcialmente fragmentado por uma praça e ruas. Uma fotografia, possivelmente do início do século XX, ilustra exatamente o desenho feito por Fonseca e permite vislumbrar a dimensão do generoso espaço que precedia o convento, lhe conferindo visibilidade, permitindo a extensão das atividades litúrgicas e celebrativas para fora do recinto da igreja, e servindo também como alternativa para os sepultamentos dos mais necessitados (ver figura 34 - XV).

A composição final desse cenário, onde a convivência física entre vivos e mortos era vista como natural, demonstra a força de uma mentalidade que atuava fortemente na sociedade como um todo. Os enterramentos em Madalena se davam no mesmo lugar onde cotidianamente os vivos participavam das cerimônias religiosas. É o que pregaram não apenas as ordens religiosas, mas também o bispado através da série de determinações canônicas contidas nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia.

Conforme a direito é permitido a todo o Christão eleger sepultura, e mandar enterrar seu corpo na Igreja, ou adro, que bem lhe parecer, conforme sua vontade, e devoção. (VIDE, 1853:296).

Desse modo, os pisos internos do Amparo, do Rosário, da Matriz e das igrejas e capelas conventuais, nada mais eram que o local onde as pessoas estavam sepultadas. Considerando que até o século XIX as igrejas no Brasil não dispunham de bancos, nem tão pouco de cadeiras, a superfície sobre a qual os fiéis se locomoviam, se sentavam e se ajoelhavam durante o decorrer das celebrações, era uma sucessão de campas, onde, pouco abaixo, havia

⁶⁵ Pedro Paulino da Fonseca, irmão do Marechal Deodoro da Fonseca, nasceu e viveu em Madalena, até se mudar com a família para o Rio de Janeiro, em meados do século XIX. Em 1889, foi indicado como primeiro governador nomeado do Estado de Alagoas, para onde retornou. Produziu importantes relatos a respeito da cidade natal, sempre marcados por sentimentos nostálgicos e saudosistas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

um cadáver depositado. A imagem de uma igreja portuguesa com sua estrutura de piso totalmente exposta, revela a distribuição dos vãos das sepulturas, sobre os quais toda a ritualística religiosa era desenvolvida. (ver figura 35 - XVII).

Os registros mais significativos desse tipo de arranjo cemiterial feito nos pisos das igrejas de Madalena, e que sobreviveram aos dias atuais, são a planta baixa da Matriz, já citada, e a marcação das sepulturas preservada nos pisos da nave e do claustro do Convento Franciscano. Embora as campas de madeira tenham sido retiradas e substituídas por um pavimento em tijoleira de barro, o simples desenho no chão consegue manter algo de uma ambiência marcada por essas reminiscências da Morte.

Em Alagoas, além desses dois exemplares, ambos de Madalena, existe ainda a Igrejinha de Nossa Senhora dos Prazeres que, do alto de um morro/ilha, no povoado Barra do Ipanema, em Belo Monte, desde 1624 domina completamente a paisagem pela sua inserção peculiar. No interior, suas sepulturas íntegras, ainda com as campas antigas em madeira, conservam-se inteiramente preservadas, fornecendo uma possibilidade rara de convivência com um tempo distante onde vivos e mortos se encontravam no ambiente de uma igreja. (ver figura 36 - XVII).

Apesar de parte considerável das atividades funerárias serem realizadas no recinto das igrejas, ou no seu entorno imediato não edificado (adros e laterais),⁶⁶ a exemplo de sufrágios e deposição do corpo na sepultura, outra parte significativa tinha como cenário o ambiente urbano e era justamente nas ruas que atingiam seu ápice. Nessas ocasiões, todo o espaço era ritualizado e envolvido pela emoção de uma experiência de Morte que era compartilhada por todos os moradores. A cidade assumia seu potencial de hierofania e a realidade sagrada relacionada à Morte se projetava de forma mais ampla, convocando o ambiente urbano e seus

⁶⁶ Era comum no período estudado, a realização de razouras (também chamadas de razoulas e razolas), que eram procissões feitas em volta das igrejas, com os participantes entoando cânticos e fazendo preces pela absolvição das pessoas ali sepultadas (ARANTES, 1987a:20). Entretanto, no decorrer da pesquisa, não apareceu nenhuma indicação quanto à realização desse tipo de cerimônia no recorte espacial selecionado para esta tese.



Figuras 35 e 36. Versão esqueletizada do piso da nave com exposição das sepulturas, Igreja de São Pedro, Grândola/Portugal.

Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, Povoado Barra do Ipanema, Belo Monte, Alagoas.

Fontes: <http://igrejaspedro.blogspot.com.br/>;

Acervo da Superintendência do IPHAN em Alagoas;

<https://claudioandreopoeta.blogspot.com.br/2018/02/igreja-de-nossa-senhora-dos-prazeres-em.html>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

membros a compartilharem dela (ELIADE, 1956:20). O cerimonial fúnebre não se restringia ao âmbito familiar, constituindo-se em momento privilegiado de “*participação ampla da comunidade*” (ARANTES, 1987b:21). Comunidade essa que se reconhecia naquele luto, que se solidarizava com a dor da perda e que, envolvida por uma cultura religiosa muito forte, assumia, dali para frente, um papel ativo na salvação daquela alma. A pesquisadora destaca que, nessa celebração, “*o morto era o santo da procissão*” (ARANTES, 1987b:5). Para ele todas as atenções e intenções, louvores e homenagens. Pulsava também um sentido de igualdade ou, como a autora nomeia, “*um arquétipo de reconciliação dos homens diante de um fim que é inexorável para todos*” (ARANTES, 1987a:89).

Na condição de fenômeno de natureza, também, social, a Morte era marcada por um cerimonial que agia no sentido de convidar a cidade e seus habitantes a ficarem em volta do morto. Alceu Araújo (1967:54-65) dedica parte do seu livro a relatar o que ele categorizou como “*Ritos da Morte*” e, embora seu campo de observação seja uma área rural de meados do século XX, sem dúvida os passos descritos não foram criados de uma hora para a outra e resultam de anos de tradição, não sendo inadequado considera-los, também, como referência para o estudo aqui apresentado.

No conjunto desses ritos, Araújo chama a atenção para a união do grupo social em torno do acontecimento funerário, união essa que começava quando sentiam que a Morte estava se aproximando. Afinal, se tratava de uma Morte de sinais, que se anunciava de modo a permitir a preparação. Depois, tão logo ela se dava, era a vez dos sinos da Igreja Matriz anunciarem ao lugar sua passagem, através de toques diferenciados para homens, mulheres e crianças. Seguem-se outros procedimentos que vão demonstrando como o fenômeno era coletivizado e compartilhado, não apenas com a família, mas envolvendo amigos, parentes, vizinhos. Nesse sentido, havia as providências com a mortalha e o caixão (ou rede), a limpeza e vestimenta do

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

corpo, o velório. Depois vinha o cortejo formado pelos “*convidados da Morte*”⁶⁷, em direção ao local do sepultamento, e a despedida, que não era final porque os encontros se manteriam, embora que em outro nível. Destaquem-se as rezas que acompanham todo o processo: de ajudar o agonizante a morrer - Ofício da Agonia, Ladainha de Todos os Santos; quando a Morte já ocorrera – De Profundis, Senhor Amado; no velório: as “Excelências” (orações cantadas aos pés do morto), “Benditos” (orações cantadas à cabeceira do morto). As comemorações realizadas em honra dos fiéis defuntos constituíam-se em piedosos deveres que os cidadãos tinham com aqueles que haviam deixado esse mundo (MELO MORAES, 2002:225). Os cortejos mortuários eram parte do cotidiano urbano e acompanha-lo estava, inclusive, definido na legislação eclesiástica setecentista, prática enraizada o suficiente para ter se mantido na contemporaneidade. Ainda hoje, embora que fundada em outras formas de se relacionar com o fenômeno fúnebre, ainda é possível reconhecer alguma solidariedade dos vivos com os mortos quando acompanham um enterro, em especial, nas periferias e pequenas cidades e povoados de Alagoas, atualizando antigas práticas.

No acompanhamento irão todos em procissão para a Igreja, onde houver de ser enterrado o defunto, com compostura, e gravidade onde houver de ser enterrado pelo caminho ordenado pelo Parocho, que será para isso o mais breve, e acomodado que houver: e a cruz da Freguezia do defunto precederá às outras, excepto á da nossa Sé, porque esta precederá sempre a todas as outras de nosso Arcebispado, ainda não estando o nosso Cabido presente (VIDE, 1853:289-290).

Talvez ressoasse (e ainda ressoe) nos acompanhantes a sentença proclamada por Santo Afonso Maria de Ligório: “*E tu, neste momento, não caminhas também para a morte?*” O bispo italiano que escrevera um texto intitulado “Certeza da Morte”, não cessava de lembrar aos fiéis a fatalidade de um destino comum a ricos e pobres, a reis e plebeus:

De que te serviria ser feliz neste mundo, (...) se depois tens de ser desgraçado eternamente? Já tens preparado tua casa e teu gosto, mas reflete que cedo terás de deixa-la para apodrecer numa cova. Talvez alcançaste uma dignidade que te torna

⁶⁷ Expressão usada por Melo Moraes para designar o cortejo que se dirigia aos espaços de sepultamento para cultuar os mortos no Dia de Finados (2002:226).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

superior aos outros, mas a morte virá e te igualará aos mais vis plebeus deste mundo
(In: <http://amigos-catolicos-evangelizadores.blogspot.com.br/2017/01/0268.html>).

Os testamentos deixados também são um importante testemunho de como esse cortejo era concebido de modo a impactar, ficando claro que serviam tanto aos mortos quanto aos vivos. É o que se depreende do testamento do português Estevão Lourenço de Magalhães e Dias, falecido em 1793, na vila de Madalena. Como terceiro franciscano, ele pede que seja sepultado na capela da Ordem, vestido no hábito de São Francisco, o que demonstra sua conexão com as tradições funerárias em voga. Determina que o séquito que acompanhará seu corpo à sepultura seja formado pelas irmandades de Nossa Senhora da Conceição, “*como também a dos pretos de Nossa Senhora do Rozario*”, além de todos os padres que estiverem na vila, bem como os frades franciscanos e carmelitas.⁶⁸

De modo geral, nas procissões ou cortejos, fossem eles de caráter funerário ou celebrativo, o meio urbano absorvia de modo pleno seu papel central nos fenômenos de natureza sagrada, não apenas funcionando como palco, ou cenário, mas na condição de agente, ele próprio sacralizado. Talvez esse fosse o momento de apropriação plena do ambiente citadino, onde relações espaciais e humanas se fundiam. De uma forma ou de outra, a procissão provocava um sentimento de celebração coletiva. Nesse sentido, o caráter pedagógico, traço muito forte desse tipo das cerimônias públicas, fazia com que todos fossem, de alguma maneira, tocados pelas mensagens ali contidas. (ver figuras 37 e 38).

Um relato do início do século XVIII, reproduzido por Teixeira (2009:77), demonstra que, no decorrer de procissões celebrativas, todos os acessórios usados - fogos de artifício, salvas de artilharia, tochas, tinham uma intenção muito bem definida de conferir ao ato um ar festivo,

⁶⁸ Apesar da dificuldade de total compreensão do conteúdo desse testamento, se depreende que Estevão também pertencia a outra associação leiga, tendo sido possível identificar que se tratava da Irmandade do Senhor dos Passos. Há possibilidade de uma segunda vinculação, mas não foi possível precisar qual teria sido. Constata-se que ainda que havia frades carmelitas na vila no final do século XVIII. In: Testamento de Estevão Lourenço de Magalhães e Dias (1793). Disponível em: https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbm9hcncF1aXZvY3VyaWFtZX_Ryb3BvbGl0YW5hfGd4OjQzZDAxYWE5Y2VmZmM2YTI. Transcrição: Antonio Filipe Pereira Caetano, em 06/08/2014. Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

mas, ao mesmo tempo, solene, que causava forte impressão ao público, especialmente àqueles aos quais se queria comunicar a grandeza dos poderes – religioso e político, ali representados.⁶⁹

Madalena foi rica em cortejos e séquitos de toda natureza, O mais antigo do qual se tem registro documental, foi um evento denominado “Publicação da Paz a 23 de fevereiro de 1667 entre D. Afonso VI de Portugal e Carlos II da Espanha”, realizado em 1668 justamente para tornar público o pacto entre os dois reinos. De acordo com a descrição contida no 2º Livro de Vereações da Câmara de Alagoas do Sul (Apud CURVELO, 2014:81) os oficiais seguiam em cortejo pelas ruas da vila, o mais velho deles portando um estandarte com as armas reais, enquanto outro ia comunicando em voz alta o teor do documento. Nesse tempo, essa era a forma mais eficiente de fazer uma notícia alcançar a população de um lugar.

Depois são as Crônicas Franciscanas que situam no tempo a sua primeira Procissão das Cinzas, realizada em 1751, sob a coordenação da Ordem Terceira de São Francisco (JABOATÃO, 1859:613).

De acordo com Adalgisa Arantes (1987a) esse tipo de celebração pública tinha todas as cores de um espetáculo encenado a céu aberto. Era, nesse sentido, um misto de teatro e celebração cristã, com a participação muito marcante de todos os componentes sociais. Ao mesmo tempo que era democrática, pois permitia a todos se integrar no movimento, a localização dos grupos e das pessoas no cortejo confirmava a estratigrafia existente no mundo.

O percurso processional também era uma forma de afirmar a hierarquização que já existia no próprio desenho urbano, privilegiando no trajeto as ruas mais destacadas, geralmente aquelas que abrigavam as igrejas e, conseqüentemente, onde moravam as classes mais abastadas.

⁶⁹ O caso transcrito por Teixeira (2009:77) é a comunicação feita ao rei de Portugal, em 1729, por um capitão-mor cearense, a respeito da festa que ele mesmo promovera, em honra do casamento de Dom José, onde as festividades de natureza profana se misturaram às religiosas, ao tempo em que ressalta o quanto aquelas atividades repercutiam junto aos índios, comunicando a grandeza do rei e do reino.



Figura 37 . Procissões tradicionais na cidade: santos padroeiros e Semana Santa;
Cortejos funerários recentes.

Fontes: <http://blogdopopamarechal.blogspot.com.br/>;
<http://www.marechalnoticias.com.br/noticias/geral/procissao-do-mastro-abre-festividades-da-padroeira-de-marechal-deodoro/> ;
Ana Cláudia Magalhães, 2012.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Além disso, evidenciavam as igrejas, cujos adros eram capazes de acolher o público participante.

As procissões, de modo geral, não eram simples cortejos com objetivos puramente litúrgicos. Elas eram atividades controladas pelos poderes eclesiásticos e político e contavam com estatutos bem definidos para a sua organização e execução, com a prescrição de multas para aqueles que não compareciam a elas, incluídos aí membros do clero e das confrarias.⁷⁰

Em texto escrito em 1895, Pedro Paulino da Fonseca (1942:18) afirmava que os festejos religiosos na antiga Madalena eram recorrentes e celebrados com grande pompa, atraindo muita gente dos povoados, vilas e cidades vizinhas, bem como de lugares mais distantes. Com a propriedade de quem testemunhou tudo, ele narra as celebrações da Semana Santa, que começavam na quarta-feira de cinzas e se encerravam com a Páscoa, e como a dinâmica do lugar se alterava por conta dessas festas, destacando que o porto do convento ficava tomado por centenas de embarcações.

Já então não se encontrava uma só casa vazia na cidade. Desde Taperaгуá até Pedreiras e Trancoso estavam todas tomadas e habitadas pelas famílias de abastados senhores de engenhos e, nas ruas da Matriz, Rosário, Amparo, Convento, da Paz, Palácio, de Baixo, do Meio, e alojadas achavam-se mais de uma família para passar a festa (FONSECA, 1942:20).

Quando descreve a Procissão da Cinza, protagonizada pela Ordem Terceira de São Francisco, seu texto é tão rico em detalhes que é como se desenhasse a cena por onde circularam personagens como a Morte – “*figura alta e magra com a foice na mão direita e a matraca na esquerda*”; anjos portando objetos emblemáticos como ampulheta, balança, espada; pessoas fantasiadas de Adão e Eva lembrando as consequências do pecado; alegorias da Confissão,

⁷⁰ De acordo com as Recomendações do Prelado de Pernambuco, datado de 1727, havia regras de comparecimento dos fiéis, inclusive para as missas: “*Recomendamos ao Reverendo Pároco e ao Reverendo Coadjutor tenham especial cuidado de que à missa conventual não falem as pessoas que sejam obrigadas*”. (Apud TEIXEIRA, 2009:74).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Contrição, Satisfação, Obediência, Memória da Morte e Desprezo do Mundo. Os mártires franciscanos também eram representados no cortejo, além de dezenas de andores portando os santos da Ordem. Segundo ele, os festejos da Semana Santa tornavam a “*cidade alegre, festiva, com um movimento espantoso de povo pelas ruas (...)*” (FONSECA, 1942:21).

Some-se ao espetáculo visual, os discursos inflamados pronunciados na Sexta-feira da Paixão, dos quais ele destaca o Sermão de Lágrimas, ou do Sudário, que tocava na emoção dos ouvintes, provocando choros, “*gritos angustiosos e ataques nervosos*” (FONSECA, 1942:24). Ele conclui esse relato tão saboroso descrevendo o contentamento que se instalava na cidade quando a celebração atingia seu ponto culminante, no Sábado da Aleluia e no Domingo da Ressurreição: “*Os sinos de todas as igrejas a repicarem, milhares de foguetes a estourarem no ar, salvas de bombas a troarem (...). Geral alegria*” (FONSECA, 1942:25).

Convém lembrar aqui as considerações feitas por José Matoso (1992:16-17) quando afirma que, após a oficialização do Cristianismo, as reminiscências da cultura funerária pagã não foram rapidamente apagadas do novo cotidiano cristianizado e que os ritos romanos eram ruidosos e marcados por um tom dramático, especialmente quando se tratava dos clamores funerários. A evolução da doutrina católica e a crítica contundente de uma parte pensante dos primeiros tempos da Igreja fizeram com que se induzisse um tom mais discreto nas cerimônias, sem, entretanto, retirar de vez a emoção das manifestações. As procissões coloniais se enquadram nessa espetacularização onde, a cultura barroca, ao adotar plenamente a intenção e a capacidade de provocar e manipular sensações, recria as circunstâncias a que Mattoso se refere.

Em Madalena, de acordo com Fonseca (1942), eram, ao todo, onze procissões realizadas apenas na época da quaresma: da Cinza, dos Penitentes, dos Passos, das Palmas, do Triunfo, Exposição do Santíssimo Sacramento, da Visitação de Enfermos, do Encontro, dos Fogaréus, do Enterro, da Ressurreição.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Ele cita ainda um detalhe interessante, e que quase pode passar despercebido, haja vista sua discrição no contexto de uma narrativa tão rica de detalhes. É uma simples menção a respeito da Procissão dos Penitentes, cuja saída para a rua acontecia apenas após as dez horas da noite. Embora não ofereça absolutamente nenhuma outra informação além dessa referência, é possível se ter uma imagem de como essa procissão funcionava através da comparação com outras celebrações dessa mesma natureza. Uma possível analogia pode ser feita do relato produzido pelo Cônego Machado de Mello, que descreveu como eram os préstitos organizados pelos penitentes, em povoações às margens do Rio São Francisco, em Alagoas. Chamadas de Encomendação das Almas, as “*lúgubres procissões nocturnas*”, saíam apenas à meia-noite e na época da Quaresma (MELLO, 1913:64). Uma cruz ladeada por lanternas iluminadas por velas abria o fantástico cortejo. Segundo a descrição do Cônego,

cantores de voz cavernosa ali estão para em cada casa, de rico ou de pobre, ajoelhados á porta, entoar o tétrico estribilho: Alerta, pecador, alerta, olha que has de morrer, si hoje estás vivo em figura, amanhã morto em sepultura, um Padre-Nosso com Ave-Maria, com Ave-Maria, pelas almas do purgatório (MELLO, 1913:65).

Continuando a descrição, o sacerdote afirma que, de dentro das casas e sem poder olhar o que acontecia lá fora, as pessoas tinham que se ajoelhar e rezar, sob pena de serem atormentadas pelas almas do outro mundo. Um dos pontos mais extraordinários dessa celebração era quando, em nome da necessidade de expiar os pecados cometidos, alguns penitentes saíam à frente do cortejo e se jogavam no chão para serem pisados pelos demais, em sinal de humildade. Melo Moraes também atribuiu importância a esse cortejo tão carregado de apelos à sensibilidade popular ao descrevê-lo na sua obra *Festas e Tradições Populares do Brasil*, publicado em 1895, reconhecendo que naquela “*serenata da morte*”, onde apenas os homens tomavam parte, se manifestava a tênue linha entre a religiosidade e a superstição (2002:191-194).⁷¹

⁷¹ Alceu Maynard Araújo também discorre sobre essa celebração que em alguns lugares do Brasil é chamada de “*Recomenda das Almas*” e que em 1950 ainda era realizada no interior paulista (1967:61).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Voltando à rica narrativa de Fonseca, observa-se que, além do cuidado nos detalhes que ressaltam o aspecto religioso e simbólico das celebrações, ele expõe a dimensão da cidade como receptáculo privilegiado desse tipo de evento. De forma muito sensível, ele identifica no movimento processional, que zigue-zagueava descendo e subindo ladeiras, uma cobra de fogo, da qual, devido à topografia acidentada do lugar, ora se via a cabeça, ora a cauda. Segundo o autor, “*o efeito do préstito com centenas de luzes era espetacular*” (FONSECA, 1942:23). Ferrare, que analisou detidamente esse texto, reconhece que,

(...) existia uma relação intersticial entre a Cidade e o caráter espetacular destas Festas Santas (e vice-versa) a partir do reconhecimento de que a Cidade emprestava, não apenas a persuasão da plástica barroca dos espaços interiores e das fachadas de seus templos, mas também, a dinâmica da sinuosidade de suas ruas enladeiradas que se desdobravam em largos agregadores de multidões contritas e propiciavam perspectivas simultâneas de uma ambiência multiforme (...) (FERRARE, 2001/2003:363).

Curiosamente, o espaço urbano de Madalena se unia entre aquele construído especificamente para o sagrado e outro de natureza laica que, entretanto, cumpria funções associadas ao roteiro que o sagrado determinava para sua manifestação na urbe.

Os investimentos nas cerimônias públicas não estavam apenas vinculados às manifestações da religiosidade, pois mantinham uma conexão estreita com o lugar que cada um dos participantes ocupava no mundo. Eram momentos especiais de afirmação de poder, seja das ordens regulares, do clero secular, das confrarias, enfim, das pessoas isoladamente e em grupo.

A grande quantidade de celebrações públicas que era realizada no ambiente citadino, nas várias festividades que marcavam o calendário eclesiástico, contribuía para a movimentação social, recreação e encontro. Além das festas religiosas, havia aquelas de caráter político, comemorativo, cívico: aniversário e casamento de reis e rainhas, coroações, entre outros motivos. Mas tudo era mesclado pela influência da religião.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A própria nomenclatura aplicada às ruas do lugar demonstrava um alinhamento com as crenças e práticas católicas. Ora, é sabido que os caminhos e ruas mais antigos dos núcleos habitados eram inicialmente batizados pela própria comunidade que os utilizava e, geralmente, tinham ligação com as funções desenvolvida no local, as igrejas ali instaladas, um morador mais conhecido, ou mesmo uma característica geográfica marcante. Por vezes, a simples referência a uma edificação religiosa gerava uma denominação que depois se popularizava e era oficializada através da apropriação popular.

Na cidade das Alagoas esse mesmo costume foi verificado, pois os primeiros nomes dados às ruas mais antigas estavam todos relacionados à localização das igrejas, bem como aos usos mais frequentes a elas destinados. Desse modo, existiam as ruas da Matriz, do Rosário, do Amparo, do Convento e do Carmo⁷² conformando uma espécie de território do sagrado, pontuado por igrejas, sons de sinos, trajetos processionais e palco das muitas festividades e celebrações. É bem possível que essas denominações conferidas às ruas tenham surgido desde que seu traçado começou a ser delineado através do uso frequente (ver mapa 4 - XIX).

Uma dos aspectos que chamou a atenção do viajante alemão Ave-Lallemnt (1980:289), ao visitar a cidade em plena Semana Santa de 1859, foi justamente o intenso movimento nas ruas e edificações que constituem esse circuito, com pessoas fazendo e refazendo trajetos, entrando e saindo de cada uma das igrejas, reunindo-se em torno delas, numa espécie de via sacra particular que era, entretanto, realizada coletivamente. Contudo, esse território não se restringe ao domínio da matéria representada nas igrejas e conventos. Ele se estabelece e se afirma a partir da convergência de usos e sentidos, plenamente integrados ao cotidiano urbano, através de uma vivência coletiva que é mais fortemente experimentada em determinadas épocas do calendário religioso. As igrejas, capelas, ruas e adros configuravam-se como o espaço físico-simbólico, estruturante e fundamental para que os fenômenos

⁷² Um relatório datado de 1869 aponta que a cidade contava, naquela época, com 22 ruas e 4 praças, das quais se destacou aqui apenas as relacionadas às igrejas objeto desta tese. In: Figueiredo - Relatório, 1869 (Assumptos), pp 3.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

religiosos se manifestassem plenamente, e se expandissem para as ruas, adentrando também nas casas, no comércio, influenciando as saudações, a gestualidade, os afetos.

Nessa perspectiva, o conteúdo pedagógico da Igreja ultrapassava o recinto fechado e extravasava para a cidade, tornando-a toda ela doutrinária.

Cabe destacar que, nesse mesmo local, se davam trocas simbólicas relacionadas à Morte, pois a presença dos espaços cemiteriais associados a cada uma das edificações religiosas ali localizadas, fazia com que o uso funerário das ruas fosse também recorrente. Portanto, além de cenário para as festividades, elas constituíam o caminho percorrido pelos cortejos fúnebres, tendo à frente confrarias que, alçadas de cruz, tinham a incumbência de transportar seus mortos de uma morada à outra...da morada terrena à morada sagrada.

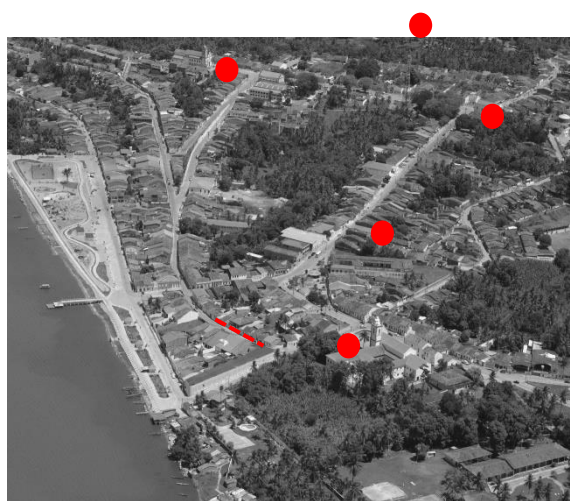
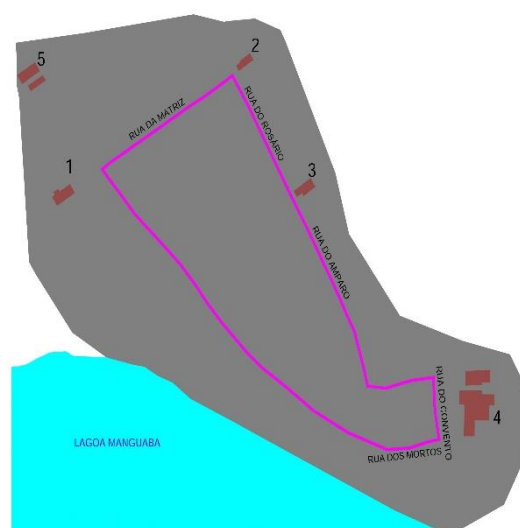
No início do século XX, o último trecho da via paralela à lagoa e perpendicular à Rua do Convento, que se alonga longitudinalmente na parte baixa da vila, seguindo na direção à casa franciscana, antes conhecida como Rua da Paz, passa a ser chamada Rua dos Mortos (ver figura 37 - XVIII). A denominação dos Mortos aparece apenas em registros do século XX, citada em um livro de memórias que apresenta a cidade nos anos 30 (BITTENCOURT, 1992:42-67), bem como em uma planta existente nos arquivos da Superintendência do Iphan em Alagoas, possivelmente executada em torno dos anos 60 (Cf. MAGALHÃES, 2005).⁷³

A corruptela “dos Mortos”, apesar do emprego mais recente, é de vital importância na construção do objeto desta tese, pela simples possibilidade de, através dela, ser possível observar a vinculação existente entre o espaço público e o fenômeno da Morte. A primeira explicação para o nome singular é que houvesse uma apropriação tão frequentemente relacionada à Morte, no caso, a passagem de cortejos funerários em direção ao local do

⁷³ Embora não se saiba o ano que os nomes das ruas foram mudados, projetos realizados pela Secretaria Estadual de Planejamento de Alagoas, em 1979, já apresentam denominações diferentes para elas, todas relacionadas a personagens históricos. Apenas a antiga Rua do Convento, alterada para São Francisco, guarda na nomenclatura alguma relação com a conotação religiosa relacionada ao lugar (FERRARE, 2014:276).

Legenda

1. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.
2. Igreja de Nossa Senhora do Rosário.
3. Igreja de Nossa Senhora do Amparo.
4. Convento Franciscano de Santa Maria Madalena.
5. Convento de Nossa Senhora do Carmo



Mapa 4. Nomenclatura antiga das ruas nas quais se localizam as igrejas e os conventos.

Figuras 38. Vista aérea da cidade, com indicação das igrejas e conventos e Rua dos Mortos destacada em vermelho;

Pessoas aguardando um cortejo funerário, início do século XIX.

Fontes: FERRARE, 2014:276. Adaptação: Camilo Almeida do Vale, 2016.

Grupo Estudos da Paisagem/FAU/UFAL/2012, adaptado por Ana Cláudia Magalhães/2017. BLUME, 2010:213.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

sepultamento, a ponto de atrelar o próprio espaço/rua à função. A segunda possibilidade é que a rua tenha sido assim denominada por causa de uma sucessão de fatos ou ocorrências relacionadas a eventos trágicos/fúnebres, que terminaram por caracterizá-la, até sua substituição pelo nome atual de Rua Marechal Deodoro.⁷⁴

Considerando que as ruas mais antigas da vila foram batizadas a partir de referências concretas e muito particulares ligadas aos marcos religiosos edificadas, a Rua dos Mortos, como tudo parece indicar, tinha outro tipo de referência, não mais construída, mas vinculada à uma forte imagem de mortos, via cortejos fúnebres recorrentes, ou pelo próprio fenômeno em si.

A cena ocorrida em São José do Herval/RS (figura 38 - XIX), apesar de geograficamente distante do objeto deste estudo, é muito esclarecedora e, ao mesmo tempo, ilustrativa do processo de produção do desenho urbano a partir dos usos e movimentos ocorridos nele. A fotografia constitui-se em rara imagem de um cortejo funerário realizado no início do século XIX. Feita por August Hendges e disponibilizada por Sandro Blume (2010:213), ela retrata uma cena onde as pessoas enfileiradas em duas alas, aguardam solenemente um caixão passar.

A análise desta imagem esclarece alguns pontos destacados na bibliografia consultada. Inicialmente, chama a atenção a quantidade de pessoas atraídas pelo evento funerário, o que confirma a sua dimensão pública e a capacidade de fazer com que sejam paralisadas

⁷⁴ As versões apresentadas para a denominação são variadas, porém todas tangenciam atividades relacionadas à Morte. De acordo com a Prof^a Dr^a Josemary Ferrare, no desenvolvimento de sua dissertação de mestrado, ela recolheu, junto a pessoas da cidade, a informação de que naquela rua, haviam morrido vários moradores vitimados por uma mesma doença e daí surge o nome (informação passada verbalmente em 05 de maio de 2017). No decorrer desta tese, em conversa com um residente na cidade, Allan Chrystian, ele afirmou que ouviu dos mais antigos que, o nome Rua dos Mortos deriva do tempo que existia um cemitério no Convento Franciscano e os enterros passavam com alguma frequência por ela, atraindo a denominação. Uma outra memória urbana afirma que, quando a cidade perdeu a condição de capital da Província, a rua, antes ocupada por vários funcionários públicos influentes, ficou deserta pois houve a transferência maciça de todos para Maceió. Embora plausíveis, as versões não parecem se aplicar, uma vez que o nome Rua dos Mortos só é citado em documentos do século XX, muito distanciados dos eventos que teriam provocado a denominação, segundo as fontes mencionadas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

atividades cotidianas para reverenciar um morto que, possivelmente, poderia sequer estar incluído no rol de familiares ou de amigos (Cf. ALENCASTRO, 1997:117). Volta-se, aqui, à questão da sensibilidade cristã da época, conforme defendido pelo já citado Santo Afonso Maria de Ligório, quando exalta a cumplicidade que deve se estabelecer entre vivos e mortos já que a condição do segundo anuncia o futuro do primeiro.

Muito importante também é observar a dimensão física do lugar. Trata-se de um via, sem conexão com outra. Mas é perceptível que as pessoas aguardam a passagem do féretro e, nessa espera, definem com seus corpos um caminho; caminho esse que se trilhado com frequência pode vir a formar uma rua. Rua esse que se marcada pela passagem frequente de um cortejo fúnebre, pode vir a ser chamada dos Mortos.

A cultura de comunhão entre igreja, irmandades e cidade, vivos e mortos, caminhos e cortejos funerários, que foi apresentada nessa sessão, marca nosso objeto de estudo, desde a sua origem, no século XVII. Apesar de todas as interrogações que ainda restam e para as quais a investigação científica não tem resposta, já que alguns conhecimentos só se revelam na experimentação de um cotidiano, e esse já não existe mais, foi possível apresentar o perfil de uma cidade feita para viver, não se sabe como, haja vista tantas dificuldades inerentes ao tempo, mas certamente preparada para permitir aos seus vivos a possibilidade de morrer bem, pois, pelo que se viu, para isso, ela foi arranjada desde seu princípio.

Igrejas, conventos, cemitérios

*o Lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e
arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas*

CONVENTO, f. m. claufura de religiosos, ou religiosas de alguma ordem. § Conventos jurídicos, Relações, ou Chancellarias, a que se recorria por appellação. § Junta de pessoas. *Enfr. prologo.*

Bluteau, 1789:325

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

3 UM LUGAR PARA A IRMÃ MORTE NA CASA FRANCISCANA

Santa Maria Madalena

3.1. O Protagonismo do Convento Franciscano: percurso histórico.

Os conventos franciscanos seiscentistas e setecentistas do Nordeste brasileiro têm sido, nos últimos tempos, objeto de pesquisas acadêmicas, dado sua presença destacada no cenário de vilas e cidades de origem colonial. Sua importância se dá em várias dimensões; devido às características construídas (volumetria, gabarito, elementos artísticos associados), pelos atributos urbanos e arquitetônicos que os fazem sobressair-se em meio a um casario esteticamente recatado e pelas complexas relações que ele promoveu ao longo do tempo, entre a religiosidade e vida secular.

Seus valores têm sido discutidos a partir do que se reconhece como heranças do Velho Mundo, mas, também, no que nele se percebe como novo. O tombamento federal das treze casas franciscanas localizadas na faixa litorânea do Nordeste sem dúvida confirma valores históricos e artísticos ímpares, mas, ao reconhecer a importância da pedra e cal, se termina por também validar o seu papel no campo do simbólico, como receptáculo de encontros, gerador voraz de hábitos religiosos que contribuíram para a construção do perfil cultural dos lugares onde foram instalados. Como projeção que eram do sistema de crenças que dominava o mundo colonial, os conventos franciscanos foram particularmente notáveis na influência que exerceram sobre as mentalidades urbanas, ultrapassando, assim, a sua já forte presença material.

No universo de referências e símbolos que se vislumbra como parte dos elementos que sustentava a casa franciscana, se buscou aqui mostrar que a Morte era um dos mais fortes. Nessa perspectiva, é essa a força que será ressaltada no interior do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, expressa desde seus princípios e que, ao longo da sua existência, se

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

manifestou na condição de fenômeno, de história, de arte, de signo e, especialmente de discurso; seja através de gestos e sinais deixados na paisagem materializada, seja, sobretudo, na narrativa daqueles que ali conviveram. De certa forma, esse tema que aqui se apresentará não deixa de constituir-se num novo olhar sobre os conventos franciscanos, profundamente estudados que foram, sob tantos e diversos aspectos, mas que, no que concerne à sua condição como território da Morte, pouco foi investigado. Pretende-se demonstrar que, falar do Convento de Santa Maria Madalena a partir da perspectiva da Morte é possibilitar que ele ocupe o seu devido lugar dentro da cultura funerária predominante na antiga vila de Madalena, especialmente no período que vai dos séculos XVI ao XIX. Aí reside uma das grandes manifestações da importância e força da velha casa franciscana. O convento foi um dos agentes privilegiados onde mecanismos sociais atuaram decisivamente de modo a permitir que processos de sepultamento essenciais à dinâmica urbana, fossem executados em sua plenitude material e simbólica.

O protagonismo aqui alegado é sustentado pelo número de informações às quais se teve acesso, que apontam o quanto a cultura da Morte foi decisiva para sua existência, tanto quanto as vivências que animavam o seu cotidiano. É ele que permite, mais do que os demais espaços religiosos aqui estudados, a identificação mais nítida das várias nuances que a Morte toma ao longo do tempo; como o fenômeno se moveu no seu ápice, entre os séculos XVII e XVIII; quando ela começa a silenciar no século XIX, seguindo um curso crescente e irreversível de apagamento e desconstrução de crenças antigas; mas também, como ela continua a se manifestar hoje, por via de pequenas insistências, as quais, ainda que muito sutilmente, conseguem narrar uma parte dessa presença que, embora não nos reintegre a uma plenitude que faz parte do passado, consegue revelar-se através de insinuações visuais e simbólicas.

As imagens da Morte que sobreviveram aos anos e que imprimiram sua marca na arquitetura conventual confirmam a forma com ela era inscrita no mundo colonial e, acima de tudo, fixam o seu lugar em Santa Maria Madalena. Expressões da complexidade cultural e das forças sociais que a sustentaram, os fenômenos ligados à Morte materializados no convento

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

contribuem para a compreensão da sociedade e de como os franciscanos circularam nesse meio, desde a chegada dos primeiros frades ao Brasil, em 1500.

A partir da esquadra de Cabral, até 1584, vieram, ao todo, nove grupos de missionários franciscanos, não apenas de províncias portuguesas, mas também, italianas e espanholas, com missões espalhadas isoladamente pelo território, sem uma organização que as ligasse umas às outras. Nesse período, houve diversas tentativas de construção de conventos, mas nenhuma se efetivou, pois, embora a intenção da Ordem dos Frades Menores não tenha sido uma passagem esporádica pelos lugares, mas uma presença permanente e estruturada em conventos, isso não era, ainda, compatível com os planos da Coroa Portuguesa (WILLEKE, 1973:21).

A missionação no Novo Mundo era a etapa moderna de uma atividade que começara no Franciscanismo medieval, quando os frades eram instados a se lançarem na conquista de almas. Esse ideal religioso é bem ilustrado na imagem denominada “Orbis Seraficus” (ver figura 40 - XX), que mostra o próprio São Francisco lançando, ou criando, laços com o mundo conhecido de então, lembrando aos irmãos o compromisso com a itinerância, um dos traços que caracterizariam a Ordem desde sua criação (Cf. ALMEIDA, 2008). Nessa perspectiva, as primeiras gerações de frades franciscanos que chegaram ao Brasil participaram ativamente das expedições de conquista e colonização de parte considerável da costa nordestina, começando pelo sul de Pernambuco, aí incluída Alagoas, até o Rio Grande do Norte (WILLEKE, 1973:22).

À emergência de garantia da propriedade e aspectos socioeconômicos decorrentes, se aliava a necessidade de homogeneização da mentalidade colonial em torno de uma única crença religiosa. Ao adentrar pelos sítios ermos, deixando suas cruzes como marcas da conquista pela fé, os “*arautos de Cristo*”, assim vistos e denominados pelo frade alemão Frei Venâncio Willeke (1973:22), contribuíam também para demarcar territórios. Embora os estudiosos do Franciscanismo, a exemplo do citado Willeke, acentuem, sobretudo, a dimensão catequética

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

da presença dos frades junto às expedições de conquista, certamente, ela não estava desligada da ação política de apropriação e exploração. Ao contrário, as legitimava, sobretudo quando havia almas a serem atraídas e salvas. Nesse sentido, entre as suas atribuições estavam:

Benzer os estabelecimentos de engenhos de açúcar, acompanhar as bandeiras que caçam indígenas, e mesmo animar as guerras regulares contra os indígenas. (HOORNAERT, 1977:55).

Em um contexto de urgência por respostas positivas às demandas administrativas e econômicas, Jorge de Albuquerque Coelho, governador da Capitania de Pernambuco, em fins do século XVI, solicita à Ordem dos Frades Menores em Portugal providências para a construção de um convento no Brasil, contando para isso com o apoio do rei luso-espanhol Felipe II.⁷⁵ Após o primeiro, muitos outros se seguiram. O estabelecimento dessa casa coincidiu com um novo impulso nas atividades missionárias dos Menores, o que só foi possível devido à criação da Custódia de Santo Antônio do Brasil, no mesmo ano.⁷⁶

O Convento de Nossa Senhora das Neves, construído a partir de 1585, na antiga Marim, hoje cidade de Olinda, em Pernambuco, foi o primeiro de uma rede de casas franciscanas implantadas no litoral nordestino, que passaram a marcar profundamente a paisagem de povoados e vilas onde foram edificadas. A casa, na verdade um complexo arquitetônico formado pela moradia dos frades, igreja da Ordem Primeira e capela da Ordem Terceira, é a representação de uma linguagem construtiva própria da Ordem dos Frades Menores, e que chega ao Brasil sob a influência direta dos conventos portugueses.⁷⁷

Presença permanente e duradoura, um convento franciscano notabilizava-se pelo impacto gerado da sua implantação destacada em meio às povoações nascentes, ressaltando que, além

⁷⁵ Nessa época, a Coroa Portuguesa estava unida politicamente à Coroa Espanhola, num processo de dominação da segunda sobre a primeira, que durou de 1580 a 1640, denominada de União Ibérica. Disponível em: <http://www.historiatecabrasil.com/2009/09/uniao-iberica-resumo.html>.

⁷⁶ A criação da Custódia brasileira regularizava a situação dos frades e definia que os conventos brasileiros estariam submetidos à Província de Santo Antônio de Portugal.

⁷⁷ A esse respeito, Cf. BAZIN, 1983, e CAMPELLO, 2001.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

dos apelos técnicos e estéticos do prédio, a presença dos frades dinamizava o lugar influenciando diretamente no pensamento coletivo, através, não apenas das práticas religiosas, mas, atendendo à série de demandas urbanas relativas à administração local, ao ensino, às questões cartoriais, à saúde, entre outras. Uma das atuações mais destacadas se dava no campo educativo, pois eram os Padres Mestres franciscanos os responsáveis pelo ensino gratuito das primeiras letras às crianças.⁷⁸ Possivelmente, deve-se também aos frades a introdução de novos costumes, não apenas relacionados à prática religiosa, mas a outros campos, da arte à culinária. Em documento datado de 1870, Frei José de Santa Engrácia Cavalcante, revela os talentos de frades que nasceram e viveram nos conventos alagoanos (Madalena e Penedo), destacando-os como mestres, artistas e artífices, teólogos, literatos, poetas, cantores, oradores (CAVALCANTE, 1879:12).

Os frades que vieram para o Brasil, por serem observantes, ou seja, defensores da extrema simplicidade, traziam uma mentalidade marcada pela opção ao desapego e à pobreza, seguindo o que estava especificado na Regra da Ordem, e isso deveria ser ressaltado, também, nas suas casas. E, nesse sentido, os Estatutos eram bem claros: “*Encomenda-se muyto que nos edificios, e obras resplandeça muyto a santa Pobreza, não fazendo curiosidades supérfluas e desnecessárias*”. (SANTA ISABEL, 1709:133). Abria-se exceção, entretanto, para a igreja.

Quanto à exuberante riqueza de arte aplicada em sua Igreja, os franciscanos a motivaram com o conceito, então em voga, de que para o culto divino todo o ornato seria pouco. Valia tal justificativa também para a Sacristia, dependências da Igreja, para o claustro inferior [térreo], pelas costumeiras rasouras (procissões internas) e para a Sala do Capítulo. (WILLEKE, Prefácio. Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco, 1978).

Impulsionados pela missão de evangelizar, de afirmar a presença franciscana através de conventos, e de transformá-los em centros de educação para a fé, na terceira década do século

⁷⁸ Em Santa Maria Madalena, os frades deram aulas de gramática de 1719 até 1799 quando foi criada a primeira aula pública na cidade. (Cf. SANTANA, 1970:34).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

XVII já havia na costa da Colônia uma rede de edifícios estabelecida em núcleos importantes, cuja dinâmica urbana e econômica estava diretamente ligada à produção do açúcar (ver quadro 1). Conforme já esclarecido, na sua condição de dependência de esmolas e doações, um convento de mendicantes não poderia sobreviver se o meio ao qual estava inserido não oferecesse as condições materiais para sua sustentação. Daí que,

Surgiram e se desenvolveram no Nordeste em função de zonas agrícolas prósperas, produtoras de açúcar. A riqueza das propriedades à sua volta foi o que permitiu o florescimento das belas cenografias de seus adros e fachadas. (CAMPELLO, 2001:86).

O conjunto de imagens de vilas e cidades pernambucanas, feitas pelo holandês Frans Post, fornece pistas de como era a feição primeira das grandes casas franciscanas, na sua versão seiscentista, entretanto, sem todos os elementos que as caracterizam arquitetonicamente hoje. É possível reconhecer a moradia dos frades marcada pela sequências de janelinhas e, talvez, no lado oposto, a capela dos terceiros. É interessante observar nas imagens o destaque, em altura e volumetria, dado à igreja em relação ao corpo do edifício, embora que ainda sem grandes pretensões decorativas. (ver figura 39 - XX).

A tentativa dos holandeses de ocupar a Bahia e Pernambuco deixou, como parte das consequências da briga pelo poder econômico e político na região, a destruição de vários desses conventos. Depois de 1684, após sua expulsão definitiva e a restauração da Capitania de Pernambuco, ocorre o chamado “*áureo período de obras*”, que vai perdurar até o século XVIII, com a recuperação dos prédios mais antigos e investimentos nos novos (CAMPELLO, 2001:39).

É também no fim do século XVII que, finalmente, se concede a autonomia da vida franciscana na Colônia, em relação à portuguesa, com o fim do custodiato e a fundação da Província de Santo Antônio (no Nordeste), em 1647, e da Província da Imaculada Conceição

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

(no Sudeste), em 1659.⁷⁹ A Província de Santo Antônio já é criada com a determinação de que não poderia ter mais que treze conventos, e esse era o número total existente em 1700, estando alguns construídos, outros em fase inicial, em povoados e vilas das “*partes de Pernambuco*” e das “*partes da Bahia*”.⁸⁰

Quadro 1 - Datas da fundação dos conventos da Província de Santo Antônio do Brasil, em destaque os três últimos posteriores à invasão holandesa.

NÚCLEO URBANO	CONVENTO	FUNDAÇÃO
Olinda/PE	Nossa Senhora das Neves	1585
Salvador/PE	São Francisco	1587
Igarassu/PE	Santo Antônio	1588
João Pessoa/PE	Santo Antônio	1589
Recife/PE	Santo Antônio	1606
Ipojuca/PE	Santo Antônio	1600
São Francisco do Conde/BA	Santo Antônio	1618
Serinhaém/PE	São Francisco	1630
Paraguassú/BA	Santo Antônio	1649
Cairú/BA	Santo Antônio	1651
São Cristóvão/SE	Bom Jesus	1657
Marechal Deodoro/AL	Santa Maria Madalena	1659
Penedo/AL	Nossa Senhora dos Anjos	1659

Fonte: Arquivo do Grupo de Estudos da Paisagem/FAU/UFAL/2009.

Embora resguardem elementos do modelo consagrado pelas casas-irmãs portuguesas, os conventos brasileiros construídos ao longo da costa nordestina conquistaram alguma autonomia arquitetônica que lhes confere uma identidade e os diferencia, inclusive em relação a outros da mesma época, a exemplo dos treze conventos pertencentes à Província da

⁷⁹ A Província da Imaculada Conceição era formada pelos conventos: Santo Antônio, no Rio de Janeiro, São Francisco, em Vitória; Santo Antônio, em Santos; São Francisco, em São Paulo; São Boaventura em Macacu; Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha; São Bernardino, em Angra dos Reis; Nossa Senhora da Conceição em Itanhaém; Nossa Senhora do Amparo em São Sebastião; Santa Clara em Taubaté; Nossa Senhora dos Anjos em Cabo Frio; São Luiz em Itu; Bom Jesus na Ilha de Bom Jesus, no Rio de Janeiro.

⁸⁰ Forma como Frei Jaboatão se referia aos territórios de Pernambuco e da Bahia (1861:602).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Imaculada Conceição, construídos na região Sudeste, entre 1591 e 1705, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo.

O historiador da arte francês, Germain Bazin, fez valiosas considerações sobre essa peculiar versão brasileira da arquitetura conventual portuguesa. À frente de uma missão cultural que se estendeu de 1945 a 1955, viabilizada pelo Ministério da Educação na França, e contando com o apoio do SPHAN, o pesquisador percorreu o país e teve acesso privilegiado a documentos primários conservados em arquivos públicos, cartórios e igrejas, ao tempo em que adentrava em todo tipo de edificação religiosa relevante dentro do contexto da produção arquitetônica do Brasil Colônia. O material recolhido nos dez anos de expedição resultou em uma obra onde o pesquisador apresenta e discute a arquitetura religiosa barroca, dando ênfase para as especificidades dos conventos da OFM instalados no litoral do Nordeste. Devido às recorrências formais e espaciais identificadas nos prédios, Bazin (1983:137-138) reconhece aí a existência de “*uma verdadeira escola de construtores pertencentes à Ordem*”, e proclama, de forma inédita, que aqueles conventos podem ser reunidos em um grupo que ele batiza de “Escola Franciscana do Nordeste”. (ver figura 41 - XX).

Tal pesquisa foi atualizada e ampliada pelo arquiteto Glauco Campello que aprofunda a investigação e confirma que naqueles conventos se reconhece uma unidade morfológica, espacial e orgânica, que exprime,

uma manifestação da arquitetura brasileira: resultado da adaptação aos trópicos de temas culturais portugueses e produto de uma sociedade heterogênea, de extrato popular, híbrido, ansiosa por se expressar (CAMPELLO, 2001:43).

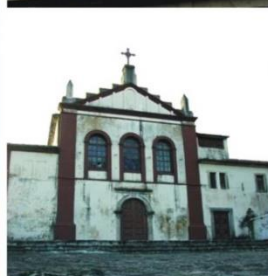
Mais recentemente, o Grupo de Pesquisa, Estudos da Paisagem, da FAU/UFAL, colaborou com o avanço do conhecimento a respeito desse conjunto de prédios sediados na costa nordestina ao analisa-los, não apenas a partir da sua potencialidade histórica e artística, ou sob o viés do patrimônio cultural, mas, especialmente, considerando sua inserção em uma paisagem onde, natural e edificado não são incompatíveis, mas complementares. Chama a

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

atenção, nas várias publicações do grupo, a construção do conhecimento se dar a partir da exploração recorrente de outras ferramentas que não apenas a historiografia, mas também a investigação dos dados iconográficos, da valorização das memórias individuais e coletivas como meio de acesso aos monumentos e, sobretudo, da observação sensorial e afetiva dos espaços. As pesquisas, respaldadas pelas expedições a todos os conventos, permitiram identificar algumas características que marcam o conjunto de edificações franciscanas do Nordeste, citadas no Quadro 1, das quais destacam-se: capela da Ordem Terceira ligada ao corpo da igreja, mas recuada em relação à fachada (com poucas exceções), torre sineira única, galilé.

A leitura dos Estatutos da Província de Santo Antônio do Brasil, documento basilar resultante de Capítulos ocorridos em Salvador e São Francisco do Conde, na Bahia, respectivamente em 1705 e 1708, demonstra que, de fato, havia um modo franciscano de edificar. Dentre as várias determinações contidas ali, encontram-se desde a conduta dos frades, até a forma como devem ser exercidas as atividades cotidianas. No Capítulo LXXIX, *Dos edifícios, e Casas*, é referido um “*modo Capucho*” de conceber e construir, ao qual os novos conventos deveriam respeitar, alertando, também, que após a elaboração e aprovação da traça “*não se alterara nella cousa alguma, para que assi nos não seja necessário desmanchar erro, ou permitillo, com escândalo, ou perda dos que deraõ suas esmolas*” (SANTA ISABEL, 1709:133). Ainda nesse mesmo trecho dos Estatutos, determina-se que o projeto seja assumido por quem for competente na “*arte de edificar*”, ao tempo em que oferece a interessante alternativa de se tomar como parâmetro outro convento “*dos nossos*”, desde que o modelo “*seja conveniente á terra*”, ou seja, que se adapte ao contexto local. Esse tipo de cuidado é também citado por Frei Venâncio Willeke (1973:28), que chama a atenção para o fato de que, ao contrário de outras ordens religiosas, cujos projetos vinham da Europa já prontos para a execução, os franciscanos preferiam planejar suas casas de acordo com as condições locais.



Figuras 39, 40 e 41. Conventos Franciscanos de Pernambuco,
pinturas a óleo de Frans Post-1612/1680;
“Orbis Seraficus - 1754” - Forro da Capela de Santana.
Convento de N. Senhora das Neves, Olinda/PE.
Conventos da Escola Franciscana do Nordeste.
Fontes: LAGO, 2006;
Grupo Estudos da Paisagem/FAU/UFAL/2012, 2016.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (1861:506), o cronista da Ordem, por sua vez, informa que a atribuição de projetar um convento era resultante da competência apresentada por alguns frades *“por ter destas operações alguma inteligência”*.

Não era tarefa difícil identificar no próprio interior da OFM pessoas qualificadas para serviços ligados à arquitetura, artes e ofícios. Em geral, os religiosos que aportavam no Brasil Colônia traziam na bagagem saberes variados, os quais eram fartamente empregados nas casas onde viviam. As próprias crônicas esclarecem a respeito da presença de frades colocados à serviço da Ordem, a exemplo do irmão leigo, Frei Manoel de São Luiz, que viveu no Convento de Madalena por mais de cinquenta anos e que era oficial de pedreiro (JABOATÃO, 1861:616). Na mesma casa, no século XVIII, viveu também Frei André de Santa Anna, exímio executor de pinturas murais de temática religiosa, sendo, também, ressaltado como aquele que *“teve o dom de saber operar todos os officios especialmente o de pintor, carpinteiro e ourives, e tudo com perfeição”* (JABOATÃO: 1861:611 e 609). Ou, ainda, Frei Manoel de São Joaquim, *“que se acha identificado com o que há de melhor no convento das Alagoas, quer em relação á edificação, quer no arranjo das alfaias”* (CAVALCANTE, 1879:12). A referência que os cronistas e historiadores da Ordem fazem a esses mestres de ofícios evidencia a importância que eles tinham em meio aos demais.

No quadro mais amplo, ainda no tempo da Custódia, Willeke cita os construtores homônimos Frei Francisco dos Santos, aos quais são atribuídos vários projetos de conventos.⁸¹ A historiografia fala também de Frei Daniel de São Francisco, que chegou aqui na primeira metade dos seiscentos e que elaborou as plantas das igrejas dos conventos de Cairú e de Paraguaçu, ambos na Bahia. Mas não apenas religiosos podiam elaborar as plantas dos edifícios conventuais; sabe-se que o Mestre Gonsalves Olinda foi responsável pelos projetos dos conventos de Recife e de Ipojuca (BAZIN, 1983:138). Germain Bazin esclarece que

⁸¹ Havia dois frades arquitetos com o mesmo nome - Francisco dos Santos, sendo que o primeiro viveu no Brasil de 1609 a 1612, quando retornou definitivamente a Portugal, e o segundo, em 1670 ainda vivia no Convento de São Francisco, em Salvador, Bahia. (WILLEKE, 1973a:28).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

qualquer pessoa que tivesse conhecimento teórico ou prático acerca do tema, poderia fazer os projetos:

Na realidade, os riscos eram propostos por qualquer pessoa que tivesse adquirido conhecimento de arquitetura, quer pela prática, com o exercício de uma atividade ligada à construção, quer intelectualmente, quer tecnicamente pela competência (BAZIN, 1983:43).

A construção das casas franciscanas é, nesse sentido, resultado da fusão entre herança arquitetônica portuguesa e emprego inteligente dos recursos locais, resultando nessa singularidade que se reconhece nas soluções arquitetônicas presentes nos exemplares produzidos no Nordeste. Possivelmente, os valores derivados da diversidade paisagística e humana do Novo Mundo, possibilitaram a formação desse padrão construtivo cuja especificidade transparece no porte dos edifícios, na decoração, na tipologia e, sobretudo, nas experiências de trocas com a paisagem tropical e com as pessoas. Essa presença, hoje secular, contribuiu para dar novos significados à conformação urbana e paisagística, sendo ainda responsável por fortes impactos visuais no ambiente citadino nos quais estava inserida.

Gilberto Freyre foi assumido admirador da presença franciscana no Brasil, defendendo que os frades atuaram de forma determinante em muito mais que apenas no campo religioso. Para Freyre, inspirados por São Francisco, eles respeitavam a diversidade, as variadas expressões da vida e suas particularidades e, por isso, sua presença, seja através da missão evangelizadora, seja através dos conventos, ressaltava uma forma de inserção que respeitava e se adaptava ao mundo do outro.⁸²

Em todos eles há aquele ‘pragmatismo experimental’ dos franciscanos em face do mundo (...), sua capacidade de entusiasmo por cores e formas de gente e de paisagem, diferente das clássicas ou das greco-romanas (FREYRE, 1959:60).

⁸² Esse tema foi apresentado e discutido mais detidamente na dissertação de mestrado cujo tema foi o Convento de Santa Maria Madalena, na cidade de Marechal Deodoro, Alagoas. Cf: MAGALHÃES, 2005.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Maria Angélica da Silva elenca alguns aspectos que sinalizam para essa capacidade de adotar o que a nova terra lhes oferecia e se transformar: ao invés da pedra, a madeira; ao invés de aberturas que poupam do frio, janelas generosas que permitem se debruçar sobre matas e massas d'água; ao invés de solitárias e geladas florestas, o melhor dos trópicos. “Assim, mantendo semelhanças, mas sem serem iguais, erguem-se os conventos no Brasil” (SILVA, 2012:28,59). Ivan Cavalcanti Filho (2016:269) também reconhece nos franciscanos essa capacidade de absorver e respeitar valores locais o que faz com que, em comparação com os jesuítas, tenham obtido melhores resultados nas missões de evangelização dos indígenas, pois aprendiam sua língua, acompanhavam sua música e praticavam seus rituais de dança.

Além de todos os valores de natureza técnica, estética e simbólica que caracterizavam a morada franciscana, um convento é, antes de qualquer coisa, a morada de homens que, atendendo ao que Willeke (1956:303) interpreta como o “*chamamento da graça*”, deixaram suas famílias para abraçarem um projeto religioso ao qual permaneciam vinculados até a Morte. Por isso, na condição primordial de abrigo físico e espiritual ele precisou atender às necessidades dos seus ocupantes. Nesse sentido, a escolha dos sítios para a construção do prédio era cuidadosa e se dava em função de vários elementos, ligados à própria natureza do lugar, tais como: proximidade a fontes de água potável, qualidade da terra e do clima, proximidade ao núcleo urbano e, conseqüentemente, ao povo.

Tamanho, execução do programa arquitetônico da Ordem e atributos artísticos inseridos na edificação, estavam diretamente ligados às funções que ali seriam desenvolvidas e a quantidade de moradores e isso, por sua vez, estava associado à capacidade de sustentação de cada comunidade.⁸³ A qualidade do projeto, da execução do prédio e de seus elementos artísticos integrados à arquitetura, era garantida pela própria Província que contava com frades arquitetos, pedreiros, pintores e escultores, que atendiam as necessidades da

⁸³ Segundo os Estatutos da Província, o Convento de Santa Maria Madalena foi concebido para abrigar apenas dez frades residentes, ao tempo em que o de Penedo, da mesma época, poderia receber doze. (PROVÍNCIA FRANCISCANA DE SANTO ANTÔNIO DO BRASIL, EDIÇÃO COMEMORATIVA, pp. 186).

Igrejas, conventos, cemitérios

o Lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

comunidade como um todo. A presença franciscana no Brasil funcionava como uma rede e conventos e frades eram os nós, cada um deles presença vital para a manutenção do todo.

Consciente da necessidade de uma estrutura bem organizada, a Província Franciscana definia suas demandas e determinava uma atribuição especial para as casas, de modo a responder à comunidade como um todo: centro missionário, noviciado, casa capitular, enfermaria, escola, etc. Nesse sentido, foram mantidas escolas de gramática em Cairu e São Francisco do Conde, na Bahia, São Cristóvão, em Sergipe, Madalena e Penedo, em Alagoas, Sirinhaém, Ipojuca e Igarassu, em Pernambuco (WILLEKE, 1975:149). Nos conventos de Paraguassu, na Bahia, e de Igarassu, em Pernambuco, funcionavam os noviciados, na época que fora permitido receber postulantes (WILLEKE, 1978:107).

Além de abrigar os frades e corresponder adequadamente às funções para as quais foi destinado, um convento era essencialmente uma casa, no sentido mais pleno da palavra, onde relações variadas eram construídas e reforçadas pela vida em comunidade, além de ali ter disponibilizadas as referências para a construção de uma identidade coletiva que reunia a todos em torno de um ideal compartilhado. Cada casa acolhia e abrigava uma fração da “*famíliazinha*” franciscana.⁸⁴ O Ceremonial da Província da Soledade em Portugal sinaliza que cabia aos frades a mobilização necessária para cuidar do prédio, providenciar o seu asseio e ornato, incluindo de modo especial a igreja e as capelas, que deveriam estar sempre limpas e frescas, ornadas com “*flores, e ramilhetes, assim naturais, como artificiais*”. Também aconselhava que em datas comemorativas, se cuidasse de “*perfumar a Igreja com algum cheiro*” (SANTIAGO, 1755:147-148). No Brasil também havia o costume de perfumar a casa, com “*flores e hervas cheirosas*”.⁸⁵

⁸⁴ A expressão “famíliazinha” foi usada por Frei Antônio da Estrela, no ano de 1603, ao se referir aos membros da Custódia brasileira. (WILLEKE, 1973a:37).

⁸⁵ A informação de Frei Venâncio Willeke (1956:281) ilustra bem a dedicação com a casa. Segundo ele, Frei Gaspar de Santo Antônio, hortelão, o primeiro franciscano brasileiro, que viveu no Convento de Ipojuca até seu falecimento em 1635, cultivava hortaliças para o consumo da comunidade religiosa, bem como, flores e ervas aromáticas para o culto divino, que ele mesmo plantava e colhia, aplicando-as à igreja e altares.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Passeando pela literatura brasileira, se constata que o poeta Carlos Drummond de Andrade foi um escritor que recorrentemente evocou, em imagens poéticas, o lugar chamado casa. No seu universo literário, a casa foi a protagonista de poemas e contos onde era ressaltada sua condição de abrigo de corpos e de emoções diversas, por vezes, em aparente conflito. No conto “A Mobília”, ele fala de um tempo onde o núcleo familiar acolhia os nascimentos como parte das atividades domésticas, embora não deixe de reconhecer que, nesse mesmo ambiente, *“corpos se imobilizaram nela para sempre”*, pois ali, também a Morte se movimentava com naturalidade (DRUMMOND, 1986:44). Nesse sentido, todos os elementos que compunham a casa adquiriam *“certa experiência de vida”*, pois testemunhavam tanto a origem quanto o aniquilamento da existência física.

Nascimentos e mortes, destacados por Carlos Drummond como atividades domésticas comuns nas antigas residências brasileiras, também são experiências vividas nas grandes casas habitadas pelos franciscanos, mas nelas são situadas a partir de outra perspectiva,, plausível apenas para aqueles que creem em nascimentos e mortes como expressões que, apesar de diferentes, são engajadas em uma mesma existência.

Como em qualquer outra casa, também no ambiente conventual, a Morte era uma das presenças que gozavam da sua intimidade. De certa forma, ela o plenificava, pois, como nos exercícios religiosos, no compartilhar do alimento, no cuidado com a casa, morrer era mais um dos tantos momentos de celebração em torno dos quais se reuniam os membros da comunidade. Não é à toa que os Estatutos Gerais da ordem determinavam que todos os membros da comunidade deveriam estar presentes e acompanhar os últimos momentos de outro religioso (SANTIAGO, 1755:415).

Nos conventos, teoricamente, nascer e morrer não eram vistos como momentos em absoluta oposição. Ao contrário, a noção de Morte como uma espécie de nascimento, que é recorrente nas narrativas cristãs, aparece também na historiografia franciscana No Tratado dos Milagres, obra escrita no século XIII, alguns anos após a morte de Francisco de Assis, foi registrado que

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

quando o santo se encontrava perto de morrer, “a multidão, sobretudo a devota população da cidade, esperava para breve, o nascimento do santo pela sua morte” (FONTES FRANCISCANAS, 2014:453).

A Morte relacionada a nascimentos é demonstrada durante a Idade Média, inclusive iconograficamente, quando artistas se utilizam de elementos figurados fazendo alusão à separação do corpo em relação à alma, assim como ocorre a separação entre mãe e filho durante o parto (Cf. BASCHET, 2006:420).

Essa associação entre fenômenos aparentemente antagônicos, que só um profundo sentimento de religiosidade pode justificar, aparece também nas Crônicas de Frei Jaboatão, seja de forma direta ou insinuada sutilmente, como o caso verificado em 1710, tendo como personagem central um morador da casa de Sirinhaém. O frade em questão era André da Apresentação que, pouco antes de morrer, previu que seu trânsito se daria no mesmo dia em que comemoraria o aniversário de nascimento, o que realmente ocorreu, sendo o fato comunicado pelos companheiros como uma espécie de prêmio às suas muitas virtudes. A Morte sempre era associada a uma espécie de novo nascimento, uma entrada em um mundo que, embora desconhecido, era a pátria celeste prometida ao crente, acolhendo seus filhos no grande retorno (JABOATÃO, 1859:413).

É essa a casa que em meados do século XVII se começa a construir em Santa Maria Madalena, vila recém-criada e ainda se afirmando política e economicamente; casa estruturada em pedra e cal, mas sustentada, sobretudo, em crenças onde vida e Morte se equivalem em importância. Antes, porém, dessa vinda definitiva, os franciscanos estiveram por ali, integrando uma comitiva que seguia em direção ao Sul, fugindo dos holandeses que ocuparam vilas e cidades de Pernambuco e deixando para trás os conventos e tudo que havia neles.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

De todos estes, e outros muitos mais entre homens, mulheres, mininos, e escravos se compunha huã multidaõ de mais de três mil almas, quatro mil Indios, e alguns duzentos carros de comboy (...) a tres de julho do referido anno de 1635, se deu principio a esta triste, e lamentável transmigração, taõ sentida para os que a faziaõ, como chorada dos que os não podiaõ acompanhar. (JABOATÃO, 1859:163).

Esse cortejo passa pela povoação em 1635 e, enquanto alguns frades seguem para a Bahia, outros permanecem no lugar, incluindo o Custódio Frei Cosme de São Damião. De imediato, providenciam um “*Recolhimento de palha e ramagem*” com oratório, onde ficam instalados até 1636, quando os eventos relacionados aos enfrentamentos com os holandeses, incluindo a prisão do superior, forçaram a saída definitiva de todos os frades que haviam permanecido na vila e o abandono do citado recolhimento. (JABOATÃO, 1861:179).

Apesar do curto período passado na vila de Madalena, de acordo com Jaboatão (1858:605), ao irem embora, os franciscanos deixaram “frustrados” os moradores.

No Capítulo de 1657, o novo custódio recebe uma petição dos habitantes de Madalena, assinada pelo vigário, juiz, alcaide-mor, vereador e procurador, solicitando a fundação de uma casa franciscana e lembrando a promessa do antigo superior que, na sua breve passagem pelo lugar, havia se comprometido a estabelecer ali um convento. (JABOATÃO, 1861:606).

O cenário cultural era dominado pela figura hegemônica que unia toda a cristandade colonial: a consciência da finitude do corpo físico, a crença no Purgatório e o horror da eternidade no inferno. Considerando que a legislação canônica era muito clara e enfática ao “ordenar e mandar” que exclusivamente o solo sagrado de igrejas fosse usado como território fúnebre, parte substancial do esforço na construção de tais edificações não se dava exclusivamente para o atendimento dos vivos, mas também para a realização da prática funerária e rituais associados.

O convento também contribuía na afirmação de uma identidade local construída a partir das manifestações da religiosidade. Ivan Cavalcanti Filho (2008:1) afirma que os conventos

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

franciscanos desenvolviam de forma muito dinâmica as atividades religiosas e eram de tal modo atrativos que, muitas vezes, superavam as igrejas dirigidas pelo clero secular, especialmente no quesito devoções, sendo mais próximos da população que os padres diocesanos. O relato feito em 1864 pelo então guardião Frei José de Santa Engrácia Cavalcante, fornece um panorama das atividades que eram realizadas no convento de Santa Maria Madalena e a interação com os moradores:

Logo que tocão quatro horas da tarde o povo afflui g^r. as devoções que tenho estabelecido. Tenho feito alguns discursos ao povo convidando-os a penitencia e oração; fazendo-lhes crer que a falta de carid^e. e mutuo socorro: o temor servil não próprio de christãos esclarecidos tem ocasionado mais mortalidade do que a epidemia reinante.⁸⁶

A importância da presença franciscana no meio colonial era destacada em documentos oficiais e se reconhecia que sua presença contribuía também para a organização, estabilização e hegemonia do corpo social. Em 1635 Mathias de Albuquerque afirmara que:⁸⁷

(...) sempre assistirão os religiosos capuchos desta Custódia, confessando, pregando, dizendo Missa, e exhortando a todos, sendo de grande importância sua presença, achando-se de dia, e de noites, em quantas occasioens, rebates, emboscadas, encontros, cercos, e assaltos houve, com tanto perigo como os mais arriscados soldados; (...). (JABOATÃO, 1858:99)

A solicitação de um convento na vila expressa os desejos locais quanto a um apoio religioso forte e consolador e todos os privilégios garantidos por essa presença: a realização do cerimonial litúrgico, a aplicação dos sacramentos, o local para os sepultamentos.

O início da construção do convento em Madalena deve ter sido objeto de muitas expectativas e comemoração, incluindo aí o lançamento da pedra fundamental, da qual não temos referências, mas que é possível imaginar pelos relatos da cerimônia em outros conventos da

⁸⁶ Caixa 0999, Maço 1864, Vigários, Maço 1864, Offícios de Vigários da Freguesia das Alagôas. (ver ANEXO A).

⁸⁷ General do exército colonial português em Pernambuco, destacou-se nas batalhas contra os holandeses.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

mesma época.⁸⁸ Não se deve esquecer que os moradores ficaram de 1636 e 1657 aguardando a instalação definitiva de frades no lugar. (JABOATÃO, 1861:601-602), o que só foi possível ocorrer após a restauração da Capitania de Pernambuco (ver Quadro 1).

É certo que havia um “*modo capucho*” de construir, conforme já discutido anteriormente, e que os mestres construtores da Ordem eram orientados a segui-lo. No que diz respeito à Santa Maria Madalena, não apareceu na bibliografia até agora acessada, nenhuma alusão específica ao frade que fez a traça do conjunto. Entretanto, nas andanças pela Província para colher dados para as Crônicas, Jaboatão (1861:609-610) tomou conhecimento e fez questão de ressaltar a presença de Frei André de Santa Anna no convento de Madalena, onde permaneceu até o ano de 1709, data de sua morte. Esse frade leigo, que detinha vários saberes tradicionais ligados à construção deve ter sido bastante útil na obra, se engajando, não apenas na concepção e elevação do prédio, mas, também, em toda a série de serviços complementares que iam se fazendo necessários, a exemplo da marcenaria, da serralharia, da carpintaria, dos trabalhos de escultura e talha em pedra e madeira.

Os relatos historiográficos contam que o edifício começa, como era comum à época, por um simples oratório, para acolhimento das práticas litúrgicas, e um abrigo para acomodação dos frades. Segundo o cronista franciscano, em Madalena, ele é construído naquele mesmo local do antigo recolhimento de palha e ramagem onde os frades, fugindo dos holandeses, haviam se abrigado temporariamente.

Está situado no mesmo lugar do Recolhimento no fim das ruas da Villa, á parte do Norte, na bayxa sobre as margens da Alagoa, com muro de pedra e cal, ficando-lhe a porta que chamão do carro, junto á praya, e combro da área, que por ella corre (JABOATÃO, 1861:608).

Com o tempo, o edifício vai se alargando e ao núcleo original vão sendo adicionados novos espaços, todos com função definida dentro da lógica de atendimento às necessidades de cunho

⁸⁸ Cf. Crônicas de Frei Jaboatão, 1858.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

material e religioso dos frades. O ano de sua conclusão – 1793 – marcado na fachada da igreja, mostra que, da acanhada tipologia inicial, gerou-se uma casa completa. Ao término da obra ela se concretiza como um complexo arquitetônico, formado por unidades ligadas entre si: a igreja da Ordem Primeira (frades), a capela da Ordem Terceira (franciscanos leigos) e a moradia dos religiosos. Embora o convento possa ser descrito como de pequeno porte, se relacionado a complexos maiores, como o de Salvador, na Bahia, sua tipologia é coerente com a experiência arquitetônica que Germain Bazin classifica como “Escola Franciscana do Nordeste”; apresenta a infraestrutura suficiente para atender ao dia-a-dia dos frades moradores e ao desenvolvimento das muitas tarefas, sem as quais, a comunidade não se sustentaria. É através de distribuição coerente dos espaços que a atividade do “*orar e laborar*” era plenamente vivenciada, de modo a favorecer seu funcionamento como lugar de morar e de rezar.

Roseline Oliveira reconhece nele uma pequena unidade urbana, ajustada para atender às necessidades dos seus ocupantes:

A autossuficiência que caracteriza o conjunto do convento o aproxima da ideia de cidade, vila, povoado, pois carrega essencialmente a noção de reunir pessoas que habitam o mesmo espaço, ocupam uma determinada área geográfica, diferenciando-o do restante do meio físico (OLIVEIRA, 2012:125).

Jaboatão (1861:608) descreve como, aos poucos, o convento vai se constituindo, começando pela igreja, corredores e claustro. Vê-se aí uma hierarquia espacial através da priorização que é conferida a determinados ambientes, nas etapas de construção. Supõe-se que, gradativamente, o corpo inicial do edifício vai se desdobrando em espaços, como sala do Capítulo, celas, refeitório, cozinha, sala da farinha, latrina, e uma possível senzala.

Seguindo o princípio medieval dos antigos mosteiros europeus, o prédio foi ordenado em uma forma retangular, estruturado em dois pavimentos, onde cada uma de suas partes se

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

relacionava com o claustro, ambiente carregado de significados, palco de cerimônias diversas e considerado o coração do convento.

Como em outras edificações, é também um lugar onde o passado, o novo e o velho se misturam. Aqueles que exercitam olhar e sentir o prédio, percebem as marcas deixadas pelos séculos, que falam das várias camadas das quais ele se constitui; porções do tempo que não se sobrepõem, mas, ao contrário, se complementam, conformando uma paisagem onde os anos são um sinal da vida que um dia o plenificou.

A “*miragem barroca*” que enfeitiçou Germain Bazin (1983:11) em suas andanças pelo Brasil, também se presentifica na igreja, embora de forma bem mais tímida, não chegando a competir com a arquitetura de conventos, como o de São Francisco, em Salvador, ou o de João Pessoa, na Paraíba. Mesmo assim, ilumina o branco das paredes em permanente penumbra. São variados os elementos, cuja complexidade estética e valores simbólicos enriquecem o ambiente da igreja conventual. Neles se observa uma articulação coerente entre símbolos cristãos de temática mariana e franciscana, mitologia antiga, ícones pagãos e profanos, heráldica, e muitos outros elementos decorativos de inspiração fitomorfa, zoomorfa e antropomorfa, além de geometrismos.

O documento “Certidão passada pelos officiaes da camara da villa das alagoas ácerca do estado do Convento de S. Francisco”, de 1759, fornece importante panorama da riqueza dos elementos artísticos integrados à arquitetura e bens móveis da igreja conventual:

Certificamos também que a igreja [conventual] é a melhor e mais bem aparamentada que tem esta Villa, como He certo que o ornamento mais rico é hum cortinado de damasco com que se ornão as portas e janellas da dita igreja nos dias mais solemnes, tudo foi esmola que a Generosa e Pia devoção de Sua Magestade que Deus guarde fez ao dito convento. E os retábolos dourados que tem forão obra dos religiosos, digo, officiaes que vierão de outros conventos e para isto concorreram os moradores

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

da terra (REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLÓGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO, 1879:34).

Somam-se a esse programa interno – arquitetônico e iconográfico, as áreas externas não edificadas, constituídas pelo adro e pela cerca conventual. Ambos são devidamente situados dentro da lógica de funcionamento da casa franciscana e têm suas funções muito bem estabelecidas. Adro, espaço de transição entre o dentro (sagrado) e o fora (profano), permite à cidade contemplar a edificação sem intercepções visuais, prepara o fiel para a entrada no recinto religioso, acolhe celebrações cuja manifestação se dá prioritariamente no ambiente urbano. Nele se localiza o cruzeiro em pedra, importante sinal da Paixão de Cristo; Cerca, o grande e fresco quintal franciscano, marcado por sombras de árvores de toda qualidade; espaço de cultivo e de criação, que ajuda na sustentação dos frades.

A configuração da arquitetura conventual estava condicionada a um plano mais amplo, cujas motivações eram diretamente relacionadas à comunidade religiosa. Mas, as pesquisas ora realizadas, indicam também o atendimento a um importante fato urbano sem o qual nenhuma cidade se sustentaria e, como parte dela, nem o convento sobreviveria: a adequada resposta a demandas funerárias. Portanto, é possível realizar uma leitura da arquitetura do edifício perpassando pela lente da Morte.

A natureza do projeto do convento esteve sempre atenta à cultura funerária, seja na disponibilidade física dos espaços para os enterramentos, seja nos aspectos simbólicos que também ressoavam na estrutura construída. Frei Hugo Fragoso ressalta no claustro significados que transcendem à sua materialidade e que estavam ligados a possíveis percursos funerários ali realizados:

As quatro alas do claustro são os quatro caminhos: o caminho da sabedoria humana, que leva à Via Sacra (caminho sagrado); o caminho da riqueza e do poder (que dá para o mundo lá fora); o caminho da intimidade com Deus (ala que dá para o

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

convento) e o caminho que termina na sepultura (cemitério), meta universal de todos os viventes (FRAGOSO, sdt:23).

Considerando que o claustro funcionava como um local de passagem quase que obrigatório, através do qual se acessava outros espaços do convento, então a cada percurso correspondia um novo encontro com a simbologia ali presente, incluindo a que dizia respeito à Morte.⁸⁹ Os painéis de azulejos existentes no claustro do convento de São Francisco, em Salvador/BA, permitem uma leitura de como funcionava a pedagogia franciscana e sua natureza catequética e moralizante, profundamente ligada ao horizonte escatológico cristão. Nessa perspectiva, o simples caminhar pela ala que dava acesso ao cemitério dos frades era ilustrado por onze painéis de azulejaria portuguesa, cuja iconografia simboliza “*o caminho passageiro da vida*” através de cenas que lembram ao caminhante o valor e o significado do tempo: Painel IX - Os vários bens da velhice; Painel X - O tempo voa irrevogavelmente; Painel XI - O tempo muda e nós mudamos com ele; Painel XII - O temor da Morte; Painel XIII - Pela Morte tudo se deve deixar; Painel XIV - A Morte, o último fim das coisas; Painel XV - Depois da Morte cessa a inveja; Painel XVI - Estarás seguro se viveres bem; Painel XVII - A verdadeira filosofia é a meditação sobre a Morte; Painel XVIII - A certeza da Morte; Painel XIX - A Morte é igual para todos. (ver figura 42 - XXI).

Encomendados em Lisboa e assentados no convento entre os anos de 1746 e 1748, os azulejos exploram alegorias retiradas da mitologia pagã, mas servindo a propósitos cristãos, relacionados a personagens e fatos da Bíblia (FRAGOSO, 2008:11). O círculo, elemento geométrico recorrente nas composições, expressa essa dimensão de vida e morte, começo e fim (FRAGOSO, 2008:37).

Portanto, a arquitetura conventual era fortalecida pelo simbolismo nela presente; simbolismo esse que tinha nos elementos relacionados à finitude da vida, um dos temas mais explorados.

⁸⁹ A respeito da importância do claustro dentro da espacialidade do convento, bem como acerca da simbologia associada àquele ambiente, como “*paradisus claustrum*”, Cf. VILLAMARIZ, 2002.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O convento de Madalena é exemplar nesse aspecto em relação às demais igrejas da vila, porque conservou os elementos iconográficos antigos do século XVIII. O forro da capela-mor, por exemplo, executado na primeira metade do século XVIII, todo em madeira esculpida, dourada e policromada, estruturado em forma de caixotões, apresenta vários símbolos cujas mensagens reverberam diretamente na questão aqui posta: escada: sinaliza a relação entre terra x céu; balança: mede os comportamentos, diretamente relacionada ao juiz dos mortos; olho: indica a onisciência e onipresença de Deus, que tudo vê; além de outros mais óbvios, como o brasão franciscano contendo os braços cruzados de Francisco e Jesus, símbolos marianos como flor, lua, árvore, e outros tradicionais da cultura cristã como a cruz e a pomba (ver figuras 43 e 44 - XXII).

Frei Venâncio Willeke (1973:19) afirma que os brasileiros tinham grande simpatia para com São Francisco, devotando especial veneração às suas chagas e isso reverberava na demanda pela presença franciscana nas cidades. Gilberto Freyre (1959:35), por sua vez, afirma que a justificativa do carinho e predileção demonstrado por eles aos Menores seria “*a eterna mocidade de espírito dos franciscanos*”.

No período colonial, a escolha das pessoas em serem vestidas para o sepultamento com o hábito franciscano, sem dúvida, também revela um apreço especial pela Ordem e confiança nos benefícios a serem recebidos através dela. De acordo com Alcinéia Rodrigues dos Santos (2007:1), havia vários tipos de mortalhas disponíveis, e uma das mais requisitadas era a mortalha franciscana, pois, segundo a autora “*vestir o hábito de São Francisco era dar boas-vindas à morte, era demonstrar humildade*”, facilitando a entrada no Reino através da intercessão do santo.⁹⁰

⁹⁰ Para ter direito a usar a mortalha franciscana, não era, necessariamente, exigido pertencer à Ordem Terceira. De acordo como Frei Venâncio Willeke (1956:343) o costume de amortilhar-se com o hábito de frade já era praticado antes mesmo da confraria leiga existir no Brasil.



Figuras 42. Painéis de azulejos: “A certeza da Morte” e “A Morte a todos iguala”,
Claustro do Convento de São Francisco, Salvador/BA, Século XVIII
Fonte: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/unesp/252293>.



Figuras 43 e 44. Desenho do forro em caixotão, esculpido e policromado / capela-mor da igreja franciscana.
 Detalhe: “O olho de Deus”.
 Fontes: Enos Omena, 1992
 Ana Cláudia Magalhães, 2010.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O certo é que a santidade de Francisco, e de sua missão, era plenamente aceita no universo colonial. A sua confirmação se dava pelos milagres a ele associados e, de modo especial, pela experiência mística dos estigmas (QUITES, 2006:571). E essa santidade, balizada pelas feridas iguais às de Cristo, lhe conferiu poderes especiais, sendo um dos principais o de atuar como “*guia das almas para o outro mundo e libertador do Purgatório.*” (WILLEKE, 1973b:19). Tais aspectos eram muito valorizados e reconhecidos pelo povo, o que resultava em uma distinção dos Menores em relação a outras ordens.⁹¹

[...] são muito amados e venerados de todo este povo, e o merecem assim pela satisfação religiosa, com que procedem, tratando com muito zelo do aumento de seus Conventos e particularmente do culto divino, para o que todo o povo os ajuda por ver neles a ânsia com que nisso se empregam” (ROWER, 1947, Apud CASIMIRO, 2012:88).⁹²

É justamente das circunstâncias relacionadas ao milagre da imposição das chagas que se origina a Lenda Franciscana das Almas, criada a partir de uma cena relatada no livro *I Fioretti*, escrito possivelmente no século XIV.⁹³ Na cena em questão, certamente inspirada no privilégio sabatino de Nossa Senhora do Carmo, São Francisco, ao receber as chagas no Monte Alverne, é informado pelo próprio Cristo que terá o privilégio de, a cada aniversário de sua morte, descer ao Purgatório e de lá retirar todas as almas dos membros da OFM (primeira, segunda e terceira ordens), bem como de todos os seus devotos, e encaminhá-los diretamente ao Paraíso.

⁹¹ Nesse sentido, Willeke justifica que São Francisco ter conquistado tão rapidamente a simpatia e devoção do povo brasileiro se deve às circunstâncias do seu nascimento, tão parecido com as de Jesus Cristo; o fenômeno da estigmatização, nunca antes vivido por outra pessoa; as especificidades do seu Trânsito, envolvido em santidade. Frei Basílio Rower OFM aponta também como motivação para a grande aceitação dos menores entre os brasileiros: “*o bom exemplo dos frades, o seu zelo missionário, a celebração solene do culto divino e a pobreza da ordem*” (Rower, 1947, Apud CASIMIRO, 2012:88)..

⁹² Trecho de documento dos oficiais da Câmara do Rio de Janeiro, datado de 1687.

⁹³ I Fioretti, sem precisão de data ou de autoria, é uma “*obra escrita em italiano toscano medieval sobre as origens do franciscanismo, a qual consiste na seleção, tradução e adaptação dos Atos do Bem-Aventurado Francisco e companheiros*” (PINTARELLI, PEDROSA e TEIXEIRA, 2014:67).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O episódio da imposição dos estigmas em São Francisco, ocorrido em 17 de setembro de 1224, e sua relação com a libertação do Purgatório, divulgada anos depois no *I Fioretti*, teve grande repercussão na Europa e, sem dúvida, foi trazida ao Brasil pelos devotos portugueses.

Trata-se de um acontecimento marcante para os franciscanos. Por isso, em 1660, por ocasião da fundação do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, na cidade de Penedo, Alagoas, é justamente o 17 de setembro o dia escolhido para marcar o lançamento da pedra fundamental da edificação, quando se celebra São Francisco das Chagas e se rememora o milagre da estigmatização. (JABOATÃO, 1858:603).

As chagas impressas nas palmas das mãos e nos pés, consideradas benditas pelos devotos, assim como um profundo corte no peito, estão presentes em todas as representações do santo que integram o programa iconográfico das igrejas e conventos de matriz franciscana, distribuídas em retábulos, forros, púlpitos, entre outros. De modo geral, os atributos iconográficos que o distinguem, sem grandes modificações ao longo do tempo, são, além das chagas citadas, o hábito marrom e o cordão com três nós, simbolizando pobreza, obediência e castidade. A representação que caracteriza São Francisco das Chagas, também chamado de São Francisco Penitente, é muito presente nos conventos da Província de Santo Antônio e, sobretudo, nas capelas das Ordens Terceiras Franciscanas, especialmente através da imaginária, demonstrando a força dessa devoção. O Francisco penitente traz em uma das mãos uma cruz, ou crucifixo e, por vezes, na outra mão uma caveira.⁹⁴ Trata-se de uma devoção bastante comum e que mostra a importância atribuída ao fenômeno milagroso de imposição das chagas e as graças que ele pode proporcionar aos fiéis. De acordo com Schenone (1992:331), essa é a composição mais repetida nos países católicos americanos, tanto em pintura, quanto em escultura. (ver figura 45 - XXIII).

⁹⁴ A caveira aparece como atributo iconográfico a partir do século XVI, não apenas nas imagens de São Francisco, mas, também, em outros santos, e tem ligação com a piedade, a fugacidade da vida, a lembrança da morte. (CÉSAR, 2009:7).



Figura 45. Representações de São Francisco Penitente.
Fonte: Ana Cláudia Magalhães / 2010.

EXPERIÊNCIA PASCAL

Falecimento

terrível e tremenda hora

VÔO PARA CRISTO

TRÂNSITO

H
O
R
A

PÁSCOA

TEMPO

MORTE

PASSAGEM

GRANDE VIAGEM

IRMÃ MORTE

SOSSEGO E QUIETAÇÃO DOS JUSTOS

FIM

Descanso

Figura 46: As várias formas com que se refere à Morte nos textos lidos.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

E é nesse contexto de devoção a São Francisco e de simpatia pela OFM que se dá a presença franciscana na vila. Quando os frades adentram no lugar, não é apenas na dinâmica religiosa que eles interferem, mas se sobressaem na afirmação do sistema religioso através da força doutrinária contida na Morte.

3.2. *“Liberame Domini da Morte Eterna”.*

De modo geral, é possível afirmar que, na maioria dos tempos e lugares, a Morte tem sido encarada como um fenômeno de difícil aceitação, pois fere profundamente as relações afetivas e a própria autoestima ao arrastar com ela um acúmulo de perdas: dos bens materiais conquistados, das pessoas queridas e, principalmente, do próprio corpo e todas as emoções nele contidas. No entanto, a perspectiva de tais perdas não assombra tanto o homem colonial quanto a duração da passagem pelo Purgatório, e as punições associadas, ou, na pior das hipóteses, a exposição às penas infernais. É nesse ambiente que se fortalece a presença consoladora da crença no jugo leve e na vida eterna. Nesse sentido, o homem extrai da Morte significados que o ajudam a aceitá-la e, no caso do cristão colonial, a fazer dela o meio de acesso a benefícios sem fim.

A respeito da Morte, Saramago (2005:112) foi enfático quando sentenciou que *“é cousa que aos senhores nem por sonhos lhe pode passar pela cabeça”*. Nesse sentido, quais títulos poderiam dar conta da complexidade desse misterioso fenômeno que, inevitavelmente, se abate sobre todos os seres vivos? Referir-se a ele pode constituir-se em um doloroso exercício de encarar o desconhecido, o desagradável, ou uma saudade. Por outro lado, para uns pode ser sinal de libertação. E na seara franciscana, sob quais artifícios ela teria sido mencionada, considerando que se busca com palavras expressar um conteúdo. Sabe-se que diferentes denominações foram utilizadas para referenciá-la, mas, de todos os vocábulos, Morte é o mais comum, pois se aplica a todos os tipos de vida sobre a Terra: *“Morre o rei, morre o sapateiro, morre o cavalo, morre o annoso carvalho”* (ROQUETE e FONSECA, 1871:447). Nessa perspectiva, os autores entendem que a palavra Morte se associaria a uma ideia de violência e

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

afronta, ao contrário de outros vocábulos que, apesar de dizerem respeito à mesma situação, trazem implícitos outros sentidos que não simplesmente a interrupção da existência física: passamento, trânsito e falecimento. Para cada um desses termos há uma dimensão simbólica diferente. (ver figura 46 - XXIV).

Os franciscanos, entretanto, adotaram o termo “trânsito” em substituição à palavra Morte, que expressa bem a noção de passagem de um estado a outro, denotando *“uma idéia mais elevada e circunscripta, pois desperta a idéia de imortalidade, e representa a alma saindo do involtorio mortal e passando a melhor vida”*, sendo também o *“termo consagrado para designar a morte suave dos justos”* (ROQUETE e FONSECA, 1871:447-448).⁹⁵

O cristianismo entende o evento funerário como uma passagem essencial para que o reencontro aconteça, ou a grande Páscoa, como chamam alguns. Portanto, ela é a condição essencial para que se tenha direito a usufruir de promessas muito caras à crença cristã. Francisco de Assis adotou, de forma original, uma relação fraterna com a Morte, tornando-a um dos traços mais marcantes da espiritualidade franciscana. Ao referir-se a ela como irmã, o fundador da Ordem a integra na *“famíliazinha”*, assim como fez com o irmão sol, a irmã lua, o irmão vento, a irmã água, o irmão fogo, a irmã terra. No Cântico das Criaturas, Francisco propõe essa *“reconciliação universal”* entre aspectos aparentemente diversos em sua essência, mas que, ao serem reunidos simbolizam a totalidade que está presente na natureza e em cada ser que nela habita. Leonardo Boff, que fez uma profunda análise desse poema, evidencia nele uma densidade que pode passar despercebida aos que o leem mirando apenas os elementos visíveis e a aura romantizada com que seu autor normalmente é envolvido. O teólogo destaca a ordenação que o santo faz ao dispor os elementos/seres em duplas que se movimentam entre o feminino e o masculino, o vertical e o horizontal, o transcendente e o imanente,

⁹⁵ Em sermão proferido em 4 de outubro de 2017, durante a missa que celebrou o trânsito de São Francisco, na cidade de Jerusalém, o Custódio Francesco Patton falou do sentido amplo do qual se reveste o termo quando aplicado sob a perspectiva religiosa: Trânsito traz um sentido de travessia, pois assim deve ser vista a Morte: uma experiência pascal. In: <http://www.franciscanos-rs.org.br/sao-francisco-de-assis-celebrado-na-terra-santa/>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

“englobados pelo grande casal Sol-Terra, de cujo matrimônio cósmico nascem todos os demais pares”, ao qual ele associa a paternidade/virilidade e a maternidade/fecundação. E nesse mesmo ambiente de louvor a Deus, tão essencial ao equilíbrio da natureza quanto qualquer outro membro da família universal, Francisco convoca também a Irmã-Morte, a faz sua irmã, aceitando-a como *“símbolo de vida nova e de um amor maior”* (BOFF, 1981:61). Não é de forma aleatória que ele a insere entre tantos elementos opostos. Justamente porque entende que a Morte incorpora todo a dualidade da existência. Para o santo, a finitude corporal possibilita o nascimento pleno; é por esse suposto fim que se alcança uma outra possibilidade de vida que é da ordem do espiritual.

Nas narrativas oficiais da Ordem, Cerimoniais, Estatutos e Crônicas, herdadas do período colonial, é recorrente a imagem da Morte pontuar as falas, às vezes revestida de algum temor e respeito, noutras de forma muito pacificada e íntima. Nesse sentido, foi feito um exercício de observar como ela é tratada nos textos de Frei Jaboatão e nos Estatutos e Cerimoniais da província. É certo que em todos eles, a escrita não está descolada da perspectiva da divulgação de um modelo religioso a ser seguido. Certo também é que ambos os discursos foram legitimados pelos superiores da Ordem dos Frades Menores, antes de serem publicados. A narrativa de Jaboatão parte de uma experiência espiritual marcada pela afetividade; o enredo criado pelo cronista não é subjetivo, pois particulariza personagens e apresenta cenários reais, é a rememoração das visitas feitas aos conventos e das histórias ouvidas. Já os estatutos e o cerimonial apresentam um caráter mais universal, são marcados pelas referências à legislação canônica e por intenções pedagógicas apoiadas na doutrina e centradas no estabelecimento de normas e condutas.

Nessa perspectiva, o momento final do frade também é apresentado de formas diferentes em cada uma das escritas. Não se sabe, com maiores detalhes, como os membros, em sua individualidade, se relacionavam com o fenômeno. Seria encarada por todos com uma serena conformação balizada pelo sentimento cristão de que aquela morte era apenas corporal, ou essa é a parte que se pretende ressaltar na escrita oficial da Ordem dos Frades Menores? No

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

mundo real, nem sempre o sistema de crenças é compartilhado na mesma intensidade por todos os membros do grupo que o representa. Enquanto se vê, em um dos cerimoniais da Ordem, o trânsito descrito como “*aquella terrível, e tremenda hora*” (SANTIAGO, 1755:416), nas Crônicas, ele é acolhido pelo agonizante “*com o socego, e quietação dos justos*” (JABOATÃO, 1858:359). A narrativa das Crônicas Franciscanas, mais afetiva, é recorrente em expressar, em várias situações, que esse era um projeto existencial plenamente abraçado pelo religioso.

(...) parece conheceo ou vio a morte quando o vinha buscar, porque se foy ao Guardião, e lhe disse assim: - Irmaõ, mande-me dar os últimos Sacramentos; eu vou para a Enfermaria, **e de-me licença para morrer.** – Recolheu-se áquella caza, e recebidos os Sacramentos últimos, sem outro achaque, que o dos annos, de joelhos, abraçado com hua Imagem do Santo Christo lhe entregou a alma (...). (JABOATÃO, 1858: 107).

Os Estatutos e o Cerimonial da Província de Santo Antônio do Brasil não são tão generosos na descrição do ritual realizado quando um dos frades falecia. Ao contrário desses, o Cerimonial da Província da Soledade, em Portugal, é rico em detalhes e esclarece que a Morte assistida por todos os membros da comunidade ajudava no trânsito do moribundo. Por isso, ao constatar que se aproximava a hora última de algum dos moradores do convento, era recomendado o toque de sinos e a presença de todos os demais frades ajoelhados, rezando em volta do agonizante o “ofício da agonia”.⁹⁶ Some-se a isso, as velas acesas, a repetição do nome de Jesus assim como outras palavras “*devotas e piedosas*”, ao qual se recomendava não gritar para não incomodá-lo. Ao mesmo tempo em que tudo isso acontecia, um sacerdote seguia aspergindo água benta por todo o quarto onde ele se encontrava, bem como sobre seu corpo (SANTIAGO, 1755:415-416). Esse seria aquele tipo de acontecimento que Reis (1991:100) descrevera em seu livro como “*Morte bonita*”, acompanhada, assistida, celebrada enfim como um acontecimento coletivo.

⁹⁶ Esse “Ofício da Agonia”, citado por Willeke (1956:282) era uma das muitas orações que integravam os ritos de culto aos defuntos.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Assim como a casa de Deus e dos homens era adornada e perfumada com flores, conforme já visto anteriormente, também o corpo, visto pela crença católica como morada do Espírito Santo, era cuidado antes de descer à sepultura. As determinações contidas no Cerimonial diziam que o falecido deveria ser lavado em “*água fervida com ervas cheirosas*” (SANTIAGO, 1755:416). A ritualização da Morte envolvia também a rememoração de cada um dos irmãos que já haviam partido, realizada diariamente no decorrer das três refeições diárias. Mais uma vez, a espacialidade conventual fornecia a estrutura física necessária à realização da celebração: ao descer do pavimento superior, onde ficavam dispostas as celas, no percurso em direção ao refeitório, ao chegar na sala denominada De Profundis, toda a comunidade entoava o salmo 129, que dizia:

Dai-lhes, Senhor, o descanso eterno.
E a luz perpétua as ilumine. Amém.
Da porta do inferno,
Livrai, Senhor, as suas almas.
Descansem em paz.⁹⁷

Continuando com a rememoração dos frades mortos, a cada dia, à hora do almoço, logo após a leitura dos textos obrigatórios, eram citados os nomes dos irmãos cujo trânsito seria celebrado no dia seguinte, ao qual a comunidade em voz alta intercedia: “Descansem em Paz!” (ET ORENT PRO DEFUNCTIS, sdt.). Assim, a vida, através da alimentação do corpo, aliava-se ao seu aparente contrário, a Morte.⁹⁸

⁹⁷ Disponível em: <http://purgatorio.net.br/2011/11/29/de-profundis-salmo-119/>. Informação também citada por Willeke, 1956:308.

⁹⁸ A força dessa ritualística funerária permanece nas casas franciscanas. Ainda hoje, as comunidades mantêm seu tradicional cerimonial ligado à Morte, que se traduz em: rezar diariamente pelos falecidos, nas vésperas e na Eucaristia; lembrar dos frades que faleceram no dia comemorativo da data do falecimento; promoção de um encontro anual onde a comunidade se reúne para rezar no cemitérios dos frades, que mantém-se aberto para aqueles que ali quiserem permanecer em oração. Os frades participam dos ritos de encomendação. A lembrança dos mortos é mantida através de muitas orações e publicação de uma brochura contendo as datas dos trânsitos. Dados fornecidos através de meio eletrônico, por um representante da província Franciscana São Francisco de Assis, no Rio Grande do Sul.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Conforme se verá a seguir, perdurou até o século XIX esse estado de consciência coletiva que exorcizava e transfigurava o momento mais misterioso da vida em cortejos, cânticos, orações, incensos, corpos purificados pela água benta, por flores e ervas cheirosa, num esforço final de limpar o homem da natureza pecadora. Afinal, como disse José Saramago (1983:28), “*O mal é dos corpos, que a alma, essa, é perfumada*”.

A casa de Madalena, na atual Marechal Deodoro, protagonizou parte considerável dessa ritualização da Morte, pois além da disponibilidade física do espaço para fins de sepultamento, garantia toda a série de cerimônias fúnebres oficiadas pelos religiosos. Foram cerca de dois séculos de uma convivência pacificada entre vivos e mortos no interior do convento.

Nessa época, a força da relação da sociedade colonial católica com a cultura funerária tinha no edifício-igreja o espaço privilegiado para a vivência plena desse sentimento. Os componentes da arquitetura não deixavam de ser uma alusão ao momento final, para o qual, em algum momento todos seriam levados.

Nesse sentido, um convento era muito especial, pois sua presença garantia, não apenas o ambiente apropriado às celebrações, o corpo de sacerdotes para os rituais, mas, sobretudo, os espaços de sepultamento onde, “*à sombra do lugar sagrado se repousasse à espera da ressurreição*” (WILLEKE, 1956:307).

A Ordem dos Frades Menores, assim como as diversas agremiações piedosas leigas a ela vinculadas, notadamente a Ordem Terceira de São Francisco, era remunerada pelas atividades que desempenhava junto à população, seja através de pagamentos em dinheiro, seja através de bens. E o cerimonial da Morte (unção dos enfermos, extrema unção, missa de corpo presente,

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

velório, enterro, missas póstumas, entre outras), de modo particular, era bastante rentável, pois se desdobrava em várias celebrações, algumas a serem repetidas *ad eterno*.⁹⁹

A análise de antigos documentos contendo dados sobre doações, dívidas, partilhas, etc, tais como inventários e testamentos, oferece alguns elementos para que se obtenha um panorama de como se dava esse processo de pagamento e, de fato, o que essa modalidade de transação significava do ponto de vista dos valores monetários no contexto da economia da época. Além dos documentos relacionados aos legados pios, os registros de escrituração contábil de igrejas e ordens religiosas, também podem ser referenciadas como valiosos instrumentos de geração de conhecimento. Esse tipo de anotação não têm sido devidamente investigado em relação ao que ele pode apontar sobre sociedade e religião; em parte pela ausência da valorização desses dados como referência histórica e, em consequência, a escassa exploração que se faz deles, mas também, porque a maioria dos livros que antecedem ao século XIX, onde eram lançadas as operações financeiras, particulares ou institucionais, está em péssimo estado de conservação ou, na pior das hipóteses, já foi destruída (RICARDINO FILHO e MARTINS, 2003:79).

Uma pesquisa realizada pelos dois professores da área contábil, Ricardino Filho e Martins, contribuiu para dar alguma visibilidade a esse universo pouco acessado, ao apresentar e discutir o conteúdo de dois livros datados dos séculos XVII e XVIII, o Livro de Joias e o Livro Caixa, pertencentes à Ordem Terceira de São Francisco, das cidades de Recife e São Paulo. Fazendo uma reflexão sobre algumas das anotações contábeis encontradas nesses livros, os autores afirmam que, através dos lançamentos se avaliava a arrecadação e a relação desta com as despesas. Um lançamento contido no Livro de Despesas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, de Recife, em Pernambuco, que apresenta gastos decorrentes do

⁹⁹ TAVARES (2008:216) cita o trecho de um testamento português com todas as determinações relativas às cerimônias pós sepultamento, com indicação precisa da duração dos exercícios religiosos e da vigilância que os herdeiros fariam quanto ao seu cumprimento: “Deixo e mando que se me diga huã missa quotidiana na minha capella de S. Sebastião pela minha alma e de meu pay, e de minha may e de meu irmão e das maes obrigaçõins de meus antepassados, **enquanto o mundo durar** (...) (grifo nosso). E completava dizendo, “porque o hão de vigiar seus herdeiros”.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

sepultamento e demais eventos fúnebres de um dos membros, evidencia a importância conferida ao cerimonial, haja vista o valor dispendido para cada atividade:

Quadro 2: Despesas decorrentes de um sepultamento ocorrido em 1696, em Recife/PE.

SERVIÇO REALIZADO	CUSTO
Ao vigário que o acompanha	\$960
A dez padres que o acompanharam	4\$800
Por dezesseis missas de corpo presente a 320 rs	5\$120
Por dez sinais [da cruz] a 40 rs	\$400
Total de despesas	52\$860

Fonte: Ricardino Filho e Martins, 2003:81.

Ao discutirem o conteúdo desse lançamento contábil, Ricardino Filho e Martins chamam a atenção para o valor total investido, 52\$860 rs, que era bem alto para a época, e que demonstrava não apenas o status econômico do falecido, mas, sobretudo, a importância atribuída às cerimônias, já que aquela despesa avantajada correspondia a um terço do que se gastaria na compra de uma “*casa grande com dois pavimentos*”.

A reflexão dos autores, a partir dos resultados da sua pesquisa, confirma e esclarece a afirmação de Frei Adalberto Ortmann OFM (1951:277-278), responsável por uma das investigações mais aprofundadas sobre a história da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco, em São Paulo, quando alegava que: “*Era por ocasião do falecimento que as contas da confraria se punham em dia (...)*”.

Num contexto mais distante geograficamente, mas de forte proximidade cultural, aparece o exemplo do convento da cidade portuguesa de Santa Maria da Feira, cujo crescimento construtivo dependia essencialmente do seu uso como espaço funerário. Mas não bastava a disponibilização do espaço físico para as sepulturas se ele não dispusesse também dos sacerdotes para a celebração fúnebre.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

As obrigações de sufrágio do convento são indissociáveis dos ritmos de construção do conjunto dos espaços sacros do templo feirense. Todavia, como é evidente, elas só se poderiam cumprir se a casa conventual estivesse colegiada por número suficiente de cônegos, o que, por sua vez, supunha a garantia prévia de uma maior renda, e de maior capacidade de alojamento. (TAVARES, 2008:216-217)

O alto pagamento pelos sepultamentos foi muitas vezes referenciado na bibliografia consultada, a exemplo do informado nas Crônicas Franciscanas, a respeito da casa de São Francisco, na cidade de Salvador/BA: *“outras muitas Pessoas graves e bemfeitoras do convento, escolherão jazigo para seos corpos nesta primitiva Igreja, dando avantajadas esmolas pelas sepulturas”*. (JABOATÃO, 1858:100).

Segundo Ana Palmiro Casimiro (2012:97), a fonte dos recursos que mantinham as ordens religiosas tanto podia ser pela via do sagrado - via doações, esmolas e demais formas de coletas, quanto de origem profana, gerada pela renda de imóveis, terras, venda de bens, laudêmios, etc. Conduzido nessa mesma perspectiva, aos poucos o patrimônio do convento de Madalena foi se constituindo, à custa de doações, legados e pagamentos eficientemente administrados.

Na guardiania de frei Manoel da Trindade em 1734 possuía o convento 200 \$ a juro, uma ilha, vinte e oito escravos e achavam-se doados os altares das igrejas. Das esmolas colhidas n'este templo remetteram os religiosos para Pernambuco 14 caixas de assucar e 63 paus com tabaco pesando 224 arrobas e 14 libras. (CABRAL, 1879a:7).

A organização e instalação de uma Ordem Terceira franciscana, era também uma das lucrativas fontes de geração de renda e beneficiava bastante o convento, contribuindo para sua manutenção. Instituída por São Francisco, em 1221, essas associações confirmaram a importância que o santo de Assis atribuía aos leigos. Surgem, inicialmente, como uma ordem de penitentes que, embora não estivessem submetidos à regra do claustro, estavam

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

diretamente ligados à espiritualidade franciscana justamente pelo apego às práticas penitenciais.¹⁰⁰

A criação das Ordens Terceiras está intimamente ligada ao fenômeno de “renascimento” das urbes verificado na Baixa Idade Média europeia, onde viveu São Francisco. Como “filhos da cidade”, os mendicantes franciscanos precisavam comungar com as massas populares em todas as suas representações sociais e econômicas (GOMES, 1998:151-152).¹⁰¹ Daí, nada mais coerente que o acolhimento daqueles, cujo desejo era abraçar algumas das causas da Ordem Primeira, mas sem abandonar de vez a vida leiga.

No Brasil Colônia, os seculares franciscanos, além de pagar as chamadas “joias” (uma espécie de mensalidade que variava de acordo com a posição ocupada na hierarquia do grupo), faziam também grandes doações à associação, em dinheiro e bens (CASIMIRO, 2012:97).

As Ordens Terceiras foram também vitais na apologia da ritualística fúnebre nos povoados e vilas e, com isso, contribuíam para fortalecer o ambiente conventual como espaço de sepultamento, ampliando as fontes para sua manutenção material. Apesar de sua autonomia administrativa e financeira, os terceiros estavam intrinsecamente ligados aos frades. É exemplar, nesse aspecto, o fato ocorrido no Convento de São Francisco do Recife/PE, quando, em 1695, os frades consentem que os terceiros construam sua capela e demais edifícios necessários às suas atividades, desde que dessem de esmola ao convento, onde já se reuniam

¹⁰⁰ Francisco de Assis quis organizar a participação dos leigos na espiritualidade da OFM e elaborou uma espécie de regra chamada “Carta dos Fiéis”, onde apresentava a conduta de vida defendida por ele, destacando a importância dos atos de penitência e dos votos de obediência e pobreza. In: http://www.franciscanos.org.br/?page_id=4830.

¹⁰¹ Sob essa mesma ótica, o autor referencia também os dominicanos, igualmente mendicantes e, portanto, vivendo à sombra dos ambientes urbanos.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

por não terem prédio próprio, “dois mil reis por cova” de cada membro enterrado “na sua capella ou cazas de exercício”. (JABOATÃO, 1861:464-465).¹⁰²

Nesse sentido, não seria equivocado afirmar que, não eram apenas as associações leigas que se equilibravam financeiramente a partir da renda gerada pelos sepultamentos, conforme já havia observado Frei Adalberto Ortmann. A igreja à qual a associação leiga estava vinculada, através do culto comum ao padroeiro, era diretamente favorecida e o bispado tinha consciência disso. Não sem razões que perpassam questões de natureza material, embora não as tenham citado literalmente, as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, afirmaram que, no que diz respeito às confrarias, “é bem as haja em todas as Igrejas” (VIDE, 1835:305). (ver figura 47 - XXV).

Como já se viu, em Santa Maria Madalena, a Venerável Ordem Terceira de São Francisco ¹⁰³ foi instituída em 1719 e no ano seguinte os membros realizaram a primeira eleição para composição da mesa dirigente. Era necessário garantir desde o início o aparato administrativo para gerenciar o patrimônio, cobrar os pagamentos devidos, acompanhar o cumprimento das orientações testamentárias, etc. Por muito tempo devem ter se reunido nas dependências do próprio convento já que, apenas em 1763 iniciaram a construção da sua capela, ao lado da igreja (Cf. JABOATÃO, 1861:612-613). Seus associados recebiam assistência social e religiosa em vida, mas de modo especial se sobressaía o acompanhamento nos momentos que antecederiam à morte, durante o velório, no enterramento e nos ritos posteriores, a exemplo de missas e demais sufrágios. O testamento do irmão terceiro, Estevão Lourenço de Magalhães e Dias, já citado, mostra que a confraria estava guarnecida das condições de atender, nesse quesito, às necessidades dos irmãos, além de comprovar que, naquele ano, a capela já estava finalizada, pois ele expressava o desejo de nela ser sepultado.

¹⁰² Neste mesmo dia em que é dada a permissão, 242 devotos recebem o hábito da Venerável Ordem Terceira da Penitência, do Convento de Santo Antônio, em Recife, sendo destes 177 homens e 65 mulheres. (JABOATÃO, 1858:464).

¹⁰³ Em todo o Brasil, as denominações dos grupos leigos franciscanos variaram. Em Recife era chamada: Ordem Terceira de São Francisco de Assis; em Salvador: Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Congregação da Bahia; em São Paulo: Ordem Terceira da Penitência de São Francisco das Chagas. (CASIMIRO, 2012:150).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

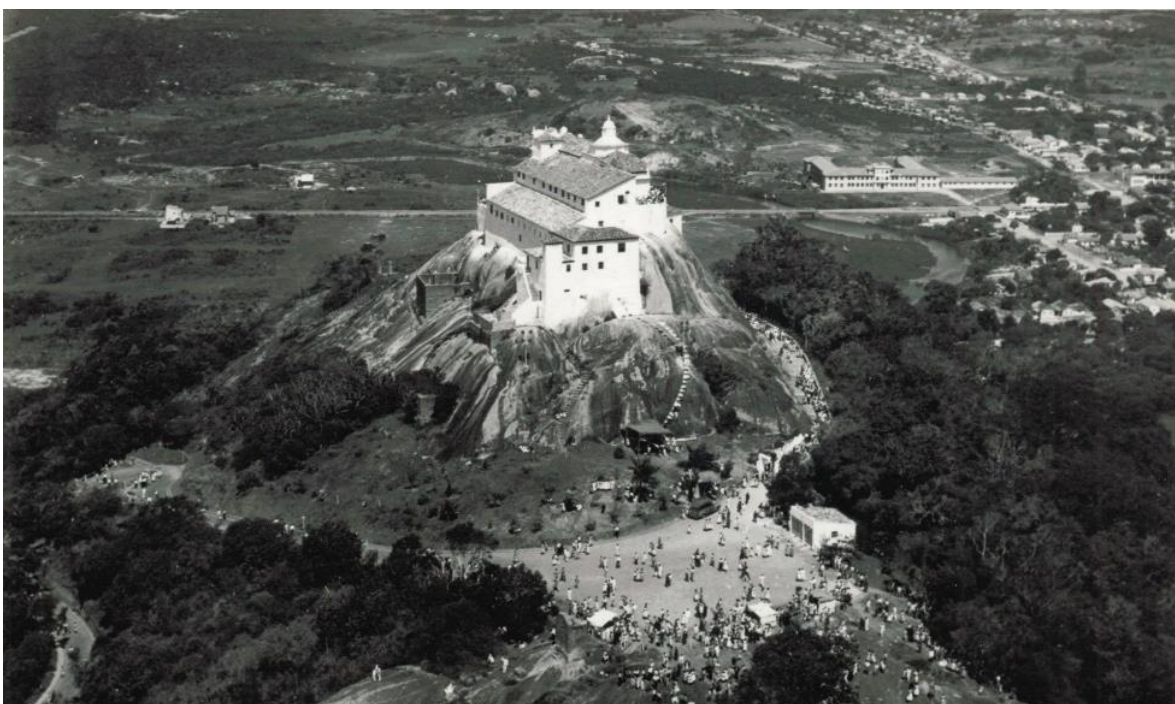
Conforme a tradição franciscana cabia aos terceiros a responsabilidade pela realização da concorrida Procissão de Cinzas, também chamada de Procissão da Penitência, a primeira e a mais tradicional das várias atividades que abriam a programação da Semana Santa.

No meio cristão as procissões eram feitas com várias intenções, tais como agradecimento a graças alcançadas, romarias, súplicas, devoções a determinados santos, etc. A penitência era apenas uma dentre tantas outras motivações para esse tipo de cerimônia, e foram justamente elas as mais caras aos Menores. Segundo Frei Venâncio Willeke (1956:289), a própria palavra penitência ganhava outra conotação quando as ações a ela relacionadas traduziam o amor ao santo de devoção. Afirma-se que, mesmo Francisco de Assis praticava a penitência como forma de aperfeiçoamento espiritual e aproximação do Cristo sofredor. O espírito religioso comum na Idade Média a exaltava como uma expressão da fé. Francisco, como nenhum outro, viveu tentando imitar Jesus com uma intensidade, qualificada pelo teólogo Donald Spoto (2003:288) como “*revolucionária e incomum*”. E imitá-lo pressupunha assumir também suas dores.

Os frades que chegam ao Brasil vêm marcados pelo momento histórico-cultural que pairava na Europa nos séculos XVI e XVII, onde estava instalada uma atmosfera de celebração da morte, em tempos que se afirmam como contra-reformistas e barrocos. No Brasil, Renato Cymbalista estudou esse movimento de invocação da missão na perspectiva do martírio, que foi vivenciada pelos religiosos que se engajavam em expedições pelo Brasil Colônia.

(...) a Igreja católica respondeu à crise [Reforma Protestante] reafirmando o poder dos primeiros mártires, monumentalizando seus túmulos e celebrando os novos martírios como provas de um triunfo da Igreja (CYMBALISTA, 2010).

O autor reconhece vários sinais de simpatia pelos martírios nas próprias viagens ultramarinas portuguesas: as naus, com seus nomes em homenagens a mártires, a bandeira com as chagas de Cristo, entre outros sinais que claramente vinculam a relação entre missão e martírio.



Figuras 47 e 48: Ordem Terceira Franciscana do Convento de Santa Maria dos Anjos, em Penedo, Al
 Convento de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha/ES.
 Fontes: Arquivo do Convento de Santa Maria dos Anjos;
 Coleção Franciscana de Fotografia – Deptº dos Bens Culturais da
 Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. (sem data)

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Sem dúvida, que a perspectiva de perda de vidas humanas estava embutida nos movimentos de missionação franciscana e estava presente desde que o primeiro grupo de frades aqui aportou integrado à comitiva de Pedro Álvares Cabral, em 1500. Na cerimônia de despedida da esquadra de Cabral, às margens do Tejo, o povo trajava preto, quem sabe em alusão à possibilidade real de Morte que pairava sobre a expedição. Jaime Cortesão (1922:194-195) descreve a cerimônia e faz alusão às chorosas mulheres, de mantilha escura, que tombavam de aflição e encomendavam os filhos à Virgem do Restelo, bem como à multidão caracterizada pelas vestes negras que se destacavam em meio às roupas coloridas do rei e de sua corte.

A missão evangelizadora no Brasil recebe, entre outras conotações, a de sacrifício. E é justamente essa possibilidade que a legitima e lhe confere plena relação com a identidade cristã consolidada pelos séculos: apenas pela dor e Morte se alcança a plenitude.

Em outras palavras, arriscar a própria vida nas terras longínquas, em meio a “selvagens e feras” está relacionado, não apenas à conquista no campo político e econômico, mas, também, à possibilidade de experimentar o modelo ideal de vivência cristã.

Inspirados em São Francisco, frades faziam apologia ao que os fizesse aproximarem-se de Cristo pela via do sofrimento. Nesse sentido, a Procissão das Cinzas, intimamente relacionada ao “*martírio, eremitismo, cenobitismo, autoflagelações, penitências e chagas*” era associada à própria vivência franciscana e por isso era realizada pelas suas Ordens Terceiras (CASIMIRO, 2012:139). Tamanha era a importância conferida a esse tipo de cortejo que os conventos já eram construídos de modo a permitir sua realização, sendo os adros o espaço de transição entre igreja e urbe nos quais as procissões eram iniciadas e concluídas.

O Convento de Nossa Senhora da Penha, situado em Vila Velha, Espírito Santo, é um excelente exemplar da importância conferida a esse tipo de celebração. Edificação franciscana seiscentista, caracteriza-se pela implantação peculiar e que, embora organizada a partir de outro modelo arquitetônico, no alto de um penhasco, plenamente adaptado a uma condição

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

geográfica específica, foi pensado e construído de modo a atender a essa demanda tão cara aos fiéis, o que afirma a importância conferida a este tipo de celebração religiosa: (ver figura 48 - XXV).

Primorosamente descritos por Pedro Paulino da Fonseca, já citado, todos os cortejos ligados à celebração da Paixão de Cristo foram, durante muito tempo, parte essencial do calendário litúrgico local, sempre muito carregados de dramaticidade, fazendo uso de recursos visuais e sonoros variados para prender as atenções a fazer fluir as emoções. A mais famosa de todas, a Procissão das Cinzas, nada mais era que uma alusão à terra, à qual todos voltaremos. Em suas andanças em meio à população urbana, os franciscanos contribuíram muito para a generalização deste tipo de crença ligada ao fim dos tempos e ao juízo final, embora todo o discurso fosse matizado pela perspectiva da intercessão dos vivos junto aos mortos (GOMES, 1998:181).

Isso porque o projeto religioso claramente conclamava o envolvimento dos vivos no processo que culminava na salvação das almas que ainda estavam no Purgatório, conforme já visto. Nesse sentido, aos vivos cabia parte significativa de contribuição nessa conquista, através do cumprimento de várias obrigações para com seus falecidos. Além das providências quanto à sacralidade da última morada, a ritualização da Morte incluía prestar certas reverências aos defuntos, tais como as orações, as missas, as velas, o luto, o pranto. A afirmação da eficácia desse culto aos defuntos ecoa na fala de Odílio (Santo Odilon), abade do mosteiro beneditino de Cluny na França que, a partir de 998 D.C., determinou que os beneditinos rezassem pelos mortos, fossem eles conhecidos ou desconhecidos, religiosos ou leigos, de todos os lugares e de todos os tempos.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O contexto histórico e cultural no qual os franciscanos se moveram no Brasil Colônia não opôs resistência a essa crença, cara aos católicos. Rezar pelos mortos contribuía para a salvação das suas almas e isso era aceito e praticado com bastante empenho pelos fiéis.¹⁰⁴

As ricas contribuições da historiografia franciscana a respeito dos processos de construção dos conventos coloniais ressaltam a importância dos investimentos particulares em contrapartida ao uso mortuário do local, a exemplo do que se verifica no Convento de São Francisco, em Salvador, quando “os dois retábulos colaterais se fizeram de tudo à custa de Felipe de Moura e de Diogo de Aragão, e em paga lhes deu aqueles lugares para suas sepulturas”. (Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Bahia - 1587-1862, 1978:9).

Ao discorrer sobre o papel dos defuntos nas obras dos vivos, Pedro Tavares (2008:228-229) afirma que, quando os fiéis dotavam igrejas e conventos de todo o aparato material para a “Boa Morte”, contribuía para o seu fim primário, de natureza espiritual, mas, ao mesmo tempo, possibilitavam as condições para o crescimento material do edifício.

Em Santa Maria Madalena o procedimento não foi diferente e, desde sua origem, o espaço dedicado aos mortos era o atrativo mais forte para estimular os benfeitores nas doações e patrocínios. Ansioso pela garantia do lugar onde ele e sua família iriam se enterrar, o benfeitor antecipava ao próprio prédio o lugar da sua sepultura.¹⁰⁵ Nessa perspectiva, nada mais apropriado que a espacialidade fosse pensada com a proporção correspondente às

¹⁰⁴ Ainda hoje, a Igreja Católica mantém a defesa desse culto. Em 1998, o Papa João Paulo II escreve uma carta ao Abade de Cluny onde diz: “Encorajo, pois, os católicos a orarem com fervor pelos defuntos, por aqueles das suas famílias e por todos os nossos irmãos e irmãs que morreram, a fim de obterem a remissão das penas devidas aos seus pecados e ouvirem o apelo do Senhor (...)” (CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II AO BISPO DE AUTUM, CHÂLON E MÂCON, ABADE DE CLUNY, 1998. In: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1998/documents/hf_jp-ii_let_19980602_cluny.html).

¹⁰⁵ A escolha de sepulturas ainda em planta não era de todo incomum. Têm-se notícia dessa prática na Igreja Matriz de São Nicolau, em Santa Maria da Feira, Portugal, conforme registrado na historiografia: “Assim, por exemplo, por anotações dos reitores da Feira Manuel da Purificação (1668-70) e Jacinto da Conceição (1671-73) à planta ‘estampada’ por Jorge de S. Paulo com o numeramento e repartição dos covais da igreja, ficamos a saber que Domingos Homem Soares comprou pelos dois mil reis da praxe a sepultura onde jazia o corpo da freira Maria de Andrade, cujo local sinalizou com um S, enquanto não punha pedra e letreiro”. (TAVARES, 2008:205).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

necessidades da função e uso como local de enterramento. Ambientes como a nave da igreja, capelas e o claustro já deviam ser planejados para absorver uma quantidade de sepulturas prevista com antecedência. Ressalte-se que, de acordo com Ivan Cavalcanti Filho (2011a:16) as “*porções mais cobiçadas*” pelas famílias abastadas eram justamente o altar-mor e os retábulos colaterais ao arco cruzeiro. E tais porções privilegiadas coincidiam justamente com os altares dedicados às três devoções principais da OFM, as quais tinham lugar cativo nas casas da Província de Santo Antônio: Nossa Senhora da Conceição (padroeira da Ordem desde 1422), cujo altar invariavelmente ficava no retábulo colateral, lado do Evangelho (à esquerda de quem entra na nave), São Francisco (fundador da Ordem) e Santo Antônio (patrono da Província), cuja imagem se alternava localizar-se no retábulo-mor ou no colateral ao cruzeiro, lado da Epístola (à direita de quem entra na nave), a depender de quem ocupava o cargo de patrono do convento. No caso de Santa Maria Madalena, as fotografias mais antigas da igreja conventual possibilitam verificar que essa prática era respeitada¹⁰⁶. Como a padroeira era Santa Maria Madalena, ela tinha seu lugar no retábulo, ao lado de São Francisco, enquanto Santo Antônio e Nossa Senhora ocupavam as laterais do arco cruzeiro.

É possível que um padrão de planejamento do espaço tendo como uma de suas referências a disposição e dimensão das sepulturas, bem como a previsão pragmática dos “*pedaços de chão*” mais e menos disputados, como se viu na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, também tenha ocorrido no convento.

Ivan Cavalcanti Filho (2008:4) indaga em que medida essa prática afetou a configuração espacial, a forma arquitetônica e a decoração interna de igrejas e conventos. A força do uso do espaço interno como cemitério era tão arraigada que, ao mesmo tempo que enriquecia o recinto e permitia o sustento material da comunidade, por vezes, podia interferir na liberdade dos frades em dispor plenamente do espaço. O pesquisador ilustra essa questão citando uma experiência vivida pelo próprio Frei Jabotão quando, na qualidade de guardião do Convento de Santo Antônio, na Paraíba, precisou transferir a Sala do Capítulo para outro ambiente

¹⁰⁶ Cf. CAVALCANTI FILHO, 2011 a / b.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

maior e teve que lidar com o fato dela ter sido “reservada” para acolher os despojos de um benfeitor.

O cronista franciscano confirma a prática recorrente dos vivos escolhendo o lugar de suas sepulturas antes mesmo da área edificada estar concluída, assumindo os encargos financeiros dos serviços durante a obra. Os investimentos eram geralmente destinados aos elementos artísticos integrados, a exemplo de doação de retábulos, mas, também, bancaram a construção de capelas inteiras e respectivas alfaias e paramentos. Em 1660, ano que coincide com o início do Convento de Santa Maria Madalena, é nesse espírito que a família de um senhor de engenho da região financia um dos retábulos colaterais ao arco-cruzeiro, bem como sua manutenção, em troca da prerrogativa de, em Morte, ocupar o espaço existente aos pés do altar (ver figura 50 - XXVI).

Nelle tem sepultura Ignácio Vieyra e sua mulher Mecia Barboza, e seos herdeiros, por escriptura de 27 de dezembro de 1660, tendo ornado o altar de todo o necessário, e assignado renda para o diante no rendimento de mai legoa de terra, oitenta vacas parideiras, e hum Escravo, o que depois se comutou em 25 arrobas de açúcar no Engenho, que levantarão na ditta terra os proprietários. (JABOATÃO, 1861:608).

É ainda Jaboatão (1861:609) que fornece detalhes a respeito dos fatos que deram origem à capela lateral situada perpendicularmente à nave da igreja, numa disposição que, tradicionalmente, na arquitetura franciscana, seria destinada à ocupação pelos membros da Ordem Terceira. Segundo o cronista, a capela foi construída em 1709 por iniciativa de dois irmãos, um deles padre, “*para nella se enterrarem, e seos Ascendentes, e Descendentes*”. Com a contribuição de “*mil cruzados a juro, para ornato, e paramentos da ditta Capella*” os irmãos promoveram a confecção de um dos mais expressivos retábulos barrocos executados no país, considerado por Germain Bazin (1983:311) como uma importante referência dos antigos e ricos exemplares da talha executada pelas oficinas franciscanas na Colônia. A capela funerária mantém até hoje sua cripta subterrânea, à qual se tem acesso através de uma escadaria que conduz a um recinto pequeno, abobadado, onde estão instaladas três catacumbas. (ver figura 49 - XXVI).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

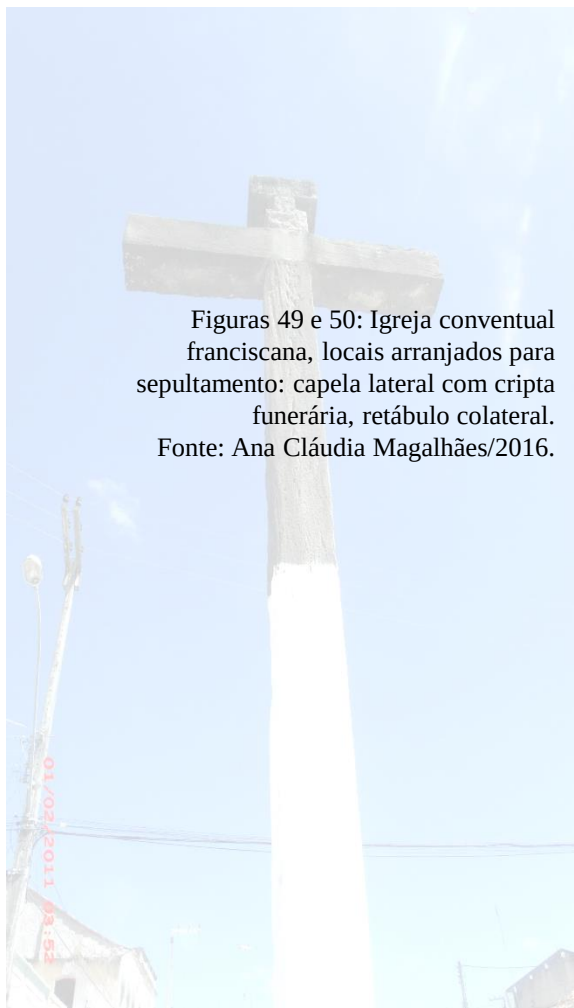
A construção dessa capela particular representou uma significativa interferência na disposição dos espaços na igreja conventual, visto que ocupou o local onde, geralmente, ficava localizada a capela dos terceiros, conforme é possível observar em outras casas franciscanas, incluindo a de Penedo, da mesma época. É admissível que em Madalena, essa tipologia tenha sido alterada devido ao referido espaço funerário familiar ter sido construído antes da Ordem Terceira se estabelecer. Moura Filha e Cavalcanti Filho, ao estudar a implantação de todas as capelas dos terceiros nos conventos do Nordeste, (2013:661) defendem que essa “*emancipação espacial*” em relação à Ordem Primeira não é fortuita e passa a ser intencional a partir de meados ou final do século XVIII, como consequência de conflitos anteriores no compartilhamento do espaço físico entre leigos e frades ocorridos em alguns conventos da Província. De acordo com os estudos dos pesquisadores, a partir dessa disposição diferente, foi criado,

o protótipo ideal para as instalações da Ordem Terceira – aquele onde os espaços estão fisicamente agregados dentro do complexo conventual, porém emancipados no tocante ao seu funcionamento e à sua logística (MOURA FILHA E CAVALCANTI FILHO, 2013:661).

Conforme Jaboatão, a apropriação do claustro para sepultamentos não é estranha a Ordem dos Frades Menores, mas, em Santa Maria Madalena, é peculiar o fato de ali estarem também sepultados leigos. Espaço destacado como um dos mais emblemáticos dentro da estrutura conventual e quase sempre referenciado como um lugar a ser exclusivamente acessado pelos frades, aparentemente isso não impedia que, por ocasião da morte, outros corpos, além dos religiosos, desfrutassem dele como morada final.¹⁰⁷

Das quatro quadras do claustro, destaca-se aquela localizada vizinha à igreja, onde existe uma inscrição na parte superior da moldura em pedra que contorna as sepulturas. O texto indica

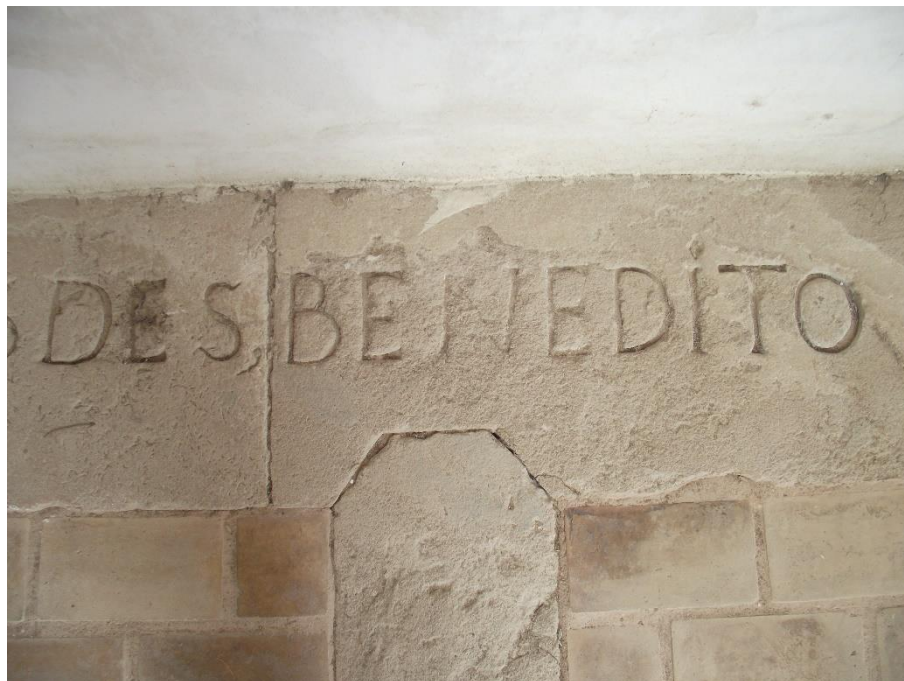
¹⁰⁷ Willeke (1956:308 e 283) afirma que diante de tão inúmeros privilégios contidos no enterramento em solo franciscano, os seculares também solicitavam sepultura nos claustros e nas igrejas. Informa ainda o pesquisador da Ordem, que no convento de Santo Antônio de Ipojuca, Pernambuco, documentos de 1766 registram que no contexto espacial do claustro havia uma quadra reservada apenas às sepulturas dos religiosos, do que se presume que as demais quadras eram disponibilizadas aos seculares.



Figuras 49 e 50: Igreja conventual franciscana, locais arranjados para sepultamento: capela lateral com cripta funerária, retábulo colateral.

Fonte: Ana Cláudia Magalhães/2016.





Figuras 51 e 52: Claustro franciscano
com inscrição da Irmandade de São
Benedito.
Fonte: Ana Cláudia Magalhães/2016.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

uma propriedade, ao afirmar que todas elas estavam reservadas apenas aos membros da Irmandade de São Benedito: *“Estas sepulturas pertense aos irmãos de S. Benedito. Toda esta quadra”*. (ver figuras 51 e 52 – XXVII).

Considerando que esta irmandade era, na sua maioria, formada por negros, teriam eles condições de arcar com as despesas de uma sepultura no claustro franciscano? Ou os ocupantes eram frades devotos de São Benedito? Ou ainda, conforme já vimos em relação às irmandades do Amparo e do Rosário, haveria brancos abastados entre os membros? De forma precisa talvez nunca se saiba se essas sepulturas foram ocupadas apenas por frades, ou se também por algum membro leigo da irmandade, mas o Cerimonial da Província de Santo Antônio é bem enfático ao declarar que a primeira quadra do claustro *“sempre sera a em que se enterraõ os religiosos”* (ESPÍRITO SANTO, 1709:321). E a quadra em questão é justamente a primeira, encostada à igreja, por onde principia a construção do prédio em 1660.

De acordo com Jaboaão (1959:91-92), a veneração a São Benedito, evidenciada de forma categórica nas campas do claustro de Madalena, aparece em todas as cidades e vilas da Colônia. Compartilhada pelos católicos em geral, ela destacava-se, de modo particular, entre os negros, resultando na construção de igrejas e altares e na fundação de irmandades dedicadas ao santo franciscano. Tal devoção é levada, inclusive, para o interior dos conventos, onde, por iniciativa dos escravos da própria casa, são construídas capelas e erguidos altares.

(...) hua grande veneração, e servido com especial culto o Glorioso São Benedito de Palermo ou de S. Fratello, geralmente de todos os Catholicos, e com particular e devoto obsequio da Gente da sua cor (...) (JABOATÃO, 1859:91).

Willeke (1956:296) informa que se deve aos franciscanos a difusão do culto a Benedito, bem como o estímulo à criação de irmandades que o tivessem como padroeiro. Falecido em Palermo, na Itália, no ano de 1589, em 1613 já tinha devotos no Rio de Janeiro e em 1623 uma imagem sua encontrava-se ao lado da de Santo Antônio, no Convento de São Francisco, em Salvador, atraindo devotos de vários lugares.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

De acordo com Cavalcanti Filho (2016:287), uma vez que a Ordem Terceira era formada pelos mais abastados, com renda suficiente para sustentar a construção de uma capela própria, algumas tão ou mais ricas que a igreja conventual, os frades tinham a preocupação de reservar um espaço para os escravos reunirem-se em torno de uma devoção e, nesse caso, incentivavam que fosse dedicada a São Benedito. Resulta disso que, em todo convento franciscano, há um espaço especial reservado a esse santo.

No que diz respeito às campas na nave da igreja e no claustro, descobertas após uma intervenção de restauro realizada entre 2007 e 2010, é possível afirmar que elas imprimem outra personalidade à espacialidade conventual. Na dimensão estética, conferiram novo valor aos ambientes citados, ao criar um desenho reticulado, que modula o piso em campas sequenciadas que ocupam toda a extensão dos espaços; na dimensão simbólica elas reintegram o lugar a uma história que havia sido coberta por camadas de ocultamento.

Entre setembro e novembro de 2008, uma equipe de arqueologia realizou várias prospecções nos pisos da edificação e identificou vestígios do uso cemiterial em toda a nave da igreja, galerias inferiores do claustro e portaria, confirmando o que a historiografia já afirmava. De acordo com a equipe, ali devem ter sido feitos enterramentos primários e secundários, e tanto atenderam a adultos quanto a crianças, visto que foi identificada uma ossada infantil depositada na sala onde, originalmente, funcionou a Portaria conventual (AVALIAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO CONVENTO DE SANTA MARIA MADALENA, MUNICÍPIO DE MARECHAL DEODORO/AL, 2010).

Caso a pesquisa arqueológica tivesse se estendido à Sala do Capítulo, por exemplo, certamente teria achado mais vestígios de sepultamentos, pois, segundo Cavalcanti Filho (2008:8), essa era uma das localizações mais disputadas no ambiente conventual, devido a ser local de orações, podendo, inclusive, contar com altares e imagens de santos.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

É justamente a junção das pesquisas arqueológicas, com os dados colhidos na historiografia, além das evidências materiais, no caso as lápides ainda mantidas, os quais se somam ao acompanhamento que se fez de todo o processo de restauro do monumento, que permitem confirmar o uso intenso de quase que toda a área do convento, interna e externa, como espaço cemiterial.

Com exceção da rara inscrição em pedra que destaca os membros da Irmandade de São Benedito, todos os demais padrões observados nos registros escritos e nos vestígios visíveis de sepultamentos ocorridos no Convento de Santa Maria Madalena correspondem à prática funerária comum no período colonial brasileiro, conforme visto no capítulo anterior. Embora não tenhamos outros registros a respeito dos ocupantes das sepulturas, sua disposição certamente acompanha o próprio ordenamento social e econômico da sociedade, com as doações garantindo os melhores lugares. Custava caro enterrar-se perto de retábulos, portas de entrada e pias de água benta e por isso, esse privilégio era para poucos.

Para aqueles que não podiam arcar com tal investimento financeiro, restavam as áreas menos disputadas, ao longo de naves e corredores. Nos casos de maior pobreza havia a alternativa das áreas não edificadas, menos valorizadas, mas que, de acordo com a legislação canônica, eram tão revestidas de sacralidade quanto o interior das igrejas.

Os enterramentos nos templos tendiam a obedecer a certas hierarquias, uma vez que pelo poder aquisitivo era possível garantir uma cova mais próxima ou mais distante do altar principal do templo. Entretanto, o fato de ser sepultado no lado externo da igreja (adro ou áreas contíguas) não eliminava o benefício de estar sob solo sagrado da fé. (TAVARES 2006, Apud ALLEN, 2009:146).

Os Estatutos da Província de Santo Antônio determinam como deveriam ser usados os espaços internos da igreja para os enterramentos. E no que diz respeito aos mais pobres, aqueles cuja situação econômica e social os impedia de arcar com os custos relacionados à Morte, ou de estar inseridos em uma associação religiosa leiga que lhe proporcionasse algum auxílio nos últimos momentos, a esses restava uma alternativa: *”As sepulturas dos adros*

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

poderá conceder o Irmão Guardiaõ por sí só aos pobres, e necessitados, aos quaes se lhe deve dar sepultura por obra de misericórdia, e caridade (...)”. (SANTA ISABEL, 1709:134).

O que se constata das pesquisas bibliográficas nas fontes franciscanas e nas prospecções resultantes da intervenção restaurativa no convento de Madalena é que o uso do convento como cemitério foi amplo e efetivo e a esse uso se deve parte considerável das suas fontes geradoras de renda. Por outro lado, quando a comunidade regular e secular enchia de luto o ambiente claustral era um projeto de vida que enfim se realizava, conforme pregara São Francisco.

A historiografia, os dados colhidos nas pesquisas arqueológicas, ao serem confrontados com a própria materialidade da arquitetura - desenho e arranjo espacial do convento, permitiram que, se estabelecesse outra forma de ler o monumento, entendendo que ele próprio, é fonte, por excelência e, nesse sentido, evidencia o papel ocupado pela Morte.

O Cristianismo, desde suas origens, se caracterizou como uma religião que tem na salvação da alma um dos seus princípios fundamentais. A vida terrena foi encarada de modo muito particular e a experiência da Morte foi, desde as suas manifestações mais primitivas, uma celebração, condição fundamental para a efetivação da vida plena. A construção do discurso da Morte associada à salvação começa no próprio Jesus Cristo e é abraçada pelos primeiros cristãos que a acolhem conformadamente no martírio. O que se vê a partir de então é uma associação entre princípios aparentemente antagônicos: a eternidade só se concretiza através da condição humana de mortalidade. Assim, na Idade Média, segundo Georges Duby, o fenômeno da Morte não tinha um sentido negativo quanto apresenta hoje.

(...) não era uma partida furtiva, esquiva, porém numa chegada lenta, regrada, governada – um prelúdio, passagem solene de uma condição para outra, superior, mudança de estado tão pública quanto as bodas, tão majestosa quanto a entrada dos reis em suas leais cidades. (DUBY, 1987:10).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Trata-se, segundo ele, de um segundo nascimento que vale mais que o primeiro e por isso é mais comemorado; é uma data da qual se lembra, ao contrário de tantos outros relegados ao esquecimento (DUBY, 1987:13). Quanto à mística franciscana, esta nunca duvidou do pensamento cristão divulgado nos Evangelhos, que anunciava a necessidade de uma finitude corporal para se alcançar a salvação da alma e a vida eterna prometida. Na perspectiva de São Francisco tudo era a presença de Deus se revelando na Terra. Também a Morte se constituía em uma categoria diretamente ligada à vida, não estando de modo algum dela dissociada. Nesse sentido, não era a negação da vida, mas sua continuidade, passagem imprescindível para o grande encontro com o Pai.¹⁰⁸ Constata-se este pensamento sendo continuado entre teólogos franciscanos contemporâneos.

A constatação do acolhimento da morte, porque ela pertence simplesmente à vida, revela a grandeza espiritual e religiosa de Francisco (...). Morre saudando amavelmente a morte, morre cantando (...). Quem bebe como ele bebeu da Fonte da vida, não pode mais morrer, mesmo que tenha que passar pela terrível noite dos sentidos e do espírito. De ameaça ela se transfigura em irmã. É a passagem necessária para um novo e definitivo nascimento. Pode ser dolorosa como todo nascimento. Mas propicia um novo advento da vida, agora plena em Deus. (BOFF, 1981, 179-180).

São Francisco compreendia e acolhia afetuosamente todas as manifestações da amorosidade divina e as organiza em um campo homogêneo dominado pela confiança e entrega absoluta. Como a Morte pertence à vida e “*da qual homem algum pode escapar*”, não pode ser encarada como um fim, mas um passo necessário em direção a algo muito maior e mais pleno. Por isso, na hora da passagem final ele “*transfigura o trauma da morte em expressão de liberdade (...) e vai ao seu encontro como quem vai abraçar e saudar uma irmã muito querida*”. É com alegria que ele a recebe e a cumprimenta compondo a última estrofe do Cântico das Criaturas.¹⁰⁹

¹⁰⁸ Leonardo Boff (1981) discute de modo excepcional essa fraterna relação de Francisco de Assis com a morte corporal.

¹⁰⁹ Segundo Frei Nilo Agostini OFM, para Francisco a morte não é negação da vida, não é inimiga, mas é passagem para o modo de vida em Deus, novo e definitivo, imortal e pleno.
Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/?p=24967#sthash.1MmLvoH0.dpuf>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.
Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!
Louvai e bendizei ao meu Senhor,
E dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.¹¹⁰

Sua própria morte, de certa forma, contribuiu para sacralizar a importância das práticas fúnebres. O trânsito de Francisco, em 3 de outubro de 1226¹¹¹, foi celebrado com orações e sufrágios, conforme orientado na Carta Encíclica, escrita pelo Vigário Geral, Frei Elias, e endereçada a todos os membros da OFM:

Uma vez que nunca é inútil orar pelos mortos, rezai também ao Senhor pela sua alma. Cada sacerdote celebre por ele três Missas, cada clérigo recite o Saltério, e cada Irmão Leigo reze cinco Pai-Nossos. Os clérigos, além disso, celebrem em comum uma Vigília solene. Amém (FONTES FRANCISCANAS, 2014:1455).

A espiritualidade inaugurada por Francisco de Assis, em alguma medida se mantém na Ordem dos Frades Menores quando esta chega ao Brasil. Herdeiros dessa longa tradição religiosa, os frades na Colônia pareciam preparados para acolher mansamente o fim da existência corporal, o momento crucial da experiência humana. É o que se apresenta nas Crônicas de Frei Jaboatão onde, a associação com a dimensão libertadora da Morte é recorrente e é sempre evocada na hora do trânsito: “(...) soltas as prisões do corpo, e deixado o desterro deste mundo, sahisse a gozar como piamente podemos crer, do socego, e descanso da celeste pátria (...)”. (JABOATÃO, 1859:103). Nessa perspectiva de libertação, “o grande acontecimento do convento é quando um frade deixa de ser hóspede na terra e realiza sua viagem final. A errância em vida atinge seu ápice na morte (...)” (SILVA, 2012:53).

¹¹⁰ Disponível em: www.centrinho.usp.br/sfa/ff_02.html.

¹¹¹ Francisco de Assis morre em 3 de outubro de 1226, mas apenas no dia 4 segue em cortejo até o lugar onde morava Santa Clara, para ser venerado por ela e demais irmãs da Ordem Segunda, e só após esse encontro místico é sepultado (FONTES FRANCISCANAS, 2014:88).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

3.3. Dos milagres e outros fatos extraordinários na casa franciscana.

Além da materialidade, no aspecto intangível relacionado ao convento, reverberaram as ideias de maravilhamento e assombro. Citando Le Goff (2006), Adalgisa Arantes (2011:54) afirma que as *meraviglia* são um conjunto de fenômenos, de natureza eminentemente extraordinária e fabulosa, que se utiliza tanto de elementos bíblicos quanto do paganismo, bem como elementos místicos e/ou míticos, para se manifestar. Essa capacidade de colocar um toque de “fantasia” no mundo corriqueiro aparece com um traço comum na maioria das sociedades humanas, mas, com a afirmação do Cristianismo no mundo ocidental, o próprio Deus passa a ser colocado como epicentro deste tipo de manifestação.

A chegada dos portugueses ao Brasil, para além dos interesses mercantilistas, é dominada por um universo mental onde o imaginário ocupava lugar privilegiado, impulsionando homens a mundos desconhecidos. Laura de Mello e Souza cita os franciscanos Vicente do Salvador e Santa Maria de Jaboatão os quais, embora com tempos e perspectivas diferentes, viam no achamento do Brasil algo de sobrenatural; enquanto o primeiro identificava o lugar com “as regiões infernais”, o segundo, quase três séculos depois, reconhece ali uma “ação divina” que “revela e reforça a existência de Deus: milagre divino” (SOUZA, 1996:28-29).¹¹²

A história do Brasil é carregada de alusões e relatos ligados a experiências de natureza miraculosa vinculada ao fantástico. Isso se deve tanto às projecções do imaginário atrelado às descobertas, quanto à pluralidade de culturas que se misturaram no ambiente colonial. Quando se trata de eventos religiosos, esse tipo de fenômeno se amplia. Seriam tais experiências uma possibilidade de escapar dos territórios rígidos impostos por uma religião essencialmente dogmática? Apesar da religiosidade praticada na Colônia ter poucas vezes

¹¹² Segundo a autora, Frei Vicente do Salvador acreditava que o demônio fugira da Europa cristianizada e se instalara na América, especificando o Brasil como lugar privilegiado dessa ocupação demoníaca, associação que estava, inclusive no nome Brasil, que remetia às “chamas infernais, vermelhas” e ao domínio de Satanás. (SOUZA, 1996:67).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

exibido uma vivência real do Cristianismo e com poucas oportunidades de ser experimentada na intimidade do Ser, nem por isso ela era frouxa e, talvez, pela mesma razão, fosse conduzida através da imposição de muitas regras de conduta à população.

Um pesado sistema de crenças, que se movimentava com facilidade entre a religião e os processos de dominação e mando, determinava os comportamentos individuais e coletivos da sociedade, moldou a cultura religiosa brasileira de uma forma tão arraigada que até hoje é possível identificar elementos que demonstram sua sobrevivência. Esse perfil multifacetado, conformou-se na diversidade dos variados povos que edificaram a Colônia, num sistema completo de trocas.

As pesquisas aqui realizadas na construção dessa tese, indicam que a velha Madalena testemunhou muitas manifestações da ordem do milagroso e do fantástico, que não chegavam a desestruturar a ordem posta, mas, ao contrário a confirmavam e, por isso, eram integradas ao projeto religioso. De forma diversa de alguns eventos que poderiam ser tomados como de natureza oposta ao que era pregado pela Igreja Católica, especialmente sob a influência do Concílio de Trento, a exemplo daqueles tomados como feitiçaria, cultos demoníacos, rituais macabros, etc, as maravilhas, desde que inseridas no pensamento religioso vigente, e desde que em acordo com o discurso oficial, eram aceitas pela instituição e serviam, inclusive, como veículos de propagação da doutrina.

O lugar, as igrejas, os conventos, as confrarias, abrigaram fenômenos da ordem do fantástico, manifestados em e através de personagens, cuja essência notadamente mística, os levava a se entregar com mais intensidade às cerimônias e a lidar e se dedicar às coisas sagradas de uma forma diferente, talvez mais exacerbada que, sob o olhar contemporâneo, poderia soar como fanatismo.

Essa forma de lidar com o divino, de uma forma mais visceral, rondava o universo religioso da época, especialmente quando se estava integrado a uma das comunidades associadas em

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

conventos ali instaladas, fosse na condição de religioso ou de irmão vinculado a uma ordem terceira.

As Ordens regulares instaladas na vila de Madalena, carmelita e franciscana, em sua gênese, foram iluminadas por eventos e personagens que transcendiam ao mundo real. Entre os carmelitas estão as figuras de Elias, de Simão Stock e Tereza d'Ávila, todos profundamente marcados pelo exercício da contemplação e por atitudes de extremo ascetismo místico (Cf. ARANTES, 2011).

Por sua vez, os Menores têm em Francisco de Assis, a representação máxima do extraordinário dentro da história católica. Sua breve existência é toda pontuada por milagres e o maior deles, sem dúvida são os estigmas. Teria buscado tanto imitar Jesus que recebeu em seu próprio corpo os sinais e dores da crucificação. Além deste, tantos outros eventos miraculosos pontuam sua vida, tornando-o santo aos olhos do povo antes mesmo de sua morte.

“Na Idade Média se atribuía grande importância aos milagres, pois eram a confirmação da santidade de uma pessoa” (PINTARELLI, CORREA E TEIXEIRA, 2014:27). É nesse espírito de verdadeira veneração aos eventos miraculosos que, entre 1254 a 1257, foi escrito o Tratado dos Milagres de São Francisco, obra atribuída ao franciscano Tomás de Celano, que fala dos episódios maravilhosos relacionados ao santo e reforça sua imagem como a de um novo Cristo. A obra descreve como Francisco prevê sua própria morte, ressuscita mortos, evita desastres, liberta presos, realiza curas e salvamentos. (FONTES FRANCISCANAS, 2014:442-495).

Outro franciscano ligado às origens da Ordem, também personagem de fatos extraordinários, foi Santo Antônio, com várias ocorrências de milagres ao longo da sua vida religiosa, o que o tornou um dos santos mais queridos e populares da Igreja no Brasil. Entre curas, profecias, bilocações, exorcismos e ressurreições, a atuação do frade nos eventos miraculosos é imensa e

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

nem mesmo a Igreja consegue delimitar a fronteira entre o real e o imaginado pelos fiéis, entre o fato e a lenda.¹¹³

Se milagres desejais
Contra os males e do demônio,
Recorrei a Santo Antônio
E não falhareis jamais.¹¹⁴

Reconhecendo a validade deste tipo de evento de natureza transcendental relacionado à Ordem dos Frades Menores, desde suas origens, e suas repercussões na constituição da sua identidade, Vitor Gomes Teixeira (1999) escreve um livro sobre as maravilhas no mundo franciscano da Baixa Idade Média portuguesa. Segundo ele, *“a história dos homens não se faz somente de pedras, de riscos, de factos ou de números, de ganhos ou de perdas. Faz-se também de ideias, concepções e sentimentos, de emoções, êxtases e sofrimentos”* (TEIXEIRA, 1999:184). Nessa perspectiva, ele pondera sobre a importância do imaginário e as consequências de sua projeção no mundo material e no cotidiano e nas pessoas.

O autor explica que o Cristianismo foi, desde sempre, um espaço acolhedor para fenômenos que ultrapassam a compreensão racional, ou mesmo aquela ligada ao senso comum. E particulariza os franciscanos nessa área, apontando-os como os grandes construtores de mentalidades e de sentimentos religiosos, mais que empreendedores de obras de pedra e cal. Responsáveis diretos pela criação de um *“quadro cultural e mental colectivo típico desse tempo, principalmente nos meios urbanos e intelectuais”*, eles foram os agentes do amálgama verificado na Idade Média, refletido nos movimentos que faziam entre o religioso e popular, entre o mundo da Regra e o das populações de vilas e cidades (TEIXEIRA, 1996:184).

Convicto dessa participação efetiva, e baseado na pesquisa em fontes escritas oficiais da OFM, o historiador apresenta um olhar cuidadoso pelos tipos de fenômenos mais recorrentes nas crônicas e sua distribuição pelas províncias de Portugal. Nesse sentido, ele consegue

¹¹³ A esse respeito, Cf. TEIXEIRA, 1999:81.

¹¹⁴ Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/?p=18123>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

organizar os diversos fenômenos categorizando-os em: *Visão/Aparição, Curas, Exorcismo, Salvamento, Ressurreição, Maravilha, Castigo* (TEIXEIRA, 1999:87).

Tendo como parâmetro a categorização desenvolvida pelo autor, procurou-se distinguir os eventos extraordinários relacionados ao Convento de Santa Maria Madalena, mas não apenas aqueles apontados na literatura oficial, como as Crônicas de Frei Jaboatão, mas também na literatura de época, além de lendas e histórias que perpassaram os séculos, apresentadas através de diferentes formatos discursivos, cujo ponto em comum é o fato de serem resultado da interlocução com fontes orais e com o próprio objeto construído, o convento franciscano.

No interior de cada um dos eventos que aqui serão relacionados impõe-se o encantamento, encantamento esse que se origina de uma relação com intensa conotação simbólica, estabelecida entre fiéis, frades e convento. Parte desse sentimento era criado pelas próprias narrativas franciscanas, fossem elas escritas, via Crônicas, por exemplo, ou repassadas pela oralidade, via contação de lendas e histórias.

Teixeira (1999:69) reconhece que quando a narrativa era oficial, ou seja encomendada e revista pela Ordem, havia um esforço de, além de narrar os acontecimentos, descrever lugares e exaltar personagens importantes, com uma intenção implícita de reforçar a fé dos leitores, afinal esses eram os potenciais divulgadores dos conteúdos junto à população.

Fosse por curiosidade, por fé ou mero interesse, o povo teria quase sempre uma grande avidez por esse tipo de relatos que, dentro do seu imaginário e forma de pensar, seriam um dos pilares e um dos referenciais da mentalidade popular da época (TEIXEIRA, 1999:69).

É a partir desse tipo de abordagem, feita de impressões misteriosas relatadas por aqueles que por lá andaram, ou que de lá tiveram notícias suficientemente encantadoras para que quisessem registrá-las, que se percorrerá o Convento de Santa Maria Madalena. Para abordar a temática, se valerá da bibliografia do século XIX, através do livro *Traços e Troças. Crônica Vermelha. Leitura Quente*, de autoria do jornalista e escritor, Pedro Nolasco Maciel (1964).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Maciel usa um personagem fictício para apresentar a casa franciscana de Madalena, como um espaço povoado por fantasias, a maioria delas relacionadas aos frades, denunciando a aura de mistério e encantamento que havia em torno deles. Ressalte-se que o contexto temporal de produção do romance coincide com o abandono e o vazio tomando conta do edifício, pois, no fim do oitocentos, no convento já não tinha frades. O panorama da cidade também não é o de prosperidade, pois já perdera a condição de capital para Maceió e as repercussões disso se faziam sentir num certo abandono econômico e urbano.

É esse cenário que o personagem principal, jovem romântico simplesmente apresentado como Manoel, encontra ao desembarcar na cidade e se dirigir ao convento. A narrativa das sensações trazidas pela casa franciscana fornece uma ideia das emoções contidas no espaço e de como elas vão aflorando à medida que a imagem das maravilhas e mistérios, pré-existente no imaginário de Manoel, vai se confirmando.

A sensibilidade de Manoel é atizada pelas celas vazias que evocam a imagem dos seus antigos ocupantes. A solidão dos ambientes percorridos representa a ausência dos moradores. A ausência dos moradores indica a Morte. Essa realidade com a qual Manoel se depara é a do desamparo. Desamparo que se mistura a outros sentimentos. A cada passo “*crescia o respeito e a veneração do visitante; de sorte que a mais insignificante particularidade despertava-lhe especial atenção*”. (MACIEL, 1964:227).

À medida que o personagem percorre o edifício vazio fortes impressões são despertadas. Nasce nele um profundo respeito e a admiração pelas únicas presenças que se manifestam, além da sua: as imagens de roca, vestidas com roupas pobres, e descritas por ele como “*vultos perfeitíssimos, de tamanho natural*” (MACIEL, 1964:227).¹¹⁵

¹¹⁵ O Museu de Arte Sacra foi instalado no prédio em 1984 e manteve a maioria das imagens que pertenceram ao antigo convento. Uma das partes mais expressivas desse acervo são os “santos de roca”, imagens cuja parte superior do corpo é sustentada por uma estrutura de ripas e que apresentam apenas rosto, pés e mãos esculpidos. São complementados por roupas e adereços como perucas e joias.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

No decorrer da deriva pelo convento desabitado, a sensação de espaço vazio e abandono é marcante, embora ele assuma: “*Aquela solidão, entretanto, agradava-o.*” (MACIEL, 1964:227). O visitante não apenas contempla o convento; antes quer se conectar aos antigos moradores. Não deseja apenas percorrer o prédio secular; ele quer acessar os segredos das vidas ali vividas. Diz Manoel:

Ah! Quem pudera ler naquelas paredes, falar àquelas abóbadas, interrogar os degraus de rocha, e saber a história desses frades, o bem que fizeram, as virtudes que os distinguiram, os males que praticaram, se foram santos, se foram criminosos, se a ambição e a concupiscência os perverteu, se eram fanáticos ou hipócritas, devassos ou dignos e honestos. (MACIEL, 1964:227).

O depoimento acima descreve uma experiência sensível que comunica emoções provocadas pela velha casa franciscana. Seus velhos ocupantes, mesmo que já não mais presentes, eram ainda os protagonistas do encantamento despertado no visitante. O convento abrigava uma série de mitos perpetuados na tradição oral e, certamente, Manoel ouvira falar deles. Daí a expectativa de um encontro que não poderia mais acontecer, pois os personagens principais daquele enredo já não estavam mais ali.

É possível que as histórias que se desenrolaram no convento, desde seus princípios, tenham contribuído para criar essa aura extraordinária em torno dele. E além das histórias, havia as lendas.

Dentre elas está uma das mais antigas, intitulada “Um Baptismo Postumo – Lenda Alagoana”, publicada em 1933, da qual só temos notícia graças a Pedro Paulino da Fonseca, que fazia questão de registrar as memórias relacionadas à cidade onde nascera, misturando delicadeza e agudez no olhar, ao escrever sobre temas que ainda não eram vistos como parte da missão do historiador, pois, nesse caso, recorria à memória oral e não às fontes oficiais.

O antigo governador, nascido na vila, conta que durante a chamada Guerra dos Palmares, um dos mais aguerridos combatentes era o sargento-mor Sebastião Dias Manelli, que integrou o

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

grupo de ataque à Serra da Barriga, em 1695. Ora, acontece que o mesmo militar que, com uma arma na mão esquerda, atacava ferozmente os aquilombados, com a direita impunha o sinal da cruz e, antes do golpe fatal, batizava proferindo as palavras sagradas: “*Eu te baptizo in nomine Patris, Filli et Spirit Sanctus, amen*” (FONSECA, 1933:35).

Fonseca afirma que “*animavam o espirito de Manelli os brios guerreiros tanto como, os escrúpulos do bom christão*”. Assim, antes de matar ele possibilitava à vítima a graça da salvação, atendendo ao que estava prescrito no Evangelho: “*quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino dos Deus*”.¹¹⁶ A controversa mentalidade religiosa colonial se materializa mais do que nunca naquele instante. Afinal o sargento-mor entende fazer parte de uma guerra santa, mata em nome do rei, mas garante que aquela alma não perambulará errante como um pagão e aí a batiza em nome de Deus. “*E assim vivia na mais doce paz de consciência e intima satisfação de bem servir ao seo Deus e ao seo rei*” (FONSECA, 1933:35). A imposição do sacramento do batismo também se configurava como uma obrigação para o cristão, pois, integrava o batizando na família católica e, por si só, era condição de salvação.

Causa o Sacramento do Baptismo effeitos maravilhosos, por que por elle se perdoão todos os peccados, assim original, como actuaes, ainda que sejam muitos, e mui graves. É o baptizado adoptado em filho de Deos, e feito herdeiro da Gloria, e do reino do Ceo. Pelo Baptismo professa o baptizado a Fé Catholica, a qual se obriga a guardar; e póde, e deve a isso ser constrangido pelos Ministros da Igreja. E por este Sacramento de tal maneira se abre o Ceo aos baptizados, que se depois do Baptismo recebido morrerem, certamente se salvão, não tendo antes da morte algum peccado mortal. (VIDE, 1853:13).

Souza (1986:127) admite que no universo da cristandade colonial, os mandamentos, os sacramentos e mesmo os dogmas da Igreja eram relativizados, assim como também o eram matar, roubar, desejar a mulher do próximo, entre outras coisas que hoje parecem tão claramente categorizadas entre o certo e o errado. Esses e outros “pecados”, conforme a visão da época, eram toleráveis, desde que devidamente inseridos na conveniência da sociedade

¹¹⁶ Trecho do Evangelho de São João, 3,5 (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013:1847).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

colonial.

Nesse sentido, entraria a escravidão e a submissão dos escravizados à lógica religiosa dos senhores. Hoornaert (1977:302) aprofunda essa questão e discorre sobre o papel do batismo de índios e africanos e seu significado concreto naquele contexto específico, entendendo que o sacramento esteve sempre a serviço do projeto colonizador. Nessa perspectiva, ele reconhece a conexão entre batismo e escravidão já que ambos legitimavam senhores aos quais o escravo deveria servir incondicionalmente: Deus no céu e o padrinho na terra, sendo que esse último era, geralmente, também seu senhor e dono (Cf. HOORNAERT, 1977:303).

Negar aos escravos qualquer dos sacramentos era considerado pecado e os proprietários eram constantemente lembrados desse compromisso cristão. O jesuíta italiano, Jorge Benci, publicou em 1700 um conjunto de sermões pregados na Bahia em fins dos seiscentos, os quais, sob o título “Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos” chama a atenção para os deveres dos proprietários em relação aos seus escravos, alertando:

E se, por causa do vosso descuido se perder a alma do escravo, que clamores e brandos não dará ela do profundo do Inferno, pedindo a Deus vingança contra seu senhor, que por lhe não acudir com a Confissão a tempo, e deixou cair naquele abismo de penas? (BENCI, 1977).

Voltando à narrativa de Fonseca, em que momento Benci e Manelli se encontram? Talvez nunca pessoalmente, mas no fim do século XVII Benci estava ciente da problemática questão dos escravos aquilombados em Palmares e chegou a propor que se instalasse no Quilombo um projeto missionário, ou seja, que de alguma forma, os rebelados fossem catequisados e devolvidos à religião como forma de reintegrá-los ao sistema colonial (CASIMIRO, 2001:150). O teor desses sermões, ou a intenção missionária proposta pelo representante da Igreja, poderiam ser conhecidos de Manelli. Daí sua preocupação em, sem deixar de cumprir seu dever como militar, assumir uma missão, ambigualmente, religiosa que era batizar antes de matar.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Mas a ligação de Manelli com o convento vem à tona ao final de sua vida. Em 1698 ele morre e é enterrado, como prescrevia o costume, no solo sagrado de uma igreja. É a partir daí que se evidencia a ligação do sargento-mor com o Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, onde ele é sepultado com todas as cerimônias e rituais que sua importante posição certamente possibilitou, talvez alçado quase que ao status de herói.

Posteriormente, em época não especificada no texto de Fonseca, é informado que um frade morador do convento, conhecido dos demais pela postura austera e disciplinada, tinha o costume de, todos os dias, após a meia noite, se dirigir ao coro da igreja para rezar. Numa dessas madrugadas, viu abrir-se uma das muitas sepulturas distribuídas na nave da igreja, e dela sair um vulto vestido em hábito franciscano, o qual ajoelha-se em oração. Depreende-se da narrativa que a figura assustadora era da Ordem Terceira de São Francisco, ou, quem sabe, um frade. No dia seguinte a mesma cena se repete e o religioso, reconhecendo o caráter sobrenatural da visão, compartilha o evento com a comunidade. Visto a gravidade do fato, fica acertado que ele manteria seu hábito de orar na madrugada, mas agora se faria acompanhar de dois irmãos.

A aparição então se repete diante das três testemunhas. O religioso interpela o vulto fantasmagórico, achando que se tratava de um dos muitos frades que ali foram sepultados, mas, qual não é a sua surpresa quando ele se apresenta dizendo se tratar de Sebastião Manelli, alma errante, sem descanso, assombrado pelo fato de ter permitido que Zumbi, tido como o último grande líder do Quilombo dos Palmares, morresse sem o sacramento do batismo e, portanto, que vagasse pelo mundo dos espíritos, fadado à danação eterna. Fonseca segue narrando a resolução da comunidade, já ciente do problema:

E a comunidade resolver celebrar o acto baptismal solemne sobre a sepultura do capitão-mór, na mente de apagar os peccados do chefe dos Palmares, e resgatar seu espirito para o céu. O que é certo, diz a lenda, é que no dia seguinte, reunida a comunidade, de cruz alçada, e feitas solememente, á beira da sepultura, as exhortações da formula sacramental do baptismo, sentiu-se como entreabrir-se as taboas que serviam de campa e ouviu-se um prolongado suspiro como que de allivio e satisfação, que gerando de pavor os vivos, foi patente prova de que o espirito de

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Manelli ficara tranquilo e livre de remorso. E desde então nunca mais a paz do claustro foi perturbada” (FONSECA, 1933:36-37).

Essa história reafirma um aspecto interessante da Igreja Católica. A obrigação do cristão em aplicar os sacramentos, quando não houvesse tempo para esperar o sacerdote. Nesse sentido, se enquadra Manelli que, ao mesmo tempo que infligia a Morte do corpo físico, possibilitava o nascimento da alma para a vida cristã, através do batismo.

Com isso, se confirma também o convento como lugar de milagres através da imposição de um sacramento, mesmo que em condições sobrenaturais. Afinal Zumbi fora ali batizado postumamente.

Sabe-se que, a historiografia da Ordem dos Frades Menores mostra que seus membros foram prodigiosos como agentes diretos de eventos fantásticos. Os Fioretti, obra de origem medieval, já referenciada anteriormente, constatava isso ao divulgar episódios extraordinários, tanto relacionados a São Francisco, como a outros frades e devotos ligados a ele (FONTES FRANCISCANAS, 2014:67).

Voltando ao cronista Antônio de Santa Maria Jaboatão,¹¹⁷ vê-se que, em meio a tantas pessoas engajadas no projeto religioso, uns se destacavam por atitudes que o diferenciavam dos demais. Seriam tais atitudes uma tentativa de transportar para o mundo real, da matéria, as maravilhas prometidas apenas para uma vida que não seria mais a terrena? Ou este traslado ainda se faria como crença corrente em tempos em que o medo e a imaginação tão frequentemente davam-se as mãos?

Por outro lado, trata-se, talvez, daquele abismo citado por Durkheim (1996:23), criado a partir da incapacidade de algumas pessoas conviverem em dois mundos – sagrado e profano, os

¹¹⁷ Nessa sessão, se procurará ressaltar outros argumentos que pontuam toda a Crônica produzida por Frei Jaboatão, embora menos explorados pelos pesquisadores.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

quais, segundo o autor, são tão antagônicos que se torna absolutamente impossível que tais indivíduos transitem pacificamente entre um e outro. *“Como só pode pertencer plenamente a um se tiver saído inteiramente do outro, o homem é exortado a retirar-se totalmente do profano para levar uma vida exclusivamente religiosa”*.

Durkheim destaca, nessa perspectiva, a vida monástica e as razões que levam algumas pessoas à escolha da clausura como um modo de enfrentar, ou de se adaptar, a oposição entre sagrado e profano. Ele reconhece nos conventos e mosteiros a materialização de uma vida artificial, uma mudança total de estado, que despreza e ignora qualquer coisa que tangencie um modo profano de viver. Esse tipo de postura assume que é impossível a convivência entre os dois mundos e que qualquer aproximação entre eles, significa que um estará sujeito a ser contaminado pelo outro (DURKHEIM, 1996:24).

O ambiente conventual era um universo amplo, uma espécie de cidade amuralhada, habitada por pessoas das mais diferentes estirpes. Cada uma delas vivendo a partir da Regra franciscana, mas segundo modos muito particulares de ver e lidar com o mundo. Assim, dentre outras inúmeras variações, havia os religiosos que levavam uma vida relativamente comum, cumprindo ordinariamente suas obrigações, e havia aqueles que foram destacados entre seus pares pelas atitudes de renúncia extrema e rigorosa disciplina que caracterizaram sua experiência espiritual.

As crônicas franciscanas de Jaboatão fornecem outras amostras de como esse tipo de fenômeno se manifesta em meio à comunidade conventual, tendo como agentes os frades e, nesse sentido, se reconhece a natureza promocional da narrativa na divulgação da religião, da elevada espiritualidade dos membros da Ordem dos Menores e no convento capucho como lugar de santidade. O frade cronista tem o mérito de conseguir inserir, muitas vezes, o elemento humano como personagem principal da sua narrativa, permitindo o acesso, não apenas à matéria construída, mas, também aos movimentos que davam vida à edificação secular. Desse modo, a escala de observação se amplia e o monumento, em suas dimensões

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

subjetivas, se mostra mais claramente, pois o texto fornece argumentos raros que permitem, de certa forma, identificar detalhes que reconstituem uma ambiência humana perdida. Willeke (1973c), que escreveu um ensaio com a biografia do irmão de Ordem, reconhece que ele “*salvou do ingrato anonimato e esquecimento tantos confrades brasileiros e portugueses, apontando-lhes as obras realizadas*”. De fato, através do cronista, se tem acesso a nomes, origens, datas de nascimento e Morte dos frades. A história dos conventos está sempre associada à história daqueles que o habitaram.

O próprio Jaboatão parece hoje um personagem lendário, apesar de se saber que existiu e foi uma figura marcante dentro da comunidade que integrava. Em 1755, o pernambucano foi eleito e nomeado cronista da província, ficando os guardiões dos conventos que ele visitasse “*obrigados a lhe comunicarem as notícias que se lhes pedirem*”. Esse é um dado oportuno, pois mostra que, possivelmente, partiu dele o interesse em conhecer e destacar nas crônicas o que ele chamava de “*irmãos de boa fama e virtude*”, tanto religiosos quanto leigos (Determinações Capitulares, Apud WILLEKE, 1973c:52), cuja forma de agir no meio religioso se insere na temática aqui abordada.

Frei Jaboatão, que nasceu em 1695 e morreu octogenário em 1779, parece ter sido um escritor voraz, pois foi autor de vários textos, entre discursos, cartas, sermões, tratados, versos e prosas, escritos de natureza jurídica e as obras: Catálogo Genealógico e Obras Acadêmicas. Além disso, tinha habilidades no campo das artes. Sua publicação mais importante foi, sem dúvida, o Novo Orbe Seráfico, escrito no período de 1755 a 1757 (1ª parte) e de 1757 a 1764 (2ª parte). O grande mérito dessa obra foi a particularidade de ter sido a

(...) única a registrar a origem e o desenvolvimento da Província de Santo Antônio do Brasil, através dos seus 14 conventos, incluído também as missões esporádicas mantidas pela Ordem Franciscana, de 1500 a 1584, e os primórdios das missões amazônicas a partir de 1617, como ainda as primeiras fundações franciscanas, entre o Espírito Santo e São Paulo (...) (WILLEKE, 1973c:58).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Ao que parece, e segundo deixa em suspeito uma observação feita por Frei Venâncio Willeke (1973c:58), a forma como os acontecimentos são narrados por Frei Jaboatão, acentuando “*milagres e outros fatos extraordinários*”, parece ter provocado algum tipo de crítica posterior à publicação, possivelmente dentro da própria Ordem. Willeke, apesar do seu olhar do século XX e influenciado pela maneira rigorosamente alemã de lidar com a prática religiosa no Brasil, contextualiza o cronista setecentista e sai em sua defesa, respondendo que aquela abordagem estava diretamente ligada ao conceito de sagrado vigente na época. Ora, não há dúvida que a própria condição barroca da cultura que permeava o Brasil, apesar de Trento, demandava manifestações espetaculares e triunfais, fossem na arte, na celebração ou na escrita.

As páginas que vão de 605 a 616, na segunda parte do Orbe Seráfico, Jaboatão dedica-se, especificamente, aos fatos ligados à fundação do Convento de Santa Maria Madalena. E aí é bem cuidadoso na descrição dos eventos que culminaram com a fixação dos frades no lugar, as etapas de desenvolvimento físico do prédio, os benfeitores e em que medida eles foram os responsáveis pela construção e manutenção do complexo conventual. De uma forma muito especial, ele integra vivacidade ao edifício, ao relatar breves episódios da experiência no interior do edifício. O relato é conciso, porém, muito esclarecedor a respeito de elementos que faziam parte do conjunto de informações que o cronista se propôs a recolher.

A narrativa é iniciada com a apresentação de Frei André de Santa Anna, religioso leigo “*de virtudes*”, falecido no convento em 1709, aos 77 anos, no qual Jaboatão identifica alguns fatos que podem ser classificados dentro da ordem das maravilhas. Um deles é relacionado à previsão de sua própria morte feita em mais de uma ocasião. O primeiro evento acontece quando ele, já em estado avançado da doença e, por isso, não mais participando das atividades em comunidade, pede a um amigo que o acompanhava na cela que procurasse os frades e “*os chamasse, que era tempo*”. Esse tempo era o tempo final, o da partida.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

No segundo evento, também relacionado aos sinais do poder de premonição de Frei André, esse avisa a um frade que estaria todo o dia fora do convento, que quando aquele retornasse não o encontraria vivo (JABOATÃO, 1861:609-610), o que, de fato, se confirma.

Aparentemente, o frade já levava uma vida envolta em prodígios e santidade. Os relatos colhidos pelo cronista indicam que *“Foy sempre muito pobre, casto, e humilde, com todas as mais virtudes de hum perfeito e verdadeiro religioso”*. Até sua entrada na vida franciscana é envolta em contexto de milagre, pois é resultado de uma promessa feita em gratidão a Deus por ter sido salvo de uma tormenta que atacara o navio onde viajava de Pernambuco para o Lisboa, ainda na mocidade. *“Nesse aperto fez voto, ou promessa a Deos de que se escapasse com vida, deixar aquella, e ser Religiozo Leygo. Escapando ele só do naufrágio, cumprio tãobém logo a promessa”* (JABOATÃO, 1861:611).

Além das premonições de Morte, Frei André também demonstra outras habilidades de natureza extraordinária, como levitação e visões.

Quando Jaboatão fala do amigo leigo que o acompanhava na cela por ocasião da morte, informa que se tratava de alguém *“muito seo devoto”*. Ou seja, alguém que não fazia parte do quadro de frades, vivia fora dos muros do claustro, mas conhecia-o o suficiente para lhe dedicar uma devoção especial em relação aos demais ali residentes. Ou seja, antes mesmo da Morte, já girava em torno dele uma aura de santidade.

Quando morreu, imediatamente foi sepultado pelos irmãos para, segundo narrado por Jaboatão (1861:610), *“evitar o concurso das Gentes”*. Isso quer dizer que a exposição de seus poderes e virtudes de alguma forma ultrapassara a clausura e chegara à cidade e o povo certamente acorreria em grande quantidade ao convento, fato que a comunidade queria justamente evitar.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Isso é muito importante para compreender o lugar ocupado pelo convento no imaginário da população. Além das questões religiosas e suas consequentes obrigações, quais outros argumentos eram usados para atrair e fixar a população junto à casa franciscana? É importante recordar que havia uma disputa entre Ordens, como no caso já citado de disputa entre franciscanos e carmelitas. Seriam os eventos milagrosos uma confirmação da sacralidade daquele lugar e daqueles que o habitavam? E poderia tais sinais fortalecer determinada ordem em relação à outra, como no caso de Madalena, em relação aos irmãos do Carmo?

Sem dúvida, esse tipo de evento cria uma aderência entre o espaço físico e as pessoas, através do estabelecimento de uma relação de proximidade e valorização do lugar, não pela sua aparência física, ou importância material, mas pela simples percepção de que ali existe algo de miraculoso e especial. E isso vai se manter na memória coletiva e será repassado de geração a geração.

Depois de Frei André, Jaboatão se dedica a narrar fatos relacionados a membros da Ordem Terceira (1861:612). Isso confirma a importância dos leigos no contexto da estrutura religiosa, na medida em que os introduz, também, como protagonistas da manifestação do sagrado e do maravilhoso. Curiosamente, as histórias dizem respeito a mulheres, das quais a primeira é Catharina Paes Landim. Casada, embora sem filhos naturais, em 1720 ela entra para a Ordem Terceira franciscana, demonstrando sempre uma dedicação extrema às coisas da Igreja.

(...) nunca faltando às obrigações de Christã; ouvindo missa, não só os dias de preceito, mas em todos os do anno; e assim mesmo frequentava os Santos Sacramentos, e officios Divinos; e nas funções da Ordem nunca teve falta voluntaria (...) (JABOATÃO, 1681:613).

Essa mulher abraça a penitência de uma forma tão intensa que chega a incomodar o marido, embora fosse ele, também, um terceiro. Uma das manifestações do seu ascetismo extremo foi se desfazer dos bens materiais, o que a levou a doar todas as suas roupas, passando a vestir-se de forma muito rudimentar. Quase sempre andava descalça pelas ruas, especialmente na

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

época da Quaresma. A capacidade de se sacrificar se amplia cada vez mais e ela resolve vestir apenas o hábito dos penitentes da Ordem. A partir daí, não admite ser chamada de outra forma que não por Catharina das Chagas, o que demonstra sua crença e devoção aos estigmas de Francisco.

A natureza dos sacrifícios desta beata era decorrente de um fervor excessivo, resultante de uma vivência religiosa que só fazia sentido se fosse passional. Nesse espírito, açoitava-se, usava instrumentos de tortura presos ao próprio corpo, fazia pesados trabalhos manuais para se sustentar. O objetivo dessas atitudes extremas é a depuração pelo sofrimento e, de certa forma, imitar Jesus.

O seu sustento mais ordinário eram frutas, ervas e legumes, sem algum concerto, ou adubo, e de carne e peixe muy pouco. Jejuava o Advento, e Quaresma, às sextas feiras do anno; e se em alguma cahia o Natal do Senhor também jejuava. Na quinta e sexta feira da Semana Santa, só comia hum certo numero de folhas de limoeiro, ou Laranjeira, sem mais couza alguma. (JABOATÃO, 1861:614).

Sua vida se resumia a trabalhar e rezar. Por vezes, se embrenhava na mata por vários dias e quando voltava, atribuía a uma entidade sobrenatural, sua manutenção física, por quem, alegava, ser alimentada e protegida. A divulgação da experiência era feita quase que num estado de delírio:

(...) hua mulher formozissima, que trazia um Menino, que não havia couza mais linda, lhe dava algumas frutas; e que também a defendia de um cão grande, e negro, que a intentava morder (JABOATÃO, 1861:615).

Morre idosa, em 1748, também em meio a insinuações de santidade. Jaboatão acentua que Catharina morreu assistida pelos sacramentos e com todos os “*signaes de boa christã*” e “*poz termo á vida com hua tal morte, que foy invejada de todos*” (...) *Todo o referido affirmão muitas pessoas, que a conhecerão e tratarão*” (JABOATÃO, 1861:615).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

De certa forma, seu corpo já estava morto. Mas, essa Morte escolhida e abraçada com alguma satisfação simboliza outra relação com esse desconhecido imenso que é morrer. A cada dia, a penitente escolhia morrer um pouquinho ao abrir mão dos elementos que caracterizavam sua humanidade: comer, se vestir, se proteger da dor, se relacionar com o outro. Catharina simbolizava o triunfo da fé sobre a vaidade, sobre o medo, sobre a matéria e é assim reconhecida por Jaboatão, que a faz personagem de sua narrativa e a eterniza como parte da história franciscana. O fato de ser inserida nas crônicas demonstra que ela já ocupava um lugar privilegiado, não só junto aos religiosos, mas, sobretudo, a fazer da casa franciscana algo de mais espetacular.

A próxima personagem, Cosma da Sylva Pereira, também terceira franciscana, aparece na narrativa do cronista notabilizada pela conduta ilibada e exercícios espirituais praticados, aos quais, entretanto, ele não faz referência em particular. O que a distingue é um atributo que poucos santos tiveram: morta em 1744, seu corpo foi encontrado incorrupto após algum tempo do sepultamento, o que ia de encontro às leis naturais. Acrescente-se que seus restos mortais exalavam odor perfumado, conforme testemunharam frequentadores da igreja conventual, (JABOATÃO, 1861:615).

Não é desprovido de intenções que Jaboatão insere acontecimentos, a princípio, fantásticos na sua narrativa. É possível aqui recuperar a explicação para a atração que o lugar do sepultamento dos santos - “esses *mortos muito especiais*”, provocava nos fiéis dos primeiros tempos da Igreja Católica. De acordo com Jerome Baschet (2006:63), a vida exemplar e perfeição heroica dos santos transformam lugares, restos mortais, relíquias, em “*depósito de sacralidade, um canal privilegiado de comunicação com a divindade e uma garantia de proteção celeste, até mesmo de eficácia miraculosa*”.

Portanto, quem quer que tenha divulgado as maravilhas relacionadas ao convento, estava cuidando de reforçar elementos de prestígio religioso que confirmam a sua sacralização. Sendo o texto do século XVIII, de Jaboatão, ou do XIX, de Fonseca, sendo o autor um frade

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ou um leigo, sendo os fatos verdadeiros ou resultado de uma imaginação apaixonada, não coube ao narrador de então, ou aos leitores de hoje, questionar. O que parece importar é que, de forma intencional ou não, cada história foi instrumentalizada de modo a afirmar o enraizamento de um lugar especial – o convento, e assim afirmar a sua presença junto ao povo.

Divulgar que eventos dessa natureza se manifestaram naquele convento e igreja específicos, e com envolvimento direto de religiosos, ou de membros da sua Ordem Terceira, poderia ser visto como uma espécie de favor especial de Deus, o que dignificava e diferenciava o convento perante o grupo social onde estava inserido. E esse tipo de memória reverbera muito fortemente nas pessoas. É a densidade da apropriação, que ao se ampliar ou se contrair, ao sabor dos movimentos culturais de cada época, que determina se essa memória se perpetua no tempo ou se cai no esquecimento.

Como se viu, mesmo depois de esvaziado dos frades, o convento manteve algo da aura misteriosa, capturada por alguns curiosos que tentavam olhar por entre as frestas da estrutura construída. É o que acontece com Manoel em seu passeio pelo convento, quando experimenta a história ao vagar errante pelos espaços. Manoel teve o privilégio de acessar a arquitetura conventual pela via de uma de suas mais importantes dimensões, que é a de promover a conexão entre o presente e o passado, o elo de ligação entre as várias vidas que por ali passaram.

O Convento de Santa Maria Madalena propiciou conagração e integração entre pessoas e lugar, balizadas pela fé. Lembrando Drummond, como em qualquer casa, assistiu a nascimentos, uns pelo batismo outros pela Morte. Abriu suas portas para receber e abrigar corpos à espera da ressurreição. Promoveu os meios para que a rememoração da não existência reforçasse a grande esperança cristã: a vida eterna. Dirimiu culpas, distribuiu absolvições.

Igrejas, conventos, cemitérios

o Lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Hoje as referências que se constroem com a casa franciscana se dão a partir de outros laços. Os antigos mistérios que a rondaram estão adormecidos, pela ausência de uma política de devolução efetiva do monumento à cidade, com toda a sua integridade histórica e cultural. O processo de restauro que revelou as sepulturas, recuperou parte da imagem da Morte ali presente, mas, as dinâmicas de apropriação que deveriam se suceder à intervenção não fizeram dela um personagem de destaque na casa franciscana. Ali não há mais fantasmas, nem santos frades, nem beatas punindo o corpo e a alma. Mas para aqueles que, como o personagem Manoel, percorrem deslumbrados o prédio secular, resta ainda o fascínio dos estigmas de São Francisco, de corpos ensanguentados, de sepulturas, de lápides, de caveiras.

Nessa casa, onde maravilhas e prodígios também tiveram seu lugar, um admirável esforço de resistência da Morte, em manter-se como parte da casa, pode ainda fazer ressoar pelos corredores vazios ecos do tempo em que ela era irmã dos irmãos. Talvez resida justamente nela a resposta para a tão necessária formação de novas memórias e identidades e, quem sabe possa dar vida a um museu inerte e hoje desprovido da vivacidade franciscana (ver figura 53 - XXVIII).



Figura 53. Claustro franciscano.
Fonte: Ana Cláudia Magalhães / 2010.

Igrejas, conventos, cemitérios

*o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e
arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas*

**CEMITERIO . f. m. lugar onde se enterrão
s defuntos , aberto , fóra da Igreja.**

Bluteau, 1789:253

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

4 DO CENTRO À PERIFERIA:

Das igrejas ao Cemitério Público

4.1. A gênese das “*idades da morte*” na Província das Alagoas¹¹⁸

Em outubro de 1836, as ruas da cidade de Salvador, na Bahia, foram tomadas por uma multidão que, aos gritos de “*morra o cemitério*”, contestava a legislação recente de criação do cemitério público e a proibição dos enterramentos nas igrejas. A velha prática funerária estava em discussão, mas, se para alguns a sua manutenção só era justificada pela “*ignorância, superstição e estupidez*”, para os enfurecidos integrantes do movimento, depois denominado como Cemiterada, significava a “*destruição da religião católica*” (REIS, 1991:18-19).

Esse fato foi uma das manifestações mais pungentes, de que se tem notícia, contrária à alteração de seculares costumes ligados à Morte, alteração essa que seria a responsável por uma profunda transformação no perfil cultural e religioso da sociedade brasileira, reverberando diretamente na sua manifestação urbana e arquitetônica.

Sabe-se que, na Europa, esse movimento de contestação e revisão dos costumes funerários se inseriu nas grandes rupturas que se verificam a partir do século XIX e, apesar de não se ter aqui a pretensão de adentrar mais profundamente no comportamento europeu frente aos novos paradigmas, é importante salientar que eles repercutem no Brasil, embora que, em proporções e tempos diferentes.

Desde o século XVIII assistia-se a uma reorganização social, política e, sobretudo, cultural, e parte dela se deve a uma efervescência no campo das mentalidades, no qual a promoção da ideia de uma sociedade e de um cotidiano laicos em nome de uma vida moderna movida pela racionalidade era ressaltada cada vez mais, desde, pelo menos, os tempos do cenário

¹¹⁸ Expressão usada por Melo Moraes para designar os cemitérios públicos (2002:230).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

iluminista da França rebelde.¹¹⁹ Combate-se antigos modos de pensar e agir, incluindo as crenças religiosas que se infiltravam em vários aspectos da vida em sociedade. Esse cenário de mudanças, tendo seu destaque em 1789, se insere, posteriormente, no conjunto de outras grandes transformações do pensamento político e social vigente, cujo discurso estava atrelado a ideais de: modernidade, democracia, socialismo, liberalismo, materialismo, nacionalismo, entre outras, das quais destaca-se aqui a separação entre Estado e clero (NUNES, 2016:24).¹²⁰

Por sua vez, o aumento das populações urbanas anunciara novos desafios e um dos seus emblemas era a reorganização sanitária. Nesse sentido, as cidades deveriam acatar e refletir as transformações no organismo social, passando também elas a serem objeto de questionamento e de revisão. Em consonância com esse espaço construído que se modificava, vasta literatura foi produzida no período, expressando as contribuições da ciência, em especial a médica e a engenharia, declarando guerra aos velhos hábitos, clamando pela renovação dos ambientes habitados e da sociedade em geral.

O Brasil, em sua condição recém-conquistada de Império, sofre a influência de um pensamento que, em outros países, já vinha sendo gestado há algum tempo e, portanto, com possibilidade de ser absorvido pela sociedade de forma menos impactante. Aqui, ao contrário, essas mudanças estão completamente descompassadas em relação à recém ex-Colônia (CYMBALISTA, 2013:43).

Já no contexto do governo imperial, destacou-se a sequência de restrições que, na primeira metade do XIX, é imposta à Igreja Católica, algumas delas atingindo especificamente as ordens religiosas regulares, como a extinção, em 1824, da Ordem Agostiniana; a supressão, em 1830, da Congregação Carmelitana descalça; a extinção, em 1835, da Ordem Carmelitana Calçada de Sergipe e, em 1840, da mesma na Bahia. Em 1855 se dá o que Scampini (1974:90)

¹¹⁹ Em 1789 e em 1791, França e Estados Unidos, respectivamente, haviam estabelecido em suas Constituições, a separação entre Igreja e Estado.

¹²⁰ A esse respeito ver também REIS, 1991:74.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

chama de “*golpe mortal na organização do clero regular da Igreja Brasileira*”, ao se cassar as licenças para entrada de noviços nos conventos do Brasil.¹²¹ O autor chama também a atenção para o conjunto de medidas que, ao longo do oitocentos, resvalam diretamente na relação entre o poder laico e o poder do clero, a exemplo da destinação dos bens eclesiásticos da Igreja e da proclamação da natureza civil do casamento.

Certamente, o novo cenário cultural que se estabelecia a partir de uma perspectiva secularizada de mundo, contribuiu significativamente para a decadência dos espaços religiosos, conforme se aprofundará posteriormente ao discutir seus reflexos nas igrejas e no Convento Franciscano de Santa Maria Madalena.

Dentro dessa porção de medidas limitadoras da ação da Igreja destaca-se aquela que vai direto ao âmago desta tese: a defesa da transferência do local dos sepultamentos para longe do convívio dos vivos. Documentos elaborados a partir do 1800 - Cartas Régias, decretos e leis, passam a anunciar que a vizinhança entre vivos e mortos deveria ser evitada. “*Os mortos agora eram malvintos, fedidos e perigosos à saúde dos vivos*”. (CYMBALISTA, 2013:43).

Medidas tomadas ainda no período colonial demonstram que a relação entre cadáveres e doenças não era desconhecida no Brasil, embora, qualquer atitude no sentido de evita-la fosse apenas de caráter circunstancial, como demonstra uma proibição real datada de 1686, quanto a se fazer sepultamentos nas igrejas de Recife. Ora, a proibição, que estava atrelada a uma epidemia de febre amarela que assolava o lugar, tivera todo o cuidado em, respeitando a tradição, destinar outra igreja para continuar atendendo às necessidades funerárias da população (PIO, 1938:33).

É a conjuntura criada no século XIX que, finalmente, estabelece as bases para acender e alimentar a discussão de, em caráter definitivo, eliminar a proximidade entre vivos e mortos.

¹²¹ A admissão de noviços nas comunidades religiosas é revogada em 1890, na República, mas, nessa altura, os conventos já estão desabitados e em plena decadência.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

No Brasil, a partir de janeiro de 1801, através da publicação da Carta Régia Nº 18 e, posteriormente, com o Decreto Imperial de 1825, já é possível identificar no discurso oficial o acento higienista que, entre outras coisas, associa fortemente o uso das igrejas como cemitérios com a ausência de noções de salubridade, e mesmo de civilidade, o que, por si só, já justificaria o fim dessa prática. De acordo com esse discurso:

Os cadáveres humanos contavam entre as principais causas de formação de miasmas mefíticos, e afetavam com particular virulência a saúde dos vivos, porque eram depositados em igrejas e cemitérios paroquiais dos centros urbanos (REIS, 1991:76).

A vinda da Família Real para o Rio de Janeiro, em 1808, iniciara um processo irreversível de mudança em alguns setores da vida colonial. A transferência da corte portuguesa implica em alterações nas estruturas administrativas e tais alterações trazem fortes repercussões no ambiente citadino. Nesse contexto, a questão da salubridade passa a ser discutida e vista como um fator prioritário nos investimentos relacionados à saúde pública.

Embora os marcos legais citados não atinjam de imediato seus objetivos sanitaristas, criam um campo favorável à revisão da mentalidade política e um dos pontos decisivos dizia respeito às novas atribuições a serem assumidas pelas Câmaras Municipais, visando a maior eficiência da sua atuação nos meios urbanos (REIS, 1991:275).

A composição administrativa secular é objeto de avaliações e se, até então, suas atribuições estavam concentradas nas questões administrativas e judiciárias, a partir da Constituição de 1824, elas passam a exercer novas atividades tendo como instrumento normativo as Posturas Municipais, figurando como parte de suas responsabilidades os cuidados com o espaço habitado:

*Obras urbanas, limpeza de ruas, iluminação, abastecimento de água, **administração de cemitérios (fora das terras das igrejas)**, construção, reparo e conservação de estradas e caminhos públicos, saneamento (...)* (LIMA, 2013:56, grifo nosso).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Dentro de uma visão onde o urbanista e o médico se aproximam, em 1829, a fundação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro confirma a defesa do higienismo e suas manifestações a respeito do assunto propiciam as condições necessárias para a criação de importantes dispositivos legais cujo objetivo era a implementação de políticas públicas de saúde nos ambientes habitados. Dentre eles, destaque-se o estabelecimento de cemitérios públicos, num modelo espacial muito bem definido, com claras determinações para a setorização urbana e sempre se reportando a um modelo externo ao Brasil :

Fazer grandes, e espaçosos cemiterios fora das povoações, quanto for possível, em sitios, que possam ser bem lavados dos ventos, e humedecidos pelas chuvas, cujo terreno seja barrento , ou misturado com alguma arêa , ou terra calcarea; e fazer as sepulturas fundas ao menos de 7 palmos; eis aqui outro meio já bem usado na Europa. (TELLES, 1800:23).

Neste papel ativo que assumira no que dizia respeito à organização das cidades, a classe médica brasileira, de modo geral, não se alinhava com as práticas funerárias vigentes, atribuindo a decomposição da matéria orgânica à contaminação do ambiente e, em decorrência, a uma série de enfermidades. Nas primeiras décadas do oitocentos, de acordo com João José Reis Filho (1991:247), os médicos se dividiam entre associar a proliferação das epidemias a microorganismos vivos presentes no ar ou a gases, mais conhecidos como miasmas, sendo que, em ambas as formas de contaminação, se reconhecia a influência direta da putrefação dos cadáveres. Além disso, também era alvo da patrulha médica qualquer fonte de matéria vegetal e animal em decomposição, assim como os pântanos e charcos e demais águas paradas expostas ao calor e à umidade, a falta de infraestrutura urbana, a presença do lixo nas ruas, rotinas alimentares inadequadas, ausência de hábitos de higiene, entre outros. Buscava-se consolidar o ideal de um homem higiênico vivendo em uma cidade higienizada. Se inserem nessa perspectiva os investimentos oitocentistas em escolas, hospitais, cadeias e cemitérios (REIS, 1991:249).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

É justamente na capital do Império que a discussão em torno desse “sanitarismo” se fortalece, instigada, especialmente, por uma epidemia devastadora de febre amarela, ocorrida entre os anos de 1849 a 1850, e que começa a fazer vítimas em quantidade e velocidade nunca antes vistas (RODRIGUES, 1997:30). Os odores e gases emanados das sepulturas, com as quais os vivos cotidianamente mantinham contato nas igrejas, são apontados como um dos motivos mais fortes para o desenvolvimento da epidemia e o costume, que nunca fora encarado a partir de outra ótica que não a religiosa, passa a ser associado à infraestrutura urbana ou, mais precisamente, à sua ausência. Não se pode, entretanto, atribuir apenas às doenças epidêmicas o protagonismo das mudanças que se sucederam nas práticas funerárias e na relação dos vivos com seus mortos, já que outros elementos vinham sendo gestados no Brasil desde o início do XIX, com o aval da imprensa, que atuava também como veículo de propagação desta nova mentalidade, pressionando o poder público nos investimentos urbanos (RODRIGUES, 1997:53-54).

Essa intenção de modernização, e que implicava em revisão de conceitos e crenças religiosas, não se dava sem oposição. A exemplo do que houve em Salvador (embora não tão contundente) ocorreu alguma resistência por parte de setores da população, políticos e, sobretudo, de uma parcela mais conservadora do clero, apegada à prática funerária tradicional.

No Rio de Janeiro, por exemplo, as reações mais incisivas contra o enterro fora da igreja vieram dos conventos, dos quais Cláudia Rodrigues (1997:129) indica os frades de Santo Antônio que, insistentemente enviavam ao imperador pedidos de autorização para continuar sepultando seus mortos no interior da casa conventual, alegando a falta de recursos para buscar ambientes alternativos.¹²² Destaque-se também no Rio de Janeiro, a figura do Padre Luiz Gonçalves dos Santos, mais conhecido como Padre Perereca, que se manifestava

¹²² A Biblioteca Digital disponibiliza as cópias eletrônicas de pedidos recorrentemente feitos por guardiões do convento carioca, entre os anos de 1850 a 1852, solicitando autorização para sepultar no próprio edifício, não apenas frades, mas também escravos. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1426846/mss1426846.pdf.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

publicamente contra o que ele chamava de aniquilamento dos direitos dos vivos e dos mortos (REIS, 1991:266).

Em nome da saúde pública e, apesar da resistência de parte do clero, os arautos da nova mentalidade urbana continuavam declarando seu repúdio, não apenas ao lugar tradicionalmente reservado aos defuntos, mas, também, a cheiros e sons a eles relacionados. Essa patrulha que Reis alcunha de “*vigilância olfativa e vigilância auditiva*” orienta as pessoas a não apenas afastarem-se dos mortos, mas, sobretudo, àquilo que lhes fizesse alusão. destacando a conotação negativa que os sons dos sinos passam a ter, pois seu toque debilitava emocionalmente as pessoas, “*levando ao agravamento de moléstias e à própria morte*” (REIS, 1991:263-265). É interessante observar esse movimento que busca retirar dos mortos todas as possibilidades de interlocução com os vivos. Nesse sentido, o contato visual possibilitado pela passagem dos cortejos conduzindo os defuntos, muitas vezes expostos em simples redes, também foi declarado pernicioso. Tudo que, resultante direto do acontecimento funerário, fosse percebido pelas pessoas através do sistema sensorial, a exemplo do olfato, da audição e da visão, deveria ser banido do convívio urbano. Reis (1991:288) reconhece que esse conjunto de atitudes indicou um novo rumo a ser tomado pela sociedade, em relação aos aspectos religiosos, o que fatalmente levou a uma redefinição sem volta da ligação entre vivos e mortos.

O pesquisador explica que os novos modelos culturais afetaram muito mais que simplesmente a materialidade relacionada aos costumes fúnebres. Para ele, os ecos da mudança reverberaram diretamente sobre comportamentos e sensibilidades, sendo responsáveis por “*fenômenos que agitaram regiões mais profundas da alma dos que viveram naquele Brasil*” (REIS, Prefácio RODRIGUES, 1997:11). Na verdade, mais que a ritualização, estavam em jogo as formas como se dariam, a partir de então, a relação dos vivos com seus mortos.

Ainda analisando os aspectos perceptivos da Morte no meio urbano, os odores exalados pelos cadáveres eram dos mais comentados. A província das Alagoas tentava se inserir nesse

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

contexto de modernidade e limpeza e repetia os discursos que glorificavam a higienização da cidade e dos costumes. Em 1874, uma fala oficial certamente soara constrangedora aos ouvintes uma vez que qualificava como incômodos e danosos à saúde hábitos com os quais se convivera até então.

Diz que o estranhável e pernicioso costume de se fazerem enterramentos na igreja ainda vigora, infelizmente naquela localidade [Pão de Açúcar], por não contar ainda com um cemiterio: que nos dias de festividade, e outros actos em que se reúnem os fieis da parochia, muita vez há necessidade de se fazer um ou mais enterramento, recebendo os que se achão agglomerados no acanhado recinto do templo as exalações miasmáticas e deletérias, sahidas das sepulturas intempestivamente abertas para dar lugar a novas inumações. (MORENO – Relatório, 1874:21).

Que os odores eram fortes não parece restar dúvidas e a literatura é rica em depoimentos que destacam essa situação.¹²³ Mas, aparentemente, o incômodo não atingia as pessoas na mesma medida. Por vezes, o saber da ciência se confrontava com a consciência religiosa. A posição do médico Alexandre José de Melo Morais Filho é emblemática nesse cenário dividido entre posições fincadas nas razões científicas e o contraponto dos argumentos sustentados na fé.¹²⁴ É esclarecedor também quanto ao discurso daqueles que associavam o grupo defensor da tradição religiosa à ignorância e à pobreza. Responsável por um texto muito ilustrativo daquele momento, gerada por uma memória individual, a sua fala é de quem experimentou a convivência entre vivos e mortos nas igrejas motivado por um envolvimento religioso pessoal, o que lhe permite uma análise que não se prende ao viés da salubridade ou da modernidade, mas se justifica a partir de outro tipo de ordenamento mental.

¹²³ Fernando Pio (1938:32), pesquisando os documentos da Ordem Terceira de São Francisco de Recife, encontrou relatos que tratam dos fortes odores exalados pelos cadáveres nas igrejas, especialmente no inverno, os quais são descritos como insuportáveis.

¹²⁴ O médico Alexandre José de Melo Morais Filho, filho de um alagoano oriundo da antiga Madalena, nasceu em Salvador/BA, em 1843 e morreu no Rio de Janeiro/RJ, em 1919. Foi diretor do Arquivo Municipal do Rio de Janeiro, além de poeta, folclorista, jornalista, memorialista e etnógrafo. Por ser um estudioso das manifestações culturais brasileiras, é apontado como “referência obrigatória para os pesquisadores das festividades religiosas e populares, ritos fúnebres, preces e costumes”. (COUTO, 2008:5).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Homem plenamente inserido no século XIX, pesquisador da cultura brasileira, estudioso dos costumes populares, ele integrava o grupo que defendia o respeito à tradição religiosa funerária, pois, ao discorrer sobre o Dia de Finados no Rio de Janeiro, ele fala dos “*estúpidos abusos*” que a tradição legítima de cultuar os mortos sofrera após as alterações dos locais a eles destinados, ao tempo em que justifica que a certeza na continuação da vida e na manutenção da individualidade, mesmo que em outro nível de existência, afastava do contato com os locais de sepultamento qualquer atitude de repulsa e desprezo (MORAIS, 2002:225-229). O que faz do depoimento de Moraes valioso é a sua inserção social, que lhe permite um olhar diferenciado. Na condição de médico, morador da capital do Império, estava ciente das discussões dos seus pares. Como etnógrafo e pesquisador da cultura e hábitos brasileiros, reconhecia nas práticas tradicionais traços de uma religiosidade que era formadora da sociedade, o que o leva, inclusive a vincular a dissolução das práticas funerárias com o enfraquecimento das condutas moral e cívica dos brasileiros. Assim, ele compartilha da opinião do Padre Perereca, ao defender o caráter sagrado dos enterramentos nas igrejas, o qual não deveria ser discutido apenas sob a ótica das sensibilidades olfativas (REIS, 1991:268).

Vilas e cidades da Província das Alagoas não ficaram à margem dessas discussões. O acesso a informações sobre esses temas e como eles circularam em meio a lugares e pessoas, se deu, principalmente, a partir de documentos oficiais - relatórios, cartas, ofícios, discursos, especialmente aqueles produzidas pelo clero e presidentes da província, em todo o decorrer do oitocentos, os quais apontam, a princípio, um panorama de muitas dificuldades, de ordem econômica, política e cultural, para sustentar as apostas que foram feitas na florescente província e equipará-la às mais desenvolvidas, no que diz respeito à postura vistas como sinal de civilidade e progresso.

Como posto, o Brasil estava diante de uma tentativa de reformulação interna e parte dos problemas enfrentados se devia à dificuldade de gerência do Império nascente, parcialmente modificado pela Constituição de 1824, mas que mantinha as velhas estruturas políticas herdadas da Colônia Portuguesa. No contexto do Império, o governo das províncias era

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

atribuído a presidentes amparados por Conselhos, assim como as cidades e vilas estavam sob a responsabilidade das Câmaras Municipais. É justamente às Câmaras que, em 1833, o então Ministro, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, faz as mais severas críticas devido à pouca eficiência apresentada, descrevendo-as como: *“hum corpo colectivo, numeroso, e periodicamente reunido com interrupções consideráveis, não pode conciliar a vantagem da gravidade nas deliberações, com a energia, e prontidão necessária na execução”*. (VERGUEIRO - Relatório, 1833:5).

Vergueiro, portanto, busca chamar a atenção das autoridades provinciais para a situação da saúde pública, sob ameaça constante das infecções epidemiológicas, ressaltando o papel do Cholera-Morbus, o perigo mais recente e que, naquela época, circulava sem dificuldade pela Europa, Norte da América e Chile. O ministro não deixa, também, de destacar as dificuldades enfrentadas pela agricultura pouco desenvolvida, sustentada em modos ultrapassados de cultivo e prejudicada por modelos seculares de distribuição de terras, bem como a pobreza dos meios de comunicação, especialmente a inexistência, ou pouca oferta, de estradas e caminhos de qualidade, além da instrução pública deficiente. Os males da saúde, entretanto, ele atribuía aos terrenos baixos e pantanosos.

Como medida de prevenção, o governo imperial divulgava nas províncias as recomendações feitas pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro a respeito das epidemias, enviava vacinas (as quais não eram tão bem vistas pela população) e defendia esgotamento de águas, nivelamento de solos, construção de chafarizes, melhorias urbanas, enfim, serviços de infraestrutura em geral. Como medida mais urgente, criava as Juntas de Saúde Pública para serem instaladas, principalmente, nas cidades litorâneas, onde as epidemias se alastravam com mais facilidade.

Portanto, com o cólera, o papel urbanístico dos médicos se sobressai ainda mais, pois, além da capacidade de restabelecer a saúde e evitar a Morte, eles podem interferir em um sistema bem mais amplo, que vai do corpo físico do indivíduo aos seus valores espirituais. O médico, cuja

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

prática é alicerçada pelo conhecimento científico, em alta, também desqualifica a Igreja e os ofícios religiosos do lugar e o que, tradicionalmente, se entende sobre o que é vida e o que é Morte é colocado em dúvida.

Os governantes alagoanos, convivendo com um cenário tal e qual o descrito pelo Ministro, reproduziam essa mesma fala nos seus relatórios e discursos. Analisando o ano de 1835, o Presidente da Província, José Joaquim Machado de Oliveira, associava a baixa produtividade agrícola ao limitado aproveitamento dos recursos naturais, sinalizando que, apesar da fertilidade da terra, da fartura das águas e do amplo espaço disponível, em Alagoas apenas o açúcar e o algodão eram explorados e, mesmo assim, de forma acanhada. E apontava o apego a práticas de agricultura obsoletas como um dos entraves:

Os proprietários de Engenhos, e Fazendas rurais guardando um religioso sentimento às velhas rotinas, que herdarão de seus avoengos, não procuram desviar-se desta senda, que os põe mui distantes do melhoramento, que vai tendo a arte agrária, e de uteis invenções, e descobertas que mudam a par dos conhecimentos humanos. (OLIVEIRA - Falla, 1835:5).

Ele acrescenta ainda que a diminuição na oferta de braços escravos impõe a busca de outros recursos e já se encontra no seu discurso a evocação do uso de maquinário moderno, a presença de colonos estrangeiros, a abertura e melhoramento de estradas, a navegação dos rios e a construção de pontes, como a saída econômica para a Província.¹²⁵

Entretanto, das alternativas indicadas poucas são implementadas e o discurso modernizador é lentamente absorvido em Alagoas e em quase nada interfere na feição das antigas vilas e

¹²⁵ Embora a partir de 1810 tenham se iniciado as tratativas do Brasil com a Inglaterra para afirmar uma legislação que impedisse o tráfico de africanos e apesar, também, dos acordos assinados desde então, o comércio se manteve e Alagoas foi uma das Províncias que mais participou das atividades de contrabando, pois dispunha de vários portos naturais que facilitavam o desembarque ilegal de navios negreiros. De acordo com Oliveira (2011:61), “a mentalidade da sociedade brasileira continuava ligada ao sistema escravista, de modo a legitimar as práticas do comércio transatlântico de africanos mesmo após as declarações de ilegalidade”. Alagoas, como as demais províncias, se sustentava no braço escravo, tanto na área rural quanto na urbana, e por isso, no século XIX era recorrente atribuir a uma “declarada” diminuição na oferta de escravos, qualquer crise que abalasse sua estrutura econômica. Na verdade, a atividade, mesmo que desenvolvida na ilegalidade, continuou gerando muito lucro e a própria elite alagoana tinha rendosas ligações com ela.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

cidades de matriz colonial. Seja pelo apregoado conservadorismo e dificuldade em aderir às novidades tecnológicas, seja pela total dependência do trabalho escravo, seja pela aposta disseminada na monocultura do açúcar, seja pelo perfil de uma sociedade elitista, escravocrata e agrária, o que resulta é um território com sérias dificuldades administrativas e que pouco evolui em termos de crescimento econômico e social.

De acordo com a documentação pesquisada, as localidades dialogaram diferentemente com esse momento de mudanças e, cada uma, no seu ritmo, arranjou-se como lhe foi possível. Destaque-se aqui os dois espaços emblemáticos, representados pelas cidades que ocuparam o posto de capital da Província, a partir de 1817, quando Alagoas se emancipou de Pernambuco e foi conduzida ao status de Capitania:¹²⁶ Madalena, até 1839, e Maceió, a partir desta mesma data. A primeira, confinada em um modelo urbano e cultural que veio se alicerçando desde os tempos da Colônia, e cuja dinâmica estava estabelecida há mais de dois séculos, lida de forma penosa com o cenário; a segunda, ancorada recentemente como cidade e nascida sob a influência de um discurso de renovação, se organiza e se estrutura a partir desse mesmo discurso. São esses os dois modelos urbanos que ilustrarão recorrentemente as falas oficiais quando querem se referir ao antiquado e ao moderno.

A antiga capital, agora chamada cidade das Alagoas responde às contingências que se impõem em todo o Império no início do século XIX.¹²⁷ Embora, tenha cumprido seu papel como lugar promissor, por dispor de elementos essenciais do sítio à manutenção da dinâmica urbana ligada à produção do açúcar - terra fértil, lagoa, oceano, a verdade é que a antiga vila enfrentara bastante dificuldade para manter seu status. Em 1730, já fora definida pelo governo português como “*extremamente pobre*” e incapaz de corresponder aos projetos econômicos a ela direcionados (FERRARE, 2014:240). A quantidade de unidades produtivas voltadas para

¹²⁶ As unidades administrativas eram chamadas de Capitânicas, até 1821, quando passam a ser definidas como províncias. (CARVALHO, 2016: 149).

¹²⁷ Desse ponto do texto em diante, se referirá à antiga Madalena como cidade das Alagoas, nome com que passa a ser referenciada nos documentos oficiais, após sua elevação à condição de cidade em 1823, o que é compreensível pois havia necessidade de diferenciá-la do território maior da província, também chamado de Alagoas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

a indústria do açúcar é reveladora: em 1761, enquanto Porto Calvo contava com vinte e quatro engenhos moentes, Madalena só dispunha de nove (CARVALHO, 2016:115).

O lugar apresentava limitações geográficas que prejudicavam sua capacidade de interlocução com outras praças e, com isso, deixava comprometidas as ambições relacionadas a transações com o mercado externo:

Cidade central, embora á margem da lagoa navegável, a capital da Província se ressentia da dificuldade de comunicações com o litoral; se havia commodidade para as relações com o centro, o commercio com o exterior se tornava moroso pela necessidade de, após o desembarque em Jaraguá, percorrer uma parte por terra, ganhar o porto de novo desembarque e soffrer a nova viagem de dez longas horas em canôa para alcançar o porto do destino (...) á cavalo ou á cabeça dos pretos escravos importados da Africa ou descendentes desses (...) (PITANGA, 1916:149).

Apesar de recentemente criada, a literatura registra que rapidamente se desenvolveu uma vontade de mudança e dar outra capital à Província seria um sinal de afirmação do novo em vários aspectos. Da realização dessa vontade, resulta que, em 1819, ao examinar as perspectivas econômicas e de defesa militar de Maceió, o primeiro governador, Sebastião de Melo e Póvoas, entende que nela se concentram as melhores condições para assumir esse posto político e administrativo, o que, de fato acontece somente em 1839 e não sem resistência da cidade das Alagoas.

Quando essa perde a posição de sede administrativa e política da província, Maceió estava saindo da condição de simples aglomerado populacional e começara recentemente sua afirmação como sitio urbano. De acordo com Sávio Almeida (2011:91), cuja opinião é compartilhada com alguns outros pesquisadores, o motivo mais forte para a transferência foi o atendimento pleno do fundeadouro de Jaraguá às necessidades de importação e exportação, que favoreciam em maior escala o escoamento da produção agrícola, inclusive pela

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

possibilidade de futura articulação do porto com linhas de trilhos urbanos, o que não sucederia com o Porto do Francês.¹²⁸

Como consequência, enquanto a velha Madalena mergulha no que é sempre descrito como processo de estagnação econômica e política, que passa a caracterizá-la a partir de então, a imagem de Maceió, como representação do progresso desejado pela nova capitania, é sempre reforçada:

Para a cidade afluíam desde comerciantes e representantes de firmas estrangeiras até os pequenos agricultores e miseráveis, expulsos das áreas rurais pela ampliação dos canaviais na mata e pela decadência do algodão no interior do estado. O número de habitantes será aumentado, também, pelos filhos de coronéis que vinham em busca de uma melhor educação e de colocação no quadro do funcionalismo estadual (MACIEL, 2015:4).

Com isso, aos poucos, a outrora florescente Santa Maria Madalena mergulha em um estado de decadência que resvala em todos os aspectos, inclusive o urbano. A transferência de todo o aparato administrativo e fiscal (Junta Real da Fazenda, Casa da Arrecadação, Inspeção do Açúcar e Algodão, entre outras) para Maceió decreta sua falência e se soma a perdas no campo das finanças. As repercussões na cidade são profundas. De acordo com Ferrare (2014:20-24), o enfraquecimento das fontes produtivas e geradoras de renda foi generalizado, o que também resvalou nos engenhos ali sobreviventes. Com isso a pesca virou única fonte de sobrevivência para grande parte da população, o que, pelo menos, era garantido pela

¹²⁸ Apesar do Porto de Jaraguá, e interesses econômicos a ele associados, serem recorrentemente indicados como a razão para essa mudança, outros pesquisadores entendem que havia motivações de natureza política por trás. Nesse sentido, CAETANO (2016:55) afirma que: “a transferência da capital, em 1839, muito resultado do conflito envolvendo os lisos e cabeludos, determinou uma liderança política, construiu uma cultura hegemônica e subordinou o interior e a mata local aos ditames da Vila de Maceió”. O conflito conhecido como “Lisos e Cabeludos” foi uma disputa entre conservadores, apoiando a ordem imperial vigente, e liberais, que defendiam mais autonomia para as províncias, e a motivação principal era disputa por poder entre membros da mesma elite dominante. Cf CARVALHO, 2016:154-157.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

excelência do pescado fornecido pela Lagoa Manguaba. Uma das consequências diretas desse novo perfil político e econômico é também a ausência de melhoramentos nas moradias urbanas e prédios públicos. Considerando que em Maceió estavam agora concentradas as atividades econômicas e administrativas, famílias inteiras deixaram a velha capital e se deslocaram para a nova, provocando o esvaziamento de uma e o desenvolvimento da outra. Segundo Carvalho (2016:192) mantiveram-se na cidade apenas os mais velhos e alguns donos de grandes propriedades (sítios e engenhos).

Em apenas cinco anos, enquanto a nova capital é descrita como “moderna”, sobre a antiga é dito que “*falesce aqui, não só o commercio, senão a indústria e as artes*” (MOURA, 1944:31). O marasmo econômico e político era diretamente proporcional ao empobrecimento cultural.

É de se supor que as igrejas, sustentadas quase que integralmente pela comunidade, estivessem, também elas, arcando com as consequências dessa letargia econômica. Com sérios problemas físicos, a manutenção das dinâmicas religiosas ficava cada vez mais prejudicada por um espaço físico degradado. Ou teria sido o abandono gradual de antigas práticas que, aos poucos, vai minando o sentido da pedra e cal? O certo é que um cenário amplo de debilidade afeta as irmandades e as Ordens Terceiras, certamente devido a uma contração no poder aquisitivo dos associados, que, conseqüentemente, afeta as igrejas, em grande parte, dependentes delas para sua sobrevivência. Mais difícil ainda é mensurar os sinais intangíveis desse processo, que se rebatem nos hábitos, nas crenças, mas também nas esperanças em relação à vida e à Morte.

Nessa perspectiva, além de igrejas e conventos, são atingidas as confrarias, as celebrações, os ritos e mais que ninguém, a própria Morte e sua significação perante os vivos.

O que acontece na velha cidade segue nessa direção de empobrecimento de forças tradicionalmente requisitadas. Entretanto, ali eles foram absorvidos de forma a marcar

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

irreversivelmente seu comportamento frente a práticas funerárias tão antigas quanto ela mesma.

4.2. Memória do tempo em que a Província das Alagoas viveu de enterrar seus mortos.¹²⁹

Escrever sobre a gênese dos cemitérios públicos em Alagoas é como revolver covas e encontrar ossadas dispersas. Só aos poucos, selecionando as partes expressivas de alguns documentos e livros, juntando pacientemente os pedaços, organizando os fragmentos em alguma forma que faça sentido, é que se completa uma narrativa onde a atmosfera histórica e cultural daquele tempo distante pode ser presumida. As circunstâncias políticas e religiosas que instigaram o surgimento desse novo equipamento urbano eram comuns naquele Brasil de então e têm sido estudadas em diversos contextos, mas o trajeto que Alagoas trilhou na construção de uma paisagem cemiterial que se propunha a romper com a tradição, não estava definido de antemão pelas experiências que lhe antecederam. Ao contrário, ele foi sendo construído de forma particular, cada vila e cidade a seu modo e no seu tempo, afinal, apesar das ideias circularem, os lugares contavam com bases e dinâmicas muito próprias de absorção e adoção dos modelos e condutas de vida que lhes chegavam externamente. Some-se a isso grupos sociais com diferentes níveis de inserção e influência no meio.

O resultado aqui apresentado é uma apenas uma parte do grande desafio que se coloca frente aos pesquisadores, ainda hoje, que é conhecer a constituição de Alagoas, especialmente quando o instrumento escolhido é o lugar concedido à população funerária, ao longo de uma visão escatológica de mundo que se reinventou e ocupou diferentes espaços junto aos vivos.

Apesar do enredo ser quase que totalmente construído em cima de relatos oficiais dos governantes, mais precisamente da elite política e administrativa dominante, ainda assim, é

¹²⁹ Expressão usada por Sávio de Almeida (1996:91) ao discutir as impressões no cotidiano urbano deixadas pelas epidemias do Cólera *Morbus*.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

possível identificar na urdidura dos discursos, um outro tipo de coletividade se movimentando, mesmo que sutilmente, possibilitando assim identificar sua participação no processo: é a fala discreta dos pobres, dos negros, dos doentes, que ao morrerem, exigem, enfim, seu quinhão de terra no mundo. Em Alagoas, a emergência dos cemitérios públicos se faz, sobretudo, a partir de uma possível reivindicação em nome dos excluídos. Exclusão essa que, como se verá, embora mantenha o formato segregacionista da sociedade colonial, não têm a ver apenas com cor ou categoria social e econômica, mas, principalmente, com a saúde, também essa uma dimensão humana atravessada pela desigualdade.

Portanto, ser apresentado à história desses cemitérios é conhecer também parte da história de cada um dos lugares onde foram implantados, pois que espelham suas categorias, classificações, modos de incluir e de excluir, e como isso era aplicado no viver e morrer no meio urbano.

A construção do território alagoano na parte sul de Pernambuco alcança o século XIX ocupando uma condição modesta no cenário brasileiro, embora conseguisse manter algum equilíbrio econômico sustentado pela produção de açúcar, extração de madeira de suas matas, além de outros investimentos agrícolas que fomentavam as atividades comerciais, cujo escoamento era facilitado pelos portos distribuídos em lagoas, rios e oceano. Entretanto, longos períodos de estiagem e surtos epidêmicos variados contribuem para minar os recursos de suas vilas e cidades.

A emancipação de Pernambuco não lhe trouxera mudanças significativas no campo econômico. Pedro Paulino da Fonseca (1916:122-123) apresenta o cenário que se arrastara em Alagoas desde o início daquele século e fornece preciosos detalhes da situação, analisando a decadência instalada, ao tempo em que aponta as possíveis causas: *“Alagoas soffreo em suas rendas desde sua elevação em capitania independente, pelas comoções que se deram em 1817, em Pernambuco, em que teve que acudir com forças por ella mantidas (...)”*. E prossegue elencando os muitos motivos para o empobrecimento gradual do lugar: a

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

independência do Brasil em 1822, a revolução de 1824, a abdicação do imperador Dom Pedro II, a guerra civil de Jacuípe – esta que, segundo ele, gerou o esgotamento dos cofres públicos, a destruição de engenhos, o abandono de áreas, o definhamento da agricultura, a paralisação do comércio, a diminuição das rendas, além de muitas mortes.¹³⁰

Quando se analisa os documentos, eles vão revelando as expressões materiais da parte urbanizada do território, expressando, seja no frágil arcabouço físico, seja no funcionamento deficiente, a economia local abalada. Ora são os matadouros, inadequadamente localizados, ora são as cadeias, que não oferecem quaisquer condições de alojar os presos, ora são as escolas, raras ou inexistentes, ora são as estradas e as pontes que, ao invés de levar a algum lugar, dificultam o trajeto. Não faltam nos relatos e falas oficiais exemplos dessa natureza. Diante do cenário apresentado, é de fácil constatação que, sob o aspecto da infraestrutura e da disponibilização de equipamentos urbanos, vilas e cidades alagoanas, nada mais eram que núcleos habitados incipientes.¹³¹

Em meio à problemática urbana, os discursos ressaltam a situação lamentável das igrejas das vilas e cidades, todas em mau estado de conservação, chegando a se afirmar que, a maioria delas, não passava de capelas insignificantes. As referências a uma condição deplorável são de tal forma sucessivas que não há dificuldade em entender que o termo “Igreja Matriz” tinha mais relação com o status eclesiástico associado ao prédio e à questão cronológica (tempo de vida), que a uma qualificação arquitetônica e/ou riqueza iconográfica.

¹³⁰ De acordo com CARVALHO (2016), o período monárquico (1808-1889) em Alagoas foi marcado por várias eventos que impactaram a vida política local. Destacam-se revoluções e revoltas (Revolução de 1817, Confederação do Equador, Revolução Praieira), bem como, movimentos rebeldes (Mata do Marinheiro, Ronco da Abelha, Quebra-Quilos, Guerra dos Cabanos). Acrescente-se a isso disputas político-oligárquicas geradas pela própria elite local, a exemplo da conhecida como Lisos e Cabeludos, que envolveu senhores de engenho, fazendeiros e comerciantes.

¹³¹ Exceção se faça a Penedo que, nessa época, graças ao empreendedorismo das elites locais mantinha um equilíbrio econômico devido à forte dinâmica comercial que desenvolvera e conseguia manter com outros portos, favorecida, especialmente, pela implantação estratégica junto ao Rio São Francisco, às margens do qual a povoação se estabelecera desde o século XVII. Apesar disso e do seu rico acervo arquitetônico, assim como os demais núcleos habitados, Penedo não era servida da maior parte dos serviços de infraestrutura urbana básica.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

É o que demonstra o Padre Visitador Lourenço Correia de Sá, que em 1847 envia ao Presidente Antonio Manoel de Campos Mello um relatório resultante da visita pastoral que fizera à Província, onde informa que, tendo percorrido a maior parte das Freguesias, ao visitar as igrejas matrizes, não encontrou nenhuma digna desse título:

(...) a maior parte alem de feitas de madeira, e barro contra o disposto em nossas constituições, estão tão desprezíveis, abjectos, e indecentes, que teria suspendido (como devia) o seu exercício se encontrasse huma ou outra Capella no território de qualquer Freguezia em que se podesse com decência celebrar os Offícios Divinos”. (...) Como, Exc^o Snr., se poderá de prompto dar o Viatico a hum enfermo á expirar, se na Matriz, não existe o Pão dos Anjos encerrado no Sacrario para socorro dos fieis viandantes nesta terra de mizerias, e desgraças, e nem podê-lo haver por falta de segurança, que nas mesmas se encontra, e mesmo assim nas Capellas filiaes? Como haver decência nos actos de Religião em huma caza que se diz Matriz, toda arruinada, e demolida, sem prestigio, sem ornato, sem utensílios, sem alfaias, sem ornamentos, e sem huma só couza, que mostre ser aquella Caza de Deos, de oração e devoção dos fieis? (MELLO – Falla, 1847:24-25).

Nessa perspectiva, ao se apontar os problemas daquelas edificações, o mesmo se aplica aos únicos cemitérios conhecidos por aquelas paragens. Ou seja, tanto para a celebração da liturgia, quanto para a celebração da Morte, os edifícios deviam atender precariamente as demandas da população.

Mas, apesar dessa condição física degradada apresentada pelas igrejas, o corpo governamental não deixa de ressaltar a importância da religião como elemento estruturador da sociedade, com o qual o poder provincial contava intensamente, fosse no apaziguamento dos ânimos, fosse através do engajamento financeiro e/ou braçal nas obras urbanas.

Não menos, Senhores, do que a força pública e a instrucção, contribue a Religião para a ordem publica e segurança individual, prevenindo os delictos, por meio de salutares máximas de paz e fraternidade. (...). Cumpre pois essencialmente que os Parochos sejam instruídos, e bem intencionados; então so a sua presença, tenho para mim, será mais efficaz para destruir prejuízos funestos, e inculcar noções justas e uteis, do que todos os livros, que a intelligencia acanhada do povo lhe permitir ler. (MELLO - Falla, 1848:10).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Por isso, é recorrente nos documentos consultados que alicerçam esta sessão, a edificação religiosa ser reconhecida como parte da problemática local, tanto quando se discutia o chamado “Culto Público”, quanto quando se tratava dos investimentos urbanos prioritários, no item “Obras públicas”. Padres descritos como pouco eficientes e sem interlocução junto ao povo eram responsabilizados pela situação de penúria dos templos:

Não são muitos os parochos que sabem por em louvável contribuição os seus freguezes, como em epochas remotas se fazia com tanta vantagem n’alguns logares, conseguindo-se verdadeiros prodígios de edificação. (FIGUEIREDO - Relatório, 1868:6).

O Vigário Geral da Província, e também padre na cidade das Alagoas, Domingos José da Silva, é um que, em 1846, estava em plena contenda com o governo provincial, sendo nominalmente citado pelo presidente como um exemplo de ausência de comprometimento com as causas da província.¹³² Por outro lado, a parte do clero que atendia aos interesses da administração, assumindo inclusive tarefas de competência civil, era reconhecida como forte aliada:

Não posso deixar de fazer menção do zelo e patriotismo com que o reverendo Manoel Teixeira da Silva se encarregou e vai conseguindo o melhoramento de tres estradas (...) sem que se exigisse da Fazenda Publica mais que a somma de 500 \$ reis, para sustento dos trabalhadores. (MELLO – Falla, 1842:32).

A situação das edificações religiosas constituía um recorte no conjunto de demandas elencadas dentro de um universo extenso relacionado a vilas e cidades, e que abarcava a segurança pública, a economia, os melhoramentos urbanos, a infraestrutura, a educação, entre outros itens. Se a responsabilidade pela situação precária das igrejas era atribuída aos padres, no que se refere ao atendimento a outras necessidades urbanas, se evocava a inércia das Câmaras, especialmente em criar e implementar as Posturas Municipais. Um relatório presidencial de 1839 chama a atenção para a apatia na qual esses organismos se encontram, reconhecendo, entretanto, que as mesmas não correspondiam às expectativas nelas

¹³² A respeito das relações entre o governo provincial e o clero diocesano, bem como sobre a “condenação pública” que recai sobre o Vigário Geral, Cf. NUNES, 2016:45.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

depositadas por não dispor dos recursos necessários para a realização das atividades que lhes eram pertinentes, concluindo que as Posturas Municipais deveriam constituir-se em prioridade em todos os municípios da Província (NEVES - Relatório, 1839:10).

Ora, a partir dessas e de outras leituras em fontes oficiais, é possível saber que, embora as Câmaras estivessem desde 1828 com as suas atribuições esclarecidas pelo governo imperial, em Alagoas, as cidades se mantiveram durante muito tempo carentes de uma regulamentação quanto ao seu ordenamento e atendimento às necessidades do espaço habitado e da sua população, inclusive no que diz respeito às providências para a construção de cemitérios públicos. Além disso, o fato de haver a regulamentação escrita não implicava necessariamente na sua execução de fato. A destinação adequada dos mortos se insere nesse campo onde, a tutela da atividade por parte de novos agentes não garante sequer seu cumprimento, que dirá a qualidade dele.

Maceió, que se afirmara como núcleo urbano no século XIX, em alguma medida já nasce influenciada pelo pensamento higienista e seus governantes apoiam, ao menos nos discursos, a mudança do modelo urbano e cultural tradicional. Cavalcanti (1998:138) que estudou as repercussões dos edifícios religiosos e das entidades religiosas leigas na organização espacial e cultural da cidade, destaca os esforços que, logo nas primeiras décadas do oitocentos, membros “notáveis” da população maceioense fazem para estabelecer sinais de prestígio social, afinal a cidade vinha, paulatinamente, apresentando um vigor econômico e político crescente e marcos edificadas dessa ascensão, contribuiriam para sua afirmação no contexto regional. Após 1839, visando a afirmação da condição como nova capital, era coerente que as intenções modernizadoras do governo fossem, prioritariamente, direcionadas para ela. E uma das marcas mais destacadas desse prestígio foram, sem dúvida, as representações materiais e celebrações da Igreja Católica.¹³³ A autora informa que no início do século XIX,

¹³³ Maceió foi elevada à condição de paróquia em 1821 e isso foi resultado da mobilização local por parte daqueles que entendiam esse novo status como um dos sinais do prestígio que distinguiam a cidade entre as demais (CAVALCANTI, 1998:138).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Maceió possuía três capelas – de Nossa Senhora do Livramento, de Nossa Senhora dos Prazeres e de Nossa Senhora do Rosário. Quatro confrarias se organizavam em torno desses espaços: Irmandade do Livramento, na primeira, Irmandade das Almas e do Santíssimo Sacramento, na segunda, e Irmandade do Rosário, na terceira. A partir de 1830, são criadas as irmandades do Senhor Bom Jesus dos Martírios e da Santíssima Virgem Maria Mãe do Povo, respectivamente instaladas em igrejas fundadas com as mesmas invocações. A sociedade local estava representada nessas associações leigas, pois, os estatutos de cada uma delas especificavam claramente o segmento que poderia integrar seus quadros e o nível de participação tolerada para cada um, havendo papéis bem definidos para a elite branca, para brancos pobres, para negros livres e cativos, para mulheres (Cf. CAVALCANTI, 1998:141, 152). E, assim como em Madalena, os leigos dominavam o cerimonial ligado à Morte, tendo como recinto privilegiado as igrejas, portanto, na contramão da construção do pretendido Estado laico.

Como se viu, também haverá em Maceió o movimento pelos cemitérios. Desde o início do oitocentos é possível encontrar registros que envolvem setores do governo, população e clero se manifestando a respeito do costume de associar sepultamento às igrejas. Em Alagoas, são escassas as referências que localizem essa discussão acontecendo de forma mais organizada antes de 1850. Uma delas é significativa justamente porque, além de ser pioneira, não só mostra que a questão estava posta, mas, sobretudo, se tratava de uma situação que não estava de todo pacificada nem uniformemente percebida, sendo possível que alguma tensão já estivesse sendo gerada a partir da simples alusão à alteração de hábitos tão enraizados. Sem dúvida, a discussão estava instalada e, apesar da tradição manter-se sem aparentes conflitos, algum posicionamento contrário também começava a se impor, conforme se depreende de um documento do Conselho da Província.¹³⁴ Nele é relatado que, em 1831, houve um pequeno embate entre conselheiros ao ser discutida uma postura da Câmara de Penedo que tratava dos cemitérios junto às igrejas. Um dos membros reconhecia os inconvenientes daquela

¹³⁴ Documento: A Propósito de Cemiterios. Pareceres dos Conselheiros de Provincia, Arnaud e Padre Cypriano. In: REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO, ARCHEOLÓGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO, 1909:19.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

localização, à qual associava danos à saúde e, por isso, defendia a criação de um único cemitério fora do ambiente urbano. Outro conselheiro, por coincidência padre, sob o argumento da “*piedade cristã*”, defende que deveria haver não um, mas vários cemitérios, desde que no mesmo padrão de vinculação às igrejas, embora entendesse que, para isso, seriam disponibilizadas apenas aquelas localizadas fora dos limites ou nas bordas do núcleo. Ou seja, admite-se afastar o espaço de sepultamento do centro da urbe, mas não de retirar da igreja a legitimidade do único chão sacralizado para acolher os mortos. O documento informa que, ao fim da reunião, os demais membros da comissão apoiaram a decisão do padre, o que mostra o predomínio do setor mais conservador nos assuntos funerários. Por outro lado, saber que havia uma discussão instalada no Conselho da Província, permite vislumbrar uma indicação de reorientação urbana, e também religiosa, se insinuando em meio aos poderes estabelecidos.

As Câmaras Municipais eram evocadas como o organismo público competente para estabelecer as Posturas, conjunto de regramento urbano, as quais precisavam, entretanto, de uma estrutura que permitisse sua execução. Na prática, as Posturas apresentavam-se frágeis, não tanto no conteúdo, que era adequado ao cenário e contexto locais, mas, sobretudo, pela incapacidade de serem cumpridas. As questões relacionadas à Morte são exemplares nessa situação de incapacidade operativa. Em 1832 é publicada uma legislação municipal deliberando sobre diversos assuntos funerários. No seu artigo II, estava prevista a regulamentação de procedimentos que impedem o sepultamento na igreja:

Proibição de enterros nas Igrejas; estabelecimento de Cemitérios fora do recinto dos Templos, sob a responsabilidade da Autoridade Eclesiástica do lugar; procedimentos para enterros de pessoas e animais e carnes em decomposição; manipulação de covas e sepultamentos além de registros obrigatórios com Certidão de Óbito. (CARVALHO FILHO, 2005-2009:159).

Aparentemente não foi possível seu cumprimento, já que, em 1844, a autoridade máxima da Província faz menção à possibilidade de um novo arranjo funerário nas cidades, ao tempo em que conclama as Câmaras a encaminhar as providências para sua consecução:

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Será aqui o lugar de lembrar-vos a necessidade de arredar dos Templos as sepulturas, que convertem a casa de Deos em foco de peste e infecção, coadjuvando Vós as Camaras Municipais na construção de Cemiterios dentro das Freguesias compreendidas em os respectivos Termos, mas demove-me desta ideia salutar a mesquinhez bem conhecida de vossas rendas. (PERRETTI - Falla, 1844:10).¹³⁵

Duas manifestações se depreendem dessa fala: o horror causado pelo corpo morto, a carne em decomposição da qual se queria distância, e a incapacidade de, mesmo reconhecendo a urgência da ação, prosseguir diante das dificuldades financeiras, as quais seriam o entrave para a adoção de um novo lugar para os mortos.

Os documentos consultados permitem constatar que, ao longo de toda a primeira metade do XIX, houve uma sucessão de normativas, onde o tema sepultamento era obrigatório. A Lei 32 – Código de Posturas da Câmara de Maceió, de 1845, no item referente à saúde pública, ordenara a interdição dos enterramentos no interior de igrejas, estipulando inclusive uma multa de dez mil reis para os responsáveis pelos templos que o permitissem. A proibição não chega a ser respeitada e, tão pouco, as sanções previstas são impostas aos que a desobedecem, afinal ela estava condicionada à construção de cemitérios fora da cidade ou à designação, pela municipalidade, de outros locais onde, provisória ou definitivamente, os sepultamentos pudessem acontecer, o que não ocorreu (CAVALCANTI, 1998:174).

É justamente em Maceió, que investida de sua nova condição de capital, e para a qual se adotou um discurso higienista e progressista, que é dado o passo inicial para uma revisão e atualização da estrutura funerária tradicional, inaugurando em Alagoas esse modo inovador de lidar com a população funerária.

Devido às relações comerciais mantidas com a Inglaterra, a capital abrigava um certo número de cidadãos britânicos e é através deles, denominados nas fontes como “os ingleses”, que se dão as providências para a construção do primeiro cemitério localizado fora do ambiente das

¹³⁵ Lembrando que em 1844, a Província era constituída por três cidades, doze vilas, sete povoações notáveis e dezoito arraiais (Hum Brasileiro, 1844:27).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

igrejas.¹³⁶ O cemitério que, segundo Lima Júnior (sdt:49) aparece indicado em uma planta da cidade produzida em 1841, representa a materialização de um modo novo de sepultar os mortos, sem capela, decorrente de um projeto civil e não mais religioso, instalado agradavelmente em frente à praia.¹³⁷ Lima Júnior esclarece, ainda, que a iniciativa dos ingleses é forçada pela interdição imposta pela legislação eclesiástica vigente quanto aos protestantes desfrutarem de sepulturas no chão sagrado das igrejas. Apesar de não haver notícias quanto à forma como ele foi recebido pela população católica, é certo que esse recorte dentro do modelo funerário tradicional constituiu uma ruptura e, ao mesmo tempo, uma alternativa ao padrão até então conhecido.¹³⁸

Antes de se retornar às outras iniciativas de construção dos cemitérios em Maceió, cabe lembrar que, ao tema da Morte, associam-se os afins. Reunidos sob o título da saúde urbana e moral, destacavam-se as melhorias ou criação de orfanatos, hospitais, lazaretos, cadeias, matadouros, vistos pelo governo da época como “*medidas sanitárias preventivas*”. Ao longo de toda a década de 50, as falas são unânimes na apresentação de um cenário caótico, sob o aspecto higienista, e na afirmação dos benefícios que tais equipamentos trariam para a sociedade em geral, sendo sempre ressaltadas e divulgadas as providências para a sua concretização:

¹³⁶ “Os britânicos controlavam, quase monopolizando as exportações de açúcar e algodão pelo porto de Jaraguá, regularmente visitado pelas embarcações inglesas, ‘quase donas do comércio marítimo’”. (CARVALHO: 2016:190).

¹³⁷ O livro referenciado, escrito pelo alagoano Felix Lima Júnior, não apresenta indicação de data, nem de local da publicação, nem da editora. Segundo o site da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, a obra: “*Sem identificação editorial, “Cemitérios de Maceió” parece ser um dos exemplos de publicação independente. Nele, Félix esquadrinha a origem dos cemitérios da cidade*”. E acrescenta que: “*Algumas das obras de Félix Lima Júnior eram publicações financiadas por instituições diversas – Secretaria da Cultura, Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) e Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), entre outras – ou mesmo pelo próprio escritor*”. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/alagoanos-ilustres/felix-lima-junior>. Acessado em outubro de 2017. Possivelmente foi escrito na década de 70 do século XX.

¹³⁸ Entre 1872 e 1873, o consulado britânico dirige vários ofícios ao presidente da província pedindo providências quanto à disponibilização de um espaço para o sepultamento dos “*acatólicos*”, pois tinha conhecimento de súditos ingleses e outros estrangeiros que eram sepultados em locais impróprios devido à ausência de um espaço específico para os protestantes no cemitério público. (LIMA JÚNIOR, sdt:64). Daí se deduz que, naquela época o cemitério dos ingleses já não estava mais funcionando.

Igrejas, conventos, cemitérios

o Lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Entre os pontos mais arriscados estava incluída infelizmente esta capital pelas suas péssimas circunstâncias higienicas, em consequência de pantanos e charcos que a abração n'uma extensa linha, e de um monte que a atravessa interceptando em grande parte a ventilação pela parte do Noroeste. Acelerei os trabalhos de limpeza e acceio, a remoção do matadouro para fora do recinto da cidade, as obras do hospital de caridade e o cemiterio, e encomendei carros e aprestos necessários para o serviço mortuário (SÁ E ALBUQUERQUE - Falla, 1856:6).

Para agilizar os trabalhos são criadas comissões que assumem a responsabilidade de execução dos planos e, entre outras coisas, decidem a respeito dos locais adequados para a construção dos prédios, a exemplo do Lazareto, destinado aos leprosos, cujo terreno escolhido para a instalação foi a Praia do Francês, assegurando assim a condição de isolamento total entre o mundo dos sãos e o mundo dos doentes. Suficientemente distanciado das cidades mais próximas (Maceió e cidades das Alagoas), o edifício estaria apto para manter em quarentena e tratamento os infectados que chegassem por via marítima (SÁ E ALBUQUERQUE - Falla, 1855:15). Mas as atenções não se atinham ao corpo físico. As cadeias, os colégios internos, os orfanatos, se encarregariam de apurar o caráter dos cidadãos. As exigências sanitárias tinham como meta não apenas os corpos, mas, também, as mentes. Em 1860, a defesa de criação de um colégio de educandos artífices é a materialização dessa mentalidade que acredita que mecanismos de exclusão são fundamentais. Nessa perspectiva, o colégio se prestava a:

Não só para o amparo da infancia desvalida, mas também no pensamento de resgatar almas cândidas dos domínios do vicio e do crime, assim como no interesse econômico de dotar a província de hábeis operários (...) (VELLOSO - Falla, 1860:13).

Afirmava-se que a propagação de todas as doenças urbanas (físicas ou morais) estava relacionada ao convívio. No que diz respeito às epidemias, a corrupção do ar, tendo como veículos gases e odores nocivos, e as condições geográficas e climáticas locais, contribuíam para reforçar um certo temor nas cidades instaladas nas margens de massas d'água. Sávio Almeida (1996:88) situa as características geográficas locais como elementos determinantes para as doenças de origem miasmática: *“As águas, fazendo as grandes paisagens das Alagoas, levavam a que fôssemos considerados um excelente anfitrião”*. É esse contexto físico favorável à propagação de epidemias e à rápida contaminação, somada às ideias

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

sanitaristas em ebulição no Império, que levam o poder público a demandar a construção de cemitérios públicos, prometendo um mundo livre dos flagelos decorrentes dos ambientes habitados pelos mortos. Se a partir da terceira década do 1800 as Câmaras tentaram em vão conduzir o assunto, sem dúvida o governo provincial teria mais capacidade operativa – financeira e administrativa e, também, mais força para lidar com a contestação de um elemento fundamental na estrutura cultural vigente, além de maior capacidade política em tratar das repercussões do abalo no sistema normativo que orientara, até então, as práticas funerárias.

Portanto, depois da construção do cemitério dos ingleses, em 1850 é autorizado o início da construção do primeiro cemitério público de Maceió, que é marcada por uma cerimônia de lançamento da pedra fundamental. A escolha do local envolveu também médicos e engenheiros, que levaram em consideração a direção dos ventos, a natureza do solo, a posição topográfica do terreno e de sua vizinhança (FIGUEIREDO - Relatório, 1850:16-24). Comissões formadas por membros do Conselho de Obras e da Câmara Municipal ficaram encarregadas das providências necessárias à construção. A Santa Casa de Misericórdia seria a responsável pela sua administração. Estava prevista a instalação de capela e de mausoléus – parte delas pertencentes às irmandades e outras a particulares, bem como a disponibilidade de covas simples a serem distribuídas no chão. Esse cemitério, entretanto, não chega a ser construído pois houve divergência quanto à escolha do terreno para sua instalação, relacionada, principalmente, à distância da cidade, e o governo opta por reiniciar a obra em outro local.

Nessa mesma década, uma sucessão de graves epidemias coloca as autoridades locais frente a desafios que vinham se desenhando há algum tempo. Três grandes surtos - colera-morbus, febre amarela e varíola, distribuídos em épocas diferentes, mas próximas, rapidamente vitimaram milhares de pessoas, atingindo varias localidades através dos caminhos líquidos dos quais a província era fartamente dotada: “*autoridades civis, e militares, sacerdotes, ricos, pobres, homens, mulheres, moços, velhos e crianças todos ião sendo acommettidos*” (SÁ E

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ALBUQUERQUE - Falla, 1856:12).¹³⁹ Segundo relato do médico Thomaz Espíndola, a facilidade com que essas endemias avançavam devia-se à ausência de vacinação, dada a ignorância popular, quanto da carência de pessoas que se dediquem à imunização. Associa a causa também ao clima quente e úmido, à presença de pântanos e à putrefação de substâncias de origem animal e vegetal depositadas ao longo das margens dos rios e, especialmente, das lagoas. Através de tais elementos, segundo Espíndola, se daria a propagação dos “*miasmas e eflúvios febríferos*” causadores das doenças.¹⁴⁰

Nesse sentido, o dessecamento de áreas pantanosas e o aterramento das lagoas surgem como medidas eficazes e indispensáveis, às quais, ao longo do tempo, os discursos oficiais vão associando outras, como arborização, prática de esportes e de regras de higiene, calçamento das ruas e esgotamento sanitário (FIGUEIREDO JÚNIOR- Relatório, 1870:19). O relato enfático de um médico sobre as condições de higiene da capital nos apontam um panorama muito propício às infestações e totalmente contrário aos anseios sanitaristas, ao tempo em que também revela um rebatimento imediato do espaço público ao privado: “*Se as ruas de Maceió são tão porcas, como não serão os quintaes das casas*”?¹⁴¹

Em 1856, a mortandade causada pelo primeiro grande surto de cólera produziu números consideráveis. Sá e Albuquerque descreve o cenário após a passagem do surto, chamando a atenção para a força com que a doença atingira a população como um todo: “*O luto como um só lençol preto cobrio a Provincia inteira*” (SÁ E ALBUQUERQUE - Falla, 1856:19). Os efeitos letais da doença eram amplamente divulgados no território e é dessa comoção que decorrem os primeiros movimentos efetivos para a construção de cemitérios, agora em outras

¹³⁹ Cavalcanti (1998:173) informa que o primeiro ataque de febre amarela aconteceu em 1850, a primeira epidemia do cólera se deu de 1855 a 1856 e a segunda de 1862 a 1863. Além dessas, a pesquisadora cita a varíola, rubéola, varicela, males que ao longo dos anos foram acometendo a população.

¹⁴⁰ Relatório de 1858, do médico Thomaz de Bonfim Espíndola que, a pedido do presidente da Província Angelo Thomaz do Amaral, informa ao Ministério do Império o estado sanitário de Alagoas. In: GAMA. - Falla, 1859 (sem página).

¹⁴¹ Apontamentos para a Topographia Phisica e Medica da Cidade de Maceió pelo Dr. José Sesinando Avelino Pinho, membro do Congresso Geral de Hygiene Publica da Belgica, Maceió, 1855:10. In: SÁ E ALBUQUERQUE - Falla, 1855.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

vilas e cidades. O relato abaixo dá a dimensão do impacto na Província, ao tempo em que esclarece que não se tratava de uma doença restrita aos pobres.

Ate esta data o Cólera Morbus continuava a fazer vitimas; todos os dias se sepultavam 4, 6 e mais afora os que morrem distante desta vila, que se sepultam por lá mesmo, não se pode ainda dizer que declina. A infeliz família do capitão Antonio de Sá tem sido dizimada, já tendo morrido aquele, a mulher, um filho, uma filha casada, hoje faleceu um outro filho e também um escravo, fazendo já com isto o numero de quinze e acha-se quase toda a família afetada”.¹⁴²

A pressão causada pela quantidade de corpos gerados pela doença, os quais não podiam ser absorvidos inteiramente pelas edificações religiosas existentes, leva a duas importantes situações. É definitivamente proibido o sepultamento nas igrejas das cidades e vilas e, em decorrência, o governo é forçado a tomar alguma medida para a construção dos cemitérios, que finalmente são tratados como assunto do Estado e passam a integrar os discursos presidenciais. A manifestação de José Bento de Figueiredo, ao comentar a situação da vila de São Miguel dos Campos (não muito distante da cidade das Alagoas), uma das mais afetadas pela peste que assolava o território a partir de 1850, demonstra que, finalmente, os sepultamentos começam a ser vistos como caso de saúde pública e, portanto, atraem o interesse do governo provincial, que conclama a municipalidade a se engajar na ação:

E porque um dos focos mais temíveis das emanções mefíticas são as igrejas, onde todos os dias se vão enterrando muitos cadáveres, ordenei á Camara Municipal, que de acordo com a comissão medica e autoridade ecclesiastica, designasse um lugar fora da Cidade para cemitério publico. (FIGUEIREDO - Falla, 1850:21).

Tanto quanto os médicos, a Igreja Católica sempre esteve associada às grandes decisões relacionadas às cidades, naquela época. Afinal tratava-se de uma autoridade tão influente quanto as demais, especialmente quando se tratava do quesito Morte, um fenômeno até então muito afeto à religião.¹⁴³ Mesmo quando era uma questão meramente operacional, ainda

¹⁴² Correspondência de Rozendo Cesar Goes, endereçada à Presidência da Província das Alagoas, da cidade de Anadia, em dezembro de 1855. Apud: ALMEIDA, 1996:78.

¹⁴³ De acordo com Maria Manoel Lobo Pinho de Oliveira (2007:99), “a sacralidade do sítio mantém-se, não só porque as práticas religiosas são maioritárias, mas também porque lhe são associados conteúdos cívicos e morais estruturantes da sociedade burguesa que se consolidava”.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

assim era aos homens da Igreja Católica que se recorria. O governo nunca deixara de admitir que, sem o compartilhamento da responsabilidade entre civis e religiosos, não seria possível administrar e manter os cemitérios das cidades do interior: *“Convém pôr a cargo da municipalidade os cemitérios, sem que exclua a intervenção dos sacerdotes para o desempenho de officios religiosos e das irmandades na esphera de sua competencia”*. Só contando com essa ajuda cotidiana, o governo central poderia destinar verbas anuais para a criação e manutenção dos espaços funerários. (D’ARAÚJO - Falla, 1875:41).

O Presidente Sá e Albuquerque reconhece a conveniência da ocasião proporcionada pela epidemia para conclamar a interrupção de vez do costume antigo definido por ele como *“nocivo, fanático e bárbaro”*. Ordena, então, a construção, em caráter de urgência, de cemitérios em todas as freguesias, e prevê uma duração provisória de dez a doze anos, tempo mais que suficiente para se tomar as providências necessárias à construção dos definitivos:

Os cemiterios provisorios construídos de madeira podem pouco a pouco ir sendo cercados de paredes de alvenaria e creio que não será cousa difícil obter das localidades esmolas que ajudem o cofre provincial (SÁ E ALBUQUERQUE - Falla, 1856:24-25).

E para assegurar a disposição das pessoas em ajudar, ressalta que as epidemias não pouparam ninguém e que quase toda a população alagoana chorou a perda de um parente, portanto, quem se furtaria em contribuir na construção de um local decente para acolher os restos mortais dos entes queridos? Ou seja, inteligentemente, a administração pública inclui a sociedade como co-responsável pelas obras.

No que diz respeito aos efeitos das epidemias, a situação de Maceió era tão desconfortável quanto a dos demais núcleos habitados. Devido aos aspectos já citados, a capital também estava vulnerável às doenças. Embora seu cemitério público tenha sido iniciado mais cedo, com cuidados redobrados quanto à escolha do terreno ideal (inclusive porque a primeira indicação não agradara à população), com previsão dos elementos humanos e materiais necessários ao seu funcionamento, poucos anos depois da inauguração se conclui que as

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

características do solo arenoso não eram favoráveis à abertura de covas na terra, pois facilmente se atingia o lençol freático, além de estar localizado muito perto das casas.¹⁴⁴ Chega-se a 1856 e a obra não estava de todo concluída. O próprio governo culpa algumas irmandades alegando que a morosidade em providenciar suas catacumbas prejudicava o seu uso efetivo (MELLO - Relatório, 1856:11). Preocupado com a urgência na disponibilidade de espaço para os sepultamentos, ordenou-se a construção de um cemitério provisório. Mais uma vez, a fala presidencial é reveladora quanto ao papel desse espaço na cidade: “*Obra ligeira de estacas somente, (...). Era minha intenção derivar para ahi uma parte dos enterramentos, que do costume se fazem nos templos (...)*”. (MELLO - Relatório, 1856:9). De fato, o papel desse recinto funerário foi receber os corpos dos pobres, já que o Cemitério Público já dispunha de alguns tinha mausoléus pertencentes a irmandades, os quais atenderiam aos seus associados, mas a parte do terreno onde seriam localizadas as covas no chão não estava preparada para ser ocupada (SÁ E ALBUQUERQUE - Falla, 1856:38).

De acordo com Lima Júnior (sdt:33-35), esse lugar ficou conhecido como Cemitério dos Coléricos ou também Cemitério Velho, ou, mais popularmente, Maria Preta. Não passava de um “*areal desolado*”, localizado na estrada que levava aos atuais bairros do Trapiche e Pontal da Barra, onde os mortos eram enterrados às pressas, sem cerimônias fúnebres.¹⁴⁵ (ver figura 54 - XXIX). Marcado pela precariedade, nem os sinais da fé estavam ali presentes. O Maria Preta nada mais era que espaço alternativo, criado em regime de urgência para atender à necessidade de enterrar as vítimas do Cólera. Mas não a quaisquer vítimas. Para absorver os

¹⁴⁴ De acordo com Lima Júnior (sd:70) foram duas as situações relacionadas à localização do primeiro cemitério público de Maceio: 1. Em 1850, uma comissão médica escolhe um terreno livre de umidade e devidamente distanciado da cidade. Aparecem reclamações relacionadas justamente a essa distância e o governo opta por instalá-lo em outro local; 2. Foi escolhido um novo terreno, baixo e arenoso, onde, porém, facilmente se atingia o lençol freático, além de estar localizado muito perto da cidade. Apenas cinco anos se passara e já se reconhecia a inadequação dessa localização, se chamando a atenção para a qualidade do solo e a proximidade das casas. Esse cemitério localizado no atual bairro do Prado, bem próximo ao Centro de Maceió, mantém-se até hoje embora já não mais realize sepultamentos.

¹⁴⁵ O nome popular dado ao Cemitério dos Coléricos estava relacionado às estacas feitas com a madeira denominada Maria-Preta com as quais o terreno foi cercado. A informação pode ser constatada no Relatório feito por Miguel Joaquim Ramos de Moraes, provedor da Santa Casa de Misericórdia de Maceió. In: FIGUEIREDO JÚNIOR - Relatório, 1868.

COLLECÇÃO DAS LEIS
DA
PROVINCIA DAS ALAGOAS
PROMULGADAS NO ANNO
DE
1854.



MACEIÓ:
TYPOGRAPHIA CONSTITUCIONAL, RUA DA COTINGUIBA N. 1
1854.

Figuras 54, 55. Planta de Maceió, 1859 com indicação dos cemitérios públicos mais antigos.

Fontes: Biblioteca Nacional Digital, adaptada por Ana Luíza Cavalcante, 2017;

Capa das Compilações, 1854, Arquivo Público de Alagoas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

mortos provenientes das camadas mais desfavorecidas da população, aquelas que não teriam acesso aos mausoléus, que não pertenciam a nenhuma irmandade, que não poderiam pagar por um espaço no Cemitério de Nossa Senhora da Piedade. Portanto, a população funerária que era encaminhada para o Maria Preta não estava inserida nem entre os ricos, nem sequer entre os pobres, sendo possivelmente, aquela à qual se dá o nome de miserável. A miséria aqui pode ser lida não apenas no que se refere aos bens materiais, mas, também, a uma condição humana vista como de miserabilidade. No caso do Cemitério dos Coléricos de Maceió, havia o cruzamento de vários elementos que podiam tornar uma pessoa miserável: a condição econômica e social (possivelmente fosse essa a mais recorrente), a doença que a vitimara, a religião que professava.¹⁴⁶

Vagando invisíveis pelas ruas, na hora da Morte, a cidade, através dos mecanismos de controle do espaço, cuidava de reuni-los e uniformizar o tratamento dispensado: *“Daquele cemitério existe uma chistosa tradição e vem a ser que durante a epidemia de cólera morbus atiravam-se à noite os cadáveres em valas enormes para serem aterradas estas no dia seguinte”* (Maciel, 1889, Apud LIMA JUNIOR, sdt:35). Esse tratamento era comum em muitas cidades brasileiras e reflete a indiferença com que determinadas categorias sociais eram vistas. Diante do descaso com que esses corpos eram tratados, Cymbalista (2004:41) relaciona à remoção de lixo os serviços funerários de pobres e indigentes, os *“desassistidos que não pertenciam a irmandades e que não podiam pagar pelos custos de seu próprio funeral”*.

¹⁴⁶ De acordo com informações disponibilizadas por Rossiter Neto (2018:55), quando a legislação imperial de 1870 exige das autoridades que os cemitérios públicos concedam um espaço para os chamados “acatolicos”, fato com o qual a Igreja teve dificuldade de lidar, é para o Maria Preta que seus corpos são enviados. Possivelmente, o mesmo teria sido feito com ateus, afinal, em seus princípios, o Cemitério Público não era tão laico na prática quanto o era no discurso.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A uma vida precária, portanto, correspondia um sepultamento equivalente. O Maria Preta era marcado pela pobreza absoluta. Sequer um sinal cristão ele recebera, apesar de, comumente, os espaços cemiteriais também apresentarem sinais identificadores. De acordo com Maria Manoel Oliveira, a cruz que habitualmente se colocava à frente dos cemitérios era o seu “*monumento por excelência*”, pois incitava a rememoração da Paixão de Cristo e a ressurreição da carne esperada pelos católicos (2007:36). Mas ao Maria Preta toda distinção fora negada. Somente após dez anos de funcionamento em completo ostracismo urbano, é que uma simples cruz em madeira é colocada à sua frente por um frade capuchinho, diferenciando o local de um ermo qualquer. Esse fenômeno de tentativa de apagamento não foi um privilégio alagoano, pois, segundo Oliveira (2007:35), foram observadas recorrências desse tipo ao longo da história, quando crises sociais e urbanas geraram espaços da Morte sem os cuidados e distinções com os quais, comumente, eles seriam marcados. As epidemias entram nesse conjunto de elementos dos quais se queria distância: “*o pavor do contágio recusava aos corpos atingidos o local tradicionalmente abençoado*”.

Se em Maceió era essa a situação,¹⁴⁷ nas vilas e cidades do interior era mais grave, já que nada havia, ainda, além das igrejas e dos arranjos cemiteriais feitos em caráter de urgência, por conta das epidemias. Em 1860, o governo denuncia que os espaços mortuários construídos para serem provisórios, tornaram-se permanentes, apesar de não apresentarem quaisquer condições para tal. Ele atribui a responsabilidade na falta de serviços de melhoramentos de tais espaços, ora aos fiéis, que esqueceram de colaborar, ora à ausência de uma liderança religiosa que convocasse o povo a se engajar na importante ação. Lembra, ainda, que o próprio Dom Pedro II, quando esteve visitando a Província, distribuíra esmolas

¹⁴⁷ Em 1858 fora dada permissão à Irmandade de Nossa Senhora Mãe do Povo para construir um cemitério na localidade conhecida como Jaraguá, hoje um bairro de Maceió, “*no local que achasse mais conveniente*”. Dez anos depois, o cemitério ainda não estava concluído e, por isso, um padre ordenara seu fechamento. No final do século XIX, encontrava-se com alguns mausoléus, porém em estado de completo abandono, mantendo-se fechado e só voltando a ser aberto em meados do século XX (LIMA JÚNIOR, sdt:57). Naquela época, Maceió estava dividida em cinco distritos (espécie de povoações associadas à cidade), sendo Jaraguá um deles, separado dela pelo riacho Salgadinho (ALMEIDA, 2011:90). Com relativo contingente populacional, em Jaraguá estavam instalados o porto, a alfândega, trapiches, armazéns, estaleiro e um comércio (HUM BRASILIRO, 1844:29-30).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

para esse fim. Esmolas essas entregues às Câmaras Municipais que, aparentemente, não fizeram o devido emprego dos recursos. E continua:

(...) a edificação de cemiterios decentes é uma necessidade, que reclama urgente satisfação, desde que ficou demonstrado e assentado, não só em respeito á casa de Deus, mas também por conveniências sanitárias, que os enterramentos deviam ser banidos das igrejas; a continuação do provisorio é uma profanação á religião dos túmulos (VELLOSO - Falla, 1860:10-11).

Da Falla acima se verifica que, no interior, se continuava a enterrar nas igrejas, pois, ou não existia cemitério, ou os construídos em regime provisório não atendiam à função para a qual foram criados. Por sua vez, o entendimento expresso na documentação era que a construção e manutenção dos cemitérios públicos eram atribuições da população, movida pela caridade e espírito religioso. Porém, crer que, movida pela caridade e espírito religioso, a população assumiria integralmente os recintos cemiteriais, não funcionara. O governo decide, então, destinar verbas para as obras e conclama a Igreja a contribuir:

Dados levantados a respeito do contexto cemiterial na Província no fim do século XIX, resultaram no quadro abaixo, onde se percebe que o cenário era desanimador e, em algumas cidades, os corpos eram sepultados em campo aberto (MELLO - Falla, 1884:9).

Quadro 3 – Situação dos cemitérios públicos de cidade e vilas alagoanas em 1881.¹⁴⁸

CIDADE / VILA	SITUAÇÃO
Pilar	Solicitação de construção de um cemitério.
Pão de Açúcar	Solicitação de construção de uma ponte que facilite o acesso ao cemitério, que fica instalado à margem de um rio.
Porto Calvo	Solicitação de continuação da obra de construção do cemitério.
Maragogi	Solicitação de construção de um cemitério.
Ipioca	Solicitação de construção de um cemitério para substituir o

¹⁴⁸ O Cemitério Público da Cidade das Alagoas não integra esse quadro, pois será objeto de análise detalhada na sequência.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Santa Luzia do Norte	existente que se encontra mau localizado no campo.
São José da Lage	Solicitação de conclusão da construção do cemitério.
Quebrangulo	Solicita ao governo a conclusão da construção do cemitério.
Palmeira dos Índios	Solicitação de construção de um cemitério pois as inumações são feitas em um simples terreno murado.
Coruripe	Solicitação de construção de um cemitério.
Collegio do Porto Real	Solicitação de reparos no cemitério existente.
Água Branca	Solicitação de conclusão da construção do cemitério que foi iniciado a custa dos moradores e com a ajuda de um padre.

Fonte: JACOBINA - Falla, 1881: 20.

Admite-se daí que, à exceção de Maceió, cujo aparato funerário era mais organizado, em pelo menos doze localidades, os sepultamentos continuavam a ocorrer nas igrejas, quando essas tinham condições para oferecer esse serviço. Quando nem as igrejas estavam aptas a receber os corpos, buscava-se as alternativas possíveis. A correspondência que em 1883, o padre da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Porto Real do Collegio envia ao presidente da Província é esclarecedora, pois, além de mostrar como a situação era resolvida, revela o sentimento da população:

Não há ainda Cemiterio nesta villa sendo os cadáveres sepultados isoladamente por diversas partes das adjacências a vontade dos seus parentes, o que crava com agudos punhais o coração do expectador ainda indifferente.¹⁴⁹

É preciso assinalar que, em resposta à demanda pela construção dos cemitérios públicos, o que se deduz do acesso aos documentos é que havia uma série de espaços improvisados, sem qualquer infraestrutura, expostos à entrada de animais, sem normatização das municipalidades que regularizasse seu funcionamento, sem um corpo administrativo, e sem contar com os recursos operacionais necessários. Afinal, não se tratava apenas de destinar um terreno

¹⁴⁹ Caixa 1739, Maço 1883, Clero, Maço Porto Real do Collegio. Carta de Manoel Peres de Carvalho, Vigario Incommendado.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

qualquer para ser um cemitério, mas de dotá-lo dos vários serviços associados ao desempenho de sua função, tais como o transporte, os caixões, a capela, os empregados (coveiro, jardineiro, porteiro, administrador, etc.), entre outros.

Em 1868, o cemitério público de Maceió, por exemplo, já era visto como “*luxo inconveniente*”, cuja manutenção era incompatível com as possibilidades financeiras do governo (GONZAGA - Falla, 1868:29). Além dessa questão, impunha-se uma de mais difícil solução. Por localizar-se praticamente no Centro da cidade, em pouco tempo ele é completamente envolvido pelo casario, do qual logo se torna um incômodo vizinho. No início da República, um Governador do Estado continuava chamando a atenção para o problema: “*Continuo a reputar de urgente necessidade, a bem da salubridade da Capital, o fechamento do atual cemitério e a construção de outro mais distante e em terreno mais apropriado*”.¹⁵⁰

Recorrendo à fala do presidente da Província em 1856, em plena efervescência do debate higienista, é possível visualizar o status que esse tipo de edificação adquiria frente ao lugar. “*He fora de dúvida que essas obras dão com razão algum orgulho as cidades que as possuem*” (SÁ E ALBUQUERQUE - Falla, 1856:25). Afinal, ao espaço estava associada à ideia de progresso, da capacidade de resolução de problemas urbanos e, por que não dizer, de embelezamento citadino, devido à sua tipologia diferenciada, seu lote generoso, seu arvoredo, os mausoléus grandiosos, os quais, juntos, conferiam um conceito estético novo ao lugar.

Nessa perspectiva, o cemitério público se afirma na cidade de tal forma que é possível reconhecer nele quatro dimensões que atuavam fortemente no imaginário coletivo: valorização do território ao qual confere status, conforme observado por Sá e Albuquerque; o pertencimento já que, de acordo com a legislação vigente, apenas os moradores da cidade eram distinguidos com o direito de ali se enterrar (mortos de outras cidades careciam de

¹⁵⁰ Felix Lima Júnior (sdt:72) fez a transcrição dessa mensagem que o Governador Gabino Besouro envia ao Congresso Estadual em 1894, à qual ele acrescenta que passados 80 anos desde aquela fala e a escrita do livro, o cemitério continuava em uso, ou seja, mantinha-se na mesma situação em 1974.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

autorização especial da polícia, do padre e do Hospital de Caridade); a comunhão da fé, pois, durante muitos anos foi de uso exclusivo dos católicos e só depois foi liberada uma quadra para as sepulturas dos suicidas, protestantes, espíritas e ateus); a inclusão, pois, ainda que apenas no campo projetual, ele foi concebido para acolher brancos e pretos, pobres e ricos, livres e cativos.¹⁵¹

É possível também afirmar que o cemitério não deixa de ser um campo de tensão e de disputa. Afinal funcionou como espaço de territorialização e de desterritorialização da Morte, do que lembrar e o do que esquecer, além de marcar a inauguração de novas sociabilidades entre vivos e mortos. Foi, no caso de Maceió, um espaço da tradição religiosa ditando quem podia enterrar-se ali, benzendo, batizando com nomes de santos, celebrando, construindo capelas, colocando cruzes, sacralizando ou, como no caso do Maria Preta, apenas devolvendo rudemente os corpos à terra.

4.3. Cidade das Alagoas: do encontro nas igrejas à despedida no cemitério.

No século XVIII, a vila de Madalena atingira um certo ápice no que tange ao atendimento à cultura funerária de fundo religioso. É a partir do século XIX que essa mesma cultura chega ao seu ocaso, levando a um redesenho de tudo que havia sido tão cuidadosamente constituído ao longo dos séculos. Nessa perspectiva estão em foco as igrejas, os conventos, as confrarias, as celebrações, os ritos e mais que outra coisa, a própria Morte e sua significação perante os vivos.

Apesar da velha cidade também ter se ressentido dos diversos fatores que, no século XIX, atingiram a província, além da perda do status político de capital, o que se ressaltará aqui é, em que medida, o modo de morrer definido pelo pensamento católico sofreu alterações e quais as repercussões em um território definido, prioritariamente, por expressões materiais e

¹⁵¹ As dimensões citadas foram estabelecidas a partir de dados apresentados por LIMA JÚNIOR, sdt:63, 64, 82, além da documentação oficial consultada (falas e relatórios).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

imateriais de uma religiosidade marcadamente escatológica. O elemento básico que possibilitava a existência e a manutenção da cultura funerária estava em pleno debate, o que não era nada fácil, visto que não se tratava apenas de coisas ou objetos, mas sim de uma existência coletiva mediada pela crença numa vida pós Morte, crença essa responsável pela ritualização extrema do fenômeno e pela manutenção da proximidade entre vivos e mortos. E um dos instrumentos mais poderosos que serviram para desestabilizar essa ordem foi, sem dúvida, o cemitério público e tudo o que girava em torno dele, em termos de ocupação do espaço, práticas e costumes. Nesse sentido, o século XIX, diferiu de forma dramática do seu antecessor.

Os discursos oficiais demonstram que os atributos que destacavam um cemitério público iam muito além da indiscutível função primeira de receber a população funerária, uma vez que o seu estabelecimento estava atrelado a palavras de ordem como saúde, higiene, beleza, progresso e, sem dúvida, confirmação de status urbano.

Entretanto, na cidade das Alagoas não havia status a ser confirmado pelo cemitério público. Afinal, as conexões com o poder central haviam sido transferidas para a nova capital, restando apenas a ausência dos elementos que antes a situavam em um lugar de preponderância política e econômica.¹⁵² Em seus princípios, seu cemitério se justificou pela necessidade de continuar a atender à população funerária, proibida que estava de enterrar-se nas igrejas e conventos.

A escassez das fontes, e/ou a impossibilidade de acessá-las, não permite que o alcance dessa análise atinja mais detalhadamente o período compreendido entre as últimas décadas do século XVIII e as três primeiras do XIX, que antecede, justamente, os movimentos pela criação das necrópoles. O que se apresenta mais clarificado pela documentação disponível é justamente o século XVIII, já abordado nas sessões anteriores a partir da historiografia, e

¹⁵² Em 1855, a cidade das Alagoas era assim apresentada: “*Os habitantes deste Município vivem da pesca, da plantação de mandioca, legumes, algum café e canna*”. Verifica-se que os engenhos, embora existissem, sequer são citados como parte da dinâmica econômica local. In: SÁ E ALBUQUERQUE - Falla, 1855:36.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

meados do oitocentos, através dos registros das atividades presidenciais e correspondências do clero e da Câmara, além da legislação provincial.

A partir dessa perspectiva, como estariam, naquela época, os lugares que foram configurados para a Morte, os quais, apesar de pertencerem à uma instituição religiosa e estarem sujeitos a regras eclesiásticas, eram, acima de tudo, espaços de complexas redes de interações humanas, de encontros e de solidariedades, cuja apropriação transitava entre o individual e o coletivo?

Examinando a documentação referente ao lugar no alvorecer do oitocentos, se observa que, para além da questão cemiterial, as igrejas não pareciam mais atender plenamente às funções para as quais foram construídas. A Matriz de Nossa Senhora da Conceição, apesar da sua importância no contexto da hierarquia eclesiástica, ao longo de todo o século XIX foi alvo de insistentes solicitações dos párocos para a realização de serviços, os mais variados, desde manutenção predial, segurança do patrimônio, até o fornecimento de paramentos e alfaia para a realização das celebrações, o que demonstra um completo estado de carência. Em 1857, é enviada ao presidente Antonio Coelho de Sá e Albuquerque a seguinte queixa: “*Que ameaçando ruína me faz até ter receio de ali celebrar os actos em comemoração da paixão de Nosso Redentor*”.¹⁵³ Já foi exposto que no calendário litúrgico as celebrações da Semana Santa eram as que mais atraíam pessoas para a cidade e a Igreja Matriz era um dos pontos destacados dentro do fluxo desenvolvidos pelos fiéis, isoladamente ou em cortejos, em cujo adro eram iniciadas ou concluídas as famosas e disputadas procissões.

Por ter sido o receptáculo primeiro dos sepultamentos dos moradores, ter atendido às necessidades cemiteriais preliminares da povoação, inclusive dos pardos, quando estes ainda não possuíam capela própria, os elementos relacionados à Morte existentes na Matriz eram destacados com ênfase nos documentos que trataram das suas condições de conservação, conforme se lê em uma das Fallas presidenciais mais antigas: “*Além de não ter os necessários*

¹⁵³ A citação de Moacir Sant’Ana foi reproduzida de um documento do Arquivo Público de Alagoas: Caixa Clero. 1856-1861, Maço 6, Est. 10. In: SANT’ANA, 1970:13.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

*paramentos, inda mesmo para o serviço quotidiano, e de estar com as cobertas das sepulturas mui estragadas, apresenta a Matriz da cidade das Alagoas enorme brecha na fachada” (PERETTI - Falla, 1844:9). Anos depois, o mau estado das campas é denunciado novamente, dessa vez por parte do pároco Domingos Jose da Silva, quando informa que “as campas da Matriz que são de madeira se achão todas arruinadas precisando de conserto”.*¹⁵⁴

Se a Igreja Matriz, a mais antiga do lugar, símbolo da eloquência política e administrativa que a cidade tivera até bem pouco tempo, estava nessa condição de abandono, como estariam as demais edificações religiosas, especialmente aquelas que se vinculavam à parte mais carente da população?

O governo acompanhava as contribuições ao Culto Público, comprovava sua diminuição e associava a precariedade física das igrejas à escassez dos elementos que, tradicionalmente, foram responsáveis pela sua manutenção:

Para remediar tão sensível falta, não são suficientes as esmolas dos fieis, quase sempre escassas e mui precárias, e as rendas chamadas da Fabrica, applicadas outrora as despesas de Sacristia, não bastam por diminutas de mais. Esses direitos percebão-se de certos actos, taes como encommendações de almas e enterros, e sobre serem elles insuficientes, são hoje elles satisfeitos pelo povo com manifesta repugnância (AGUIAR - Falla, 1849:8).

Pedro Paulino da Fonseca fornece elementos que permitem a suposição de que, naquele período, um complexo processo de desolação se instalara na cidade e os reflexos apareciam de forma muito nítida nas igrejas, atingindo não apenas a dimensão da materialidade, mas, também, as práticas sociais ali desenvolvidas. O alagoano, primeiro governador nomeado em 1889 para o Estado de Alagoas, usa uma metáfora cara ao tema dessa tese, ao declarar que, no fim do XIX, ele encontrara a cidade num estado tal que permitia defini-la como “*um cemitério*

¹⁵⁴ Offício do Vigário Domingos Jose da Silva. In: Caixa 1906 - Maço 1, 1855 – Vigarios - Maço 2 Freguesia das Alagoas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

de vivos” (FONSECA, 1980:149). E, para ilustrar tal cenário, descreve a situação precária dos elementos construídos que, no passado, garantiam sua vivacidade: suas igrejas e conventos. Esse texto de Fonseca, intitulado Testamento Político, é curioso porque, apesar de ter sido produzido na última década do século, é marcado pelas lembranças do tempo que antecedeu à sua mudança para o Rio de Janeiro, em 1842, sendo sempre entremeado das rememorações do passado e das relações que o antigo morador estabelecia entre o que o lugar fora e no que se tornara. Em meio a sentimentos melancólicos Fonseca fala da Igreja do Rosário, da qual ele ressalta o fato de estar “*em osso*”, ou seja, com alvenaria à mostra, o que leva a crer que talvez sequer houvesse sido concluída; cita também a Igreja do Amparo e o Convento Franciscano, ambos “*tão enegrecidos como se de perpétuo luto estivessem*”, ou seja, sempre se valendo de metáforas conectadas ao corpo e à Morte para tratar do estado de conservação daqueles edifícios que, tendo sido criados para acolher os mortos, agora eram a própria representação deles (FONSECA, 1895:148).

O convento carmelita, embora Fonseca não se reporte especificamente a ele, já se sabe que, após ser abandonado ainda inconcluso e ter atingido um estado lastimável de conservação, também fora apropriado para finalidades diversas, de natureza profana, desde fins do século anterior, mantendo-se o uso regular apenas da Capela da Ordem Terceira onde os irmãos leigos continuavam se reunindo.¹⁵⁵ Nessa condição, no período de 1821 a 1839, ele chegou a servir como “hospital regimental” (destinado aos militares), além de depósito, armazém e quartel, até ser deixado, de novo, em completo abandono.

No que se refere especificamente à casa franciscana, a quantidade de problemas era proporcional ao esvaziamento gradual que sofria, o que, aos poucos, a levava a perder o controle das condições que permitiam sua manutenção. Devido à diminuição gradual dos frades, contrastando com as grandes proporções do prédio, ao longo do oitocentos, as autoridades se viram no direito de destiná-lo para as mais diversas finalidades, todas

¹⁵⁵. Cf: Caixa 1906, Maço Guardião do Convento de São Francisco das Alagoas, Maço 1855 (Frei José de Santa Engracia Cavalcante) e SANT’ANA: 1970:32.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

dissociadas da questão religiosa. É nessa perspectiva que, no período de 1821 a 1839, parte do convento é usado como quartel e passa a abrigar uma tropa de soldados, o que, segundo relato do guardião, deixa como herança “*hum estado de ruina*” que, anos depois, ainda não se conseguira reparar. Em 1855, apenas três frades residiam na casa franciscana; em 1882 apenas um. O próprio governador Pedro Paulino planejou usá-lo para a instalação de uma escola de recrutas, o que parece não ter chegado a acontecer. No fim do XIX chegou a ser também usado para abrigar flagelados de uma grande seca.¹⁵⁶

Ou seja, em paralelo à manutenção da sua rotina litúrgica, circularam no ambiente conventual pessoas cuja presença não tinha qualquer envolvimento com a dimensão funcional do edifício, bem como, sem interlocução com os signos ali presentes.

Observar a história do convento no século XIX é constatar que ele sofreu intromissões de diversas naturezas, as quais comprometeram atividades que, secularmente, vinha desempenhando. Uma delas e, talvez, das mais impactantes, tenha sido quando, em data não identificada, os frades são proibidos de realizar uma tarefa que era diretamente vinculada à espiritualidade franciscana: a mendicância, atividade que se constituía em um dos pilares de sustentação da comunidade e do prédio.¹⁵⁷ (ver Anexo A).

Se a materialidade urbana demonstrava sinais de esgotamento, as práticas religiosas também perdiam força e vitalidade. O mesmo Pedro Paulino que lamenta as igrejas, se refere, em 1895, “*aos bons tempos*” que a cidade tivera quando “*seu povo vivia em continuas festas*”. E, reconhecendo a “*impossibilidade de voltarem*”, descreve detalhadamente as celebrações da Semana Santa, acreditando que, com isso, não se perderiam no tempo.

¹⁵⁶ Cf. SANT’ANA, 1970:32-33 e FONSECA, 1895:150.

¹⁵⁷ Caixa 0999, Maço 1864 – Vigários, Maço 1864 – Offícios de Vigários da Freguesia das Alagôas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Deduz-se que o século XIX afirma-se como um espaço cronológico de alterações irreversíveis em vivências urbanas tradicionais, da qual, a condução da Morte, do centro para a periferia, do sagrado para o laico, é um dos elementos mais destacados.

As novas demandas relacionadas às questões de saúde pública e a propaganda dos benefícios da salubridade haviam conquistado um espaço na fala oficial quando ela se referia à Província como um todo, embora, na prática, operasse muito lentamente, conforme visto. As igrejas continuaram, por algum tempo, a sepultar abertamente com a convivência do clero, dos fiéis e das autoridades. Os primeiros esboços dos novos arranjos funerários não resultam, simplesmente, de uma decisão do poder central, nem vêm em resposta ao empobrecimento dos organismos religiosos leigos, nem tão pouco se devem à ingerência do poder público local em sua ânsia de progresso e modernização urbana. É a própria Morte que, metaforicamente, se impõe como o catalizador que altera e acelera o ritmo das mudanças, as quais, resultam, de fato, dos dois grandes surtos do cólera morbos, ocorridos em 1856 e, depois, em 1862, época em que, segundo Sávio de Almeida (1996:91), “*Alagoas viveu de enterrar os seus mortos*”.

Antes mesmo da primeira evidência da epidemia aparecer, já se divulgava seus horrores. O medo do cólera que, em 1854, atacara duramente a Europa, leva à adoção de algumas medidas sanitárias preventivas e, finalmente, constata-se que a defesa dos cemitérios públicos passa do discurso para a prática.¹⁵⁸ Como nenhuma cidade ou vila, fora Maceió, tinha outro espaço para enterrar seus mortos, além daquele oferecido pelas igrejas, a urgência em isolar as vítimas mortais da doença do convívio dos sãos é o fator determinante para que, em cada localidade seja autorizada a construção, em caráter urgente, de espaços para receber os mortos que, já se previa, seriam muitos.

Em todos os lugares eles eram improvisados, havia urgência em se fazer roças de cruzeiros. E as covas dos coléricos ou dos que haviam sido tomados pelo vibrião eram

¹⁵⁸ No Rio de Janeiro, o primeiro cemitério foi construído em 1839; em Recife, 1850; Salvador, 1855; São Paulo, 1858. Segundo Veríssimo (2011;203) “*todos praticamente associados a epidemias, que geram grande número de cadáveres, impossível de ser absorvido pela forma até então tradicional*”.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

diferenciados, com mais profundidade para que não somente o defunto estivesse sepultado, mas para que o próprio mal nele incorporado não se tornasse. (ALMEIDA, 1996:109).

Na cidade das Alagoas, o cemitério dos coléricos foi instalado na área não edificada do terreno pertencente aos carmelitas. Ao longo do oitocentos, por várias vezes, a condição inacabada da moradia dos frades e da igreja contígua foram indicativos de que era possível se apropriar do local para usos diversos do religioso, e já se caracterizava diante das autoridades e dos próprios moradores como de “*servidão pública*”, sendo ocupado todas as vezes que a cidade necessitava dele, para o que quer que fosse (FIGUEIREDO JÚNIOR - Relatório, 1870:19).

Possivelmente, já em busca de identificar o lugar mais adequado para a instalação de um cemitério, em 1855, o governo da Província fizera uma consulta a Frei José de Santa Engracia, guardião franciscano, a respeito da situação na qual o prédio carmelita se encontra, ao que ele deixa claro a sua disponibilidade para os usos que se entendesse necessários: “*edifício em um estado lastimoso (...) pode mui bem aproveitá-lo para diferentes ocupações*”.¹⁵⁹ Assim, quando se impôs a necessidade de selecionar um local para os sepultamentos, é justamente no grande ermo carmelita, onde havia o edifício inacabado, que se instala o novo lugar dos mortos, embora que em caráter provisório, como sempre é ressaltado nas peças documentais.

O que determinava essa condição de provisoriedade naquele que era um símbolo do progresso, de melhoramento urbano e de uma sociedade civilizada? Em oposição a qualquer expectativa de cuidado, o que caracterizava um cemitério provisório era o fato de não se ter para com ele nenhuma atenção com infraestrutura ou embelezamento. Derruba-se a mata e eis um cemitério!

¹⁵⁹ Caixa 1906, Maço 1855 (Frei José de Santa Engracia Cavalcante).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Assim se deu na cidade das Alagoas; seu cemitério provisório não passava de um terreiro, sem nenhum tipo de elemento que o distinguisse do campo aberto onde pastavam os animais. Se para as igrejas, no passado, se perseguia uma altivez arquitetônica e urbana, para aquele lugar a intenção parecia ser justamente a de invisibilidade. Esse assentamento funerário, sem dúvida, estava bem aquém das expectativas de um recinto sagrado de acolhimento aos mortos, indo de encontro às crenças que culminavam no tratamento que se dava ao lugar a eles dedicados. Mas não era apenas o seu arcabouço físico que causava estranheza, mas, também a ausência de uma logística relacionada aos sepultamentos que, até então, fora assumida, com eficiência, pela própria Igreja ou, pelas confrarias.

Nesse sentido, o ano de 1856 foi particularmente marcante para os moradores da cidade das Alagoas. Não bastasse a epidemia devastadora que consumia vidas diariamente, a população tinha que lidar com a indefinição quanto aos papéis ocupados pelos envolvidos nas práticas funerárias recentes. Correspondência trocada entre o padre do lugar, o presidente da Província, o administrador do cemitério provisório, o juiz de paz e até o delegado, mostra que havia uma disputa por poder convivendo com uma desorganização completa dos fluxos e procedimentos relacionados aos acontecimentos fúnebres. Uma das consequências desse novo arranjo, que não estava devidamente explicado e absorvido pelos agentes, eram os corpos que permaneciam insepultos por mais tempo que o indicado enquanto se discutia e questionava competências. Nesse sentido, a burocracia assume um posto e uma importância até então desconhecidos nos assuntos de Morte. Ofícios, cartas e bilhetes continham tanto trocas de acusações quanto demonstrações de desconhecimento ou incômodo quanto a tudo que repentinamente emergia no processo. Estabeleceu-se um quadro de desentendimento quando papéis secularmente atribuídos ao clero passaram a ser assumidos pelos novos atores que se impunham no cenário funerário, nem sempre aptos, ou devidamente aparelhados, para cumpri-los.¹⁶⁰ (ver Anexo B).

¹⁶⁰ Caixa 1906, Maço 1855, Maço Vigários, Maço Freguesia das Alagoas e Caixa 456, Maço 1856 – Clero, Maço Freguesia das Alagôas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Como as pessoas do lugar se sentiam diante dessa situação dramática, os documentos não revelam diretamente, mas, é certo que havia ali um conflito. Afinal, a Morte, para além de um fato biológico, era um fenômeno cultural e estava sujeita a regras simbólicas que operavam em outra dimensão que não a das normativas e regulações. Portanto, a lógica instituída pela legislação não dava conta da complexidade da dimensão religiosa e cultural associada ao rito funerário. O cemitério confrontava a matriz religiosa local, não apenas pela impessoalidade que o caracterizava, mas também pela forma com que foi imposto no ambiente urbano, além de não ser resultado de um processo construído coletivamente nem, tão pouco, de assimilação natural. E, some-se a isso, a oferta de uma estrutura física deficiente que ia de encontro à sacralidade com a qual se revestiam os locais de sepultamento tradicionais.

Embora não se tenha valido de depoimentos que pudessem revelar o incômodo instalado e suas possíveis repercussões no campo emocional, a negação do povo ao modelo imposto se manifesta através da desobediência. Nesse sentido, chama a atenção os dois sepultamentos *ad sanctus* que foram realizados em 1856, sendo um no Convento de Santa Maria Madalena, da parente de um frade, e outro na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, da esposa de um advogado.¹⁶¹ É notável que se tratam de pessoas ligadas a setores do poder local (religioso e civil) que, de alguma forma, possuíam à sua disposição os mecanismos para contrariar a legislação e, assim, se livrar dos problemas de um sepultamento em condições tão precárias como eram as oferecidas pelo cemitério provisório.¹⁶²

Diante do exposto, se deduz que, apesar da legislação proibir o sepultamento no recinto das igrejas, em grande medida ele se manteve. Talvez a Matriz tenha sido a exceção, já que suas sepulturas estavam em mau estado de conservação. Por outro lado, o pároco Domingos José não parecia solidário com a manutenção do costume antigo, o que tornava demasiado

¹⁶¹ Caixa 456, Maço 1856 – Clero, Maço Freguezia das Alagôas.

¹⁶² Não foram poucos os relatos de fatos dessa natureza. Em 1858, o Presidente da Província cobra do pároco Domingos José o esclarecimento quanto a um enterramento feito no interior da Capela de Nossa Senhora do Ó, ao lado do cemitério provisório. O padre se defende acusando o encarregado do cemitério de consentir e presenciar o que ele chama de abuso, e ressalta, de forma clara, que aquilo acontecia com alguma frequência. In: Caixa 456.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

incoerente que ele o criticasse nas demais igrejas e o permitisse na sua. É admissível também que apenas os mortos vitimados pelo cólera tenham sido conduzidos para o cemitério provisório e, mesmo assim, com possibilidades de várias desobediências à interdição, ao longo da epidemia, desde que estivesse envolvida alguma distinção financeira e social.

Passado o surto, tudo voltou à normalidade e o costume funerário antigo se manteve apesar da legislação proibitiva estar em vigência. O padre de Porto Calvo, onde a situação era semelhante a das Alagoas, resume muito claramente o cenário posto:

(...) sou a dizer que ainda existe o pessimo costume n'esta Freguezia de se inhumarem os cadáveres nas Igrejas, mas o que o meu desejo unicamente não pode remover este abuso, he preciso hum cemitério publico, infelizmente não existe. O cemiterio dos colericos feito n'esta vila foi muito pequeno, não pode, finda a epidemia continuar a servir.¹⁶³

Quando, em 1862 a segunda epidemia do cólera atinge a província, a cidade das Alagoas, mais uma vez, assiste à sucessão de mortes sem que a questão cemiterial tenha sido solucionada. Para atender aos doentes e às vítimas fatais, o lugar precisa se reestruturar e buscar alternativas que controlem ou pelo menos minimizem os efeitos da doença. Nessa perspectiva, o juiz municipal solicita ao presidente da província a criação de uma comissão de socorros públicos e o atendimento às necessidades mais urgentes: médicos e remédios, ambulância para socorrer os doentes, cobertores para os pobres, dinheiro, ao tempo em que pede autorização para a preparação de um hospital e de um cemitério.¹⁶⁴ Daí, deduz-se que o espaço improvisado, criado para atender as vítimas do primeiro surto, já não estava em uso nessa época. Construído sob a discurso da provisoriedade, não se sustentara para além da emergência do momento. Como então teria se conduzido a questão nesse segundo surto? Uma das alternativas possivelmente empregadas, e talvez uma das menos confortáveis emocionalmente, teria sido aquela que, por falta de espaços funerários aceitáveis, passa-se a

¹⁶³ Caixa 456, Maço 1860 – Vigarios, Maço 1860, Maço 1860 – Vigarios, Maço Freguezia de Porto Calvo.

¹⁶⁴ Caixa 721, Maço 1862 – Cholera Alagoas e São Miguel.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ter no campo a única oferta de lugar para sua sepultura. Destaque-se que, não se está referindo aqui a sítios ou fazendas espalhados no meio rural, mas a campo aberto.

A respeito dos engenhos de açúcar, é importante citá-los, afinal, constituíam-se em um recorte importante dentro da dinâmica cemiterial. Afinal, tanto se morria na cidade, quanto no meio rural também.¹⁶⁵ E, apesar da distância física da sede das paróquias promover uma relativa independência quanto à interferência da Igreja, da legislação civil que proibia os sepultamentos nas *ad sanctus* não havia como fugir. As pesquisas feitas por Dantas e Tenório (2009) e por Vital (2013) afirmam que muitos engenhos alagoanos possuíam cemitérios, que eram instalados nas proximidades das capelas, geralmente, na parte posterior delas, às vezes murados, ou apenas protegidos pela mata, dos quais ainda restam covas com cruzes e catacumbas.¹⁶⁶ (ver figuras 56 e 57 - XXX).

Mas quando se tratava de escravos, como se resolvia a questão funerária? Uma pesquisa a respeito da Irmandade dos Homens Pretos do Rosário, da cidade de São Cristóvão, Sergipe, no século XIX, fornece importantes subsídios. Baseada em livros de tombo, compromissos, testamentos e registros de óbitos, Oliveira desenha um perfil dos seus membros e dados sobre o número de mortes e os locais destinados ao seu sepultamento, incluindo ter também identificado nos documentos, informações acerca de escravos enterrados nas capelas de engenhos. A pesquisadora ressalta que essa “deferência”, em relação a outros que se enterravam nos espaços cemiteriais urbanos, tanto pode indicar um tipo de afeição do senhor

¹⁶⁵ De acordo com o Mappa Demonstrativo dos Engenhos D’Assucar da Provincia das Alagôas no anno de 1859/Relatório da Thezouraria Provincial das Alagoas, naquele ano, a cidade tinha dezoito engenhos distribuídos em seu território. In: GAMA - Falla, 1859. Pesquisa recente realizada em Livros de Batismos da cidade, no período de 1825 a 1830, revela que muitos batizados foram realizados nas capelas dos engenhos o que demonstra a forte dinâmica populacional ali estabelecida e a disponibilização de capelas particulares para atender às necessidades religiosas dos moradores (SANTOS, 2016:94).

¹⁶⁶ É importante destacar que, além dos engenhos, pequenas localidades vinculadas administrativamente ao município, também tiveram seus cemitérios provisórios, criados por ocasião da epidemia, para atender às suas vítimas. É o que se verifica, a partir da documentação acessada, com a povoação conhecida como Bica da Pedra, sendo possível que outros lugares, como Massagueira e Santa Rita, também tenham providenciado suas alternativas de espaço funerário aceito pela legislação. Caixa 456, Maço 1856 – Clero, Maço Freguezia das Alagôas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

para com eles ou, simplesmente, medida de economia para evitar os gastos acarretados pelo ritual funerário na igreja (OLIVEIRA, 2013:103). Não há notícias de que isso acontecesse nos engenhos da cidade das Alagoas, mas, se essa opção existia, como contraponto havia também a disponibilidade do campo aberto, do canavial, da bagaceira.

No romance *A Filha do Barão*, Pedro Nolasco, cuidadoso observador da cena e dos costumes alagoanos, através de uma narrativa romanceada expõe fatos do cotidiano político e cultural local, ao tempo em que consegue preencher lacunas historiográficas importantes. Através do enredo fortemente marcado por impressões de um cotidiano escravista, ele possibilita acesso a um valioso depoimento de como eram tratados os escravos mortos no contexto de uma povoação oitocentista. Segundo o texto, quando morriam os escravos dos engenhos e fazendas de Anadia, povoação que, em seus princípios, integrara o território compreendido pela antiga Madalena, os corpos eram sepultados por outros escravos na “*bagaceira, junto a uma cancela ou em outro ponto qualquer*”. Lá eram deixados no anonimato de uma cova sem nenhuma identificação cristã. Felix Lima Júnior, historiador alagoano, com toda a propriedade de quem nasceu e circulou nesse ambiente escravocrata, afirma que o padrão descrito por Nolasco não era restrito ao lugar citado no romance, mas recorrente em toda a Província (Nolasco, 1886, Apud LIMA JÚNIOR, 1974:30).¹⁶⁷

A escassez de subsídios específicos sobre como se comportavam os senhores dos engenhos locais diante das ocorrências de Morte em suas terras, não é apenas relativa ao defunto escravo, mas a todos que entravam em óbito no engenho. Como referência para essa ausência de informações existe no Arquivo Público de Alagoas um manuscrito, datado de 1861, que apresenta uma localidade na zona norte da antiga Província, onde o vigário registra a

¹⁶⁷ A atual cidade de Anadia, em sua origem, era chamada de Campos do Arrozal de Inhauns e integrava a comarca da antiga Madalena. Em 1801 foi elevada à vila. In: <http://www.anadia.al.gov.br/314/DadosMunicipais/>. “*Bagaceira - Área em torno dos engenhos de açúcar onde se espalha o bagaço da cana moída, para que seque e seja usada como combustível nas fornalhas*”. Disponível em: https://www.google.com.br/search?source=hp&q=bagaceira+significa&oq=bagaceira+significa&gs_l=psy-ab.3...2018.5358.0.5641.21.14.0.0.0.0.545.2187.3-2j2j1.5.0....0...1.1.64.psy-ab..16.5.2186.0..0j35i39k1j0i131k1j0i22i30k1j0i22i10i30k1.0.VVQQ4ohp-cc.



Figura 56 e 57. Cemitérios dos antigos engenhos Varrela e Prata, São Miguel dos Campos/AL.
 Fontes: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL, 2012.
 André Palmeira, 2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

quantidade de pessoas mortas entre os anos de 1856 e 1860. Ele adverte no seu relato que, dentre o total de óbitos devidamente anotados, o número daqueles que foram sepultados nas capelas dos engenhos é muito reduzido, não porque não acontecessem, mas porque raramente os proprietários enviavam à Igreja os devidos assentos das mortes.¹⁶⁸ Daí presume-se que, embora não se saiba dos detalhes, muitas das inumações eram resolvidas no próprio ambiente rural.

Voltando à epidemia no ambiente urbano, Sávio Almeida (1996:112) analisa aquele momento dramático a partir do que ele entende como “*força desorganizadora do cólera*”, reconhecendo sua capacidade de abalar as estruturas até então instituídas. Entretanto, se olhada a partir de outras perspectivas, essa mesma força nascida do caos viabiliza um novo modo de organizar o lugar. A doença passa a funcionar como o marco que estabelece um território específico e definido, cuja identidade é conferida pela perspectiva da Morte. O cólera marca o tempo de vida das pessoas e demarca também um espaço. Reconhecendo que a doença criara um território, em 1862, o poder público entende que para enfrenta-la precisa repartir esse território em porções para atuar mais eficientemente nele. A cidade das Alagoas, por exemplo, passa a ser ordenada de acordo com a força com que a doença opera em determinados locais, que é para onde são mobilizadas comissões de saúde: 1: área Central; 2: Rua da Pedreira até Santa Cruz e Convento Franciscano; 3: Rua de Baixo, da Paz, da Praia até Barro Vermelho; 4: Rua do Meio, da Matriz, da Boa Vista até Poeira; 5: Rua do Amparo, São Felix, Cajueiro, Virgens até o Convento do Carmo; 6: Taperaguá.¹⁶⁹ O território criado a partir de experiências comuns relacionadas à Morte se confunde com o da própria cidade,. Nesse sentido, o objetivo de enfrentá-la nesse recorte fisicamente materializado, pauta-se pelas atitudes de cercá-la, controlá-la e dominá-la.

¹⁶⁸ Documento: Mappa da Freguesia de Sam Bento. In: Caixa 456, Maço 1860 – Vigários.

¹⁶⁹ Documento: Comissões para cuidarem do tratamento dos indigentes que foram acometidos pelo cholera na cidade das Alagôas e seus municípios. In: Caixa 1862 – Maço: Cholera Alagôas e Sam Miguel.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A Morte, nesse aspecto, atribui um sentido que é novo e que confere uma também nova identidade aos lugares. Se antes o que os marcava eram as experiências religiosas balizadas pelas igrejas e percursos processionais e celebrativos, a partir de então, cortejos ligados a uma questão sanitária passam a protagonizar a ocupação coletiva do espaço. Ou, não menos comum, caminhos, becos e vielas passam a ser trilhados por séquitos apressados em se livrar de um corpo perigoso. Embora, ambos os usos pudessem ser caracterizados pelo que apresentavam de espetacular, diferiam no conteúdo, já que, os elementos que organizavam os fluxos, os usos, as apropriações e, assim, causavam determinadas impressões na cidade e em seus moradores, agora eram dominados por outro tipo de olhar.

Aquele mesmo morto que, conduzido solenemente, se revestia da mesma sacralidade que era conferida ao santo na procissão (ARANTES, 1987b:5), passa a ser tratado agora quase como um incômodo. Pode-se supor que os velórios e sufrágios também perdem, nesse momento específico, algo da ritualística tradicional. Vivia-se o tempo da *“morte da impossibilidade dos velórios, levando apressadamente os defuntos para a sepultura: havia pressa com os cadáveres. A vida estava avexada.”* (ALMEIDA, 1996:91). Os dobres de sinos, agora controlados, não davam tanta ênfase na divulgação do óbito; também não ritmavam na mesma intensidade o andar dos carregadores de caixões.

Como teria, nessa perspectiva, se comportado a pequena Alagoas diante do cólera, que tantas alterações trouxera à composição do seu cotidiano, responsável por um cenário pessimista e de perdas recorrentes? Sávio Almeida (1996:59) definiu o vírus como *“construtor do inferno”*, analisando a doença a partir de um viés antropológico, onde a discute a partir da vítima. O cólera, nesse sentido, era o próprio horror circulando entre as pessoas. Uma carta da Câmara da cidade das Alagoas expressa o pavor diante da expectativa macabra da chegada da segunda epidemia: (...) *e não sendo de esperar de sua rápida marcha se não que ele em poucos dias esteja entre nós derramando seus horrores (...)*.¹⁷⁰

¹⁷⁰ Carta da Câmara Municipal das Alagoas endereçada à Presidência da Província das Alagoas, datada de junho de 1862. Apud ALMEIDA, 1996:59.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Mas se as pessoas compartilhavam seu cotidiano com a Morte, frequentavam seus lugares, conviviam com aqueles que ela escolhera, porque aquela Morte, a do cólera, causaria tanta aflição? Possivelmente, porque se sabia que para essa não haveria tempo de se preparar, não haveria espaço para o ritual, não haveria cuidado para com o corpo. Some-se a isso, a dimensão do contágio iminente.

Em compensação às perdas, talvez as cidades tenham se enriquecido no fortalecimento e/ou ampliação de universo devocional. Jerome Baschet (2006:251) chama a atenção para as consequências que acontecimentos trágicos, como pestes e guerras, geraram no imaginário religioso da Idade Média, fertilizando uma certa obsessão fúnebre, onde o macabro aparece como a forma mais sincera de manifestação do sentimento coletivo.

Apesar de longínqua no tempo e no espaço, essa experiência pode ser trazida para Alagoas, pois um dos mais representativos legados deixados pela doença foi a devoção que se passa a prestar ao mártir italiano, São Sebastião. Ele representa uma relação de fé sustentada na força protetora de um santo, cujo resultado é sua eleição como padroeiro de várias localidades por onde o cólera fez vítimas.¹⁷¹ Os estudos relacionados às devoções católicas e sua representação na imaginária sacra, indicam que ele é um dos três santos tradicionalmente invocados no Brasil durante as epidemias e doenças, devido a milagres que opera relacionados à cura: São Sebastião, São Roque e São Bento. Teria a população das Alagoas também se nutrido da presença da epidemia e expressado o misto de pavor e fé de alguma forma? Teriam suas igrejas alguma revelação dessa presença?

Embora, na cidade não lhes tenha sido erguida nenhuma igreja, existem representações escultóricas desses santos no Convento Franciscano, do qual se pode supor que a devoção existia. As três esculturas foram produzidas no século XIX, justamente quando o lugar sofreu

¹⁷¹ De acordo com Tenório (2006:29), o cólera provocou a adoção de São Sebastião como padroeiro de nove cidades de Alagoas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

os efeitos do vírus.¹⁷² No que diz respeito às celebrações, há registro de uma procissão feita em Taperaguá, em honra a São Sebastião e que ocorre no auge da primeira epidemia do cólera, justamente onde o vírus se instalou com mais intensidade.¹⁷³

Outra manifestação da religiosidade local diretamente ligada à condição de mortalidade, possivelmente invocada por ocasião do cólera, foi a veneração à Nossa Senhora da Boa Morte, da qual se tem notícias no Brasil desde o século XVII, e sempre vinculada a uma comunidade carmelita, através das ordens terceiras ou de irmandades dedicadas especificamente a essa devoção (Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia). Na cidade das Alagoas é possível supor que o culto tenha sido introduzido pelos frades carmelitas, ou mesmo pela OTC, mantendo-se ativo mesmo após o fechamento do convento. O registro mais antigo dessa devoção à Senhora da Boa Morte aparece nos estatutos da Ordem Terceira do Carmo e, de acordo com o capítulo referente às festividades, na tarde de 14 de agosto era feita a procissão com a imagem “*que se venera na nossa capella*”, sendo acrescentado que fazia parte do ritual a adoração e o beija-mão. É destacado que todo o rito era feito “*segundo o antigo costume*”, o que confirma que se tratava de uma velha tradição.¹⁷⁴ Pesquisas mais recentes apontam que no adro carmelita era celebrada anualmente uma festa para Nossa Senhora da Boa Morte, tendo a OTC à frente dos festejos. Segundo informações dos católicos mais idosos, habitualmente os devotos da Senhora portavam anéis adquiridos especialmente para aquela ocasião, confeccionados em ferro ou casco de tartaruga, os quais eram colocados na mão da imagem

¹⁷² As esculturas citadas são em madeira policromada e encontram-se hoje em exposição no Museu de Arte Sacra, sediado no antigo Convento Franciscano. Os dados relacionados à data da produção encontram-se indicados nas placas de identificação das peças. A imagem de São Roque pertencia, originalmente, à Igreja de Nossa Senhora do Amparo, e estava instalada em um retábulo colateral ao arco-cruzeiro, em lugar de destaque, o que mostra sua importância dentro do conjunto de devoções celebradas ali. Foi retirada da igreja quando o Museu foi criado, para onde foi levada para integrar o acervo sacro. O mesmo aconteceu com a escultura representando São Sebastião, que pertencia à Igreja de Bom Jesus de Taperaguá. Quanto à imagem de São Bento, não foi encontrada qualquer informação a respeito da origem ou procedência.

¹⁷³ In: Caixa 456, Maço 1856 – Clero, Maço Freguezia das Alagôas.

¹⁷⁴ Compromisso da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo. In: Anno de 1868, Actos Legislativos, 1868/1870, pp. 553 (sem dados editoriais).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

para serem abençoados por ela e, depois, levados para casa como objeto de veneração.¹⁷⁵ (ver figura 60 - XXXI).

É importante destacar que as devoções, fossem nos momentos de calma, ou em meio a um desespero coletivo, como foi o caso da epidemia, não se desenvolviam apenas no âmbito das igrejas, sendo também muito fortemente exercidas na intimidade das casas, nos oratórios domésticos ou nos quartos dos santos. É possível que, no recolhimento dos lares, o imaginário religioso e as experiências de fé tenham sido enriquecidos com novas crenças produzidas em meio a um contexto que clamava por respostas imediatas dos santos quando a vida estava ameaçada e o homem era impotente.

A Morte foi promotora de muitos tipos de devoção e ritos, especialmente quando se afirmava como um instrumento para que uma cultura se mantivesse preservada em meio a outra dominante. No decorrer da construção da tese, uma significativa referência foi encontrada a respeito de rituais ligados aos mortos, praticados em Alagoas por africanos cuja crença religiosa diferia em tudo dos seus conterrâneos que viviam no Brasil. Tratava-se de escravizados que professavam a religião islâmica e que, na Colônia, mantiveram suas crenças e práticas religiosas.

De acordo com o Abelardo Duarte (1958), os malês vieram da Bahia no início do século XIX e se instalaram em Madalena e Penedo, pois essas eram as localidades que concentravam o maior número de escravos de toda a Comarca. Como parte das crenças que eles se esforçaram em manter, estava a Festa dos Mortos, a qual, segundo Melo Moraes (2002:254), até 1888, era celebrada duas vezes por ano, em noites de lua cheia. Apesar das referências históricas à sua presença na cidade das Alagoas, a alusão à celebração aparece apenas em Penedo, não sendo mencionado que fosse praticada dessa forma organizada em outro lugar. Melo Moraes afirma que, mesmo no Rio de Janeiro, não havia notícias de manifestações da mesma natureza.

¹⁷⁵ As informações dessa celebração dos anéis constam do “Anexo I – Festas e rituais religiosos no Largo do Carmo”, de autoria da arquiteta Thaisa Barros Cavalcante, 1999. In: FERRARE, 2002 (sem página).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A partir de conversas com pessoas mais velhas de Penedo e a análise de um raríssimo registro iconográfico datado de 1887, mostrando o grupo envolvido no ritual, Abelardo Duarte escreveu um livro a respeito da celebração e seus organizadores, que ele afirma serem povos africanos de origem sudanesa e de religião muçulmana:

Escravos que conservaram pelos tempos afora, seus hábitos e costumes, sua religião e práticas negro-muçulmanas, até mesmo observando o ritual malê no enterramento dos seus mortos, e cujas sobrevivências místico-religiosas chegaram, muitas delas, como a Festa dos Mortos, até os fins da escravidão (DUARTE: 1958:35).

Realizado na mata por cerca de 30 pessoas, o ritual envolvia homens e mulheres de nações de religião muçulmana.¹⁷⁶ Segundo o pesquisador, o ritual durava três dias, distribuído em etapas onde se jejuava e rezava, se fazia sacrifícios de cordeiros, se servia um banquete embalado por músicas e danças. A celebração final consistia em oferecer um “*banquete funerário*” aos *Manes* (que o autor define como alma dos mortos em latim).

E [matronas de África] acauteladas no andar, receosas nos movimentos, voltando-se com o olhar, entornavam aqui e ali, por cima da terra e por baixo das pedras, o funerário alimento para o banquete das almas que supunham virem nas horas caladas da noite partilhar das oferendas comemorativas (MORAIS, 2002:257).

A música, as danças e as comidas “*africanamente condimentadas*” atraíam pessoas da vila e das circunvizinhanças, às quais permitia-se a participação, embora determinadas partes da celebração fossem reservadas apenas aos membros do grupo religioso. Moraes (2002:257) chama a atenção para o fato da integração entre brancos e negros ser apenas aparente já que, mesmo na dança, os segundos formavam um grupo distinto, ressaltando que distintas também eram as intenções dos presentes, culminando que, em dado momento, a um sinal do líder, definia-se uma separação física entre os que partilhavam da crença e os que eram alheios ao sentimento real que animava o festejo. Ou seja, compartilhava-se o rito, mas isso não implicava em comunhão religiosa.

¹⁷⁶ A respeito dos homens ele diz: “*Vestidos todos com uma espécie de alva, e tendo à cabeça bonés brancos, unicamente o chefe distinguia-se dos demais, pela vestimenta listrada, por um barrete de molde diferente.*” E continua: “*Vestes brancas como os desertos do Saara e as areias de Omã*” (MORAIS, 2002:255-257).



Figuras 58, 59, 60: Cemitério Público;
Escapulário carmelitano; Nossa Senhora da Boa Morte.
Fontes: Nara Magalhães/2017; Allan Christian/2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Retornando ao ambiente católico da cidade das Alagoas, se observa que as consequências do cólera convocam os cemitérios, mas elas também põem a força da prática antiga em evidência. Assim como no primeiro surto, quando o segundo acontece, as igrejas continuam a receber corpos para serem sepultados. Entretanto, o alto índice de mortandade gerou demanda ainda maior. Mesmo assim, o padre Domingos José, na qualidade de Vigário-Geral, autoridade eclesiástica não apenas na cidade, mas na província inteira, combate esse uso, repetindo o discurso político que acusa o uso cemiterial de edificações religiosas como um atentado à salubridade pública.¹⁷⁷ O convento de Madalena era alvo recorrente de sua crítica quando o assunto era a manutenção da prática funerária antiga, fazendo-se presumir alguma indisposição entre aquele e os frades franciscanos. E o que transparece dos documentos produzidos por ele é que, talvez, a autonomia que os frades tinham em relação à sua autoridade fosse a causa dos desentendimentos. Em várias ocasiões, é possível verificar alusões à sua impossibilidade de interferir mais efetivamente na casa franciscana.

A questão cemiterial mal resolvida durante a epidemia, estimulava os conflitos entre os representantes do clero diocesano e regular mesmo após a sua ameaça ter passado. O problema dos sepultamentos continuou gerando debates, pois o cenário posto era de incoerência absoluta. Ao mesmo tempo em que é lançada a Resolução 443¹⁷⁸ proibindo terminantemente que eles ocorram nas igrejas, da qual o pároco parece apoiar, contraditoriamente, esse mesmo sacerdote comunica ao presidente da Província que a cidade continua carente de um Cemitério Público, pois *“que hum provisório, q. se avia feito de*

¹⁷⁷ O cargo de Vigário-Geral era assumido pelos párocos da cidade das Alagoas desde que ela fora instituída como sede da Vigararia Geral pelo Bispado de Olinda em data anterior a 1755 (ver página 71). Entre as suas atribuições, estava a de *“inspecionar sua porção territorial e apresentar regularmente a situação da Igreja em seu território”*. É importante salientar que o padre Domingos José, que também era senhor de engenho, permaneceu como pároco da cidade de 1831 até 1 de dezembro de 1870, quando, já octogenário, vem a falecer. Apesar dessa longa atuação, teve vários embates com as autoridades locais, por vezes se envolvendo em contendas com o próprio presidente da Província, como já foi mencionado aqui, ou em desentendimentos ligados à construção do cemitério público, quando enfrentava franciscanos, juízes, delegados e vereadores.

¹⁷⁸ Resolução Nº 443 de julho de 1864 – Aprova as Posturas Municipaes da Cidade das Alagoas. Capítulo 3º, Artigo 16: *“Não é permitido o enterramento de cadáveres dentro das igrejas, ficando os infractores sujeitos á multas de 10 a 30 mil reis”*. No mesmo capítulo aparecem outras disposições que tocam na questão do uso de caixões, nos dobres de sinos e tempo necessário para abertura de sepulturas. In: Compilação das Leis Provinciais das Alagoas de 1835 a 1872 (...), 1872:77-78.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

madeira, no tempo do Cholera, está todo arruinado e devaço por todos os lados”. É ele também que questiona o fato do convento franciscano continuar praticando sepultamentos, demonstrando sua indignação com o que lhe soa como um benefício injusto: “(...) *estou m.^{mo} resolvido a negalos p.^a o Convento de São Francisco das Alagôas; pois que a Ley não fazendo excepções, não julgo os Religiosos com privilegio exclusivo de enterrarem nas suas igrejas (...)*”. Depreende-se daí que, aparentemente, fora concedido aos frades o privilégio de continuarem com suas práticas funerárias inalteradas, o que incomoda o padre, demonstrando também que, quando se tratava da casa franciscana, a sua autoridade não tinha efeito. Ele aproveita para lembrar que existe recurso financeiro disponível para a obra e que, caso o cemitério não seja construído e as pessoas se virem obrigadas a enterrar seus mortos no campo, os conflitos serão inevitáveis.¹⁷⁹ A alusão ao uso do campo, apesar de aparecer como uma alternativa possível, soa quase que como uma ameaça já que, por não ser adequado do ponto de vista religioso, poderia trazer consequências políticas.

É viável pensar que, em determinado momento, a legislação e o padre ganharam um aliado no controle do uso cemiterial das igrejas. Presume-se que a capacidade física dos edifícios em absorver os despojos estivesse esgotada, recordando também o estado de degradação no qual elas se encontravam o que, certamente, não deixava de fora as campas, conforme já visto anteriormente.

Mas a população e o clero sabiam que não era apenas o recinto das edificações religiosas que apresentava o benefício do solo abençoado. Os generosos adros de dois conventos e três igrejas eram tão sagrados quanto os chãos de naves, sacristias, corredores e claustros, e não estavam aprisionados entre quatro paredes, portanto, não sujeitos às proibições de cunho sanitarista, apesar de estarem dentro da cidade, na sua área central.

¹⁷⁹ Caixa 0999, Maço 1864 – Vigários, Maço 1864 – Offícios de Vigários da Freguezia das Alagôas. A respeito da insinuada disponibilidade de recursos financeiros para a obra, Sávio Almeida (1996:97-100) comenta que em toda a Província houve desvios e utilizações indevidas, inclusive de dinheiro deixado pelo próprio imperador Dom Pedro II, o qual deveria ter sido destinado para a construção de cemitérios públicos.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Além dos adros, as igrejas apresentavam também áreas externas disponíveis constituídas pelos terrenos circundantes. A documentação oitocentista pesquisada confirma que partes, ou toda essa área não edificada imediatamente localizada à frente, laterais ou fundos de igrejas e capelas, foram utilizadas para enterramentos, apesar desse fato só ser referenciado na documentação relativa ao século XIX. Através de uma vistoria feita às cidades do interior, por técnicos da Directoria de Obras Públicas de Maceió, sabe-se que as matrizes de Atalaia, Assembleia, Quebrangulo e Palmeira dos Índios possuíam seus próprios cemitérios, conforme se verifica do relato produzido pelo engenheiro: “*Visitei estes templos e os perimetros dos respectivos cemitérios por acabar e concertar, cujos orçamentos submiti a consideração de V. Ex^{ma}*”.¹⁸⁰

Nesse contexto, as fontes indicam que, na antiga capital, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário também possuía um cemitério próprio, definido como “*campo cercado que serve de cemitério*”, e que a irmandade enterrava seus membros ali e não no interior da igreja.¹⁸¹ A Igreja de Nossa Senhora do Amparo também possuía um cemitério externo, assim como o convento franciscano que destinara para esse mesmo fim o espaço localizado entre a igreja e a Capela da Ordem Terceira. São justamente esses dois últimos que são apontados pela Câmara como alternativa para atender à população enquanto um cemitério público que se principiara a construir, não estivesse apropriado para o uso:

A Camara (...) porem designa para esse fim o espaço compreendido entre a Ordem terceira de São Francisco e o respectivo Convento, as catacumbas da ordem Terceira e o Cemiterio da Igreja de Nossa Senhora do Amparo (...) excepto paráquelles que voluntariamente queiram fazer algum enterramento no terreno em que se está edificando o cemitério publico.¹⁸²

¹⁸⁰ Relatório feito pelo Major de Engenheiros, Dr. João Luiz de Araújo Oliveira Lobo, da Directoria de Obras Públicas, Maceió, em 31 de 12 de 1858, pp 5: In: GAMA - Falla, 1859.

¹⁸¹ Em janeiro de 1862, o segundo surto do cólera ainda não havia atingido a cidade, mas uma expectativa negativa já se formara. Um Juiz de direito alerta as autoridades sobre a necessidade de se proibir os enterramentos que ainda se faziam no campo cercado que servia de cemitério à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. In: Caixa 0721 – Maço: 1862, Cholera Alagôas e Sam Miguel.

¹⁸² Documento: Paço da Camara Municipal da Cidade das Alagoas em sessão extraordinária de 19 de abril de 1870. In: Caixa 0258, Maço: Comissão da obra do cemitério das Alagôas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Do esforço de tentar construir um desenho daquele cenário urbano, no que se refere aos espaços de sepultamento, se conclui que, em 1870, a cidade contava com: três cemitérios relacionados à área externa das igrejas do Rosário, do Amparo e do Convento Franciscano; um cemitério provisório do tempo da primeira epidemia do cólera, instalado entre a Capela da Ordem Terceira e a igreja carmelita; um cemitério público sendo construído e que, embora só possuísse os alicerces e não estivesse murado, estava disponível para o uso.¹⁸³

Não se sabe como essa alternativa do uso de espaços cemiteriais particulares de igrejas e confrarias foi elaborada; se partiu de uma decisão meramente política, já que a Câmara estava sendo instada pelo governo a providenciar o cemitério, ou se foi construída socialmente, ou seja, a partir de um movimento coletivo diante da necessidade de resposta a uma demanda recorrente, a Morte. Certamente levou-se em conta que nesses locais, ao contrário do campo, se manteria a tradição religiosa da sepultura junto dos santos, das relíquias, das rezas e, sobretudo, do contato diário e da solidariedade com os vivos. Nessa perspectiva, a relação com os espaços dos mortos continuaria intermediada pela igreja, o que não deixa de constituir um alívio para uma mentalidade ainda alimentada pela crença dos benefícios de, na vida e na Morte, permanecer junto daquilo de Baschet (2006:63) chama de “*canal privilegiado de comunicação com a divindade*”.

Ao mesmo tempo em que a Câmara indica a disponibilidade do cemitério público para o uso daqueles que assim o desejassem, ressalta que, apesar de bento, as pessoas demonstravam repugnância em enterrar seus mortos ali, inclusive isso aumentara a partir de denúncias de violação dos túmulos e dos despojos pelos animais que pastavam no local, devido ao fato do terreno não ser murado. Ora, se a bênção do lugar não era suficiente para a apropriação popular e os moradores mantinham uma aversão ao uso, que tipos de sentimentos provocaria a ausência de garantias à integridade dos corpos ali depositados? E não só isso, mas a própria inviabilidade dos reencontros entre vivos e mortos já que o lugar servia de pasto aos animais. Se estar na vizinhança de uma igreja legitimava e potencializava a sacralidade do espaço

¹⁸³ Ibidem.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

funerário, em quais bases simbólicas estava sendo construído o cemitério público diante de uma cidade inteira? Aparentemente, a única história à qual ele se ligava até então era a do abandono, o que se anunciava na paulatina laicização da Morte.

É interessante ponderar a respeito das motivações da Câmara ao destinar os cemitérios da igreja conventual e do Amparo para o usufruto funerário urbano. Trata-se de uma resposta tardia ao governo provincial quanto à velha cobrança de construção do cemitério público, ao tempo em que quer demonstrar estar atenta às necessidades da população arrumando paliativos para um problema que se arrastava há anos. Destaque-se, entretanto, que a alternativa apontada não apenas é importante para a Câmara, mas, sobretudo, favorece os interesses dos religiosos, sejam os das confrarias envolvidas, sejam os conventuais, já que o terreno e seu uso mantiveram-se sob o controle dos proprietários legítimos. É justamente o que observa e reclama o pároco Domingos José que acusa o órgão legislativo de agir unicamente em proveito dos franciscanos, denunciando que os frades cobram elevadas taxas para ceder uma sepultura, o que não seria lícito ao se considerar que, se fora destinado pelo governo ao uso urbano, como público ele devia ser encarado. (ver Anexo C).

(...) depois da Camara Municipal designar o pequeno espaço que medeia entre o convento de São Francisco e a Ordem Terceira, e o governo tendo aprovado deve ser considerado Cemiterio publico, e os Religiosos nada devem perceber de Enterramentos.¹⁸⁴

Os desentendimentos se sucediam e claramente se conformara uma luta pelo controle dos espaços de sepultamento. Não era mais o debate higienista, nem tão pouco a questão religiosa, que estavam postos em discussão, mas as rendas geradas e os poderes resultantes da sua gestão. E o argumento usado por ambos os lados da contenda era a forma desrespeitosa com que os mortos eram tratados. De um lado, a Câmara desencorajava a procura do cemitério público alegando a ausência de estrutura adequada do local e a exposição dos despojos aos animais. Do outro lado, o pároco e pessoas envolvidas com a obra declaravam que a

¹⁸⁴ Documento endereçado ao Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, em 1870, pelo Padre Domingos José da Silva. In: Caixa 0258, Maço: Comissão da obra do Cemiterio das Alagoas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

propaganda contra o cemitério público não era verdadeira e devia-se tão somente à ânsia dos franciscanos em receber pelos enterramentos. Para tal, o padre afirmava que os frades abriam as sepulturas do convento antes do tempo determinado, e mortos recentes eram jogados sobre outros mais antigos, mesmo “*sem estarem consumidos*”, os quais serviam de terra para os que iam se sobrepondo.¹⁸⁵

É possível que no entendimento dos frades, essa fosse a forma de garantir que as práticas funerárias continuassem sendo parte substancial na geração de renda para o sustento do convento, como ocorria desde sempre.¹⁸⁶ Afinal, se tratava de um terreno de propriedade particular. Por outro lado, se o espaço, embora privado, fora destinado pelo poder público para o usufruto urbano, então como justificar as taxas? É nessas bases que a emergência da conclusão da obra do cemitério público e sua apropriação definitiva pela população se afirma e outro ramo da família franciscana, missionários capuchinhos, é encarregado de agilizar a obra, começando a ser impor nesse cenário contraditório:

(...) porque não estando acabado entrão os animais, mas este inconveniente sessou depois q o cemiterio se mandou cercar, e hoje já não entrão mais (...) a cauza principal do Missionario transferir os enterramentos para o Cemiterio Publico foi enterrarem-se no pequeno espaço do Convento dois, e três defuntos sem se terem consumido os anteriores; aguardo a decisão de V. Ex.^{ca} o mais breve possível, visto serem os enterramentos de quase todos os dias, não poder ademetir demora.¹⁸⁷

Sendo cobrado ou não, o uso funerário desses espaços externos às igrejas (adros, laterais e fundos) foi intenso e as pesquisas arqueológicas realizadas na cidade entre os anos de 2008 a 2017 trouxeram à tona vestígios materiais que comprovam que eles realmente foram apropriados pela população. Além disso, a arqueologia possibilitou a verificação dos dados

¹⁸⁵ Documento endereçado ao Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, em 1870, assinado por José Ignacio de Medeiros, nomeado para acompanhar as obras do Cemitério Público. In: Caixa 0258, Maço: Comissão da obra do Cemiterio das Alagôas. Não foram encontrados dados a esse mesmo respeito envolvendo o cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Amparo.

¹⁸⁶ Uma análise da renda obtida pelo Convento de São Francisco, em Salvador/BA, através dos serviços funerários que ela oferecia no início do século XIX, mostrou que eles correspondiam a 36% dos recursos totais disponíveis na casa franciscana (REIS, 1997:232).

¹⁸⁷ Documento endereçado ao Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo, em 1870, pelo Padre Domingos José da Silva. In: Caixa 0258, Maço: Comissão da obra do Cemiterio das Alagôas. (ver ANEXO C).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

recolhidos no acervo documental aqui referenciado, exceção feita apenas à igreja do Amparo, que não sofreu nenhuma ação nesse sentido, restando sobre elas apenas os dados disponibilizados nas fontes já citadas (ver figuras 63 e 66 – XXXIII / XXXVI). Os demais monumentos foram prospectados com recursos da: Petrobrás - Convento Franciscano, em 2008, e do Governo Federal - Convento Carmelita em 2016, Igreja Matriz e do Rosário, em 2017.¹⁸⁸

As pesquisas arqueológicas realizadas em 2008 no Convento de Santa Maria Madalena encontraram vestígios dispersos de ossos humanos justamente no local indicado nas fontes documentais, como sendo o cemitério conventual. A perturbação verificada no terreno ao longo dos anos, não permitiu que se obtivesse mais indícios relacionados ao uso funerário oitocentista. Desse cemitério, restaram apenas imagens do muro que o delimitava em relação ao adro, e que, nos anos 70, antes da intervenção de restauro que preparou o prédio para funcionar como museu, ainda existia. É possível observar que o acesso se dava pela galilé da igreja ou pela Capela da OTF. Nele se destacava uma bonita portada encimada por frontão triangular, cujo arremate era uma cruz em madeira, conforme pode ser constatado nas fotografias mais antigas, bem como sua localização em planta baixa. (ver figuras 61, 62, 67 e 68 – XXXII / XXXVII / XXXVIII).

Da pesquisa arqueológica realizada no Convento Carmelita, foram identificados dois sepultamentos individuais, de natureza primária, sendo um na parte posterior da Igreja da Ordem Primeira, relativa a um homem, com idade entre 30 a 35 anos, onde apareceram apenas alguns poucos vestígios de indumentária. O relatório chama a atenção para o fato do corpo ter sido sepultado diretamente sobre a terra, pela qual foi coberto, sem qualquer outro tipo de envoltório. Essa característica de sepultamento naquele local específico e desprovido

¹⁸⁸ A pesquisa arqueológica realizada no Convento Franciscano foi resultado de um projeto produzido pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL, patrocinado pela Petrobrás, conforme já apresentado quando se tratou dos resultados das prospecções no espaço interno do Convento Franciscano, na página 164.. As demais obras foram realizadas com recursos do IPHAN/AL. Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi feita apenas uma prospecção na lateral externa da igreja, em complementação à pesquisa realizada no adro da Igreja Matriz.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

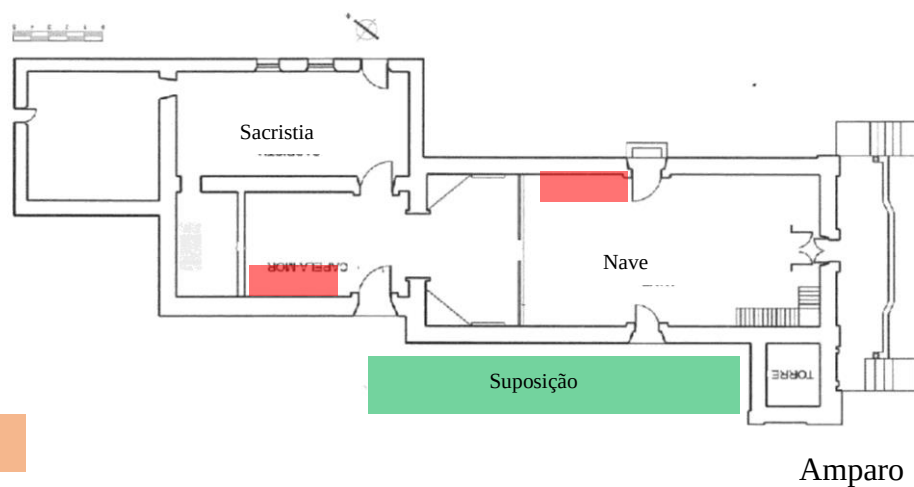
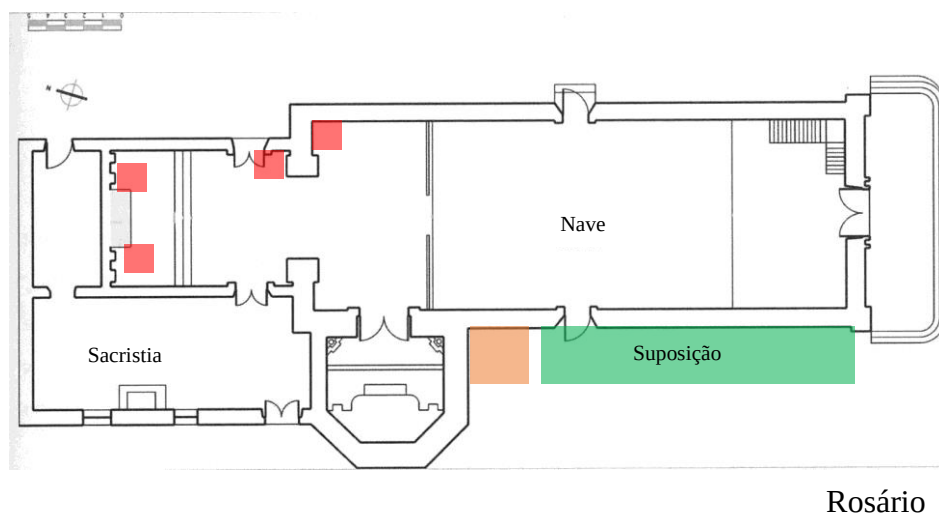
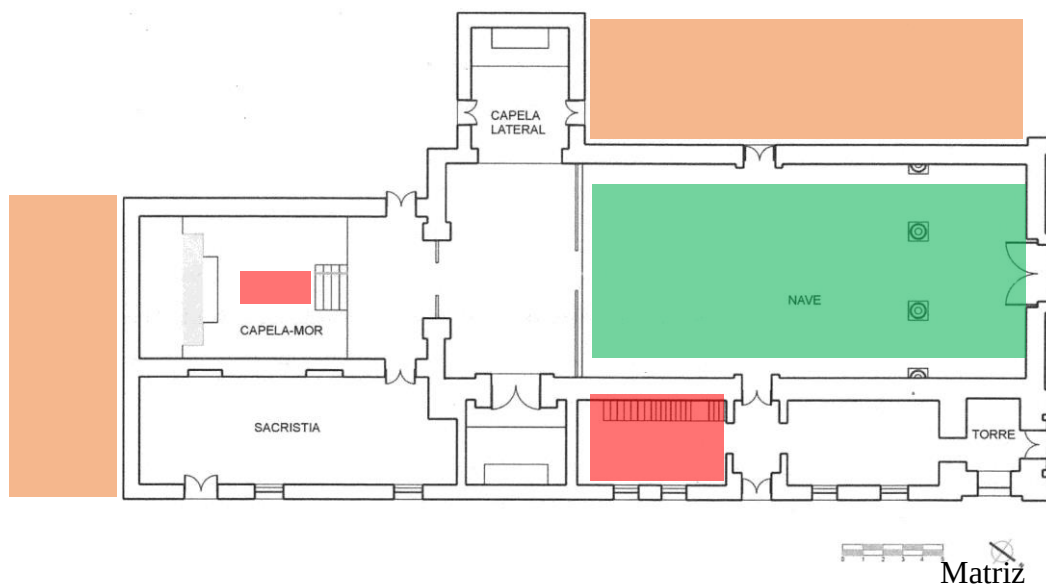
de quaisquer acessórios funerários levou a equipe a considerar a possibilidade de se tratar de um escravo, ou pessoa muito pobre. O segundo sepultamento identificado estava na lateral esquerda da igreja e se tratava de uma menina, com idade entre 10 e 11 anos. Foi sepultada em um caixão de madeira, onde foram encontrados também um anel, um pingente e um fragmento de renda bordada com ouro e cobre, possivelmente um detalhe da roupa com que foi amortalhada. Ao longo do espaço externo do convento (frente, laterais e parte posterior), a equipe fez várias prospecções e encontrou restos ósseos humanos, fragmentos de caixões, objetos pequenos possivelmente associados ao envoltório do corpo, como pregos, tachas, colchetes e alfinetes, etc., caracterizando-se como vestígios de sepultamentos antigos que se dispersaram devido a intervenções no terreno. (RELATÓRIO FINAL: PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO LARGO DO CARMO, MUNICÍPIO DE MARECHAL DEODORO, ESTADO DE ALAGOAS, 2016). (ver figura 69 - XXXIX).

Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi feita apenas uma prospecção no lado esquerdo, junto do volume externo referente à capelinha lateral, onde foi encontrado o vestígio de um enterramento individual, contendo restos mortais em bom estado de conservação. (ver figuras 63 e 65 XXXIII / XXXV).

Justamente na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, sobre a qual não havia nenhuma referência documental a um uso cemiterial externo, foi onde os achados arqueológicos foram mais surpreendentes, já que as prospecções revelaram dezenas de esqueletos na lateral direita e na parte posterior do monumento. Ao contrário do Carmo, não se tratavam de sepultamentos individuais, mas coletivos, com os corpos tendo sido praticamente amontoados a partir de 50 cm abaixo da superfície. Em apenas um dos recortes abertos, foram reveladas vinte e uma ossadas humanas, algumas delas com acessórios como terço e fragmentos de roupas. Os restos esqueléticos foram encontrados sem delimitação de covas e dispostos em um espaço pequeno de 4m², sem envoltório, sem uma regularidade no posicionamento dos corpos, estando homens, mulheres e crianças juntos, por vezes sobrepostos uns sobre os outros. Na ocasião, Karine Miranda, a arqueóloga responsável pela pesquisa, declara para a imprensa que:



Figuras 61 e 62:– Muro do cemitério do Convento
Franciscano
Fachada do Convento com cemitério murado.
Fonte: Arquivo da Secretaria de Estado da Cultura de
Alagoas e Acervo Digital do Iphan.



LEGENDA

Vestígios materiais de enterramento



Indicações historiográficas



Lápides



Figura 63. Planta baixa, Igreja Matriz, Igreja do Rosário, Igreja do Amparo – indicação de áreas de sepultamento – interna e externa.

Fonte: FERRARE: 2014 (adaptado) /



**Cemitério Pernambucano
(Nossa Senhora da Luz)**

**Nesta terra ninguém jaz,
pois também não jaz um rio,
Noutro rio, nem o mar
É cemitério de rios.**

**Nenhum dos mortos daqui
Vem vestido de caixão.
Portanto, eles não se enterram,
são derramados no chão.**

**Vem em redes de varandas
Abertas ao sol e à chuva.
Trazem suas próprias moscas
O Chão lhes vai como luva.**

**Mortos ao ar-livre, que eram,
Hoje à terra-livre estão.
São tão da terra que a terra
Nem sente sua intrusão.**

João Cabral de Mello Neto



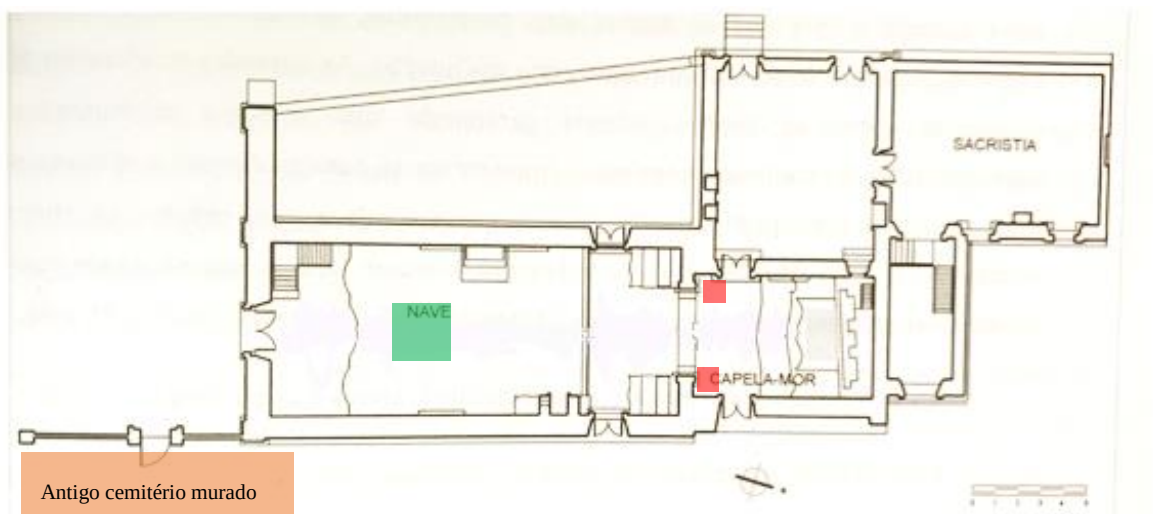
Figura 64. Igreja Matriz - Esqueletos e objetos pessoais encontrados na área externa
Fonte: Jaciara Andrade, 2017.



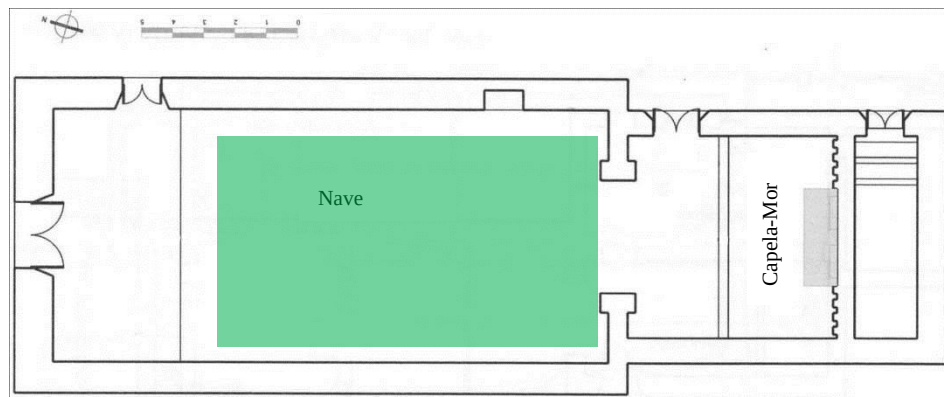
Figura 65: Igreja do Rosário – Esqueleto encontrado na área externa
Lápides na área interna - Inscrições e desenhos
Fonte: Ana Cláudia Magalhães/2017.



Figura 66. Igreja do Amparo – Lápides na área interna -
Inscrições e desenhos
Fonte: Ana Cláudia Magalhães/2017.



OT F



OT C

LEGENDA

Vestígios materiais de enterramento



Indicações historiográficas



Lápides



Figura 67. Planta baixa, Capela da OTC e OTF.
Indicação de áreas de sepultamento. - área interna e externa -
Desenho em lápide.
Fonte: FERRARE: 2014 (adaptado) /
Ana Cláudia Magalhães / 2017.



LEGENDA

Vestígios materiais de enterramento



Indicações historiográficas

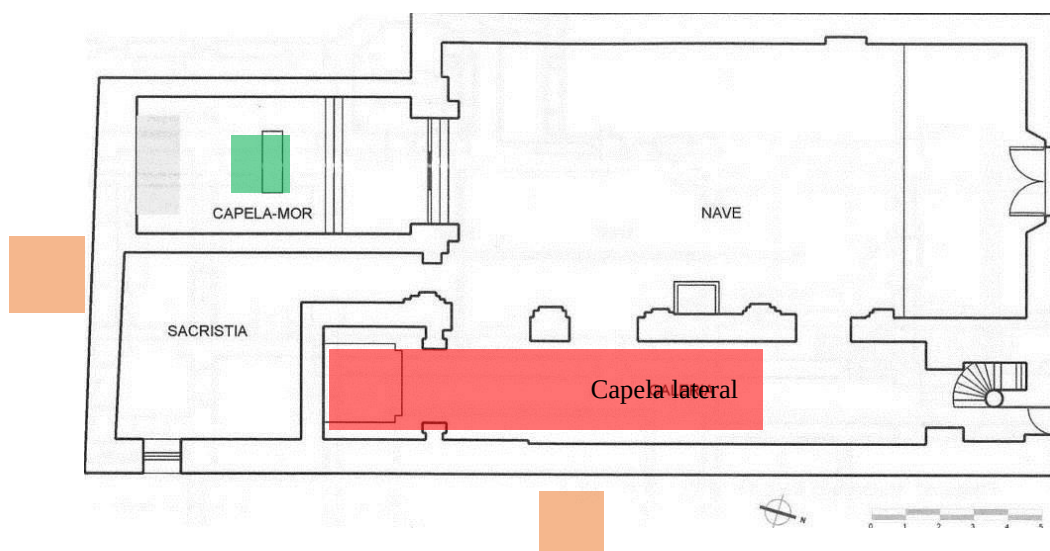


Lápides



Figura 68: Planta baixa, Convento e igreja franciscana. Indicação de áreas de sepultamento - interna e externa. Desenho em lápide.

Fonte: Ana Cláudia Magalhães ., 2015 / 2017.



Cemitério Público



LEGENDA

Vestígios materiais de enterramento



Indicações historiográficas



Lápides



Figura 69. Planta baixa, Igreja Carmelita.
Indicação de áreas de sepultamento - interna e externa.
Capela lateral - Desenho em lápide.
Fonte: FERRARE: 2014 (adaptado) /
Ana Cláudia Magalhães / 2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A área pequena mostra que os enterramentos eram organizados para atender a grande demanda de mortandade para o local. Já observamos que existia reaproveitamento da área porque depois que foram retiradas as primeiras ossadas, à medida que escavamos, estão aparecendo outras.¹⁸⁹

Esses achados demonstram que, embora as fontes bibliográficas e documentais não façam qualquer referência específica à utilização da área externa da Matriz como cemitério, ao menos no decorrer da epidemia ela foi intensamente usada. A urgência em se desembaraçar dos mortos esclarece os corpos sem uma orientação determinada, depositados diretamente sobre a terra, sem uma regularidade na profundidade do enterro, ou mesmo, no posicionamento, detalhe tão caro à ritualística funerária cristã. (ver figuras 63 e 64 – XXXIII / XXXIV).

Nesse espaço, apesar de contraditório, de certa forma se repete as condições oferecidas pelo cemitério murado do convento franciscano, quanto à superposição de corpos devido à necessidade de re-utilização da cova.

É curioso pensar como a população reagia diante dessa nova forma de lidar com o corpo, que passava pelo viés da impessoalidade, como se, ao serem depositados todos juntos em um único espaço, os mortos tivessem perdido completamente sua identidade. Não havia, nessas condições, como registrar a localização de ninguém para um futuro sepultamento secundário, como era comum na época. Por outro lado, há que se ponderar que parte fundamental da espiritualidade cristã passa pela ideia do envoltório físico da alma como morada do Espírito de Deus. Corpo que se purifica pelos sacramentos; corpo que se salva pelo sepultamento; corpo que retoma a vida pelo Juízo Final. Afinal, segundo a crença católica, é pela carne que se dá a ressurreição. Seria a simples condição de lugar sagrado suficientemente poderosa para

¹⁸⁹ Não foi possível ter acesso ao relatório da pesquisa arqueológica feita nas igrejas Matriz e do Rosário uma vez que ele ainda não havia sido aprovado pela Superintendência do Iphan em Alagoas na época de produção dessa tese. Todas as informações acima apresentadas a respeito desses achados foram resultado de análise visual de imagens cedidas pela arqueóloga responsável pela pesquisa, Jaciara Andrade, bem como, através de dados disponibilizados na matéria feita por Aliny Gama, no dia 29 de setembro de 2017, disponível em <https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2017/09/29/21-ossadas-sao-encontradas-durante-obras-em-frente-a-igreja-em-alagoas.htm>.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

amenizar os sentimentos que aquela situação provocaria? Ou simplesmente o sentimento religioso sucumbia frente às condições das quais não havia forma de se furtar? Ou, ainda, as pessoas que foram enterradas no adro da Matriz estariam na mesma categoria dos “ninguéns” conduzidos ao Maria Preta de Maceió?

É possível supor que esses sepultamentos são decorrentes do segundo surto do cólera, já que, no primeiro, havia um cemitério para os coléricos, apesar de precário. Na altura do segundo surto, conforme foi visto anteriormente, o cemitério dos coléricos já não se prestava ao uso e ainda não havia cemitério público. Então, para onde iriam aqueles que morriam na pobreza absoluta? Para o campo, conforme ameaçara o Padre Domingos José? Possivelmente, era o adro da Matriz que acolhia os miseráveis. Supõe-se daí a pouca importância conferida, a ausência de registros e de questionamentos do pároco acerca das condições oferecidas.

Mas, afinal, como finalmente entra na vida da cidade o tão propagado e divulgado cemitério público, sobre o qual existe mais registro de discussão e questionamento que informação específica a seu respeito? A princípio, é importante ponderar que é um lugar que surge em meio a difíceis decisões relacionadas a mudanças comportamentais. Afinal, sua afirmação no meio urbano provocaria perdas materiais e simbólicas significativas, como bem o sabiam as irmandades e ordens terceiras, daí que, enquanto foi possível, imagens e palavras foram manipuladas de modo a retardar seu uso. Por outro lado, embora no campo do discurso as autoridades fossem favoráveis à sua construção, pouco contribuíam para a execução e finalização da obra, que termina por arrastar-se por anos.

É admissível que a construção tenha sido iniciada após o segundo surto do cólera, entre os anos de 1866, quando a comissão encarregada da obra recebeu uma quantia para começar os serviços, e 1867, quando a mesma comissão prestou contas das despesas. Entretanto, cerca de três anos se passaram e apenas os alicerces estavam levantados. O presidente Bento Figueiredo Júnior, descontente com a morosidade da obra, monta uma nova comissão, desta feita formada por um médico e dois engenheiros, a qual avalia o local e fornece

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

elementos que o levam a, imediatamente, designar um novo terreno onde lhe parecera mais adequado:

Não me pareceu conveniente o lugar escolhido, e onde apenas existia uma parte do alicerce. Depois dos exames (...), assentei que a melhor localidade era o convento do Carmo, como em outro lugar declarei (FIGUEIREDO - Relatório, 1870:64).

Ou seja, a primeira obra do cemitério público chegara a ser iniciada em local não identificado, chegando a ser construído princípios de um alicerce, mas sem dúvida não era no mesmo lugar, onde, a partir de 1856, fora reservado ao enterro dos coléricos, conforme se depreende do relatório do Presidente Bento Figueiredo:

O convento do Carmo, sua igreja e a da Ordem terceira nunca chegaram a ser de todo concluídas, e hoje acham-se no mais completo estado de ruínas, que cada dia aumentam, e que o missionário Fr. José Maria trata de reparar. O terreno respectivo está em aberto, e foi destinado em duas épocas diversas para cemitério de cholericos, constituindo hoje uma espécie de servidão pública. Contém alguns monumentos fúnebres bem acabados e entretanto ao animais pastam ali a vontade; não existe ao menos uma cerca, e a vegetação cresce sobre as sepulturas, porque o convento se acha deserto há muito tempo, e não existe zelador; faltando até um compartimento em bom estado para servir de habitação a qualquer pessoa. Nestas circunstâncias lembrei-me de fundar ali o cemitério público que a cidade ainda não tem. Esse alvitre atende às vantagens da localidade, e tem em seu apoio a opinião pública (Ibidem, pp. 19).

E para justificar sua escolha, Bento argumenta que a mudança traria vários benefícios, dos quais ele destaca: a atitude piedosa para com aqueles que ali estavam enterrados através da recuperação do local que estava abandonado, bem como salvar da destruição total a igreja e a capela carmelita, indicando que, após os serviços de recuperação necessários, uma delas serviria ao cemitério como capela funerária.

Considerando que há muitos anos todo o terreno do Convento do Carmo estava abandonado e disponível a diversos usos, é legítimo pensar que, se no decorrer da primeira escolha do local, a comissão não o levou em consideração e optou por outro, isso pode ter sido resultante da imagem negativa associada aos mortos pelo cólera, bem como, com tudo que se relacionasse a

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

eles. Não se desconhecia que o espaço era adequado para um uso dessa natureza, pois em 1855, o Guardião do Convento Franciscano, Frei José de Santa Engrácia Cavalcante, comunicava ao então presidente Sá e Albuquerque:

A situação graciosa e bela, o retiro da Cid^e., cercado do rio Utinga, que corre do lado do Poente a cem passos de distancia má^s. ou menos, faz q^e. aq^{la}. habitação se torne a mais propicia p^a. um lazareto, ou p^a. aq^{le}. emprego q^e. a sabedoria de V. Ex^{cia}. destinar.¹⁹⁰

Ora, se ele conviria a um lazareto, outro lugar de exclusão de pessoas infectadas, porque não serviria a um cemitério?

Ajustado o novo terreno para o cemitério público, aparentemente, dessa vez a obra andara mais rápido e, finalmente, em 1871, é dada por concluída, como comprova um quadro demonstrativo das obras públicas realizadas, o qual também informa que restava apenas terminar o muro frontal.¹⁹¹ Naquele mesmo ano, fora ordenado através de uma Resolução Imperial, que todas as vilas e cidades que possuísem cemitério público deveriam destinar uma parte dele para abrigar os corpos dos “*acatholicos*”, impedidos que eram de terem acesso a uma sepultura eclesiástica. Enquanto Maceió estava, nessa mesma época, desapropriando um terreno para atender à recomendação imperial, a cidade das Alagoas rapidamente marca e define esse lugar tornando-se a primeira cidade da província a responder adequadamente à demanda.¹⁹² (ver figura 58 – XXXI).

Ao fazer um contraponto com os aspectos que foram analisados e determinaram a seleção do local para a instalação do cemitério público de Maceió, se conjectura a respeito do que teria

¹⁹⁰ Caixa 1906, Maço 1855, Frei José de Santa Engrácia Cavalcante.

¹⁹¹ Documento: Quadro demonstrativo das diversas obras publicas e reparos em construções com as informações do estado em que se achão. In: Caixa 0258, Maço 1871 – Agosto.

¹⁹² A Resolução Imperial, datada de 1870, foi destacada em: Appendice – Compilação das leis Provinciaes das Alagoas, de 1835 a 1872 por Olympio Euzebio de Arroxellas Galvão e Tiburcio Valeriano de Araújo. Repertorio Tomo VII, Maceió: Typographia Commercial de Antonio José da Costa, 1874:16. Decerto que essa abertura do cemitério a outras crenças, não se deu sem conflitos. Embora, não se tenha identificado, até o momento, como isso ocorreu na cidade das Alagoas, o que houve em Maceió dá uma amostra da resistência da Igreja quanto ao tema. A esse respeito Cf. ROSSITER NETO, 2018:55.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

sido observado quando se tratou dessa mesma escolha para a cidade das Alagoas, uma vez que certamente, havia um entendimento comum entre os pares (médicos e engenheiros) quando se tratava desse tema. No caso da capital, os pontos mais minuciosamente observados foram: a direção dos ventos; a natureza do solo; a posição topográfica do terreno e dos lugares adjacentes. Nesse sentido, a comissão encarregada adverte que os ventos deveriam inicialmente passar pela cidade e depois pelo lugar onde estariam depositados os mortos, de forma a levar para longe dessa os gases emanados das sepulturas, e que não poderia haver no terreno reservatório de água subterrâneo para que, em nenhuma hipótese, substâncias impuras pudessem vir a contaminar fontes de abastecimento da cidade. Para uma comissão cujo entendimento era a de que “*um cemitério é somente um jasigo dos mortos*” e, portanto, sujeito tão somente às leis da física e da química, tais eram os elementos que deveriam ser considerados na escolha do terreno onde ele deveria ser implantado (FIGUEIREDO - Relatório), 1850:16-24). Isso demonstra que, pelo menos no discurso, aspectos simbólicos relacionados ao lugar dos mortos, não estavam sendo considerados.

Não se sabe se os responsáveis pela nova definição de um terreno para o cemitério da cidade das Alagoas chegaram nesse nível de minúcias, mas, provavelmente, pelo menos, alguns dos critérios acima elencados tenham sido levados em conta. O que importa é que, finalmente, a cidade contava com o seu “*memorial da morte*”, alcunha dada por Sávio de Almeida (1996:109) aos cemitérios emergentes após o cólera, o qual estava, aparentemente, compatível com as recomendações relacionadas à higiene e aos desejos de renovação dos modos urbanos. É possível que se tenha atentado para as questões relacionadas à topografia e à direção dos ventos, pois foi instalado em uma das cotas mais elevadas da cidade. Está relativamente próximo do núcleo habitado, mas suficientemente afastado para não contaminar os vizinhos com a sua presença.

Quanto à sua forma física inicial, não foram identificados registros, mas o modelo usado para a construção do cemitério de Pão de Açúcar, em data e contexto igual, pode fornecer uma aproximação de como ele teria sido concebido:

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O Cemiterio da Villa de Pão de Assucar de conformidade com a planta quinta é um quadrado de 44,^m88 (200 palmos) de lado, formado de paredes de alvenaria de tijolo de 0,^m22 de espessura e 1,^m66 de altura acima do nível do solo. Nos quatro ângulos do quadrado e na entrada do Cemiterio, formando corpo com as paredes existem pilastras de 0,^m66 de largura. Para maior segurança da obra na distancia indicada na planta existem pequenas pilastras de 0,^m44 de espessura (2 palmos). Tanto as paredes como as pilastras são construídas sobre um alicerce geral de alvenaria de pedra e cal de 0,^m44 (2 palmos) de espessura e 0,^m66 de altura.¹⁹³

À re-territorialização da Morte se segue um movimento de afastamento do convívio dos vivos, afinal a forma como se lida com o lugar/cemitério influencia na forma como se lida com os mortos. Como arremate final para as mudanças de comportamento, são estabelecidas regras que são categóricas e definem muito precisamente a nova maneira de se comportar frente ao evento funerário.

O Código de Posturas da Câmara Municipal das Alagoas foi estabelecido em 1889 e, na parte relativa aos enterramentos, anunciava:

Art. 52 - É expressamente prohibido enterrarem-se corpos dentro das Egrejas e sachristias.

Art. 53 – Nenhum corpo de adulto ou parvulo de qualquer condição, cor ou estado, será conduzido ao cemitério publico sem ser em caixão fechado, coberto, quando a enfermidade de que tiver falecido for epidêmica ou contagiosa.

Art. 54 – Todo corpo será enterrado de modo que fique, se menino, seis palmos abaixo da superfície, não havendo mais de um corpo em cada cova, salvo se, entre um e outro ficar uma camada de terra de espessura de outros seis palmos.

Art. 55 – Nenhum enterro se poderá fazer antes das seis horas da manhã e depois das seis da tarde, excepto nos casos de epidemias.

Art. 56 – Nenhuma exumação se fará antes de dois annos, salvo se for por diligencia policial, ou ordem da autoridade competente.

Art. 57 – As covas ou catacumbas onde se fizerem as exumações não poderão estar abertas por mais de 24 horas.

Art. 58 – Nenhum cadáver poderá estar insepulto por mais de 24 horas.

¹⁹³ Descrição da obra do Cemiterio da Villa de Pão de Assucar, Repartição de obras publicas, 27 de abril de 1871. In: Caixa 0258, Maço 1871.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Art. 59 – O infractor ou infractores de qualquer um dos art. Antecedentes soffrerão a multa de 10\$000 cada um.

Art. 60 – São prohibidos os dobres fúnebres em épocas de epidemia, bem como nos tempos normaes, dobres e repiques para mais de 4, por qualquer adulto ou parvulo que falecer, não podendo cada um dos mesmos dobres e repiques exceder de 4 a 6 minutos. Os infractores pagarão a multa de 5\$000, cada um.

(...)

Art. 104 – Fica também prohibido o não menos inconveniente costume de se fazer quarto ou vigília aos corpos dos finados perturbando o socego da noite com vozerias, rezas e canticos em altas vozes. Os infractores soffrerão a multa de 2\$000, cada um.¹⁹⁴

É interessante observar que cada um dos artigos contempla justamente os elementos que mais fortemente caracterizaram as práticas funerárias locais: a igreja como local de sepultamento, a tradição do corpo ser conduzido ao cemitério em redes, os velórios pranteados, os dobres de sinos.¹⁹⁵ Há também que se atentar para os itens que tentam impedir justamente a ocorrência de fatos que escandalizaram a população, como mortos insepultos, pessoas enterradas umas sobre as outras, ou a abertura de covas ou catacumbas ocupadas recentemente.

Em meio a todo esse cenário de disputas que antecedeu à concretização do cemitério público da cidade das Alagoas, e de uma situação funerária que beirava o drama, surge um personagem especial no contexto da prática religiosa, não apenas daquele lugar, mas de toda a província alagoana: o missionário capuchinho. De acordo com o Frei Hugo Fragoso (1985-1986:54), historiador da OFM, em 1843, o governo imperial mandara buscar missionários capuchinhos na Itália, entendendo que estes estavam mais aptos a desenvolver trabalhos junto às populações, não apenas nos processos de evangelização, através das santas missões realizadas em vilas e cidades do interior, mas, também, no apaziguamento dos ânimos, em um período onde conflitos armados se sucediam. Queiroz (2015:115) afirma que os “*barbudinhos de hábito marrom*” desempenharam significativo papel no território alagoano,

¹⁹⁴ Estado de Alagoas, Leis e Actos de 1888 a 1889, 1893:148,149,155.

¹⁹⁵ De acordo com relatos obtidos em conversas informais com moradores mais antigos da cidade, era comum se ver os corpos sendo conduzidos ao cemitério em uma rede. Quando a condição da família permitia, ele baixava à cova enrolado em um lençol, quando não, era simplesmente a terra que o envolvia.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

“seja como missionários pregadores do arrependimento e da penitência, seja como construtores de igrejas ou como pacificadores de rebeliões e guerras civis”.¹⁹⁶

Lembrando que as demais ordens religiosas, maiores responsáveis pelos movimentos de catequese no período colonial, no século XIX sofreram várias medidas restritivas que limitaram sua atuação no XIX (FRAGOSO, 1985-1986:49). Por isso,

Pode-se dizer, sem exagero, que a evangelização do interior nordestino, na segunda metade do século XIX, foi precipuamente uma obra dos capuchinhos da Penha. (Costa, Apud FRAGOSO, 1985-1986:56).

A atividade que mais fortemente marcou a passagem dos frades italianos pelo Nordeste, sem dúvida foram as missões, as quais tinham uma peculiaridade muito especial que era a de recuperar e fortalecer um tipo de religiosidade cujas origens estavam na Idade Média, e que se caracterizava pela forte apologia à penitência como caminho para a salvação. Nesse sentido, as pregações capuchinhas tinham como conteúdo principal a justiça divina, gravitando em torno desse tema alusões ao pecado, à morte, o julgamento e o inferno (FRAGOSO, 1985-1986:47). Mas a presença dos frades não se voltava apenas para a recuperação moral dos fiéis, pois havia um compromisso firmado com o governo provincial para contribuir nas obras urbanas. Nesse sentido, eles foram de grande ajuda na construção e recuperação de igrejas e de cemitérios de vilas e cidades alagoanas e eram disputados pelos políticos que viam neles a possibilidade de realização de obras, onde os recursos financeiros e humanos eram exíguos. É dentro desse espírito que Anselmo Francisco Peretti, se dirige à Assembleia Legislativa, lembrando o quão proveitosa seria a presença dos frades na Província:

Não posso deixar de instar comvosco para que façais algum sacrifício pecuniário mandando vir da Italia, uns três ou quatro capuchinhos, a fim de auxiliarem os nossos Sacerdotes na pregação da sublime doutrina do Evangelho, que difundida por estes dignos Religiosos tem em nosso paiz feito brotar os mais abençoados fructos (PERETTI - Falla, 1844:10).

¹⁹⁶ Os capuchinhos foram convocados em várias ocasiões para atuar como agentes de pacificação em conflitos variados, a exemplo de Cabanos, Lisos e Cabeludos e Canudos. A esse respeito, Cf. FRAGOSO, 1985-1986 e QUEIROZ, 2015:116.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O esforço do governo para contar com a presença desses frades se devia, em parte, à capacidade que eles tinham de atrair e engajar os moradores de vilas e cidades nas obras urbanas necessárias, obtendo com alguma facilidade, não apenas a doação de recursos financeiros, mas, sobretudo, conseguindo que as pessoas se doassem como mão de obra.¹⁹⁷

A referência mais antiga relacionada à presença capuchinha na cidade das Alagoas, no período oitocentista, é de 1849, quando um religioso responde ao presidente a respeito da possibilidade de iniciar uma missão naquela localidade.¹⁹⁸

Não tendo obtido maiores informações a respeito de ter havido missões na cidade das Alagoas, nem dos períodos em que foram realizadas, a sua presença aparece registrada com mais frequência a partir da década de 70 do século XIX, quando se sabe que os religiosos foram convocados e mostraram fundamentais na recuperação do conjunto carmelita e na construção do cemitério público, cuja decisão provincial já determinara a localização junto ao convento. Os frades foram responsáveis pela obra, incluindo as providências para a aquisição de materiais, também nomeando pessoas para acompanhar os serviços e angariando mão de obra para executá-la. Segundo relato do presidente da província:

O incansável missionário fr. José Maria de Palermo e seu zeloso successor o vice-commissario fr. Fidelis Maria de Fognano, ambos vindos a pedido meu, não se limitaram a fazer o muro, gradeamento e outros serviços peculiares para o cemiterio. Com a generosa cooperação dos fieis, que carregavam pedras, ofereciam outros materiaes e prestavam serviços, melhorou-se consideravelmente o estado de uma parte do convento, da igreja respectiva, assim como da ordem 3ª, servindo um dos templos de capella do cemiterio. Esses monumentos iam já cahindo em completa ruina, quando foram amparados (FIGUEIREDO JÚNIOR - Relatório, 1871:17).

¹⁹⁷ Também em Maceió, a presença de um capuchinho foi fundamental para impulsionar serviços importantes como a construção da catedral, pois que ele: *“reunia alguns conhecimentos de mecânica (...) despertou o zelo religiosos dos maceioenses, fazendo-os carregar immensa pedra, e mais materiaes; e então vimos erguer-se, como por encanto, toda a fachada (...) e tudo isto com uma economia nunca vista”*. In: FIGUEIREDO - Falla, 1850:15.

¹⁹⁸ Ofício de Frei Euzebio de Sales Cap. In: Caixa 0446, Maço 1849 – Officios de Missionarios Capuchinhos desta Provincia – Maceió.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

A documentação acessada indica também que possuíam conhecimento técnico na área da arquitetura e da engenharia, o que lhes permitia analisar documentos produzidos pelo engenheiro provincial, relacionados à obra e à recuperação da igreja e da capela contíguas. A figura 70 (XL) mostra o capuchinho Frei Francisco de Vicência, responsável pelo projeto do Colégio Orfanológico São Joaquim, em Jaqueira/PE, inaugurado em 1875. O religioso foi retratado portando instrumentos de desenho arquitetônico e com um projeto em mãos.

À frente das providências para sua conclusão, eles defenderam a ocupação do cemitério público e o fim do uso dos recintos das igrejas e de suas faixas cemiteriais, por ocasião dos conflitos verificados entre a Câmara, os franciscanos, a comissão de obras e o pároco Domingos José, com o qual, aparentemente, mantinham uma relação amigável, ao contrário do que se via entre esse e os religiosos da OFM do ramo observante.

Não há registros dos argumentos usados pelos capuchinhos para convencer as pessoas a se engajarem nos trabalhos de construção do cemitério, mas, considerando os problemas ocorridos por ocasião dos sepultamentos, decerto a população estava ansiosa por uma resposta mais condizente. Some-se a isso a eloquência de uma oratória inflamada aliada a uma cenografia coerente com o conteúdo do discurso. a esse respeito, Fragoso faz referência ao que ele chama de “*cenarismo espetacular*”, que incluía sermões exaltados cujos resultados eram as fortes emoções provocadas nos ouvintes.¹⁹⁹ Segundo o pesquisador franciscano, o próprio Câmara Cascudo reconhecia uma identidade muito particular nos sermões capuchinhos, caracterizados que eram por um tipo de oratória que queimava como brasa, ao mesmo tempo ardente e rude, arrebatadora e feroz.

¹⁹⁹ De acordo com Fragoso (1985-1986:47-48), estava incluído nas Santas Missões o ritual simbólico de acendimento de uma grande fogueira, onde objetos relacionados à vaidade e prazeres mundanos (instrumentos musicais, jogos, roupas consideradas indecentes, etc.) eram queimados em alusão ao desapego das coisas que não valiam a pena. No ano de 1871, um jornal publicava o relato de uma procissão da penitência conduzida pelo missionário, Frei José Maria de Cataniceta, ocorrida na vila do Pilar, em Alagoas, onde chamam a atenção os diversos sinais de auto-punição que homens e mulheres impunham ao próprio corpo (Seixas, 2010, Apud CUNHA, 2011:33).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Cabe destacar que, ao longo de sua trajetória no Nordeste, os capuchinhos conquistaram uma aura de santidade que era fortalecida a cada missão realizada. Nas vilas e cidades alagoanas o fenômeno não foi diferente. Discorrendo sobre Frei Dorotheu de Loretto,²⁰⁰ com quem convivera na região são franciscana, entre Alagoas e Sergipe, o Cônego Machado de Mello fornece um panorama de como os capuchinhos eram percebidos naquele meio. Ao longo do texto, o Cônego discorre sobre a visão amigável que se tinha dos capuchinhos, ao contrário do que nutriam pelos padres diocesanos, para com os quais a população mantinha um certo desprezo e descrédito, afirmando que “*padre que come feijão não faz milagre*”. Ou seja, os frades italianos gozavam de prestígio junto ao povo simples. Nessa perspectiva, Frei Dorotheu é apresentado como uma pessoa dotada de faculdades espirituais especiais e a mística a ele atribuída se deve à vida enclausurada que levava, as punições corporais que se impunha, ao hábito franciscano que trajava e a longa barba branca que descia até o umbigo. Por isso, visto pelos fiéis como “*um super-homem, um semi-deus*”, ele era capaz de transformar palavras em profecias, gestos em ordens, conselhos em determinações irrecusáveis (MELLO, 1913:59).²⁰¹

Diante do que foi exposto, percebe-se que os capuchinhos circulavam naqueles sítios com naturalidade; apesar da maioria deles ser de italianos recém-chegados ao país, conseguiram se comunicar numa língua compreensível ao povo, ou, pelo menos, se expressavam através de um discurso que fazia sentido para a população, o que resultava que essa mesma população nutrisse por eles verdadeira devoção. Esse mesmo sentimento pode ser comprovado ainda no século XX, com Frei Damião de Bozzano, que congregou em torno de si milhares de fiéis, durante sua longa caminhada missionária no Nordeste, e cuja retórica manteve a mesma força dos discursos oitocentistas, no que se refere ao pecado e às penas eternas.²⁰² (ver figura 70).

²⁰⁰ Frei Doroteu de Loreto nasceu na Suíça e foi ordenado na Itália, chegou à Ilha de São Pedro muito jovem, em 1849, e permaneceu até sua morte em 1878, na cidade de Piaçabuçu (AMORIM, 2017).

²⁰¹ Ressaltando as façanhas extraordinárias de Frei Dorotheu, ele narra as raras virtudes do frade e os milagres a ele atribuídos pelo povo, incluindo o exorcismo de uma criança, apesar de ressaltar que alguns desses casos possam ser mero resultado do que ele chama da “*crendice e superstição*” popular (MELLO, 1913:61).

²⁰² O frade italiano chegou ao Brasil em 1931, onde permaneceu até sua morte em 1997.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Imbuídos desse espírito, não seria difícil para os missionários que estavam na cidade das Alagoas atrair a solidariedade para com a obra do cemitério, arrecadando fundos, estimulando o trabalho braçal. Afinal, como não se solidarizar com um projeto que prometia um final para o dramático desabrigo no qual os mortos se encontravam? Por outro lado, quando falavam da Morte, objetivando reforçar as sensações, transportavam os fiéis para o ambiente funerário criando um espetáculo onde fé e medo se misturavam, o que pode ser observado nesse relato de um capuchinho, disponibilizado por Fragoso:

Ao romper da aurora com velas acesas iluminando o ambiente das sepulturas... apontou (o missionário) as sepulturas, que falavam do nada da vida terrena e das suas vaidades", descrevendo palpavelmente a putrefação cadavérica da morte. Ou os Sermões do Perdão, diante da imagem do Crucificado num tom de diálogo emocional, e citando os casos concretos de inimizades, até levar o povo a gritar "perdão"! perdoamos! (Frei Jacinto de Palazzolo, 1966, Apud FRAGOSO, 1985-1986:58)

Em pleno final do século XIX, quando a mentalidade religiosa dava sinais de alguma moderação no repertório de crenças relacionadas à Morte, saem de cena os franciscanos observantes que ocupavam o convento e surgem os franciscanos capuchinhos, com sua presença apaixonada e vibrante, recuperando ritos, inflamando a fé, instigando a emoção. No início do século XX, os moradores mais velhos da cidade ainda se lembravam de como eram passionais suas demonstrações de fervor religioso. Na obra *Curupio* (1992), o autor compartilha histórias ouvidas dos mais velhos, a respeito de como os capuchinhos manifestavam sua religiosidade de forma passional:

Soube, por exemplo, que durante a Semana Santa, à noite, os dedicados monges percorriam, seminus, as ruas da cidade e praticavam autoflagelação, em louvor a Jesus Cristo, ao som das matracas e lamentos sacros (BITTENCOURT, 1992:57).

Não foram identificadas informações a respeito do tempo que esses missionários permaneceram no lugar, mas se sabe que estão associadas a eles as fases iniciais de construção do Cemitério Público.

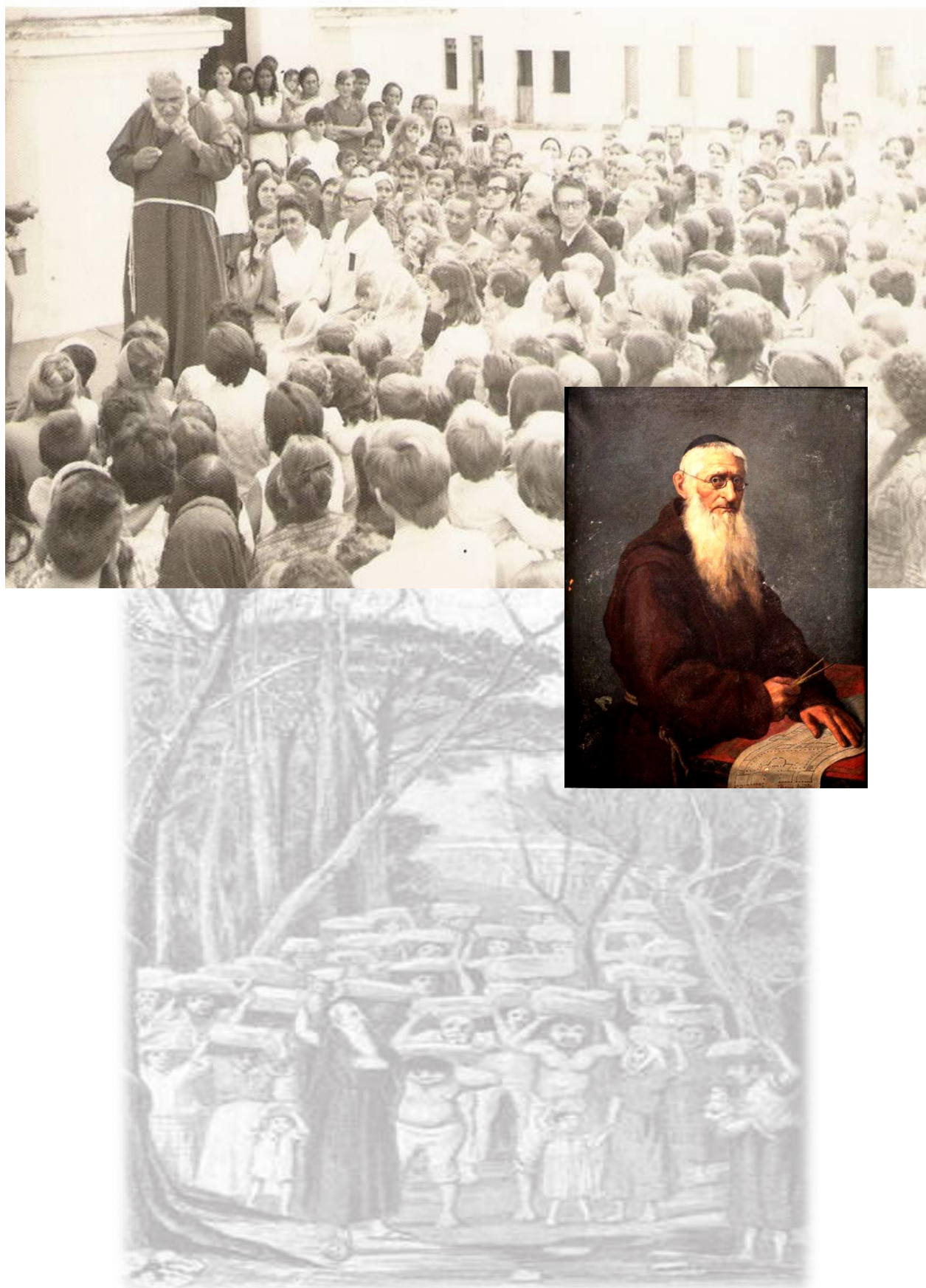


Figura 70: Imagem de missão realizada por Frei Damião Cap. (data não identificada); Frei Francisco de Vicência Cap. (séc. XIX); Trabalho de construção como atividade de uma missão capuchinha.
Fontes: http://saomamede1.blogspot.com.br/2017/05/morte-de-frei-damiao-completa-20-anos_31.html; CORREIA, 2001:23; MORAES, 2002:174.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Durante as décadas de 70 e 80, uma farta produção de documentos informam as más condições em que o espaço se encontrava, incluindo um relato da Câmara Municipal afirmando que o cemitério estava em ruínas, apesar de já estar “*entregue à servidão pública*” (BRANDÃO - Falla, 1878:25). Aqui se coloca uma reflexão: para o cemitério estar em ruínas tão pouco tempo após ser construído pelos capuchinhos, seria necessário um certo abandono do poder público local. Esse por sua vez, há algum tempo solicitava ao governo a autorização para a cobrança de taxas pelos enterramentos, justificando que os recursos garantiriam sua manutenção.²⁰³

É possível que a adesão ao novo lugar dos mortos não tenha sido calorosa nem absoluta, pelo menos não em seus princípios. Talvez restasse na memória urbana tantos eventos tristes relacionados ao local, reforçados pelo fato de, ao contrário da possibilidade do re-encontro promovido pelas igrejas, ele remetesse apenas à despedida, pois que não era um espaço de frequência diária, como o eram as igrejas. Decerto também que, alterar definitivamente um cotidiano marcado pela proximidade entre vivos e mortos levaria mais alguns anos para se consolidar.

Uma mostra da resistência são as evidências de sepultamentos no interior de todas as edificações religiosas da cidade, com detalhamento de datas que comprovam que o comportamento funerário antigo se manteve, pelo menos, até a metade do século XX. É possível que, em alguns casos, se tratassem de sepultamentos secundários, ou seja, apenas as ossadas eram transferidas, mas, de qualquer forma, deixa antever que, para alguns, se seus ossos estivessem sob a guarda de uma igreja, sua alma teria mais conforto.

A Igreja de Nossa Senhora do Amparo é a que apresenta mais evidências dessa mentalidade que teima em manter-se, apesar da maioria delas já estar na contramão do comportamento religioso de então. Na sua nave aparecem onze lápides fixadas a uma das paredes laterais, e

²⁰³ Na ocasião, a Câmara afirmou que os recursos gerados pela cobrança das taxas permitiriam os reparos necessários à conservação do cemitério e que não seriam aplicadas às pessoas miseráveis. In: MORENO - Relatório, 1873:20.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

uma fixada ao chão da capela-mor. As datas remetem a falecimentos ocorridos em 1845, 1868, 1898, 1908, 1917, 1923, 1924, 1929, 1931, 1935, 1938, 1943, até 1944.

Pela história dessa igreja, evidencia-se que a sua ligação com a Morte foi muito forte, seja como impulso para sua criação, conforme aqui defendido, seja como exercício de uma função essencial que possibilitou sua manutenção ao longo do tempo. E isso, de alguma forma, mesmo que não especificado, chamou sempre a atenção e de alguma forma a difere em relação às demais. Em documento datado de 1950, dirigido ao presidente General Eurico Gaspar Dutra,²⁰⁴ assinado pelo vigário e várias senhoras da cidade, se afirmava a decadência física na qual se encontrava a edificação, ao tempo em que se pedia ajuda para sua recuperação, afirmando sua importância pelo fato de ali estarem sepultados pessoas ilustres da cidade.²⁰⁵ O pedido é encaminhado à Diretoria do então Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Divisão de Estudos e Tombamento, que inicia estudos sobre as edificações citadas no documento: Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Convento de Santa Maria Madalena. O arquiteto Lúcio Costa, então diretor da DPHAN, ao manifestar-se sobre o tombamento pleiteado, afirma que a “*Igreja do Amparo é destituída de maior significação, apesar de sua graciosa portada e da circunstância de estarem ali sepultadas algumas personalidades ilustres*” (Processo de Tombamento nº 426-T-50/DEPAM/IPHAN, pp. 5). Ou seja, parte do seu reconhecimento e afirmação de importância histórica e cultural, seja pelo povo da cidade, seja pelos olhos dos intelectuais da época, se dava pelas sepulturas existentes, as quais talvez já não tivessem relação com os pardos que fomentaram e propiciaram sua construção. Se hoje ela é usada para a realização de velórios, apesar de haver junto do Cemitério Público duas igrejas disponíveis, alguma relação se conservou na memória urbana de um tempo onde tão fortemente a igreja era associada aos mortos.

²⁰⁴ General do Exército, foi o décimo sexto Presidente do Brasil, no período de 1946 a 1951.

²⁰⁵ Essa carta integra o “Processo de Tombamento nº 426-T-50 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Convento-Igreja de São Francisco (Orfanato São José), Marechal Deodoro – Alagoas”. Arquivo do Departamento do Patrimônio Material do IPHAN.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Ainda no que diz respeito às lápides, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário elas são quatro, sendo três localizadas no chão da capela-mor e apenas uma na nave, e referem-se a falecimentos ocorridos em 1911, 1912, 1916 e 1939. Na Igreja Matriz, existem cinco lápides, sendo 3 no chão da secretaria paroquial, de falecimentos ocorridos em 1895, 1908 e 1953, e e uma embaixo de uma escada, de 1922, e outra, de maior porte, na capela-mor referente ao sepultamento de um padre, em 1965. No Convento Franciscano aparecem lápides fixadas ao chão, sendo três na nave da igreja, relativas a falecimentos ocorridos em 1905, 1930 e 1969. No claustro existe uma com a inscrição de 1868. Na capela da Ordem Terceira há outras quatro fixadas na parte posterior do arco cruzeiro, com datas de 1920, 1922, 1933 e 1940.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo também apresenta uma grande concentração de vestígios de sepultamentos, estando todas as lápides localizadas no corredor lateral direito, onde, ao fundo, existe uma capelinha. São ao todo onze, parte delas nas paredes e outras no chão. Referem-se a falecimentos ocorridos em 1875, 1879, 1883, 1890, 1892, 1896, 1897, 1926, 1928, 1940, 1957.²⁰⁶ Na capela da OTC, não foram encontradas lápides.

Observa-se a partir das datas indicadas nas pedras que, com exceção de duas delas localizadas no Amparo e uma no claustro franciscano, todas as demais são referentes a mortes ocorridas após a fundação do cemitério público e com a legislação proibitiva já bem definida. Daí, depreende-se que houve resistência no uso do novo equipamento urbano.

Analisando mais cuidadosamente a forma como as lápides estão arrançadas, especialmente no caso do Amparo e do Carmo, todas muito juntas umas das outras, a princípio, a disposição parece artificial. A localização atual delas pode ter sido resultante de iniciativas tomadas quando houve intervenções nos pisos e se achou por bem manter, pelo menos uma parte delas, no local que lhe pareceu mais conveniente e, com isso, preservá-las. Não deixa de ser uma

²⁰⁶ De acordo com o Relatório Final: pesquisa arqueológica no largo do Carmo, município de Marechal Deodoro, Estado de Alagoas, 2016:48, das onze lápides existentes na igreja conventual, seis são relativas a ossários e as demais a sepulturas.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

estratégia de resistência do costume, ou sinal de respeito à escolha daqueles que insistiram no sepultamento *ad sanctus*.²⁰⁷ Nessa perspectiva, o que importa não são sequer os restos mortais, que podem até ter permanecido na sepultura original, mas a simples memória, materializada na lápide, que um dia seu corpo repousara ali, coisa que as informações sobre a data do nascimento e da morte, alusões a maridos, irmãos, filhos e netos, além de pequenas mensagens, garantem. Para aqueles que tiveram o cuidado de preservá-las, o recobrimento das lápides soaria como um apagamento daquela existência ou, quem sabe, seria como uma segunda Morte.

Esses vestígios funerários são muito diferentes daqueles deixados pelos mortos incógnitos do período colonial, cujas sepulturas ainda estão preservadas no convento franciscano. Usando de meios textuais e iconográficos, se deixa transparecer nas lápides um cuidado com as informações ali deixadas. Nos desenhos aparecem, da singeleza de flores e folhagens, a elementos associados à Morte, como caveiras, âncoras, cruzes e ossos, alertas à efêmera condição humana. Breves mensagens convocam a solidariedade dos vivos: “*Orai hoje por ela, orarão amanhã por ti*” (1916), ou ainda, “*Neste túmulo onde descanso peço-vos que oreis por mim*” (1923). Em outras, surgem afetuosas despedidas: “*Honra e Trabalho - Seus filhos agradecidos e saudosos*” (1875); “*Eternas saudades de seus paes*” (1905); “*Saudoza recordação de sua filha e lágrimas de seus irmãos*” (1923). E, no Carmo, destaca-se uma placa de maior porte cuja inscrição conta um pouco de uma história que é também a história

²⁰⁷ Essa suspeita, que surge a partir da observação *in loco*, foi confirmada posteriormente após uma conversa informal com um antigo zelador da Igreja do Amparo, em janeiro de 2018, Sr. Sebastião Fernandes, segundo o qual, a igreja possuía muitas lápides em toda a extensão do piso, localizadas mais perto das paredes que na área central, e que ficaram cobertas quando se colocou um revestimento novo sobre o antigo, em tijoleira de barro, no ano de em 1997. Diante da perspectiva de perda dessa memória, uma das famílias da cidade teve a iniciativa de providenciar que aquelas pertencentes a antepassados seus, fossem retiradas e fixadas à parede, conforme se vê hoje. No caso da igreja carmelita, o processo foi o mesmo, só que resultou de uma intervenção restaurativa ocorrida em 2008. É possível que todas as igrejas de Marechal Deodoro tenham, subjacente aos seus pisos atuais, as sepulturas antigas, assim como se comprovou no convento franciscano quando se retirou o piso mais recente e as campas foram reveladas, tanto na igreja quanto no claustro.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

da igreja: “*Protectora desta igreja por ella reedificada em 1874 ... Saudades de sua irmã ... veneração de seu cunhado ...*” (1883).

Da simples leitura das lápides que restaram preservadas, é possível deduzir que, se havia um mecanismo de controle do uso funerário das igrejas, ele não era de todo eficiente.

Não se sabe com maiores detalhes como as confrarias circulavam nesse período, mas teriam elas agido a favor da manutenção da mentalidade antiga no que se referia à ritualística funerária? Já se discutiu aqui que, sem as associações leigas, o fervor religioso não seria o mesmo, especialmente no que se refere aos assuntos da Morte. Então, haveria ainda por trás de cada uma daquelas lápides oitocentistas, um associado e uma confraria atuando em nome dele? Afinal, era justamente na condução dessa atividade que residia a sua maior fonte de renda. E, não sem razão, as ordens terceiras, carmelita e franciscana, possuíam em suas capelas sepulturas disponíveis para receber os irmãos falecidos.²⁰⁸ As demais igrejas também as tinham, mesmo quando se tratava apenas de um quinhão de terra no cemitério externo, como era o caso do Rosário.

Das várias confrarias que atenderam ao contingente populacional do lugar, pouco se sabe quanto à sua origem e membros, estatutos, cerimônias, a exceção dos dados já apresentados a respeito daquelas que já eram atuantes nos séculos XVII e XVIII. Os documentos primários são escassos, mas foi justamente a reunião das informações esparsas que permitiu traçar um perfil breve de quantas e como se comportavam as irmandades e ordens terceiras em atividade no século XIX na cidade.

Quando, em 1835, o Bispo Diocesano, Dom João da Purificação Marques Perdigão, faz a visita pastoral à cidade das Alagoas, ele registra em seu relatório que fora recebido na praia da

²⁰⁸ Artigo XV dos Estatutos da Ordem 3ª do Glorioso Patriarcha S. Francisco, datada de 1868, e Artigo 7º do Compromisso da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, datado de 1866. In: Actos Legislativos do Anno de 1868, pp. 409-433 e 541-555 (edição sem folha de rosto contendo dados técnicos).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

lagoa por várias irmandades e que a do Santíssimo Sacramento tivera o privilégio de conduzi-lo sob o pátio até a Igreja Matriz, o que demonstra a sua deferência em relação às demais. Vê-se aí que, naquela época, já não é a Irmandade da Conceição que domina o ambiente religioso local, como se viu nos séculos anteriores, mas sim a Irmandade do Santíssimo Sacramento, apesar de, sequer, ter compromisso firmado, conforme o bispo faz questão de ressaltar. Na mesma ocasião, ele cita também a Irmandade do Senhor dos Passos. (PERDIGÃO, 1892:56-58).²⁰⁹

Outro raro registro que reúne em um único documento elementos sobre as associações locais aparece no relatório do pároco Domingos Jose da Silva, enviado em 1855 ao presidente da província, determinando a quantidade, onde se reuniam e o patrimônio de cada uma delas, o que permitiu a produção do Quadro 4. É interessante notar que, com exceção do Hospício do Carmo, para cada uma das igrejas havia a presença de duas confrarias. Percebe-se que a Irmandade do Senhor dos Passos, citada pelo Bispo Perdigão vinte anos antes, aqui não é indicada, mas aparecem outras, como a Irmandade das Almas, de Santa Cecília e do Senhor dos Martírios.

²⁰⁹ A unidade episcopal à qual Alagoas, inicialmente, se vinculou foi a Bahia. Após 1676 se liga a Pernambuco, cuja sede funcionava em Olinda. Apenas em 1900 a Diocese de Alagoas foi criada e Maceió assume o status de sede (MERO, 1992:26). Ressalte-se que a visita desse importante representante da Igreja, ocorrida em 1834, constituiu-se em momento de intensas atividades, tais como: pregação, crismas, casamentos, batizados e confissões, observação do estado das matrizes - em seu aspecto físico, paramentos e alfaías; além disso, na condição de agente do aparelho burocrático do governo, ele revia e examinava os documentos obrigatórios disponíveis nas igrejas e assim avaliava o cumprimento das obrigações jurídicas assumidas pela instituição religiosa (PERDIGÃO, 1892).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Quadro 4. Indicação das irmandades existentes na cidade das Alagoas, no ano de 1855.

Denominação	Local de reunião	Bens / Patrimônio
Irmandade de Nossa Senhora da Conceição		Tem patrimônio
Irmandade do Santíssimo Sacramento	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	Possui uma casinha na Rua da Paz
Irmandade das Almas		Sem rendimentos
Irmandade de Nossa Senhora do Rosário	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	Sem rendimentos
Irmandade do Senhor dos Martírios		
Irmandade de Nossa Senhora do Amparo	Igreja de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos	Sem rendimentos
Irmandade de Santa Cecília		
Irmandade de São Benedito	Convento Franciscano de Santa Maria Madalena	Sem rendimentos
Ordem Terceira de São Francisco		Sem rendimentos
Ordem Terceira do Carmo	Hospício do Carmo	Sem rendimentos

Fonte: Caixa 1906 - Maço 1855 – Maço Vigários - Maço Freguesia das Alagoas.

Observe-se que, a exceção da Irmandade do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição, as demais não tinham fontes de rendimento nem patrimônio constituído. Essa parece ser uma forte indicação de que, mesmo que as associações leigas mantivessem o poder religioso junto à população católica, um significativo declínio material se afirmara. Sem patrimônio e sem rendimento, sua atuação ficava comprometida.

O conhecimento da existência dessas confrarias possibilita saber quais grupos eram destacados no ambiente social da época. Considerando os critérios que cada uma das associações definia para a admissão dos membros – quanto à raça, profissão ou inserção social e econômica, se deduz daí o perfil da sociedade. Nesse sentido, a literatura sobre o tema categoriza os associados da forma abaixo apresentada:

Irmandades de Nossa Senhora da Conceição e de São Miguel e Almas eram de brancos ricos; Nossa Senhora do Amparo e Nossa Senhora das Mercês, dos Homens Pardos; Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, de escravos e negros livres; Senhor dos Passos, de militares; Santa Cecília, de músicos, etc. As Ordens Terceiras eram sempre de brancos ricos. As demais associações poderiam ter composições mais misturadas (CUNHA, 2006:1268).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Da classificação acima em rebatimento com os dados constantes do Quadro 4, se observa que no século XIX, a cidade das Alagoas abrigava representações sociais bem definidas compostas por uma elite e por pobres (livres e escravos) e, se movimentando entre essas duas categorias, existia uma classe forte de músicos e militares, pois chegam a associarem-se em irmandades. Na condição de capital da província, a cidade tivera uma grande importância no campo político e, por isso, era natural que abrigasse um considerável contingente militar. A pesquisa de Santos (2016:94) nos arquivos da Cúria Metropolitana de Maceió identificou através de relatórios dos batismos celebrados em Madalena entre os anos de 1825 e 1830, um expressivo número de pais e padrinhos ocupando altos postos dentro da hierarquia militar e, certamente, com grande prestígio no lugar. Daí se justifica também o porquê do uso temporário do convento carmelita como hospital regimental, conforme citado anteriormente.

O mesmo cenário é afirmado em 1861, quando o padre informa ao governo que há diversas irmandades na cidade, mas algumas não atuam porque não têm ainda compromisso firmado. Além disso, é declarado que elas não possuem quaisquer bens de raiz nem tão pouco rendimentos, com exceção daquelas que recebem pequenas taxas de acordo com o que prevê seus estatutos, conforme o informante faz questão de acentuar.²¹⁰ A notícia repetida de que as confrarias não tinham patrimônio significativo, ou não possuíam fontes de rendimento além das taxas comumente pagas pelos associados, mesmo em se tratando daquelas tradicionalmente formadas pela elite, parece indicar que tivesse havido um empobrecimento e que, possivelmente isso se refletisse no desenvolvimento das atividades junto à comunidade católica.

Apesar disso, a segunda metade do século XIX foi fértil em relação à regularização dos estatutos e, até 1871, todas estavam com seus compromissos revistos e alterados, de modo a se adequarem ao novo momento cultural. Reunindo as informações do bispo e do padre, além

²¹⁰ A informação dada pelo Padre José de Souza Barbosa atende a um questionamento feito pelo presidente da província que inclui também perguntas a respeito dos limites e bens de raiz da freguesia, quantidade de igrejas e capelas filiais, e a existência de cemitério. In: Caixa 0456, Maço 1861, Vigários.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

de outras disponíveis na Compilação das Leis Provinciais/1835 a 1872, é possível conferir quais irmandades e ordens terceiras atuavam naquele período: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Senhor Bom Jesus dos Passos, Santa Cecília, das Almas, Bom Jesus dos Martírios, Santíssimo Sacramento, Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco. Destas todas, apenas não foram localizados os estatutos de três delas: Santa Cecília, das Almas e do Santíssimo Sacramento.

É importante esclarecer que algumas irmandades podem ter funcionado mesmo antes de terem seus estatutos ou compromissos aprovados. Da mesma forma, ao longo do tempo, iam sendo feitas alterações e atualizações nos textos fundadores. Um exemplo disso é a Irmandade de São Benedito que teve dois compromissos, dos quais se teve acesso apenas ao último, não sendo possível confrontar o conteúdo do mais antigo com o mais recente, nem identificar suas transformações ao longo do tempo. Mas é certo que elas aconteceram, já que houve cerca de um século de diferença entre um e outro e o contexto histórico e cultural se alterara, especialmente no que diz respeito à inserção social dos negros e aspectos jurídicos relacionados à escravidão. O primeiro foi o documento fundador, aprovado em 1781, pela rainha de Portugal, que deu origem ao segundo, produzido em 1860, aprovado pelo Bispo Diocesano e depois pelo governo provincial. Conforme descrito no próprio documento oitocentista, a revisão do mais antigo surge da necessidade de proceder a uma atualização do texto, sem, entretanto, perder o vínculo com o espírito que animou a criação da irmandade, em seus primórdios.²¹¹

²¹¹ Dados obtidos no manuscrito original “S. BENEDICTO COMPROMISSO – 1860”, que na sua abertura faz alusão ao documento setecentista que lhe deu origem. Apesar de se ter tido acesso à essa cópia original do Compromisso, para a construção do Quadro 5 foi importante analisar também a versão compilada, pois essa trazia importantes recomendações governamentais de alterações na redação, que diziam respeito especificamente à participação plena dos escravos no grupo.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Quadro 5 – Os Estatutos/Compromissos e a condução do cerimonial da Morte pelas Confrarias.

CONFRARIA	VALORES	CERIMONIAL	OBRIGAÇÕES	REGULAMENTAÇÃO
Estatutos da Ordem Terceira do Glorioso Patriarcha São Francisco	10 mil reis no ano da entrada. Mil reis de anuidade.	Dobres de sinos. Missas. Cessão do caixão. Hábito franciscano Enterro na capela ou onde fosse determinado.	Festa das Chagas de S.F. e Procissão das Cinzas. Aceitava homens e mulheres (não estipula condição).	18 capítulos. Aprovados pela Ordem dos Frades Menores em 1868, pelo Bispo Diocesano em 1868 e pelo governo em 1870.
Compromisso da Venerável Ordem Terceira de N. S. do Monte do Carmo	10 mil reis de entrada e profissão. 640 reis de anuidade.	Dobres de sinos. Missas. Cessão do caixão. Hábito carmelita. Enterro na capela ou onde fosse determinado.	Festa de N. S. do Carmo e N. S. da Boa Morte. Aceitava homens e mulheres (não estipula condição).	16 capítulos. Produzido em 1866. Aprovada pelo governo em 1870.
Compromisso da Irmandade de N. S. da Conceição	2 mil reis de entrada e mil de anuidade	Missas. Acompanhamento do corpo à sepultura.	Organização dos membros após a aprovação do Compr. Aceitava filhos livres de mães escravas. Festa da padroeira.	7 capítulos. Produzido em 1867. Aprovada pelo governo em 1870.
Compromisso da Irmandade de N. S. do Rosário	4 mil reis de entrada e 320 de anuidade	Dobres de sinos. Missas. Empréstimo do caixão. Acompanhamento do corpo à sepultura.	Aceitava todas as pessoas, desde que católicas. Não tinha capelão. Esmolava na cidade todos os domingos do ano. Ressalta os poucos membros alfabetizados. Festa da padroeira.	8 capítulos. Produzido pela Irmandade e aprovado pela Igreja em 1866, aprovado pelo governo em 1870.
Compromisso da Irmandade de N. S. do Amparo	Mil reis na entrada e 200 de anuidade. Se pardo cativo, pagaria 4 mil reis de entrada.	Dobres de sinos. Disponham de dois tipos de caixão, o rico e o comum.	Aceitava pardos livres e cativos. Esmolavam na cidade todas as terças-feiras do ano.	18 capítulos. Outra versão atualizada foi aprovada pelo governo em 1853 pelo governo.
Compromisso da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios	2 mil reis de anuidade.	Dobres de sinos. Missas. Empréstimo do caixão. Acompanhamento do corpo à sepultura.	Aceitava homens e mulheres livres. Se reunia na Igreja do Rosário. Festa do padroeiro. Esmolavam na cidade todas as quartas-feiras do ano.	8 capítulos. Aprovados em 1860 pela Igreja e 1861 pelo governo.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Compromisso da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos	6 mil reis de entrada e mil de anuidade.	Missas. Catacumba no Cemitério Público.	Celebrações da Semana Santa. Se reuniam na Matriz. Aceitava homens e mulheres (não estipula condição).	1 capítulo / 29 parágrafos. Aprovada em todas as instâncias em 1871.
Compromisso da Irmandade de São Benedito	Entrada: Livres -2 mil reis; escravos - mil reis; anuidade 200 reis.	Dobres de sinos. Missas. Empréstimo do caixão. Acompanhamento do corpo à sepultura.	Aceitava pessoas livres e escravas. Se reuniam no convento franciscano. Escravos não podiam exercer cargos admin. Pagavam anuidade ao convento.	8 capítulos. Aprovado em 1860 pela Igreja e pelo governo.

Fonte: GALVÃO e ARAÚJO, 1835-1872, Tomos I, IV, VI.
Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo/1803.

Da leitura dos estatutos e compromissos, os quais estão resumidos no Quadro 5, observa-se que em todas as confrarias existe um cerimonial relacionado aos irmãos falecidos, o qual, de modo geral, se constitui em dobres de sinos, acompanhamento do corpo à sepultura, realização de missas, orações, fornecimento de mortalha, empréstimo ou cessão do caixão, cada uma assistindo os membros de acordo com as suas condições financeiras.

Entre elas, apenas os compromissos da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo e da Venerável Ordem Terceira de São Francisco citam expressamente que os irmãos eram sepultados no interior das suas capelas no convento ao qual estavam associadas, mas frisam que poderá também ser em outro lugar desde que assim seja determinado. Isso porque, ambos os estatutos são produzidos quando já havia um movimento em torno da construção do cemitério público, apesar da prática funerária manter-se nas igrejas.

Apenas a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos destaca que os sepultamentos seriam realizados no cemitério público, pois, ao contrário das ordens terceiras, a aprovação do seu compromisso coincide com a fundação do espaço cemiterial oficial. Cabe destacar também que a única irmandade que deixa claro que aceita escravos e livres entre seus membros e que

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

cobra taxa menor para os escravos é a de São Benedito. Seu Compromisso original não fazia restrições à condição social na composição da mesa administrativa, inclusive abria o precedente de que apenas a metade dos membros soubesse ler e escrever, o que a nosso ver, pareceu uma estratégia para garantir uma participação desse segmento. O governo, no ato da aprovação, altera essas disposições e determina que todos os membros da mesa saibam ler e escrever e que apenas pessoas livres integrem cargos importantes, chegando em alguns momentos, a especificar que “*apenas irmãos brancos*” assumam determinadas funções. Chama a atenção, ainda, as irmandades do Rosário e do Amparo, não trazerem mais em suas denominações qualquer referência aos negros e pardos, para os quais foram fundadas. E no que diz respeito a do Rosário, toda relação que um dia possa ter tido com os negros, não aparece mais no documento oitocentista.

A respeito da Irmandade de N. S. do Amparo, se teve acesso apenas ao documento original produzido em 1803 e não ao citado pela Compilação das Leis Provinciais, das quais a única informação diz respeito à sua aprovação em 1853, possivelmente com atualizações ao que lhe antecederia. Do manuscrito mais antigo, alguns dados relevantes se evidenciam: naquela época a irmandade ainda mantinha o vínculo com os homens pardos e isso está especificado no prefácio, embora depois os capítulos demonstrem que os pardos aos quais o prefácio se dirigia eram apenas os livres. Ou seja, a estrutura normativa adere e reafirma a desigualdade, pois, apesar de abrir a possibilidade de pardos cativos se incorporarem ao grupo, restringe sua entrada a um pagamento bem mais caro que aos demais interessados livres, além de reduzir a participação plena, sendo vedado aos cativos servir em encargos da mesa e usar as insígnias da irmandade. Além disso, seu acesso está condicionado à assinatura do seu senhor no termo de entrada. (Ver Anexo D).

A Irmandade do Amparo apresentava em sua constituição vários sinalizadores de hierarquia, calcada em status social e financeiro. Um deles era o fato de dispor de uma tumba chamada “de uso” e outra definida como “tumba rica”. Apesar da carência de dados a respeito dos critérios que permitiram a categorização desses objetos de uso funerário, é possível que

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

tivessem a ver com atributos técnicos e estéticos ligados à fatura e decoração. Ou, ainda, que o “de uso” fosse apenas emprestado, sendo o corpo baixado à terra sem envoltório (ver Anexo D).

A pesquisa permitiu também constatar que as ordens terceiras são as que tem entre seus membros as pessoas mais bem situadas economicamente, já que cobram as taxas mais altas, tanto de entrada como de anuidade. No que diz respeito à inexistência de patrimônio, conforme declarado pelo Padre Domingos, é possível que as condições econômicas dos moradores tenham ecoado na sua receita, levando à diminuindo das doações de bens de raiz, mas isso não paralisou de todo suas atividades. O Estado, através das inúmeras restrições à instituição eclesiástica, contribuiu, em parte, para essa falência. A própria estrutura da Igreja também sinalizava alterações.

As confrarias empobreceram não apenas materialmente, mas, sobretudo, em relação aos estímulos necessários para a manutenção das celebrações de praxe. Como consequência, a dinâmica religiosa vai se restringindo. Portanto, é admissível, diante desse cenário, que a própria ritualística funerária, embora não de todo alterada, já não fosse executada como no passado.

A inserção efetiva do Cemitério Público no meio urbano, em alguma medida alterou a ritualização da Morte, que, a partir dele, talvez tenha perdido algo daquela força simbólica que a caracterizava.

Com isso, capelas, igrejas e conventos são destituídos de uma das suas condições mais emblemáticas, sustentada no entrelaçamento entre o “bem viver” e o “bem morrer”. Sem dúvida, esse deslocamento de função secularmente estabelecida, faz com que os espaços religiosos percam forças e se fragilizem quanto ao simbolismo exercido junto à população, como abrigo de pacífica vizinhança entre vivos e mortos. Não eram apenas os aspectos mais subjetivos evocados pela presença das sepulturas – afeição, saudade, re-encontro, que

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

fortaleciam as relações entre a cidade e os espaços cemiteriais vinculados às igrejas. A estrutura física de naves, claustros e capelas, adjetivada pelo desenho das campas, conformava um espaço cenográfico e contribuía para a sublimação da sua posição junto ao povo. Decerto que o mesmo acontecia com as cruzes que marcavam as covas dos enterramentos externos. As confrarias leigas, por sua vez principais responsáveis pela ritualística ligada aos sepultamentos, complementavam o espetáculo com as cores que faziam a ideologia fúnebre reverberar por mais tempo e mais fortemente na memória individual e coletiva.

É importante destacar que, em paralelo com a afirmação dos cemitérios públicos, tais associações sofriam, nessa mesma época, as consequências de importantes movimentos de mudança nas estruturas da própria religião católica. Uma delas é a Reforma Ultramontana, ou Romanização, de 1874, que, combatendo os excessos, tanto da parte do clero envolvida com escândalos os mais diversos, quanto das manifestações do que se entendia por “religiosidade popular”, defendia que a conduta religiosa dos católicos – religiosos e leigos, fosse ditada por Roma. Se incluía entre os itens questionados, os sinais exteriores de fé, considerados excessos desnecessários, tão fortes em toda a ritualística religiosa até então praticada com toda a força e pompa pelas irmandades. A imprensa divulgava os malefícios de comportamentos que considerava ultrapassados e desrespeitosos e a participação das irmandades é questionada, embora não diretamente:

Todos profanam o templo sagrado de Deus, ninguém respeita o sacrificio da missa, as festas religiosas desafiam a libidinagem, as procissões são escarnecidas, os jejuns são futilidades, as confissões são verdadeiras pandegas, os rosarios foram substituidos pelos colares, e assim o catholicismo está por terra. **Ha por ahi meia duzia de devotos procuradores de festas, verdadeiros crentes na apparencia;** estes são os primeiros em profanarem o culto das imagens, erigindo quadros carnavalescos que só inspiram indignação. (Jornal O Guttemberg, 1883, Apud SILVA, 2018:69). Grifo nosso.

Seguindo a orientação papal, o clero reformado, pouco a pouco, vai diminuindo a autonomia das confrarias para atuar dentro e fora das igrejas. Sávio Almeida (2012) chama a atenção para outro dado que deve ter contribuído para uma diminuição da interferência desses

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

organismos no meio social: as Santas Missões capuchinhas que, para ele, alcançaram no Nordeste tamanho vigor que eram quase como uma outra instituição dentro da instituição maior, a Igreja. Embora não negassem de todo as tradições populares, os missionários defendiam veementemente a submissão aos preceitos estabelecidos pelo poder religioso central vindo de Roma. O pesquisador cita também a influência, nessa mesma época, de outros agentes que, embora tenham sido objeto de muita rejeição e preconceito, começam a se afirmar como novas falas que se fazem ouvir em Alagoas: maçons, espíritas e protestantes.²¹²

Considerando que parte substancial dos recursos materiais obtidos pelas confrarias vinha das celebrações e serviços funerários realizados, então se deduz que, se as atividades foram minimizadas, os primeiros a sofrer as consequências eram seus os cofres. Além disso, configurava-se também em uma perda de poder junto às populações decorrente da diminuição da capacidade operativa.

E como teriam ficado os mais pobres quando suas irmandades dão sinais de enfraquecimento e, ao mesmo tempo, já não os têm como prioridade de atendimento, a exemplo das irmandades de pretos e pardos? Decerto que eles tiveram que se reorganizar e buscar outros espaços onde pudessem garantir alguma assistência, pelo menos na hora da Morte.

É possível que essa seja a justificativa para a presença da Sociedade Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos, instalada na cidade das Alagoas, e da qual não foram encontrados registros escritos que esclarecessem sua origem no lugar, mas que, pelo pouco apurado em conversas informais com moradores locais, até cerca de cinquenta anos atrás, tinha uma vida ativa junto à população mais simples, especificamente nas questões de natureza funerária.

²¹² Ao mesmo tempo em que se abria espaços para manifestações não católicas, seja através da fala, seja através da celebração propriamente dita, aquelas ligadas às religiões de matriz africana eram, desde o início do XIX, oficialmente reprimidas. Isso está bem claro nas restrições impostas nos artigos 2º e 11º da Resolução Nº 10, de 11 de julho de 1839, que estabelece o Código de Posturas da Câmara Municipal das Alagoas. De acordo com o Art. 2º - Ficam proibidos os batuques e danças indecentes, com vozerios, e bebidas espirituosas (...); Art. 11º. Fica proibido o bárbaro e immoral espetáculo denominado – Quilombo. In: GALVÃO e ARAÚJO, 1839:357-358.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Embora não se saiba quando exatamente ela foi fundada, considerando que não é citada em nenhum dos documentos circunscritos ao recorte temporal desta tese, e aos quais se teve acesso, é admissível supor que sua presença resulte da carência de uma entidade que ocupasse o papel até então exercido pelas antigas confrarias, ou seja, ela pode ter surgido na cidade após a consolidação dos processos que culminaram na diminuição da autonomia do catolicismo laico em relação ao clero instituído, ou seja, no fim do XIX ou início do XX. Apesar de correr o risco de minimizar sua abrangência, o que parece é que se tratava de uma associação de caridade, sem maior representatividade social, política e religiosa, como acontecia com as irmandades e Ordens Terceiras, mas que foi, durante um tempo, a grande mantenedora de práticas assistências fúnebres com os mais necessitados.

Com uma sede instalada próxima à Igreja do Amparo, ali mesmo funcionava uma simples capela, com imagens e altares, na qual se celebrava missas e onde os assistidos eram amparados em vida e em morte, tinham garantido o lugar para o velório, recebiam um caixão confeccionado por um dos membros, com materiais e técnicas muito simples, e que, inicialmente, eram usados apenas para carregar o morto até o cemitério e devolvidos para novo uso. Por volta de 1970, os caixões passam a ser doados. Apesar de ter desempenhado importante papel junto ao povo mais carente, a edificação onde eram realizadas suas celebrações está hoje desativada e em estado adiantado de deterioração devido ao abandono. Embora não haja texto escrito, restam algumas poucas expressões de sua existência: sua velha sede e, sobretudo, as poucas lembranças daqueles que alcançaram seus tempos de vitalidade social e urbana. Eventualmente, volta a ser comentada na cidade porque possui bens de raiz, objeto de doações, hoje são disputados pela própria Igreja (ver figura 71 - XLI).

Quando, no fim do XIX, Pedro Paulino da Fonseca reclama da situação das igrejas que, segundo ele estariam abandonadas, não é só o arcabouço físico degradado que ele lamenta. Afinal as edificações apenas refletem o que ele chama de “*cidade sem vida, sem animação, triste e silenciosa*”. (1980:152). Em visita ao convento franciscano, ele chega a recriar os



Figura 71. Sede da Sociedade Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos.
Fonte: Nara Magalhães/2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

elementos simbólicos que constituíam a identidade do lugar e que era tão importante quanto a materialidade através das quais eles se manifestavam:

Aí tive saudades da maneira de sentir de outrora, como que pendurando no olfato o odor do incenso das festas que ali assistira há tão longos anos, impressão que nos ficaram do tempo em que éramos meninos, em luta com o quanto os olhos então ali remiravam, produzindo no espírito a luta entre prazer e tristeza (...) como que ouvi vir do coro o som da música nas festas daquele tempo (...) (FONSECA, 1980:152).

Ora, se objetos e sensações guardam em si elementos que fazem a emoção estabelecer contato com a memória, tudo nas igrejas era capaz de provoca-la, pois atuavam muito fortemente no campo do simbólico. As campas distribuídas nos seus chãos operavam, diretamente nesse aspecto pela visão. Apesar de estarem tão somente distribuídas no piso, de serem desprovidas de alegorias, havia nelas uma cenografia cuja capacidade expressiva alcançava as regiões mais sensíveis dos crentes: a difícil consciência do “*durar e desdurar*” (ARANTES, 1987a:87). Quando deixou de haver uma relação entre sepultura e indivíduo, o culto familiar ao morto, através da manutenção das relações de familiaridade, se desprende do cotidiano.

O cemitério absorve a apatia que se estabelece no lugar; na sua condição de novo território da Morte, mantém-se como um reflexo desse sentimento que se esvaiu: impassível, sem maiores interlocuções, desprovido de sonoridade, e com um uso eventual e que só acontece forçado pela única ocorrência que lhe garante sustentação: o sepultamento. Sem o morto, ele é apenas espaço isolado, um marco do desencontro.

Curiosamente, a cidade também se manifesta diante desse novo elemento urbano com alguma animosidade. Se antes caminhos eram criados em função dos locais de enterramento, agora, ao contrário, se distanciam deles. Embora o crescimento da cidade tenha demandado novas áreas de ocupação urbana, a região onde foi instalado o Cemitério Público de Marechal Deodoro, ao lado do convento carmelita, é pouco habitada, sinalizando o desconforto provocado pela vizinhança com o espaço mortuário. Nessa perspectiva, a expansão urbana se deslocou para outras direções. Só a partir das cinco últimas décadas é que houve uma

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

apropriação, embora tímida, das vizinhanças do cemitério, apesar de ser apenas em um dos lados do amplo terreno vazio que ladeia seu adro monumental. É o próprio cemitério, em sua necessidade de crescer para acolher mais corpos que vai engolindo novo pedaços do terreno.²¹³ A cidade dos mortos avança, mas não se aproxima da dos vivos. A memória sagrada dos falecidos é respeitada à distância e tem dia e hora para se manifestar.

Contudo, ao final dessa pesquisa, não parece que o Cemitério Público tenha sido o grande causador das mudanças de comportamento e das alterações no sistema de crenças, mas, simplesmente, um dos seus reflexos. Outros caminhos já se insinuavam a partir de novos personagens e discursos que passam a integrar a sociedade: o debate higienista, o pretendido Estado laico, a reforma religiosa, a sociedade burguesa, o espaço concedido às diferentes crenças. Some-se a isso uma cidade vivendo em meio a perdas. Perda de status político e econômico, dos moradores mais ilustres, perda dos seus frades, fechamento do seu convento. Até mesmo o pároco, Domingos José, que conduzia firmemente por mais de 40 anos os rumos da paróquia morrera. Como a consciência religiosa se manteria firme diante de uma perspectiva urbana tão secularizada? As grandes representações religiosas estavam, pouco a pouco, se dissolvendo e o que restara era a própria consciência individual de cada um, em relação a viver e a morrer. E é essa consciência que, menos temerosa da religião, aos poucos, vai sendo contaminada pelos novos modos de se relacionar com a vida e com a Morte.

²¹³ Em 2010, há uma ampliação na área posterior do cemitério Nossa Senhora do Carmo, pois como é o único existente atualmente na cidade de Marechal Deodoro, a Prefeitura precisou expandir o espaço para atender a demanda da cidade. (Relatório de Arqueologia, 2017:44).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Morte é um fenômeno controverso em qualquer situação histórica e cultural em que ela se manifeste. Ao mesmo tempo em que há um movimento instintivo de afastamento pelo fato de não haver certezas, além das consequências biológicas decorrentes, também ela atrai e seduz pela aura de mistério da qual se reveste.

Estudar a cidade de Marechal Deodoro a partir dessa perspectiva foi desafiador. A princípio por observar que o tema ainda não fora abordado, mesma havendo investigações aprofundadas a respeito de sua história urbana. Depois, porque, à medida que os estudos avançavam, os sinais de que a Morte fora um agente produtor e transformador do ambiente citadino foram se evidenciando, a princípio, nos registros historiográficos e documentais garimpados ao longo do estudo, para, em seguida, serem constatados na experimentação do espaço, na observação cuidadosa da conduta dos moradores, cujo cotidiano recente é revelador de uma interação secular, de natureza escatológica, persistente entre pessoas e lugar.

O ponto de partida desse estudo foi, desde suas primeiras projeções, as igrejas e os conventos, elementos menos vulneráveis à ação do tempo e onde estava materializada a matriz urbana primordial, na qual estava ancorada mais fortemente a cultura religiosa.

Nessa perspectiva, a priori, o Convento de Santa Maria Madalena, foi eleito como o lugar privilegiado na cultura funerária. Afinal, a Ordem dos Menores inspira uma relação especial com esse tema, uma vez que a perspectiva de finitude da vida corporal opera na vida dos frades a partir de uma visão de familiaridade de tal forma que nenhuma outra entidade religiosa faz.

Como visto, o trânsito de um membro da “familiazinha” franciscana não a fragmenta; pelo contrário, a plenifica pela presença de mais um componente, a “irmã-Morte”, também ela integrante da comunidade. Tratar separadamente do Convento, não apenas sob o viés da

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

materialidade, mas, sobretudo, pela força com que conduziu as questões funerárias no ambiente urbano, permitiu reconhecer sua importância como agente privilegiado dessa cultura, atuando decisivamente na formação da mentalidade do lugar. A partir do particular – o convento, foi natural que a análise da Morte migrasse com desenvoltura para o quadro mais amplo da vida urbana, a cidade. O prestígio do sistema religioso propiciou que as práticas que sustentavam igrejas e conventos ultrapassassem os limites dos recintos edificadas e seus sinais se espalhassem pelas ruas e, alimentados pelas pessoas, impregnassem comportamentos e falas.

Contudo, no decorrer da escrita, outros sinais da Morte foram se apresentando em meio ao espaço habitado, fazendo com a cidade inteira fosse vista a partir da concessão que fizera ao fenômeno, fosse em elementos construídos dominantes, ou em manifestações menos formalizadas, a exemplo de devoções, crenças, celebrações, símbolos.

Pode-se também relembrar fatos ocorridos no início do milênio, com nuances trágicos ou cômicos, quando aparecem restos esqueléticos nos fundos da Matriz e o achado, eminentemente histórico, antropológico e arqueológico, é tratado como caso de polícia.²¹⁴ Posteriormente, com o restauro do convento franciscano, surgem as primeiras marcas visíveis - campas no chão, ossos dispersos que, mesmo discretos, não admitem mais que à curiosidade passageira se siga uma indiferença de longa duração.

Mas é com a pesquisa arqueológica realizada no adro da Igreja Matriz, em 2017, que a cidade, finalmente, enfrenta o desafio de, literalmente, ver aflorar sinais tão claros daquele fenômeno que esteve na base de sua história e de sua vida. Não é mais uma pessoa ou outra que, eventualmente, se depara com restos de sepultamentos em alguma igreja, assim como fizera um dia Enedina, a menina que residiu na casa franciscana quando o prédio foi usado como orfanato, e que, muitos anos depois de tê-lo deixado, entre as tantas lembranças do cotidiano

²¹⁴ Esse caso foi acompanhado pela Prof^a Josemary Ferrare, por volta do ano 2000.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

vivido, abre espaço para rememorar as impressões causadas pela descoberta dos vestígios de sepultamento naquele que era seu lar, apontados por ela como restos de cabelo e caixões, além de ossos.²¹⁵

A arqueologia permite esse rico, porém, constrangedor encontro de uma cidade inteira com a constatação de que, assim como no passado se fizera sem desconforto, também eles, homens modernos, se movimentaram toda a vida sobre despojos humanos, embora o distanciamento cultural já não lhes permita encarar, como faziam os antigos, que ali se materializava, de certa forma, uma continuidade de relações afetivas construídas em vida.

Como foi em sua gênese, a Morte ainda é uma das fortes experiências daquele núcleo habitado. Suas marcas são visíveis nas igrejas, no nome de uma rua essencial nos movimentos de natureza funerária, nos cortejos que se derramam por ladeiras e becos, nas devoções aos santos de livramento, reconhecíveis também na especial e secular veneração à Nossa Senhora da Boa Morte, cuja imagem é ainda mantida e cultuada na igreja carmelitana, ao lado do Cemitério Público. Uma cidade, cuja Lagoa Manguaba, nas margens da qual se implantou, tem um canal batizado de Afoga-frade. Seria o nome uma alusão ao guardião do convento de Santa Maria Madalena que, enquanto clama por São Francisco, sofre a mais terrível das experiências, segundo a mentalidade da época, pois morre sem assistência espiritual, tendo por companhia apenas seus algozes? Ou seria a lembrança dos muitos frades que morreram naquela mesma água, enquanto trilhavam caminhos líquidos exercitando a itinerância? Afinal a estrutura social que se apropria dos lugares perpetua nos seus nomes seus acontecimentos mais marcantes. Nesse caso, o eco de uma Rua dos Mortos, cujos moradores mais antigos ainda especulam sobre os motivos que geraram a denominação. É também mediante um

²¹⁵ Em 1987, Enedina Calheiros de Araújo, então com 70 anos, envia ao Prof. Elias Passos Tenório, fundador e primeiro diretor do Museu de Arte Sacra de Alagoas, o manuscrito intitulado “Relatório de uma ex-aluna e mestra do Colégio de Nossa Senhora do Bom Conselho e Orfanato São José”, onde relata com detalhes como era o cotidiano das orfãs na casa franciscana, no período que ali vivera, de 1937 a 1948, e as impressões causadas pela descoberta dos vestígios de mortos e de sepultamentos naquele que era seu lar. O documento integra o acervo pessoal do Prof. Elias, que me cedeu uma cópia quando vivo.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

evento funerário que se populariza o nome do espaço conhecido como Campo da Honra, mencionado nas fontes oitocentistas e que, apesar de parecer não fazer mais sentido, mantém-se assim denominado. Como se vê, orientada por uma tradição, a Morte permeou o cotidiano urbano de Marechal Deodoro e se manteve, embora hoje seus moradores nem sempre se dêem conta disso.²¹⁶

Com a conclusão da pesquisa, o conhecimento acumulado, agora parece apontar para duas constatações: a primeira mostra a história urbana de Madalena, depois cidade das Alagoas e hoje Marechal Derodoro , profundamente vinculada a um modo de viver em função do morrer, e todas as implicações existenciais envolvidas, que podem ser resumidas nos grandes esforços feitos para garantir uma Morte assistida, o enterro em uma igreja, as missas e rezas que iriam atenuar os dias no Purgatório e a ressurreição no final dos tempos.

Com a maturação do processo intelectual relacionado ao objeto de estudo, um segundo aspecto começa a se materializar e se passa a enxergar os sinais da Morte a partir de outras instâncias de manifestação, nem sempre visíveis, mas possíveis de serem sentidas. O próprio lugar carrega em si algo de finitude. A trajetória de capital à cidade em ocaso possibilita associá-la ao processo de nascimento e de Morte. Como um corpo que nasce, Madalena foi se plenificando ao longo do tempo. Teve seus espaços cemiteriais, suas cerimônias públicas, seus ritos, suas celebrações que, dos começos acanhados, depois assumiram condição de monumentos.

Como um corpo que sofre, ela também viu partes importantes de sua existência irem se desconstruindo. Igrejas, conventos e capelas esvaziados e uma cidade que perambulou sem os sentidos que lhe animaram a existência, levando Pedro Paulino da Fonseca a, em 1883,

²¹⁶ O Canal Afoga-Frade é citado por Otávio Brandão (2001:42), em livro escrito entre os anos de 1916 e 1917. Em 1843, o então Guardião do Convento, Frei João de São Carlos Motta, foi sufocado na lama da lagoa (MENDONÇA, 2018). O afogamento aparece muitas vezes referenciado no documento *Et Orent Pro Defunctis* (sdt). como causa de morte de vários frades residentes no Convento de Madalena. A explicação para o nome Campo da Honra, relacionado a uma briga que termina em morte, relatado pela Prof^a Josemary Ferrare, em conversa informal, que disse ter ouvido essa justificativa nos anos 60 quando frequentava a cidade com a família.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

constatar, amargamente, no que havia se transformado: “*Mais parecia gigante carpideira, de braços cruzados e luto pesado, chorando sobre as ruínas do passado! (...). Que tristeza se apoderou de mim*”.

O mesmo Pedro Paulino que narrara suas festas e procissões, que falara da alegria ruidosa que se instalava por ocasião dos festejos da Páscoa, agora se ressentia do luto pesado que se abate sobre a cidade onde nascera. Essa imagem de agonizante foi bem recorrente nos registros feitos pelos viajantes que por ali passaram em meados do século XIX, sempre se referindo à ausência de vivacidade do lugar.²¹⁷

Hoje a cidade, com seu Centro Histórico elevado à condição de monumento, se esforça para manter o que resta de suas tradições e da sua história. Seria essa a grandeza de Marechal Deodoro? Passar por longos períodos de luto e ainda se manter viva, embora que com suas casas hoje coloridas e recebendo os festejos típicos da sociedade de massa, que anuviam com suas luzes e som alto a serenidade de suas velhas igrejas. Se após tanto tempo, e mesmo sob o impacto de influências variadas, reincidências urbanas e comportamentais se mantêm e ainda reverberam no ambiente habitado e no cotidiano, é porque elas fazem parte de uma cultura fortemente estabelecida. E isso, seguramente, é um movimento de resistência, pois, depois de dois séculos de uma vivência plenificada pela experiência religiosa, ela foi duramente impactada por um processo de desconstrução de tudo que constituía sua identidade cultural. A estratégia de toma-la como exemplo daquilo que se queria alterar, colocando-a no centro do discurso que arranja o velho de forma a sempre confrontá-lo com o novo (cidade das Alagoas x Maceió; século XVIII x século XIX; igrejas x cemitérios; religiosidade apaixonada x atitudes celebrativas comedidas), ao mesmo tempo em que denegria um, qualificava o outro e, com isso, sentenciava o que era passível de descarte e esquecimento legitimando também o que deveria ser protegido e preservado.

²¹⁷ Esse tipo de comentário aparece no Diário de Dom Pedro II, que esteve na cidade em 1859; no europeu Ave-Lallement (1859); e em Hum Brasileiro (1844).

Igrejas, conventos, cemitérios

o Lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

O Cemitério Público, memorial por excelência desse tempo (tempo que é cronológico e é também o da própria partida, como referenciado por Frei André de Santana) é um interessante resultado dessa escolha que foi feita a respeito do que deveria morrer e do que merecia sobreviver. Entretanto, apesar ter sido construído sob o discurso do novo e do moderno, em contraposição a formas antigas de acolher os mortos, já nasce estigmatizado e visto sob um certo desconforto.

Por concentrar a memória das perdas, tem sido desde sempre marcado pelo sinal da exclusão, em todos os aspectos. A reflexão em cima do cemitério se amplia quando ele é olhado a partir das noções usuais de patrimônio histórico. Embora seja parte tão importante da existência da cidade, compartilhando memórias junto às igrejas, às casas, às ruas, às pessoas, não se afirmou como parte da identidade local nem é visto como um dos itens integrantes do conjunto de referências históricas e culturais locais.



Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

A CONSTRUÇÃO DA CIDADE BRASILEIRA. Coordenação de Manuel C. Teixeira. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial: 1500-1800**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

AGOSTINNI OFM, Frei Nilo. **Morte e Vida de São Francisco de Assis**. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/?p=24967#sthash.1MmLvoH0.dpuf>. Acessado em abril de 2015.

AGUIAR, Dom Otávio. Diocese de Alagoas: alguns subsídios históricos. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, Vol 39, ano 1984, Maceió: SERGASA, 1985, pp. 107-122.

ALLEN, Joseph Scott ET all. **Estudo Arqueológico na Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, Porto Calvo, Alagoas**, 2009. Disponível em: http://www.ufpe.br/clioarq/images/documentos/V24N2-2009/7-allen_et_al.pdf. Acessado em julho de 2012.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem no Império. In: **História da Vida Privada no Brasil** (v.2) São Paulo: CIA das Letras, 1997.

ALMEIDA, Ana Cristina Rui. Um modelo de formação monástica oriental: em torno do ideal de pobreza na Escada de Clímaco, e em S. Agostinho, S. Bento e S. Francisco. In: **Modelo: Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval**. Porto: Tipografia Nunes, Lda, 2005, pp. 45 – 55.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Alagoas nos Tempos do Cólera**. São Paulo: Escritura Editora, 1996.

_____. **Memorial Biográfico de Vicente de Paula, o Capitão de Todas as Matas**: guerrilha e sociedade alternativa na mata alagoana. Maceió: EDUFAL, 2008.

_____. Escravidão e Maceió: distribuição espacial e renda em 1856. In: **Pesquisando (n)a Província**: economia, trabalho e cultura numa sociedade escravista (Alagoas, século XIX). Org. Osvaldo Maciel. Maceió: UNEAL, 2011, pp. 81-101.

_____. **Batistas, espíritas e anarquistas**: política e complô nas Alagoas. Tribuna Independente. Maceió, 13 Maio/2012. Contexto. Disponível em: https://contextotribuna.blogspot.com.br/2012/05/almeida-luiz-savio-de_27.html. Acessado em janeiro de 2018.

ALMEIDA, Marcos Antônio de. Reinventando a mística franciscana no Brasil do século XVIII das Quatro Partes do Mundo ao Novo Brasília. In: **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Ano VII, 2008 / n. 13/14, pp. 275-287.

AMORIM, Etevaldo Alves. **Rio São Francisco**: caminhos de Pão de Açúcar. Maceió, Setembro de 2017. Disponível em: <http://www.blogdoetevaldo.blogspot.com.br/>. Acessado em janeiro de 2018.

AMORIM, Maria Adelina. A Formação dos Franciscanos no Brasil-Colônia à Luz dos Textos Legais. In: **Revista Lusitania Sacra**, 2ª série, Nº 11, 1999, pp. 361 a 377. Disponível em: http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4389/1/LS_S2_11_MariaAAmorim.pdf. Acessado em julho de 2014.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. **Os Franciscanos no Maranhão e Grão Pará, missão e cultura na primeira metade dos seiscentos.** Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Mobília. In: **Fala, Amendoeira.** Rio de Janeiro: Record, 1986, pp. 43-45.

ANDRADE, Juliana Alves de. Agricultores, pretos, sitiantes e outras gentes do vale: o universo rural das Alagoas na segunda metade do século XIX. In: **Pesquisando (n)a Província: economia, trabalho e cultura numa sociedade escravista (Alagoas, século XIX).** Org. Osvaldo Maciel. Maceió: UNEAL, 2011, pp. 179-206.

ANTIGUIDADES ALAGOANAS – DOCUMENTOS - DEMARCAÇÃO DAS TERRAS DADAS AOS CARMELITAS, DE 1735. In: **Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano**, nº 11, 1º do Vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879, pp. 31-32.

ARANTES, Adalgisa. Considerações sobre a pompa fúnebre na Capitania das Minas – o século XVIII. In: **Revista do Deptº de História**, nº 4. Belo Horizonte: Deptº de História/FAFICH/UFMG, 1987a, pp. 83-90.

_____. A presença do macabro na cultura barroca. In: **Revista do Deptº de História**, nº 5. Belo Horizonte: Deptº de História/FAFICH/UFMG, 1987b, pp. 3-24.

_____. Piedade barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais. In: **Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte.** Rio de Janeiro: CBHA/ PUC-Rio/ UERJ/ UFRJ, 2004. vol. I. pp. 1-13.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. “A Ordem Carmelita”. IN: **Per Musi**, Belo Horizonte, n.24, 2011, p.54-61. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pm/n24/n24a07.pdf>. Acessado em outubro de 2016.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**: ritos, sabença, linguagem, artes e técnicas. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

ARAÚJO JORGE, Adriano Augusto de. A Guerra Holandesa sob o ponto de vista de suas repercussões sobre o território das Alagoas. In: **Revista do Instituto Histórico e Geographico Aagoano**, v. III, nº 1, Maceió, 1901. p. 33-34.

ARIÉS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**. Vol. I, 2ª edição, Trad. Luíza Ribeiro, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981.

_____. **Sobre a História da Morte no Ocidente**: desde a Idade Média. Trad. Pedro Jordão. Lisboa: Teorema, 1989.

ARQUIVOS PAROQUIAIS E HISTÓRIA SOCIAL NA AMÉRICA LUSA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA NA REINVENÇÃO DE UM *CORPUS* DOCUMENTAL. SÉCULOS XVII E XVIII. Org: João Fragoso, Roberto Guedes, Antônio Carlos Jucá Sampaio. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2004.

ATTESTADO DOS POVOS DA FREGUESIA DE S. MIGUEL EM ABONO DOS CARMELITAS – 1735. In: **Revista do Instituto Archeológico e Geographico Alagoano**, nº 11, 1º do Vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879, pp de 28-29.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem Pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe: (1859)**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ÁVILA, Afonso et al. **Barroco Mineiro** – glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1980.

AZEVEDO, Aroldo de. Vilas e Cidades do Brasil Colonial (Ensaio de geografia urbana retrospectiva). **Revista Terra Livre**, AGB, São Paulo, pp. 23-78, nº 10, janeiro-julho/92. In: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/113/111>.

AZZI, Riolando. **Razão e Fé: O discurso da dominação colonial**. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. **A Igreja na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

BARBOSA, Maria do Socorro F; ACIOLI, Vera Lúcia Costa; ASSIS, Virgínia Maria Almoêdo de. **Fontes Repatriadas** – anotações de história colonial, referências para a pesquisa, índices do catálogo da Capitania de Pernambuco. Recife: Editora da Universidade da UFPE, 2006.

BARBOSA FILHO, Gilberto. **Fragmentos de Uma História**. Índios, brancos e negros no processo de construção da identidade socioeconômica e política de Limoeiro de Anadia. Gráfica Farias, 2011.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário bibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. Vol. II, Tomo II, G – Z. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2005.

BARROS, Theodyr Augusto de. Contribuição à história da antiga capital das Alagoas. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, vol. XXXVII, Maceió: Sergasa, 1981.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

BASCHET, Jerome. **A Civilização Feudal**: do ano mil à colonização da América. Trad. Marcelo Rede. São Paulo: editora Globo, 2006.

BASTOS, Carlos Ramiro. **Memórias de uma Velha Cidade**: Marechal Deodoro. Maceió, 1976.

BAZIN, Germain. **A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**. Trad. Glória L. Nunes, vol. I e II, Rio de Janeiro: Record, 1983.

BENCI, Jorge **Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos** (livro brasileiro de 1700) (Estudo Preliminar) Pedro de Alcântara Figueira; Claudinei M.M. Mendes. São Paulo: Grijalbo, 1977. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/1_Jesuitico/benci_economia_crista_governo_escravos.pdf. Acessado em janeiro de 2017.

BENEVOLLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BERTICHEN, P. G. **O Rio de Janeiro de seus Arrebaldes, 1856**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos editora, 1976.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

BITENCOURT, Ednon. Currupio – **Memórias 2 “Ridendo Castigare Mores”**. Maceió: SERGASA, 1992.

BLUME, Sérgio. **Morte e Morrer nas Colônias Alemãs do Rio Grande do Sul**: recortes do cotidiano. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, 2010. Disponível em:

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/SandroBlumeHistoria.pdf>. Acessada em novembro de 2016.

BLUTEAU, Raphael. **Diccionario da Língua Pôrtugueza Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, Reformado, e Accrescentado por Antônio de Moraes Silva Natural do Rio de Janeiro**. Tomo Primeiro. A-K. Lisboa: Na Officina de Simão de Thadeo Ferreira. Anno M.DC C.LXXXIX. Com Licença da Real Meza da Commissão Geral, Sobre o Exame, e Censura dos Livros. Disponível em: http://purl.pt/29264/3/l-2893-a/l-2893-a_item3/index.html#/4-5. Acessado em janeiro de 2018.

BOFF, Leonardo. **São Francisco, ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BONFIM, Márcio Fernando. **Camaragibe: sua história e sua gente**. “O Porto das Árvores Amarelas”. Maceió, 2010.

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais. **Locus - Revista de História/UFJF**, V. 37, nº 1, 2013, pp. 103-123.

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder (irmandades leigas e a política colonizadora em Minas Gerais)**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BRANDÃO, Otávio. **Canais e Lagoas**. 3ª edição, Maceió: Edufal, 2001.

BURITY, Glauce Maria Navarro. **A Presença dos Franciscanos na Paraíba através do Convento de Santo Antônio**. Rio de Janeiro: G.M.N. Burity, 1998.

CABRAL, João Francisco Dias. Narração de alguns sucessos relativos a Guerra dos Palmares, de 1668 a 1680. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geográfico de Alagoas**, Nº 7, Maceió: Typographia do Jornal das Alagoas, 1873a, pp. 165-171.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. Qual a origem do apelido de São Bento porque é conhecido o outeiro sobranceiro a villa de Santa Luzia do Norte? In: **Revista do Instituto Archeológico e Geográfico de Alagoas**, Nº 2, 1873, Maceió: Typographia do Jornal das Alagoas, 1873b, pp. 8-11.

_____. “Exsquisia rápida a’cerca da fundação de alguns templos da villa de Santa Maria Magdalena da Lagoa do Sul, agora cidade das Alagoas”. In: **Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano**, nº 11, 1º do Vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879a, pp de 1-11 (texto escrito em 1874).

_____. Vestigios de uma antiga família estabelecida no território de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul. In: **Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano**, nº 11, 1º do Vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879b, pp de 14-18 (texto escrito em 1875).

CAETANO, Antonio Filipe Pereira. “Existe uma Alagoas Colonial?” Notas Preliminares sobre os Conceitos de uma Conquista Ultramarina. In: **Revista Crítica Histórica**, Ano I, Nº 1, Junho/2010, pp. 12 – 34.

_____. Ouvidos do Rei, Agentes da Justiça ou Reféns das Tessituras de Poder Local? Os Ouvidores da Comarca das Alagoas (1712-1801). In: **XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social/ANPUH**. Natal/RN, 22 a 26 de julho de 2013, pp. 1-17.

_____. “Pus os óleos santos no párvulo...” Cotidiano, população e relações escravistas na Vila de Santa Maria Madalena Alagoas do Sul (1812-1814). In: **Revista Ultramares**, Número 7, Vol. 1, Jan-Jul/2015, pp. 199-215. Disponível em: <https://sites.google.com/site/revistaultramares/-pus-os-santos-oleos-no-parvulo-cotidiano->

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

[populacao-e-relacoes-escravistas-na-vila-de-santa-maria-magdalena-alagoas-do-sul-1812-1814](#). Acessado em janeiro de 2018.

_____. Entre Engracia, Sofia, Isabel, Luzia e várias Marias... Escravidão e família nos livros de batismo da Arquidiocese de Maceió (Século XVIII-XIX). In: **Quæstionis Documenta – Revista do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió**, Ano I, Nº 1, 2016, pp. 46-74. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/82264f_28c8df8d0a0b42ad8680591897e4343b.pdf. Acessado em janeiro de 2018.

CAMARGO, Luís Soares de. História das Ruas de São Paulo. Uma das condições básicas para o exercício da cidadania é ter um endereço, regularizado, oficializado e denominado. In: **Diário Oficial do Município**, 28/12/1991. Disponível em: <http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/Introducao.aspx>. Acessado em outubro de 2016.

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O Brilho da Simplicidade**: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra/Departamento Nacional do Livro, 2001.

CANTALICE, Marcelino. **O Sim e o Não**. O Contrário e o Contraditório. Penedo: bagaço, 2003.

CÂNTICO DAS CRIATURAS. Disponível em: www.centrinho.usp.br/sfa/ff_02.html. Acessado em maio de 2015.

CAROATÁ, José Próspero. Crônica do Penedo - Efeitos da Revolução de 1817 e a expedição contra a mesma. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geográfico Alagoano**. Nº 2, junho de 1873, Maceió: Typographia do Jornal das Alagoas, 1873, pp 1-8.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

CARTA DA CAMARA DAS ALAGOAS AO GOVERNADOR DE PERNAMBUCO MANOEL DE SOUZA TAVARES, PRESTANDO INFORMAÇÕES EXIGIDAS ACERCA DOS CARMELITAS, 1718. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, nº 11, vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879, pp. 27-28.

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II AO BISPO DE AUTUM, CHÂLON E MÂCON, ABADE DE CLUNY, VATICANO, 2 DE JUNHO DE 1998. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1998/documents/hf_jp-ii LET_19980602_cluny.html. Acessado em novembro de 2015.

CARVALHO, Cícero Pêricles. Formação Histórica de Alagoas. Maceió:EDUFAL, 2016.

CARVALHO FILHO, Pedro Bernardes de. Irmandades Religiosas de Maceió. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, Vol. 47, anos 2005/2009, Maceió: Imprensa Oficial e Gráfica Graciliano Ramos, pp. 154-166.

CASAL, Manoel Aires de. **Corografia brasílica ou relação historico geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a sua Magestade Fidelissima por hum presbitero secular do Gram Priorado do Crato**. Rio de Janeiro: Na Impressão Régia, 1817. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/me003003.pdf>. Acessada em novembro de 2017.

CASIMIRO, Ana Palmira B. S. Quatro Visões do Escravismo Colonial: Jorge Benci, Antônio Vieira, Manoel Bernardes e João Antônio Andreoni. In: **Politeia: História e Sociedade**. Vol I, nº 1, Vitória da Conquista, 2001, pp. 141-159. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/142/156>. Acessado em janeiro de 2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. **A Procissão de Cinza dos Terceiros Franciscanos da Bahia, uma expressão religiosa, pedagógica e barroca no mundo colonial.** Campinas/SP: Librum Editora/Navegando Publicações, 2012.

CASTELAN, Maria de Fátima. **Cosmovisão Africana e o Povo de Israel.** São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos, 2016.

CAVALCANTE, Frei José de Santa Engracia. “Acerca do Convento de São Francisco e vida dos religiosos illustres naturaes das Alagoas”. In: **Revista do Instituto Archeológico e Geographico Alagoano**, nº 11, 1º do Vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879, pp. 12-13 (texto escrito em 1870).

CAVALCANTE, Regina Barbosa Lima. **A preservação do Cemitério Nossa Senhora da Piedade como patrimônio para Maceió/AL.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013. Disponível em: <https://docslide.com.br/education/dissertacao-regina-barbosa-ufal-arquitetura.html>. Acessado em janeiro de 2017.

CAVALCANTE, Ana Luíza. **Caminhos de Maceió, da Lagoa ao Mar, do Trapiche da Barra ao Jaraguá.** Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAU/UFAL, 2017.

CAVALCANTI, Verônica Robalinho. **La production de l'espace à Maceió (1800-1930).** Paris: Universite de Paris I / Pantheon-Sorbonne / Institute d'Etude de Developpement Economique et Social, 1998 (Tese de Doutorado).

CAVALCANTI FILHO, Ivan. Remembering the dead in early modern Brazil. In: **IV Simpósio Internacional de Estudos Sobre a América Colonial – CASO.** Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008, pp. 1-15.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. As principais devoções franciscanas e sua relação com o espaço e a sociedade colonial no Nordeste brasileiro. In: **Anais do 3º Encontro Internacional de História Colonial: cultura, poderes e sociabilidades no mundo atlântico (séc. XV-XVIII)**. Recife, set/2010. Recife: UFPE, 2011a, pp. 14-20.

_____. A devoção à Imaculada Conceição e suas formas de expressão plástica no interior da igreja franciscana no Nordeste do Brasil colonial. In: **Anais do Colóquio de História e Arte**. Recife: EDUFRPE, 2011b, pp. 133-143.

_____. Franciscans and the Parish in Early Modern Brazil. In: **Parish Churches in the Early Modern World**, Edited by Andrew Spicer. Oxford Brookes University, UK, 2016, pp. 265-294.

CERTIDÃO PASSADA PELOS OFFICIAES DA CAMARA DA VILLA DAS ALAGOAS Á CERCA DO ESTADO DO CONVENTO DE S. FRANCISCO – 1759. In: **Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano**. Nº 11, Primeiro do Vol. II. Maceió: Typographia de T. de Menezes, dez de 1879, pp. 34-35 .

CÉSAR, Aldilene Marinho. Transformações na cultura religiosa: os ciclos pictóricos da vida de Francisco de Assis na Itália dos séculos XIII ao XVI. In: **Simpósio Nacional de História**, 25. 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

CHEVALLIER, Jean et al. **Dicionário de Símbolos** – mitos, símbolos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.

CYMBALISTA, Renato. **Cidade dos Vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. **Sangue, Ossos e Terra** – os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro, séculos XVI e XVII. Tese de doutorado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/pt-br.php>. Acessada em janeiro de 2014.

_____. Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVII. In: **Anais do Museu Paulista**. Vol.18 nº 1 São Paulo Jan./Jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142010000100003&lng=en&nrm=iso. Acessado em janeiro de 2016.

_____. Marcando o território com sangue: a presença dos mártires na cartografia jesuítica na América, 1618-1778. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.). **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <http://www.shcu2014.com.br/content/marcando-territorio-sangue-presenca-dos-martires-na-cartografia-jesuistica-na-america-1618>.

CONFLITOS, REVOLTAS E INSURREIÇÕES NA AMÉRICA PORTUGUESA. Vol. I. Org. Filipe Pereira Caetano. Maceió: EDUFAL, 2011.

CORTESÃO, Jaime. O Franciscanismo e a Mística dos Descobrimentos. In: **Revista de las Espanas**, Madri, 1932, pp. 37-42.

_____. **A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil**. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1922.

CORREIA, José de Anchieta. **Morte**. São Paulo: Globo, 2008.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

CORREIA JÚNIOR, João Luiz. Corpo. Uma abordagem bíblico-teológica. In: **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura** - Edição nº 27 – Ano VI – Janeiro/Fevereiro 2010, pp. 51-83. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/12/03-Corpo-uma-abordagem.pdf>. Acessado em janeiro de 2018.

CORREIA, Sylvio Bruno Guerra. “**Uteis a si e à pátria.**” Arqueologia, arquitetura e poder disciplinar: um estudo de caso da Colônia Isabel em Pernambuco. Monografia de conclusão da graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, em São Raimundo Nonato, 2001.

COSTA, Craveiro. **Alagoas em 1931**. Maceió: Governo do Estado de Alagoas, 1931. Disponível em: <http://www.historiadealagoas.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Alagoas-em-1931-menor.pdf>. Acessado em janeiro de 2017.

_____. **História das Alagoas**: resumo didático. Maceió: Sergasa, 1983.

COSTA, F. A. Pereira da. Notícia sobre a fundação da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Bairro de Boa Vista. Anotações. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano**, nº 55, Ano XXXIX, Pernambuco: Typographia do Jornal do Recife, 1901, Pp 271-288. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001340.pdf>. Acessado em setembro de 2016.

COSTA, Alexandre. Prefácio/2013. In: **A cidade Marechal Deodoro**: do projeto colonizador português à imagem do “Lugar Colonial”. Maceió: EDUFAL, 2014.

COUTO, Edilece Souza. Devoções, festas e ritos: algumas considerações. In: **Revista Brasileira de História das Religiões, Dossiê Identidades Religiosas e História**, Ano I, nº. 1, Maio de 2008. Disponível em:

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/01%20Edilece%20Souza%20Couto.pdf>. Acessado em abril de 2017.

CUNHA, Paola Andrezza Bessa. Práticas Educativas no Século XVIII – As Associações Religiosas Leigas dos Homens Pardos. In: **Anais do VI Congresso Luso Brasileiro da História da Educação**: percursos e desafios da pesquisa e do ensino de história e da educação. Abril de 2006, Uberlândia/MG. pp de 1266 a 1273. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/114PaolaAndrezzaBessaCunha.pdf>. Acessado em julho e 2016.

CURVELO, Arthur Almeida Santos de Carvalho. **O Senado da Câmara de Alagoas do Sul - Governança e Poder Local no Sul de Pernambuco (1654-1751)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Disponível em: <file:///D:/Usu%C3%A1rios/ana.magalhaes/Downloads/O%20SENADO%20DA%20C%3%82MARA%20DE%20ALAGOAS%20DO%20SUL%20-%20TEXTO%20COMPLETO.pdf>. Acessado em dezembro de 2016.

_____. **Conflitos na Comarca**: disputas por jurisdição e controle político em Alagoas Colonial (1711 – 1758). In: **Conflitos, Revoltas e Insurreições na América Portuguesa**. Vol. I. Org. Filipe Pereira Caetano. Maceió: EDUFAL, 2011, pp. 55-85.

ANTIGUIDADES ALAGOANAS – DOCUMENTOS - DEMARCAÇÃO DAS TERRAS DADAS AOS CARMELITAS – 1735. In: **Revista do Instituto Histórico, Archeológico e Geográfico Alagoano**, nº 11, 1º do Vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879, pp. 31-32.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ANTIGUIDADES ALAGOANAS – DOCUMENTOS - CARTA DA CAMARA DAS ALAGOAS AO GOVERNADOR DE PERNAMBUCO MANOEL DE SOUZA TAVARES PRESTANDO INFORMAÇÕES EXIGIDAS ACERCA DOS CARMELITAS – 1718. In: **Revista do Instituto Histórico, Archeológico e Geográfico Alagoano**, nº 11, 1º do Vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879, pp. 27-28.

DANTAS, Carmen Lúcia e TENÓRIO, Douglas Apratto. **Caminhos do Açúcar: engenhos e casas grandes das Alagoas**. Brasília: Editora do Senado Federal, 2009.

D'ANGIO, Luiz Vicente Oliveira; MENDES, Taynah Martins; SILVA, Jorge Henrique; SOARES, Fernanda Henrique. **Projeto de Restauração da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Marechal Deodoro**. Trabalho realizado na disciplina Técnicas Retrospectivas do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC, 2016.

DÁ-SE NOTÍCIA DE QUEM FORAM OS PRIMEIROS POVOADORES DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brazil**. 2ª edição, Tomo I, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1856, pp. 214-228.

DICIONÁRIO DO BRASIL COLONIAL (1500-1808). Org. Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **O Banguê nas Alagoas** – traços da influência do sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e na cultura regional. 2ª Edição, Maceió: EDUFAL, 2006.

DOCUMENTO - A PROPÓSITO DE CEMITERIOS. PARECERES DOS CONSELHEIROS DE PROVINCIA ARNAUD E PADRE CYPRIANO. Jan. 24. 1831. In: **Revista do Instituto**

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Histórico, Archeológico e Geográfico Alagoano. Maceió: Oficinas da Livraria Fonseca, 1909, pp 19.

DOCUMENTO 39 – REQUERIMENTOS DO GUARDIÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DA CORTE A S.M.I. SOLICITANDO LICENÇA PARA SEPULTAREM-SE NAQUELE CONVENTO SEUS RELIGIOSOS E ESCRAVOS. Rio de Janeiro, 01/04/1850 - 16/12/1852, 7. **Documentos. Coleção Rio de Janeiro.** Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1426846/mss1426846.pdf. Acessado em junho de 2017.

DOCUMENTO Nº 4 – 1734. CERTIFICADO QUE EM ABONO DOS RELIGIOSOS DO CARMO DA VILLA DAS ALAGOAS PASSOU O VIGÁRIO DA FREGUESIA DE SANTA LUZIA DO NORTE O LICENCIADO DOMINGOS DE SOUZA CARNEIRO, VIGARIO CONFIRMADO DA MATRIZ DE SANTA LUZIA DO NORTE POR SUA Magestade que deos o guarde. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geográfico de Alagoas**, Nº 2, 1875, Maceió: Typographia do Jornal das Alagoas, 1873, pp. 29.

DOCUMENTO Nº 10 – TERMO DE JUNTA QUE FAZEM OS OFFICIAES DA CAMARA PARA EFEITO DE SE ABRIR UMA CARTA DO SENHOR GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL. In: **Revista do Instituto Histórico de Alagoas**, Vol. XVIII, 1935, Nº 61, Maceió, pp. 65 a 66.

DOCUMENTO Nº 17. In: **Revista do Instituto Histórico de Alagoas**, Vol. XVIII, 1935, Nº 61, Maceió, pp. 74.

DUARTE, Abelardo. **Negros Muçulmanos nas Alagoas** (Os Malês). Maceió: Edições Caeté/Imprensa Oficial, 1958.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. **Três Ensaio**s. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1966.

_____. **Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina nas Alagoas**: a viagem realizada ao Penedo e outras cidades sanfranciscanas, à Cachoeira de Paulo Afonso, Maceió, Zona Lacustre e Região Norte da Província (1859/1860). Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos; CEPAL, 2010.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo**. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

DURIER, Manon. "La mort, les morts et les pratiques funéraires au Moyen Âge : bilan historiographique des thèses de 3e cycle françaises (1975-2011)". **Annales de Janua**, nº1. [En ligne] Publié en ligne le 16 avril 2013. Disponible em: <http://09.edel.univ-poitiers.fr/Annalesdejanua/index.php?id=122>. Acessado em novembro de 2015.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ECO, Umberto. **A História da Feiura**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. Trad. Rogério Fernandes. Livros do Brasil: Lisboa, 1956.

_____. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998

_____. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Tratado da História das Religiões**. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ENSINO DE HISTÓRIA: CONCEITOS, TEMÁTICAS E METODOLOGIA. Org. Rachel Soiet e Marta Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ESPÍNDOLA, Tomaz. **A Geografia Alagoana ou descrição física, política e histórica da Província das Alagoas**. Maceió: Catavento, 2001 (atualização da 2ª edição publicada em 1871).

ESPIRITO SANTO OFM, Frei Cosme do. **Estatutos da Provincia de S. Antonio do Brasil**, tirados de varios Estatutos da Ordem, accrescentando nelles o mais util, & necessario à reforma desta nossa Provincia, feytos, ordenados, & aceytos no Capitulo, que se celebrou na caza de N.P. S. Francisco da Cidade da Bahia aos 14 de Fevreyro de 1705. em que foy eleyto Ministro Provincial o Irmão Prégador, & Ex Custodio Frey Cosme do Espirito Santo filho desta Provincia, e outra vez aceytos em o seguinte capitulo, que se celebrou em o Convento de Santo Antonio de Segerippe do Conde aos 3 de Janeyro de 1708. em que foy eleito Ministro Provincial o Irmão Prégador Frey Estevam de Santa Maria, filho da mesma Provincia, confirmados Auctoritate Apostolica pelo Eminentissimo Senhor Dom Miguel Angelo Conti, Nuncio Apostolico nestes Reynos.... - Lisboa : na Officina de Manoel, & Joseph Lopes Ferreyra, 1709. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital de Portugal, [www.http://purl.pt/173966](http://purl.pt/173966). Acessado em março de 2016.

ESTATUTOS DA PROVINCIA DE SANTO ANTONIO DO BRASIL, CONFIRMADOS, AUCTORITATE APOSTOLICA, EM VIRTUD E DOMOTU PROPRIO DO SENHOR PAPA INNOCENCIO X, CONCEDIDO AO REVERENDISSIMO PADRE MINISTRO GERAL, FREY JOSEPH XIMENES SAMANIEGO E MAIS BREVES ACEYTOS NESTA PROVINCIA PARA GUARDA, ESTABILIDADE, & FIRMEZA, DESTES ESTATUTOS. TIRADOS DE VÁRIOS ESTATUTOS DA ORDEM, ACRESCENTANDO NELLES O MAIS ÚTIL, & NECESSÁRIO, Á ESTA NOSSA PROVINCIA, FEYTOS, & ORDENADOS, NESTE CAPITULO, QUE SE CELEBROU NESTA CASA DE NOSSA

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

SENHORA DAS NEVES DA CIDADE DE MARIM, NO ANNO DE 1681. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello (impressor da Casa Real), 1683.

“ET ORENT PRO DEFUNCTIS” (cópia fotocopiada, sem dados técnicos, pertencente ao acervo do Convento Franciscano de Santa Maria dos Anjos, em Penedo/AL).

FERNANDES, Fernando Lannes. **Da conquista das almas à conquista do território:** religião e poder, território e identidade nos aldeamentos jesuíticos da América portuguesa. Dissertação de Mestrado em Geografia / Universidade Federal Fluminense, 2003. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp125592.pdf>. Acessado em fevereiro de 2017.

FERNANDES, Márcio Luiz e MASSIMI, Marina. A memória de um padre exorcista: relatos da colônia de Cascalho. In: **Memorandum**, 6, Belo Horizonte: UFMG, Ribeirão Preto: USP, 2004, pp. 55-77. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos06/fernamass01.htm>. Acessado em setembro de 2016.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. Considerações sobre o espaço na arquitetura franciscana no Brasil. In: **VI Seminário Internacional Luso-Brasileiro - Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano**. Coordenação Natália Marinho Ferreira Alves. Porto/Portugal: CEPESE, 2013, pp. 281-306. Disponível em: <http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/os-franciscanos-no-mundo-portugues-iii-o-legado-franciscano>. Acessado em maio de 2017.

FERRARE, Josemary. Fé e festa em percursos urbanos na Alagoas barroca, Marechal Deodoro – Brasil. In: **Actas do II Congresso Internacional do Barroco**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. 2001-2003, pp. 355-363.

Igrejas, conventos, cemitérios

o Lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. The Convent of Santa Maria Madalena – Alagoas - In Project of Preventive Conservation”. In: **Anais Historical Constructions Possibilities of Numerical and Experimental Techniques**. Proceedings of the 3rd International Seminar. Guimarães, Portugal, University of Minho, nov/2001, p. 1141-1149.

_____. **Marechal Deodoro** – um Itinerário de referências Culturais, Maceió: Edições Catavento, 2002.

_____. **Dossiê de Referências Culturais** - Marechal Deodoro, Alagoas. Documento que serviu de base ao Processo de Tombamento do sítio histórico. Junho de 2002. Prefeitura Municipal de Marechal Deodoro/AL (não publicado).

_____. Um Manuscrito com Risco, Molde e Desenho: uma outra leitura sobre o projeto e a re-edificação da Igreja Matriz da Alagoas do Sul - Marechal Deodoro – Alagoas. In: **Revista Arquitetura e Documentação/Anais do Forum Patrimônio**, 2012. Disponível em: http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/84. Acessado em março de 2015.

_____. **A cidade Marechal Deodoro**: do projeto colonizador português à imagem do “Lugar Colonial”. Maceió: EDUFAL, 2014.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Núcleos urbanos planejados do século XVIII. In: **Revista de Arquitetura e Urbanismo**, Nº 1, Salvador: UFBA, 1988, pp de 89 a 114.

FONSECA, Pedro Paulino da. **Memória Histórica da Fundação dos Conventos da Província das Alagoas**. Rio de Janeiro: Typografia de Pinheiro & C Cia, 1874.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____ O Dia 16 de Setembro – Saudação á Provincia das Alagoas pelo Coronel Pedro Paulino da Fonseca, publicada na edição do Diário das Alagoas, em 16 de setembro de 1875. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Alagoas**, abril a junho de 1916, Vol. VII, Nº 2, Maceió: Typographia da Livraria Fonseca, 1916, pp. 105 a 129.

_____ Um Baptismo Phostumo – Lenda Alagoana. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, vol. XVII, anno 60, 1933, pp. 33-37.

_____ A velha cidade das Alagoas: recordações de suas antigas festas – 1895. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, vol. XXII, anos 1942/1943, Maceió, pp. 18-26.

_____ Testamento político – Alagôas e minha pessoa. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, Vol. XXXVI, ano de 1980, Maceió: SERGASA, 1980, pp. 141-168.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Org. Frei Celso Márcio Teixeira OFM. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FRAGOSO, Hugo OFM. Nordeste do Segundo Império - o apaziguamento do povo rebelado mediante as missões populares. In: **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 16/17, n.1/2, 1985/1986, p. 45-92. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10385/1/1985_art_hfragoso.pdf. Acessado em junho de 2016.

_____. **Um Teatro Mitológico ou um Sermão em Azulejos**: claustro do Convento de São Francisco – Salvador, Bahia, Brasil. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2008.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. “A arquitetura à luz da mística franciscana, com aplicação ao Convento e Igreja de São Francisco de Salvador”. Páginas de 1 a 25. Artigo não publicado, sdt.. Fonte: Arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL.

FREYRE, G. **A propósito de frades**. Bahia: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

_____. **Oh de casa!** Recife: Editora Arte Nova, 1979.

FREIRE, Mário A. O Convento da Penha. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Nº 9, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1945, pp. 199-206.

GALVÃO, Olympio de Arroxelas. Nota Acerca da criação das freguesias da Província das Alagoas. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**. Nº 9, dez. de 1876, Maceió: Typographia do Jornal das Alagoas, 1877, pp. 248-249.

GALVÃO, Olimpio Euzebio de Arroxelas e BASTOS, José Antônio de Magalhães. **Viagens do Exmo. Sr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior**, Mui Digno Presidente da Província das Alagoas a Cidade de São Miguel e Vila de Coruripe; as Comarcas de Camaragibe e Porto Calvo; Penedo e Mata Grande; ao Rio São Francisco até Piranhas e as Comarcas de Imperatriz, Anadia e Atalaia. Reedição Maceió: Grafmarques, 2010.

GARDNER, George. **Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante nos anos de 1836-1841**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942.

GARRIDO, Marney Silva. “Das Várias Intolerâncias”: os conflitos entre discursos e práticas regalistas e ultramontanas via imprensa alagoana (1870-1889). In: **Quæstionis Documenta – Revista do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió**, Ano III, Nº 3, 2018, pp. 75-89.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Disponível: https://docs.wixstatic.com/ugd/82264f_ecc317458f46494b91e809a786fda3c0.pdf.

Acessado em janeiro de 2018.

GASS, Ildo Bohn. **Satanás e os demônios da Bíblia**. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos, 2013.

GOMES, Saul Antonio. As ordens mendicantes na Coimbra Medieval: notas e documentos. In: Lusitania Sacra - **Revista do Centro de Estudos de História Religiosa**, Universidade Católica Portuguesa, Cristianização na época Medieval, 2ª série, Tomo X, 1998, Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da UCP, 1998, pp. 149 a 216. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4962/1/LS_S2_10_SaulAGomes.pdf. Acessado em janeiro de 2017.

HISTOIRE URBAINE. **Religion Civique, XV^e – XVI^e Siècle**. N° 27, Avril 2010, Marne-La-Vallée: Société Française d'Histoire Urbaine, 2010.

HOORNAERT, Eduardo et alli. **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

HUM BRASILEIRO. **Opúsculo da Descrição Geográfica e Topográfica, Phizica, Política e Histórica**. Do que unicamente respeita à Província das Alagoas no Império do Brasil. Por Hum Brasileiro. Rio de Janeiro: Typographia de Berthe e Haring, (reedição Edufal), 1844.

IDEA DA POPULAÇÃO DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO, E DAS SUAS ANEXAS, EXTENÇÃO DAS SUAS COSTAS, RIOS E POVOAÇÕES NOTÁVEIS, AGRICULTURA, NUMERO DOS ENGENHOS, CONTRACTOS E RENDIMENTOS REAES, AUMENTO QUE (...) DESDE O ANNO DE 1774 EM QUE TOMOU POSSE DO GOVERNO DAS MESMAS CAPITANIAS O GOVERNADOR E CAPITAM GENERAL JOSE CEZAR DE MENEZES. In: **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Publicados sob a

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Administração do Director Geral Interino Dr. Aurélio Lopes de Souza, 1918, Vol. XL, Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1923. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_040_1918.pdf. Acessado em setembro de 2016.

ILHA OFM, Frei Manuel da. **Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil – 1584/1621**. Petrópolis: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil/ Vozes, 1975.

IZIDORO, Francisco. Apontamentos históricos, Emancipação das Alagoas. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**. Nº 1, Vol. IV, 1904, Maceió, pp. 35-38.

INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO- 1749 . In: **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**. 1906, Vol. XXVIII, Rio de Janeiro: Officina de Artes Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1908, pp. 118 a 496. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_028_1906.pdf. Acessado em setembro de 2016.

JABOATÃO OFM. Frei Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil**, Parte 2ª, Vol. I, Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858.

_____. Frei Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil**, Parte 2ª, Vol. II, Livros I e II, Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1859.

_____. Frei Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil**, Parte 2ª, Vol. II, Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1861.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. Frei Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil**, Parte 2ª, Vol. III, Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1862.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Trad. Luís da Câmara Cascudo. 2ª edição. Vol. XVII. Recife: Secretaria de Estado e Cultura/Governo do Estado de Pernambuco/Deptº de Cultura. 1978.

LAGES FILHO, José. No ato inaugural da exposição da Coleção Perseverança e lançamento de Folclore Negro das Alagoas. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, Vol. XXXII, anos 1975/1976, Maceió: SERGASA, 1976, pp. 179-181.

LAGO, Beatriz e LAGO, Pedro Corrêa do. **Frans Post [1612-1680]**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

LEÃO, Tharcila Maria Soares. **A história da paisagem da Praça Dom Pedro II em Maceió-AL**. Dissertação de Mestrado, CAC-UFPE, Recife, 2010.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. **São Francisco de Assis**. Trad. Marcos de Castro, 4ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Maria da Vitória Barbosa. **Liberdade interdita, liberdade reavida: escravos e libertos na Paraíba escravista (século XIX)**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2013.

LIMA, Jorge de. **Calunga**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LIMA JUNIOR, Felix. **Cemitérios de Maceió**. Maceió (sem dados técnicos).

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

LINDOSO, Dirceu. **Primeiros passos da formação de Alagoas**. Publicado na Gazeta de Alagoas, Caderno Saber, em 07 de maio de 2005.

_____. **A Utopia Armada**: rebeldia de pobres nas Matas do Tombo Real. Maceió: EDUFAL, 2005.

LIVRO DOS GUARDIÃES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DA BAHIA (1557-1862). Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1978.

LUIGI LUCARINI: VIDA E OBRA. Org. Vania Luiza Barreiros Amorim; Vinicius Palmeira (colaboração). Maceió: Grafmarques, 2010.

MACIEL, Pedro Nolasco. **Traços e Troças**. Crônica vermelha. Leitura quente. Maceió: DEC, 1964 (2ª edição).

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. **Espaço urbano e marginalização em Maceió (1895-1905)**. Disponível em: <http://www.historiadealagoas.com.br/wp-content/uploads/2015/09/Espaco-Urbano-e-Marginalizacao-em-Maceio-Osvaldo-Batista-Acioly-Maciel.pdf>. Acessado em agosto de 2017.

MACHADO, Roseline e MUNIZ, Bianca. Alagoa do Sul de Vila à Cidade: memórias urbanas na perspectiva da Cartografia Histórica. In: **Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**. Paraty, de 10 a 14 de maio de 2011. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/MUNIZ_BIANCA_M_E_OLIVEIRA_ROSELINE.pdf. Acessado em novembro de 2015.

MACHADO, Roseline Oliveira. O convento com o uma microcidade: repercussões urbanas na arquitetura do Convento de Madalena. In: **O Convento Franciscano de Marechal Deodoro**: Santa Maria Madalena. Org: Ana Cláudia V. Magalhães, Josemary Ferrare, Maria

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Angélica da Silva. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Brasília, 2012, pp. 106-125.

MAGALHÃES, Ana Cláudia. “O restauro: da intenção ao gesto”. In: **O Convento Franciscano de Marechal Deodoro**: Santa Maria Madalena. Coleção Grandes Obras e Intervenções. Org: Ana Cláudia Magalhães, Josemary Ferrare, Maria Angélica da Silva. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012, pp. 187-215.

_____. **Frades, artistas, filósofos**: o Convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza – ontem e hoje. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal de Alagoas, 2005.

MARTINS, Gabriela Pereira. Ultramontanos, positivistas e liberais: reflexões a partir da separação Igreja-Estado. In: **Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião** – UFJF. Disponível em <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/06/5-4.pdf>. Acessado em novembro de 2012.

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil: terra de quem?** São Paulo: EDUSP, 1991.

_____. **Seis conventos. Seis cidades**. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo, 1984.

MATTOSO, José. O Culto dos mortos na Península Ibérica (séculos VII a XI). In: **Revista Lusitania Sacra**, 2ª série, nº 4, 1992, pp. 13-38. Disponível em: www.repositório.ucp.pt/bitstream/10400.14/4864/1/Ls_S2_04_josemattoso.pdf. Acessado em 12 de julho de 2016.

MEDEIROS, Fernando Antônio Mesquita de. **O Homo Inimicus**: Igreja, ação social católica e imaginação anti-comunista em Alagoas. Maceió: EDUFAL, 2007.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

MELO, Hélder Silva de. Dados Estatísticos e escravidão em Alagoas (1850-1872). In: **Pesquisando (n)a Província: economia, trabalho e cultura numa sociedade escravista** (Alagoas, século XIX). Org. Osvaldo Batista Acioly Maciel. Maceió: UNEAL, 2011, pp. 149-177.

MELLO, Cônego Machado de. Folk-lore do São Francisco – Additamento ao Trabalho de Igual Título de Moreno Brandão, lido pelo Cônego Machado de Mello, em Sessão Ordinária do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, a 23 de maio de 1911. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**, Vol. IV, nº 4, dez. 1913, Maceió: Typographia Americana, pp. 58-67.

MEMORIAL QUE FAZEM A VOSSA Magestade os Índios da Aldeia de Santo Amaro por meio do Padre Frei Manoel da Encarnação seu Missionário e filho da Província de Santo Antonio do Brasil, na qual se declarão as moléstias e opresçoins injustas que se lhe fazem por causa de hum citio de meia légua de terra que comprarão os ditos Índios a troco do seu suor e seu trabalho a Diogo Soares, Senhor da terra da Aldeia em que morarão os Índios sessenta e três anos. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Alagoas**. Nº 4, junho de 1874, Maceio: Typographia do Jornal das Alagoas, 1874, pp. 96-98.

MENDONÇA, Anne Karolline Campos. O Assassinato do Frei e mais dois infelizes: Alagoas, 1844-1846. In: **Quæstionis Documenta – Revista do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió**, Ano III, Nº 3, 2018, pp. 164-197. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/82264f_ad93ce1b6ec34c26911ffa3540194ef2.pdf. Acessado em fevereiro de 2018.

MENEZES, Catarina. A cultura do açúcar: uma herança dos antigos engenhos de Alagoas. In: **V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, UFBA: Salvador,

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19486.pdf>. Acessado em novembro de 2015.

MERO, Ermani. **Religião e Racismo**. Maceió: SERGASA, 1983.

_____. **Templos, Ordens e Confrarias**. História religiosa de Penedo. Maceió: SERGASA, 1991.

_____. A Diocese de Alagoas. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**. Vol. 43, anos 1991-1992, Maceió: SERGASA, 1992, pp. 23-33.

MOLINA, Sandra Rita. Na dança dos altares: a Ordem do Carmo e a Irmandade da Boa Morte entre o poder e a sobrevivência no Rio de Janeiro dos primeiros tempos do império (1814-1826). **Revista de História, Brasil**, n. 147, p. 109-134, dez. 2002. ISSN 2316-9141. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18944/21007>. Acesso em: 11 nov. 2015.

_____. **A Morte da Tradição: a Ordem do Carmo e os escravos da santa contra o Império do Brasil (1850-1889)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo/USP/Dapartamento de História, São Paulo, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana/Downloads/TESE_SANDRA_RITA_MOLINA%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Ana/Downloads/TESE_SANDRA_RITA_MOLINA%20(2).pdf). Acessada em outubro de 2016.

MONNET, Pierre. Pour en finir avec la religion civique. In: **Histoire Urbaine. Religion Civique, XV^e – XVI^e Siècle**. N° 27, Avril 2010, Marne-La-Vallée: Société Française d'Histoire Urbaine, 2010, pp. 107-120.

MORAIS FILHO, Alexandre José de Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2002. Disponível em:

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1061/621040.pdf?sequence=4>. Acessado em julho de 2017.

MOREIRA, Rafael. Na maneira de Sam Francisco d'Évora: acasos e fortuna de um modelo universal. In: Monumentos – **Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Setembro/2002, nº 17, pp de 25 a 27.

MOREIRA OFM, D. Frei António Montes. **Evocação de Frei Pedro da Guarda no quinto centenário da sua morte**. Conferência proferida na Casa da Cultura de Câmara de Lobos a 27 de Julho de 2005 pp. 1-24. Disponível em: http://www.editorialfranciscana.org/files/_ef27_4ac62c7dc3cf1.pdf. Acessado em fevereiro de 2016.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. Vol. 1. Laura de Mello e Souza (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 156-220.

_____. **Bahia: inquisição e sociedade**. Salvador: EDUFBA, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1028/1/BAHIA_Inquisi%C3%A7%C3%A3oesociedade.pdf. Acessado em outubro de 2016.

MOTTA, Antônio. **À flor da pedra** – formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 2009.

MOURA FILHA, Maria Berthilde e CAVALCANTI FILHO, Ivan. Ordens Terceiras Franciscanas Setecentistas: três casos de emancipação espacial na arquitetura brasileira. In: **VI Seminário Internacional Luso-Brasileiro - Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano**. Coordenação Natália Marinho Ferreira Alves. Porto/Portugal: CEPESE, 2013, pp. 649 – 672. Disponível em:

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

<http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/os-franciscanos-no-mundo-portugues-iii-o-legado-franciscano>. Acessado em maio de 2017.

NOBRE, Edianne. e ALEXANDRE, Jucieldo. A Missão Abreviada: práticas e lugares do bem-morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade do século XIX. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, nº 10, maio 2011, pp. 97-115. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>. Acessado em maio de 2012.

NUNES, Márcio Manoel Machado. **A Criação do Bispado das Alagoas**: religião e política nos primeiros anos da República dos Estados Unidos do Brasil (1889-1910). Dissertação de Mestrado em História/Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1375/1/A%20criacao%20do%20Bispado%20e%20Alagoas%20-%20religiao%20e%20politica%20nos%20primeiros%20anos%20da%20Republica%20dos%20Estados%20Unidos%20do%20Brasil%201889-1910.pdf>. Acessado em agosto de 2017.

_____. Uma Análise das Disputas Territoriais no Processo de Criação do Bispado de Alagoas. In: **Quaestionis Documenta – Revista do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió**, Ano II, Nº 2, 2017, pp. 74-86. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/82264f_4f73f6cf645448529e8f3ce7b24f4552.pdf. Acessado em agosto de 2017.

O CONVENTO FRANCISCANO DE MARECHAL DEODORO: SANTA MARIA MADALENA. Org: Ana Cláudia V. Magalhães, Josemary Ferrare, Maria Angélica da Silva. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Brasília, 2012.

O TEMPO E A FORMA. Coordenação: Carlos Dias Coelho. Cadernos MURB – Morfologia Urbana: estudos da cidade portuguesa, 2. Lisboa: Argumentum, 2014.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. Casas de Memória e Escrita na Poesia de Carlos Drummond de Andrade. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 109-117, 1º sem. 2003. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta12/Conteudo/N12_Parte01_art11.pdf. Acessado em janeiro de 2016.

OLIVEIRA, Maria Manoel Lobo Pito de. **In Memoriam, na Cidade**. Tese de Doutorado em Arquitectura, Universidade do Minho/Braga, 2007.

OLIVEIRA, Carla Mary S. Alegoria e status na Paraíba colonial: o forro da Casa de Orações dos Terceiros no Convento de Santo Antônio. In: **Ensaaios sobre a América Portuguesa**. Org: Carla M. S. Oliveira e Mozart Vergetti. João Pessoa: Edit. Universitária/UFPB, 2009, pp. 149-160.

OLIVEIRA, Elaine Caroline Rocha. “Tráfico ilegal de escravos em Alagoas (1850-1856). In: **Pesquisando (n)a Província**: economia, trabalho e cultura numa sociedade escravista (Alagoas, século XIX). Org. Osvaldo Maciel. Maceió: UNEAL, 2011, pp. 51-79.

OLIVEIRA, Vanessa dos Santos. Devoção e distinção étnica na irmandade dos homens pretos do Rosário da cidade de São Cristóvão, Sergipe. In: **Portuguese Studies Review**, vol. 20, numer 1, feb. 2013. Ontário/Canadá: National Library of Canada Cataloguing Data, pp. 79-112. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=CFOaBAAQBAJ&pg=PA79&lpg=PA79&dq=OLIVEIRA,+Vanessa+dos+Santos.++Devo%C3%A7%C3%A3o+e+distin%C3%A7%C3%A3o+%C3%A9tnica+na+irmandade+dos+homens+pretos&source=bl&ots=x_UR3WrKk8&sig=ylPa goQUezicWyrqDIQzhstqt9Y&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi3icKZg5vSAhUD1WMKHY8-A3YQ6AEIKzAD#v=onepage&q=OLIVEIRA%2C%20Vanessa%20dos%20Santos.%20%20

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

[Devo%C3%A7%C3%A3o%20e%20distin%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9tnica%20na%20Irmãndade%20dos%20homens%20pretos&f=false](#). Acessado em fevereiro de 2017.

OLIVEIRA, Myriam Andrade e RIBEIRO, Emanuela Souza. **Barroco e rococó nas igrejas de Recife e Olinda**. Vol. I, Coleção Roteiros do Patrimônio. Brasília/IPHAN, 2015.

ORAZEM, Roberta Bacellar. **Arquitetura, Cidade e Território no Brasil**: a contribuição dos carmelitas calçados da Bahia e Pernambuco (1580-1800). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Tecnologia/Departamento de Arquitetura, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/LENOVO/Downloads/RobertaBacellarOrazem_TESE.pdf. Acessado em dezembro de 2017.

ORTMANN OFM, Frei Adalberto. **História da antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo, 1676-1783**. Rio de Janeiro: Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Nº 16, Ministério da Educação e Saúde, 1951.

OTT, Carlos. Os azulejos do Convento de São Francisco da Bahia. In: **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Nº 7, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1943.

PAULA, Sonia Maria Arcelina. A construção do Cemitério de Nossa Senhora da Conceição de Olinda. In: **Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**. Nº 59, janeiro de 2002. Recife, 2002, pp de 179 – 205.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À Flor da Terra**: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond e IPHAN, 2007.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

PERDIGÃO, João da Purificação Marques. Itinerário das visitas feitas na sua Diocese pelo Bispo de Pernambuco nos annos de 1833 a 1840. In: **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro**. Tomo LV, Parte I. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1892, pp. 5-196.

PESQUISANDO (N)A PROVÍNCIA: ECONOMIA, TRABALHO E CULTURA NUMA SOCIEDADE ESCRAVISTA (ALAGOAS, SÉCULO XIX). Org. Osvaldo Batista Acioly Maciel. Maceió: UNEAL, 2011.

PINTARELLI OFM, Estevão, PEDROSA OFM, José Carlos Correa, TEIXEIRA OFM, Celso Márcio. Introdução, pp. 13-82. In: **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Org. Frei Celso Márcio Teixeira OFM. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PIO, Fernando. **A Ordem Terceira de S. Francisco do Recife e suas igrejas**. Recife: Oficinas Gráficas do Diário da Manhã S.A., 1938.

PITANGA, José Rodrigues Leite. Memorial biographico do Commendador José Rodrigues Leite Pitanga – Quinto Período. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**. Abril a junho de 1916, Vol. III, nº 2, Maceió: Typographia da Livraria Fonseca, 1916, pp. 145-166.

PROCESSO DE TOMBAMENTO Nº 426-T-50 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Convento - Igreja de São Francisco (Orfanato São José), Marechal Deodoro – Alagoas. Arquivo do DEPAM/IPHAN, em Brasília/DF.

Providências acerca da reedificação da Matriz das Alagoas queimada pelos holandeses - 1672 (cópia tirada das páginas 90 v e 91 v do 2º Livro de Vereações da Camara das Alagoas, de 1661 a 1681 – maço nº 1 do arquivo do Instituto). In: **Revista do Instituto Histórico e**

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Geographico de Alagoas, nº 11, vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, 1879, pp. 24 – 25.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DE SANTO ANTÔNIO DO BRASIL. Edição Comemorativa do Tricentenário, 1657 - 1957, Vol. I. Provincialado Franciscano. Recife, Pernambuco. Arquivo do Convento Franciscano de Nossa Senhora dos Anjos, Penedo/Alagoas.

QUEIROZ, Álvaro. **Os Carmelitas na história das Alagoas**. Maceió: Sergasa, 1994.

_____. O Clero das Alagoas no Arquivo Histórico Ultramarino. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, Vol. 47, anos 2005/2009, Maceió: Imprensa Oficial e Gráfica Graciliano Ramos, pp. 169-186.

_____. **Notas de História da Igreja nas Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2015.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Lá vem meu parente**: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e Pernambuco (século XVIII). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

QUÍRICO, Tamara. **Inferno e paraíso**. Dante, Giotto e as representações do Juízo Final na pintura toscana do século XIV. Tese de Doutorado em História/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

QUITES, Maria Regina Emery. As imagens escultóricas das Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil: um contraponto entre o programa iconográfico em Minas e no litoral. **Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano: “Território, Arte, Espaço e Sociedade”**. Ouro Preto/MG, 2006, pp. 570-581. Disponível em: <http://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/4cb/pdf/Maria%20Regina%20Emery%20Quites.pdf>. Acessado em setembro de 2015

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

RESSURREYÇÃO OFM. Frei Lourenço da. **Cerimonial dos Religiosos Capuchos da Província de Santo Antonio do Brasil**, em o qual com toda a clareza se trata do modo e ceremonias com que se hão de celebrar os Officios Divinos, assim no coro, como no altar, e ao mais actos da Communidade, exercícios da Religião, e costumes da Província , conforme os Ritos da Santa Igreja Romana, Decretos Apostolicos, e Ceremoneaes reformados. Offerecido ao Muyto alto e muy poderoso Rey Dom João V Nosso Senhor. Lisboa: Na Officina de Manoel e Joseph Lopes Ferreira, 1708. Disponível em Disponível em: [www.http://purl.pt/24728/3/#/0](http://purl.pt/24728/3/#/0). Acessado em março de 2016.

REIS. João José. **A Morte é uma Festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

_____. Prefácio. In: RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos** – tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura/Deptº geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997, pp. 11-25.

_____. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: **Império: a Corte e a modernidade nacional**. Org. Luiz Felipe de Alencastro. Vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 95-141.

REIS, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil – 1500/1720**. São Paulo: Pini, 2000a.

_____. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado/FAPESP, 2000b.

REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO, Nº 4, junho de 1874, Maceio: Typographia do Jornal das Alagoas, 1874.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO, Maceió: Oficinas da livraria Fonseca, 1909.

REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO ALAGOANO, vol. XV, 1931, Maceió: Oficinas Graphics da Livraria Machado, 1931.

RICARDINO FILHO, Álvaro Augusto e MARTINS, Gilberto de Andrade. “O Livro Caixa da Ordem Terceira de São Francisco em Recife e São Paulo (Brasil): séculos XVII e XVIII”. In: **Revista de Contabilidade & Finanças - USP**. Vol. 14, nº 33 São Paulo, Set./Dez. 2003, pp. 78-89. Disponível em: <http://www.readcube.com/articles/10.1590%2FS1519-70772003000300006>. Acessado em dezembro de 2015.

RICHARD, Olivier. Fondations pieuses et religion civique dans l’Empire à la fin du Moyen âge. In: **Histoire Urbaine. Religion Civique, XV^e – XVI^e Siècle**. Nº 27, Avril 2010, Marne-La-Vallée: Société Française d’Histoire Urbaine, 2010, pp. 5-8.

ROCHA, Vanessa Anelise F. da. A conversão do gentio: franciscanos e indígenas nos espaços dos aldeamentos na capitania de Pernambuco entre os séculos XVII e XVIII. In: **Anais do XVI Encontro Regional de História, ANPUH/Rio - Saberes e Práticas Científicas**, de 28 de julho a 01 de agosto de 2014. Rio de Janeiro.

_____. **Missões Franciscanas como ferramenta da conquista dos sertões de Pernambuco (1659-1763)**. Dissertação de Mestrado em História, Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos** – tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura/Deptº Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. Os cemitérios como uma questão de (conselho de) Estado no Segundo Reinado. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, a. 169, n. 440, jul./set. 2008, pp. 295-320. Disponível em: https://www.academia.edu/5650224/Os_cemitérios_como_uma_questão_de_Conselho_de_Estado_-

[_REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO IHGB 2008 - página 295 em diante](#). Acessado em dezembro de 2017.

ROL DOS VIGARIOS DA FREGUEZIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DAS ALAGOAS. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**, nº 11, Primeiro do Vol. II, Maceió: Typographia de T. de Menezes, 1879, pp 20-21.

ROQUETE, J. e FONSECA, José da. **Diccionario dos Synonymos Poetico e de Ephitetos da Língua Portuguesa**. Pariz: Em Casa de V^a J.- P. Aillaud, Guillard e C^a. Livreiros de Suas Magestades o Imperador do Brazil e El-Rei de Portugal. 1871. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=xRYTAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=morte&f=false. Acessado em maio de 2017.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

ROSSITER NETO, Lydio Alfredo. “Casos de vida e morte”: saúde pública, epidemias e administração dos cemitérios no contexto de embate entre o regalismo e ultramontanismo em alagoas (1840-1889). In: **Quæstionis Documenta – Revista do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió**, Ano III, Nº 3, 2018, pp. 45-58. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/82264f_527df91ae71e45fb9d6573e8dad0dc20.pdf. Acessado em fevereiro de 2018.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

SANTA ISABEL, Frei Gonsalo de. **Estatutos da Província de Santo Antonio do Brasil. Lisboa:** Officina de Manuel & Joseph Lopes Ferreyra, 1709. Disponível em: <http://purl.pt/17396/1/index.html#/337/html>. Acessado em janeiro de 2015.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. **Santuário Mariano e Historia das Images Milagrosas de Nossa Senhora**, e das Milagrosamente Aparecidas, em Graça dos Pregadores, & dos Devotos da Mesma Senhora. Tomo Primeyro, que comprehende as images de Nossa Senhora, que se venerão na Corte, & Cidade de Lisboa, que consagra, offerece, e dedica A' Soberana Imperatriz da Gloria Maria Santíssima Debayxo de seu Milagroso Titulo de Copacavana, Frei Agostinho de Santa Maria Exdefinidor Geral da Congregação dos Agostinhos Descalços deste Reyno, & Natural da Villa de Estremoz. Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galrão, Anno de 1707. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=ba0fyVIRqxiC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=franciscano&f=false. Acessado em setembro de 2016.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **O Patrimônio Cultural de uma Velha Cidade (Marechal Deodoro)**. Maceió, 1970.

_____. **Efemérides Alagoanas**. 2º Volume. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 1993.

_____. **Mitos da Escravidão**. Maceió: Secretaria de Comunicação Social, 1989.

SANTIAGO, Frei Francisco de. **Cerimonial da Provincia da Soledade da Mais Estreita, e Regular Observancia de N. S. P. S. Francisco, do Instituto dos Descalços, neste Reyno de Portugal**. Coimbra: Officina de Luis Seco Ferreira, 1755.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

SANTOS, Paulo. **Formação de cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Alcineia Rodrigues de. Diante de Deus, uma boa apresentação: a indumentária fúnebre seridoense e o imaginário de salvação. In: **Anais do I Congresso do Curso de História UFG/Jataí – História – Historiografia** [CD-ROM] / Cláudia Graziela Ferreira Lemes, Marcos Antonio de Menezes e Renata Cristina S. do Nascimento (Orgs.) - Jataí, 2007. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(2\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(2).pdf). Acessado em setembro de 2015.

SANTOS, Ireneia M. Franco dos. “De quilombos e de xangôs”: cultura, religião e religiosidade afrobrasileira em Alagoas (1870-1911). In: **Mneme – Revista de Humanidades, Dossiê Religiões Afro-brasileiras**, v. 15, n. 34, Caicó/CE, jan./jun. 2014, p. 83-121. Disponível em: <file:///D:/Usu%C3%A1rios/ana.magalhaes/Downloads/5418-19377-1-PB.pdf>. Acessado em setembro de 2017.

SANTOS, José Fernando Barbosa dos. Demografia histórica e relações de poder na Vila de Santa Maria Madalena das Alagoas do Sul (1825-1830). In **Quæstionis Documenta – Revista do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió**, Ano I, Nº 1, 2016. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/82264f_9d41436e99b14665bc291fe18ac0febb.pdf. Acessada em junho de 2016, pp. 85-97.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Relíquias dos tempos pretéritos: a escrita da história das espacialidades e da cultura urbana da Cidade de Alagoas no oitocentos. In: **Artigo Dossiê. Projeto História**, São Paulo, v. 58, Jan/Mar, 2017, pp. 113-147. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/31042-88040-1-PB.pdf>. Acessado em janeiro de 2018.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. São Paulo: Difel, 1983.

_____ **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCAMPINI, Padre José. A Liberdade Religiosa nas Constituições Brasileiras (1ª Parte - A liberdade religiosa no Brasil Império). In: **Revista de Informação Legislativa** – Senado Federal/Subsecretaria de Edições Técnicas, Ano XI, Nº 41, Jan/Mar, de 1974, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1974. Disponível em: [file:///D:/Usu%C3%A1rios/ana.magalhaes/Downloads/RIL041%20\(1\).pdf](file:///D:/Usu%C3%A1rios/ana.magalhaes/Downloads/RIL041%20(1).pdf). Acessado em Setembro de 2017.

SCARANO, Julita. **Devoção e escravidão**. São Paulo: Brasiliana – Companhia Editora Nacional, 1976.

SCHENONE, Hector H. **Los Santos**. Buenos Ayres: Fundación Tarea, 1992, vol I.

SEGUNDO LIVRO DE VERAÇÕES DA CAMARA DAS ALAGOAS, DE 1666 A 1681, MAÇO Nº 1. ANTIGUIDADES ALAGOANAS. In: **Revista do Instituto Archeológico e Geographico Alagoano**, Nº 11, Primeiro do Vol. II, Maceió: Typographia de T. Menezes, dez de 1879, p. 24-25.

SILVA, José Goes da (Tunguê). **O Engenho Banguê (Memórias)**. Maceió: SERGASA, 1990.

SILVA, Elizete da. Irmandade negra e resistência escrava. In: **Sitientibus**, nº 12, Feira de Santana, 1994, pp. 55-62. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/12/irmandade_negra_e_resistencia_escrava.pdf. Acessado em janeiro de 2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

SILVA, Edson Armando. A instituição dos territórios da Ordem Franciscana no Brasil: uma análise sobre seus elementos. In: **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n° 32, pp. 13 – 29, Jul/Dez de 2012. Disponível em: <http://www.e.publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>. Acessado em janeiro de 2016.

SILVA, Maria Angélica da. Franciscanismo, cotidiano, espaços e estéticas. In: **O Convento Franciscano de Marechal Deodoro**: Santa Maria Madalena. Org: Ana Cláudia V. Magalhães, Josemary Ferrare, Maria Angélica da Silva. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Brasília, 2012, pp.15-75.

SILVA, Élida Kassia Vieira da. “De Pathuscadas a Bachanaes”: As festas das irmandades religiosas e o avanço ultramontano em Alagoas (1840-1889). In: **Quæstionis Documenta – Revista do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió**, Ano III, N° 3, 2018, pp. 59-74. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/82264f_401eb5997c594fbe93c6f6a2a48a7479.pdf. Acessado em janeiro de 2018.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros. Terra e Trabalho: indígenas na Província das Alagoas. In: **Pesquisando (n)a Província**: economia, trabalho e cultura numa sociedade escravista (Alagoas, século XIX). Org. Osvaldo Maciel. Maceió: UNEAL, 2011.

SIMÃO, Maristela dos Santos. **As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil do século XVIII**. Mestrado em História da África, Universidade De Lisboa/Faculdade De Letras, 2010. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3386/1/ulfl087125_tm.pdf. Acessado em julho de 2016.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

SOUSA, Alberto. Igreja franciscana de Cairu: a invenção do barroco brasileiro. *Arquitextos*, São Paulo, ano 06, n. 070.02, **Vitruvius**, mar. 2006 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.070/368>. Acessado em setembro de 2012.

SPOTO, Donald. **Francisco de Assis: o santo relutante**. Trad. S. Duarte, Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TAVARES, Pedro Vilas Boas. **Espiritualidade e disposições perante a morte em Santa Maria da Feira: capelas, legados e bens d'alma na Matriz de S. Nicolau durante o Antigo Regime**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2008, pp. 195-248. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/25425>. Acessado em março de 2015.

TEIXEIRA, Vítor Gomes. **O Maravilhoso no Mundo Franciscano Português da Baixa Idade Média**. Porto: Granito Editores e Livreiros, 1999.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana**. Natal: Editora da UFRN, 2009.

TELLES, Vicente Coelho de Seabra Silva. **Memória sobre os prejuízos causados pelas sepulturas dos cadáveres nos templos – o método de os prevenir oferecida a S. Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor**. Lisboa: Offic. da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800. Disponível em: <http://purl.pt/11500>. Acessado em agosto de 2013.

TENÓRIO, Douglas Apratto. A Fé, a Capela, os Santos. Alagoas e a influência sacra em sua formação histórica. In: **Revista Cabanos, Revista de História**, ano 1, vol. 1, Nº 1. Arapiraca: FUNESA, Maceió: EDUFAL, 2006, pp. 13-43.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. Caminhos do Açúcar: engenhos e casas grandes de Alagoas. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, a 170 (442): 197-232, jan./mar. de 2009. Disponível em: <https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-442/item/108474-caminhos-do-acucar-engenhos-e-casas-grandes-de-alagoas.html>. Acessada em janeiro de 2018.

TERCEIRO CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL – ARTE SACRA EM PERNAMBUCO, PERNAMBUCO, BRASIL. Organizado pela Comissão de Arte Sacra do III Congresso Eucarístico. Recife: Oficinas Graphicas da The Propagandist, 1939.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRINDADE, Marcelino Cantalice. **Poemas do Ser e Passos do Viver**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013. pp. 132.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**: um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igreja e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1972.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Cenas do Catolicismo Crioulo na Alvorada do Século XIX. In: **Quæstionis Documenta – Revista do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió**, Ano I, Nº 1, 2016, pp. 98-113. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/82264f_688e12e50f814f1c8e80bd879ef0b192.pdf. Acessado em janeiro de 2018.

VAUTHIER, Louis Léger. **Diário íntimo do engenheiro Vauthier, 1840-1846**, Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1940.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

VERÍSSIMO, Francisco S. et al. **Vida urbana:** a evolução do cotidiano da cidade brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

VERGUEIRO, Nicolau Pereira dos Santos. **Ministério do Império.** Ministro (Nicolau Pereira de Campos Vergueiro), Relatório... do anno de 1832, apresentado a Assembleia Geral Legislativa em a Sessão Ordinária de 1833 (publicado em 1833), Rio de Janeiro, Typographia Nacional. In: Ministerial Reports, disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/imperio>. Acessado em julho de 2016.

VERSIANI, Flávio Rabelo e VERGOLINO, José Raimundo. Escravos e a estrutura da riqueza no agreste pernambucano. In: **Estudos Econômicos (São Paulo)**. Vol. 33, nº 2, São Paulo, abril/junho de 2003. pp 353-393. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ee/article/viewFile/35793/38509>. Acessado em: abril de 2015.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia** feitas, e ordenadas pelo Illustríssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide. São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853. Disponível em: <file:///D:/Usu%C3%A1rios/ana.magalhaes/Downloads/000056491.pdf>. Acessado em fevereiro de 2017.

VILLAMARIZ, Catarina Madureira. Em torno da arquitectura claustral. In: **Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Set/2002, nº 17, pp de 29 a 35.

VITAL, Débora Pereira. **Memórias de engenho:** uma investigação sobre suas edificações e as práticas cotidianas na região da Lagoa Manguaba. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, FAU/UFAL, 2013.

WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José C. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

WALBEECK, Johannes Van e MOUCHERON, Henrique de. Relatório sobre o estado das Alagoas em outubro de 1643; apresentado pelo assessor Johannes Van Walbeeck e por Henrique de Moucheron, diretor do mesmo districto e dos districtos vizinhos, em desempenho do encargo que lhe foi dado por S. Exc^a e pelos nobres membros do supremo concelho. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geográfico Pernambucano**, agosto de 1887, número 33, Recife: Typographia Universal, 1887, pp. 153 a 164. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/jn001326.pdf>. Acessado em janeiro de 2016.

WILLEKE OFM. Frei Venâncio, Convento de Santo Antônio de Ipojuca. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Nº 13, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956, pp. 255-353.

_____. Livro dos Guardiães do Convento de Santo Antônio da Paraíba. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Nº 16, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1968, pp. 253-309.

_____. A Primeira Ordem se Estabelece no Brasil. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1973a, vol. XXIV, pp. 19-42.

_____. **São Francisco das Chagas de Canindé** - Resumo Histórico. 2ª edição, Canindé: 1973b.

_____. Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão OFM. In: **Revista de História da USP**, Nº 93, 1º semestre de 1973c, pp 47-67. A003N093.pdf. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/093/A003N093.pdf>. Acessado em novembro de 2016.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

_____. **Missões Franciscanas no Brasil**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

_____. O Padre Mestre franciscano: 1500-1863. In: In: **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**. Vol. XLVII, Recife, 1975, pp. 141-154.

_____. Prefácio. In: **Livro dos guardiães do Convento de São Francisco da Bahia** (1557-1862). Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1978a.

_____. O noviciado franciscano de Igarassu. In: **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**. Vol. L, Recife, 1978b, pp. 105-115.

ZAMBI, Madalena. Vozes franciscanas em Marechal Deodoro: contas de um rosário urbano. In: **O Convento Franciscano de Marechal Deodoro**: Santa Maria Madalena. Org: Ana Cláudia V. Magalhães, Josemary Ferrare, Maria Angélica da Silva. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Brasília, 2012, pp. 126-143.

FALLAS E RELATÓRIOS PRESIDENCIAIS

AGUIAR, Antonio Nunes de. **Falla dirigida á Assembleia Legislativa da Provincia das Alagoas na abertura da segunda sessão ordinária da sétima legislatura pelo excelentíssimo presidente da mesma província, o Coronel Antonio Nunes de Aguiar, no dia 18 de março de 1849**. Impressa na Typographia de Campos e Companhia, 1849.

BRANDÃO, Francisco Carvalho de Soares. **Falla com que o Exm. Sr. Dr. Francisco Carvalho de Soares Brandão, Presidente da Provincia instalou a 1ª Sessão Ordinaria da**

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

22ª Legislatura Provincial das Alagoas, em 16 de abril de 1878. Maceio: Typographia do Liberal, 1878.

D'ARAUJO, João Vieira. **Falla Dirigida a Assembleia Legislativa das Alagoas na abertura da 2ª Sessão Ordinária da 20ª Legislatura, em 15 de março de 1875, pelo Dr. João Vieira d'Araújo, Presidente da Província.** Maceió: Typographia do Jornal das Alagoas, 1875.

ESPÍNDOLA, Thomaz de Bonfim. Relatorio feito em 1858, pelo médico Thomaz de Bonfim Espíndola, informando ao Ministério do Império o estado sanitário de Alagoas. In: GAMA, Agostinho Luiz da. **Falla Dirigida a Assembleia Legislativa da Província das Alagoas na abertura da Sessão Ordinária do anno de 1859 pelo Exm. Presidente da Provincia o Dr. Agostinho Luiz da Gama.** Maceió: Typ. Commercial de A. J. Costa, 1859 (sem página).

FIGUEIREDO, José Bento da Cunha e. **Falla dirigida a Assembleia Legislativa da Provincia das Alagoas na abertura da Primeira Sessão Ordinária da Oitava Legislatura pelo Exm. Presidente da mesma Província Dr. Jose Bento da Cunha e Figueiredo em cinco de maio de 1850.** Maceió: Typographia de J. S. da S. Maia, 1850.

FIGUEIREDO, José Bento da Cunha e. **Relatorio que por ocasião de deixar a presidência da província das Alagoas dirigio o Illustissimo e Excellentissimo Snr. Vice-Presidente Dr Manoel Sobral Pinto ao Illustissimo e Excellentissimo Snr. Dr. José Bento da Cunha e Figueiredo Presidente da Mesma Província.** Maceió, Typographia de J. S. da Silva Maia, 1850.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Jose Bento da Cunha. **Relatorio Lido Perante a Assembleia Legislativa da Provincia das Alagoas no acto de sua installação em 31 de outubro de 1868 pelo Presidente da mesma o Exm. Sr. Dr. Jose Bento da Cunha Figueiredo.** Maceio, Typographia Commercial de A. J. da Costa, 1868.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

FIGUEIREDO JÚNIOR, Jose Bento da Cunha. **Relatorio Lido Perante a Assembleia Legislativa da Provincia das Alagoas no Acto de sua Instalação em 16 de março de 1869 pelo Presidente da mesma o Exm. Snr. Dr. Jose Bento da Cunha Figueiredo.** Maceio, Typographia Commercial de A. J. da Costa, 1869.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Jose Bento da Cunha. **Relatorio Lido Perante a Assembleia Legislativa da Provincia das Alagoas no Acto de sua Instalação em 16 de março de 1870 pelo Presidente da mesma o Exm. Sr. Dr. Jose Bento da Cunha Figueiredo.** Maceio, Typographia Commercial de A. J. da Costa, 1870.

FIGUEIREDO JUNIOR, Jose Bento da Cunha. **Relatório Lido perante a Assembleia Legislativa da Provincia no Acto de sua Instalação em 31 de maio de 1871 pelo Presidente da Mesa o Exm. Sr. Dr. Jose Bento da Cunha Figueiredo Junior.** Maceio, Typogrphia Comercial de A. J. da Costa, 1871.

GAMA, Agostinho Luiz da. **Falla Dirigida a Assembleia Legislativa da Província das Alagoas na abertura da Sessão Ordinária do anno de 1859 pelo Exm. Presidente da Provincia o Dr. Agostinho Luiz da Gama.** Maceió: Typ. Commercial de A. J. Costa, 1859.

GONZAGA, João Marcelino de Souza. **Falla dirigida á Assembléa Legislativa das Alagoas pelo Presidente da Provincia João Marcelino de Souza Gonzaga, na abertura da 2ª Sessão Ordinária da 14ª Legislatura, a 24 de outubro de 1868.** Maceió: Typographia Progressista, 1868.

JACOBINA, José Eustaquio Ferreira. **Falla com que o Exm. Sr. Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina, Presidente da Província instalou a 2ª Sessão Ordinária da 23ª Legislatura Provincial das Alagoas, a 27 de abril de 1881.** Maceió: Typographia do Liberal, 1881.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

LOBO, João Luiz de Araújo Oliveira. Relatório feito pelo Major de Engenheiros, Dr. João Luiz de Araújo Oliveira Lobo, da Directoria de Obras Públicas, Maceió, em 31 de 12 de 1858. In: GAMA, Agostinho Luiz da. **Falla dirigida a Assembléa Legislativa da Província das Alagoas na abertura da sessão ordinária do anno de 1859, pelo Excellentíssimo Presidente da Província o Doutor Agostinho Luiz da Gama.** Maceió, Tipographya Commercial de Moraes e Costa, 1859.

MAPPA DEMONSTRATIVO DOS ENGENHOS D'ASSUCAR DA PROVINCIA DAS ALAGÔAS NO ANNO DE 1859/RELATÓRIO DA THEZOURARIA PROVINCIAL DAS ALAGOAS. In GAMA, Agostinho Luiz da. **Falla Dirigida a Assembléa Legislativa da Província das Alagoas na abertura da sessão ordinária no anno de 1859, pelo Excellentíssimo Presidente da Província o Doutor Agostinho Luiz da Gama.** Maceió, Tipographya Commercial de Moraes e Costa, 1859.

MELLO, Manoel Felizardo de Souza e. **Falla com que abrio a sessão extraordinaria da quarta legislatura da Assembléa Legislativa da Provincia das Alagoas, o [sic] presidente da mesma Provincia, Manoel Felizardo de Souza e Mello em 4 de fevereiro de 1842.** Pernambuco: Typ. de M. F. de Faria, 1842.

MELLO, Antonio Manoel de Campos. **Falla com que abrio a segunda sessão ordinária da sexta legislatura da Assembleia Legislativa da Província das Alagoas, Excelentissimo Presidente da mesma Provincia Antonio Manoel de Campos Mello, em 15 de março de 1847.** Pernambuco: Typographia Imparcial, 1847.

MELLO, João Capistrano Bandeira de. **Falla Dirigida à Assembleia Legislativa da Provincia das Alagoas, na abertura da primeira Sessão Ordinária da Septima Legislatura, pelo Ex.^{mo} Presidente da mesma Provincia Dr. João Capistrano Bandeira de Mello, em o primeiro de junho de 1848.** Pernambuco: Typ. de Santos & Companhia, 1848.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

MELLO, Roberto Calheiros de. **Relatorio com que ao Exm. Snr. Dr. Antonio Coêlho de Sá e Albuquerque, Presidente da Provincia das Alagôas entregou a administração da mesma Provincia o Vice-Presidente Dr. Roberto Calheiros de Mello.** Maceio: Typ. Constitucional, 1856.

MELLO, Joaquim Tavares de. **Falla com que o Exm. Snr. Presidente Dr. Joaquim Tavares de Mello abriu a 2ª Sessão da 24ª Legislatura da Assembleia Legislativa Provincial das Alagoas em 15 de abril de 1883.** Maceio, Typographia do Diário da Manhã, 1884.

NEVES, Agostinho da Silva. **Relatorio que a Assembléa Legislativa das Alagoas apresentou na Sessão Ordinária de 1839 o Excellentissimo Prezidente da mesma Provincia Agostinho da Silva Neves, 1839** (sem dados editoriais).

OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. **Falla do Exmo. Snr. Presidente da Província das Alagoas na instalação da Assembleia Legislativa da mesma Provincia em 15 de março de 1835. José Joaquim Machado de Oliveira.** Impresso em Maceió, na Typografia de Meira e Companhia, 1835.

PERES, Luis Romulo Peres de. **Relatorio com que o Illm. Exmo. Snr. Dr. Luis Romulo Peres de Moreno Presidente da Provincia das Alagoas, installou a 2ª Sessão da 19ª Legislatura da Respectiva Assembleia Provincial, no dia 16 de março de 1873.** Maceio: Typographia do Jornal das Alagoas, 1873.

PERETTI, Anselmo Francisco. **Falla com que abriu a primeira sessão ordinaria da sexta legislatura da Assembléa Legislativa da Provincia das Alagoas, o Exmo. Presidente da mesma provincia, Anselmo Francisco Peretti, em 9 de maio de 1844.** Pernambuco: Typ. de Santos & Companhia, 1844.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

PINHO, José Sesinando Avelino. Apontamentos para a Topographia Phisica e Medica da Cidade de Maceió pelo Dr. José Sesinando Avelino Pinho, membro do Congresso Geral de Hygiene Publica da Belgica, Maceió, 1855. In: **SÁ E ALBUQUERQUE, Antonio Coelho de. Falla dirigida a Assembleia Legislativa da Província das Alagoas na abertura da sessão ordinária em o 1º de março de 1855 pelo Ex^{mo}. Presidente da mesma Província o Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.** Recife, Typographia de Santos & Companhia, 1855.

SÁ E ALBUQUERQUE, Antonio Coelho de. **Falla dirigida a Assembléa Legislativa da Provincia das Alagoas na abertura da Sessão Ordinaria em o 1º de março de 1855 pelo Exmº Presidente da mesma Provincia o Dr. Antonio Coêlho de Sá e Albuquerque.** Recife: Typographia de Santos & Companhia, 1855.

SÁ E ALBUQUERQUE, Antonio Coelho de. **Falla dirigida a Assembleia Legislativa da Província das Alagoas na abertura da Sessão Ordinária do anno de 1856 pelo Excellentissimo Presidente da mesma Província o Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.** Recife: Typographia de Santos & Companhia, 1856.

VELLOSO, Pedro Leão. **Falla dirigida á Assembléa Legislativa da Provincia das Alagoas na abertura da Sessão Ordinaria do anno de 1860, pelo Excellentissimo Presidente da Provincia, o Commendador Pedro Leão Velloso.** Maceió: Typ. Commercial de A. J. da Costa, 1860.

Todos os documentos citados estão disponíveis em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/alagoas>. Acessados entre 2015 e 2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

DOCUMENTOS PRIMÁRIOS ²¹⁸

Acervo do Arquivo Público de Alagoas.

Caixa 1906

Maço: 1851, Vigários, Maço 1851, Offícios do Vigário da Freguesia de Maceio.

Maço: 1855 – Vigários - Maço Freguesia das Alagoas.

Maço: Guardião do Convento de São Francisco das Alagoas, Maço 1855 (Frei José de Santa Engracia).

Caixa 0999

Maço: 1864 – Vigários, Maço 1864 – Offícios de Vigários da Freguesia das Alagôas.

Caixa 456

Maço: 1856 – Clero, Maço Freguezia das Alagôas.

Maço: 1860 – Vigários, Maço 1860, Maço Freguezia de Porto Calvo.

Maço: Vigários, Maço 1860.

Maço: 1861, Vigários.

Caixa 1739

Maço: 1883, Clero, Maço Porto Real do Collegio. Carta de Manoel Peres de Carvalho, Vigário Incommendado.

Caixa 1862

Maço: Cholera Alagôas e Sam Miguel.

Caixa 072

Maço: 1862, Cholera Alagôas e Sam Miguel.

²¹⁸ Todos os documentos primários citados foram lidos e transcritos pela autora.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Caixa 0258

Maço: 1870 – Obras Públicas – Cemitério (?) e Capellas contíguas da cid^e. das Alagoas.

Documento: Paço da Camara Municipal da Cidade das Alagôas, em sessão extraordinaria de 19 de abril de 1870.

Maço: Comissão da obra do Cemiterio das Alagôas. Documento endereçado ao Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo, em 1870, pelo Padre Domingos José da Silva.

Maço: Comissão da obra do Cemiterio das Alagôas. Documento endereçado ao Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo, em 1870, assinado por José Ignacio de Medeiros, nomeado para acompanhar as obras do cemitério público.

Maço: 1871 – Agosto. Documento: Quadro demonstrativo das diversas obras publicas e reparos em construções com as informações de estado em que se achão.

Maço: 1871. Descrição da obra do Cemiterio da Villa de Pão de Assucar, Repartição de obras publicas, 27 de abril de 1871.

Caixa 0446

Maço: 1849 – Officios de Missionarios Capuchinhos desta Provincia – Maceió. Documento: Oficio de Frei Euzebio de Sales.

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

FONSECA, Pedro Paulino da. História das Alagôas. Vida Publica de Pedro Paulino da Fonseca, seu Testamento Político, Autobiographico. Rio de Janeiro, 1895. O Estado das Alagoas da Republica Federativa dos Estados Unidos do Brasil. O Primeiro Governador no Domínio Provisório. In: Arquivo de Documentos do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Documento Nº 01733, caixa 22, pacote 01, doc. 13.

Acervo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Marechal Deodoro, AL.

Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo desta Villa das Alagoas, 1803.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

Acervo da Igreja de São Benedito, Maceió/AL.

S. BENEDICTO COMPROMISSO - 1860. CD-ROM, Igreja de São Benedito, Maceió/AL, 2012.

Acervo particular de Elias Passos Tenório (*in memoriam*).

RELATÓRIO DE UMA EX-ALUNA E MESTRA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO E ORFANATO SÃO JOSÉ. Enedina Calheiros de Araújo. 1987 (documento manuscrito, não publicado).

COMPILAÇÕES, LEIS E ACTOS DE ALAGOAS.

Acervo do Arquivo Público de Alagoas

COMPILAÇÃO DAS LEIS PROVINCIAES DAS ALAGOAS, DE 1835 A 1872 POR OLYMPIO EUZEBIO DE ARROXELLAS GALVÃO E TIBURCIO VALERIANO DE ARAÚJO. COMPREHENDENDO OS ACTOS ADMINISTRATIVOS E LEGISLAÇÃO GERAL SUBSIDIÁRIA; E SEGUIDA DE UM REPERTORIO ALFABÉTICO DAS MATÉRIAS CONTIDAS NA COMPILAÇÃO. Tomo I. Legislação e Actos Anteriores a 1835 e de 1835 a 1842. Maceió: Typographia Commercial de A. J. da Costa, 1870.

- RESOLUÇÃO Nº. 10, DE 11 DE JULHO DE 1839. POSTURAS MUNICIPAES DA CIDADE DAS ALAGOAS, 1839:356-358.

COMPILAÇÃO DAS LEIS PROVINCIAES DAS ALAGOAS, DE 1835 A 1872 POR OLYMPIO EUZEBIO DE ARROXELLAS GALVÃO E TIBURCIO VALERIANO DE ARAÚJO. COMPREHENDENDO OS ACTOS ADMINISTRATIVOS E LEGISLAÇÃO GERAL SUBSIDIÁRIA; E SEGUIDA DE UM REPERTORIO ALFABÉTICO DAS

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

MATÉRIAS CONTIDAS NA COMPILAÇÃO. Tomo IV. Legislação e Actos dos Annos de 1860 a 1867. Maceió: Typographia Commercial de Antonio José da Costa, 1872.

- COMPROMISSO DA IRMANDADE DE S. BENEDICTO DA CIDADE DAS ALAGOAS. 1860, pp. 59-68.

- COMPROMISSO DA IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DOS MARTYRIOS DA CIDADE DAS ALAGOAS, 1860, 231-239.

- RESOLUÇÃO Nº 443 DE JULHO DE 1864 – APROVA AS POSTURAS MUNICIPAES DA CIDADE DAS ALAGÔAS, 1864, pp. 75-80.

COMPILAÇÃO DAS LEIS PROVINCIAES DAS ALAGOAS, DE 1835 A 1872 POR OLYMPIO EUZEBIO DE ARROXELLAS GALVÃO E TIBURCIO VALERIANO DE ARAÚJO. COMPREHENDENDO OS ACTOS ADMINISTRATIVOS E LEGISLAÇÃO GERAL SUBSIDIÁRIA; E SEGUIDA DE UM REPERTORIO ALFABÉTICO DAS MATÉRIAS CONTIDAS NA COMPILAÇÃO. Tomo VI. Legislação e Actos dos Annos de 1871 a 1872. Maceió: Typographia Commercial de A. J. da Costa, 1872.

- COMPROMISSO DA IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS DA CIDADE DAS ALAGOAS, 1871, 262-270.

APPENDICE – COMPILAÇÃO DAS LEIS PROVINCIAES DAS ALAGOAS DE 1835 A 1872 POR OLYMPIO EUZEBIO DE ARROXELLAS GALVÃO E TIBURCIO VALERIANO DE ARAÚJO – REPERTORIO, TOMO VII. Maceio: Typographia Commercial de Antonio José da Costa, 1874.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

- COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO AMPARO DA CIDADE DAS ALAGOAS (g) É APPROVADO PELA L. N 176 DE 28 DE JULHO DE 1851 (C. III, 41). 1874, pp. 137.

- RESOLUÇÃO IMPERIAL DE 20 DE ABRIL DE 1870, pp. 16.

ACTOS LEGISLATIVOS, 1868/1870, Anno de 1868 (edição sem folha de rosto contendo dados técnicos).

- COMPROMISSO DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO, 1870, pp. 540- 555.

- COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO ORAGO DA FREGUESIA DA CIDADE DAS ALAGOAS, 1870, pp. 535-540.

- ESTATUTOS DA ORDEM 3ª DO GLORIOSO PATRIARCHA S. FRANCISCO, 1868, pp. 409-433.

- COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DA CIDADE DAS ALAGOAS, 1870, pp. 479-492.

ESTADO DE ALAGOAS, LEIS E ACTOS DE 1888 A 1889. Maceio: Typ. do Nacional, 1893.

- RESOLUÇÃO n. 1109, DE 17 DE AGOSTO DE 1889 – ESTABELECE O CODIGO DE POSTURAS DA CAMARA MUNICIPAL DE ALAGOAS, 1889, pp. 140-155.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

RELATÓRIOS TÉCNICOS

Avaliação arqueológica no Convento de Santa Maria Madalena, município de Marechal Deodoro/AL, durante as obras de restauração. Arquivo da Superintendência do Iphan em Alagoas, 2010.

Relatório Final: Pesquisa arqueológica no largo do Carmo, município de Marechal Deodoro, Estado de Alagoas. Empresa RGA Engenharia Ltda, Dez/2016. Arquivo da Superintendência do IPHAN em Alagoas.

Processo de Tombamento nº 426-T-50 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Convento-Igreja de São Francisco (Orfanato São José), Marechal Deodoro – Alagoas. Arquivo do Departamento do Patrimônio Material do IPHAN.

PESQUISA ELETRÔNICA

<http://www.franciscanos.org.br/?p=18123>. Acessado em julho de 2013.

<http://asmaisbelascidades.blogspot.com.br/2013/02/orleans-tours.html>. Acessado em julho de 2013.

<http://tocadeassis.org.br/de-olho-na-rua/ver/23/as-sete-meditacoes-de-santo-afonso-maria-de-ligorio-para-cada-dia-da-semana>. Acessado em agosto de 2013.

<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/marechal-sera-sede-do-governo-de-al-no-dia-da-proclamacao-da-republica.html>. Acessado em novembro de 2013.

<http://missatridentinaembrasil.org/2013/07/21/algumas-questoes-sobre-o-escapulario-de-nossa-senhora-do-carmo/>. Acessado em janeiro de 2014.

http://objdigital.bn.br/acervo_di.ital/anaais/anaais_028_1906.pdf. Acessado em janeiro de 2014.

<http://www.historiatecabrasil.com/2009/09/uniao-iberica-resumo.html>. Acessado em março de 2014.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

<http://livraria.senado.gov.br/edicoes-do-senado-federal/constituicoes-primeiras-do-arcebispo-da-bahia.html>. Acessado em abril de 2014.

<http://www.panoramio.com/photo/3765599>. Acessado em maio de 2014.

<http://aportanobre.blogspot.com.br/2012/08/igreja-gotica-de-s-domingos-2.html>. Acessado em fevereiro de 2015.

http://objdigital.bn.br/acervo_di.ital/anais/anais_028_1906.pdf. Acessado em julho de 2015.

<http://www.theresacatharinacampos.com/comp863.htm>. Acessado em junho de 2014.

<http://artenarede.com.br/blog/index.php/sao-francisco-de-assis-de-giotto-a-portinari/>. Acessado em junho de 2014.

http://www.franciscanos.org.br/?page_id=4830. Acessado em julho de 2014.

<https://padrepauloricardo.org/episodios/ressurreicao-dos-mortos-ou-ressurreicao-da-carne>. Acessado em outubro de 2014.

<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/unesp/252293>. Acessado em janeiro de 2015.

http://objdigital.bn.br/acervo_di.ital/anais/anais_028_1906.pdf. Acessado em setembro de 2015.

www.centrinho.usp.br/sfa/ff_02.html. Acessado em outubro de 2015.

<http://www.franciscanos.org.br/?p=24967#sthash.1MmLvoH0.dpuf>. Acessado em dezembro de 2015.

http://www.franciscanos.org.br/?page_id=4830. Acessado em março de 2015.

<http://purgatorio.net.br/2011/11/29/de-profundis-salmo-119/>. Acessado em abril de 2015.

http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/noticia/morte-e-morrer-nas-colonias-alemas-do-rio-grande-do-sul/7025. Acessado em abril de 2015.

www.capuchinhos.org. Acessado em junho de 2015.

www.fotoestrada.com.br. Acessado em julho de 2015.

<http://missatridentinaembrasilia.org/2013/07/21/algumas-questoes-sobre-o-escapulario-de-nossa-senhora-do-carmo/>. Acessado em julho de 2015.

<http://amigos-catolicos-evangelizadores.blogspot.com.br/2017/01/0268.html>. Acessado em julho de 2015.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

<http://www.historiatecabrasil.com/2009/09/uniao-iberica-resumo.html>. Acessado em julho de 2015.

<http://amigos-catolicos-evangelizadores.blogspot.com.br/2017/01/0268.html>. Acessado em agosto de 2015.

<http://livraria.senado.gov.br/edicoes-do-senado-federal/constituicoes-primeiras-do-arcebispo-da-bahia.html>. Acessado em janeiro de 2016.

<http://carlitolimablog.blogspot.com>. Acessado em outubro de 2016

<http://igrejaspedro.blogspot.com.br/>. Acessado em novembro de 2016.

blogdopopamarechal.blogspot.com.br. Acessado em novembro de 2016.

<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/unesp/252293>. Acessado em setembro de 2016.

<file:///D:/Usu%C3%A1rios/ana.magalhaes/Downloads/000056491.pdf>. Acessado em fevereiro de 2017.

http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi12/topoi12a3.pdf. Acessado em fevereiro de 2017.

<http://www.historiadealagoas.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Alagoas-em-1931-menor.pdf>. Acessado em fevereiro de 2017.

<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2012/12/fieis-homenageiam-nossa-senhora-da-conceicao-em-marechal-deodoro.html>. Acessado em fevereiro de 2017.

<http://www.infoescola.com/biografias/santo-afonso-de-ligorio/>. Acessado em março de 2017.

http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400292060_ARQUIVO_Artigo_Aconversaodogentio_ANPUHRIO.pdf. Acessado em julho de 2017.

https://books.google.com.br/books?id=Kqp1awQ-RCsC&pg=PA27&lpg=PA27&dq=philippe+aries+precursos+estudos+da+morte&source=bl&ots=1Rs_BBxOYP&sig=EJH4nI25ULIMajNw_y_rl7r9Fw8&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwisorOKJ0NLZA hXI2VMKHZj1AcwQ6AEIRzAC#v=onepage&q=philippe%20aries%20precursos%20estudos%20da%20morte&f=false. Acessado em outubro de 2017.

<http://www.anadia.al.gov.br/314/DadosMunicipais/>. Acessado em novembro de 2017.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

<http://www.franciscanos-rs.org.br/sao-francisco-de-assis-celebrado-na-terra-santa/>. Acessado em janeiro de 2018.

<http://www.infopatrimonio.org/?p=23460#!/map=38329&loc=-7.901812999999998,-35.1563250000000117>. Acessado em fevereiro de 2018.

<http://conventosantoantonio.org.br/>. Acessado em fevereiro de 2018.

<http://franciscanos.org.br/?p=59711>. Acessado em fevereiro de 2018.

Google Earth. Acessado em janeiro de 2017.

MATÉRIAS E VÍDEOS JORNALÍSTICOS

ZARUR, Cristina. “Saramago e as narrativas da morte”. *Gazeta de Alagoas* (Agência O Globo), Caderno B, Maceió, 16 de novembro de 2005, B1-B3.

“Esqueletos achados em Marechal são analisados em laboratório”. AL TV. Maceió: TV Gazeta de Alagoas. 14 de outubro de 2016. Programa de TV. Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/10/esqueletos-achados-em-marechal-deodoro-sao-analisados-em-laboratorio.html>. Acessado em janeiro de 2016.

MAYNART, Rafael. “Ossadas do século XVII são encontradas em praça de Marechal Deodoro”. Maceió: Portal GazetaWeb.com. 13 de outubro de 2016. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia.php?c=20334>. Acessado em janeiro de 2016.

TICIANELI, Edberto. “Cemitério de N. S. da Piedade completa 160 anos de histórias”. *Memória Urbana*. Publicado em 21 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.historiadealagoas.com.br/cemiterio-de-n-s-da-piedade-completa-160-de-historias.html>. Acessado em janeiro de 2018.

LIMA JÚNIOR, Felix. *História do Cemitério de São José*, de Felix Lima Júnior. Publicado em 12 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.historiadealagoas.com.br/historia-do-cemiterio-de-sao-jose-de-felix-lima-junior.html>. Acessado em janeiro de 2018.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ARQUIVOS PESQUISADOS

Arquivo Público de Alagoas, em Maceió. Alagoas.

Arquivo do Museu de Arte Sacra, antigo Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro, Alagoas.

Arquivo do Convento Franciscano de Santa Maria dos Anjos, em Penedo, Alagoas.

Arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, FAU/UFAL.

Arquivo da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, em Maceió, Alagoas

Arquivo do Departamento do Patrimônio Material do IPHAN, em Brasília, Distrito Federal.

Arquivo da Igreja de São Benedito, em Maceió, Alagoas.

Arquivo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Marechal Deodoro, Alagoas.

Biblioteca Nacional de Portugal (online).

Biblioteca Digital Luso-Brasileira (online).

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em Maceió, Alagoas.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (online).

Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (online).

Deptº dos Bens Culturais da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil

Igrejas, conventos, cemitérios

*o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e
arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas*

ANEXOS

ANEXO A

CAIXA 0999, Maço 1864 – Vigários, Maço 1864 – Offícios de Vigários da Freguesia das Alagoas.

[fl. 1]

01 Bastante surpreendido fiquei, q^d.
02 neste Conv^o recebi o honroso officio de V. Ex.^a
03 respeito a Pessoa de V. Ex.^{cia}, e ao alto lugar
04 que occupa, cumpre-me responder a V. Ex.^{cia}.
05 Este Conv.^o de q. sou indigno prelado nun
06 ca esteve feixado, logo que tocão quatro ho
07 ras da tarde o povo afflui g.^r as devoções
08 que tenho estabelecido. Tenho feito alguns
09 discursos ao povo convidando-os a peniten
10 cia e oração; fazendo-lhes crer q. a falta de
11 Carid.^e e mutuo socorro: o temor servil,
12 não próprio de christãos esclarecidos tem oc
13 casionado mais mortalidade do q a epidemia
14 reinante; neste sentido p.^s tenho fallado
15 ao povo: (?) Ex.^{mo} Senr., o q. tenho feito não se
16 tem dito a Presidencia (?) sim o q me espõe V. Ex.^{cia} em seu officio.
17 Sendo chama^{do}. (?) minha venerada mae p. causa
18 de se achar m.^a cara irmã gravim.^e enferma
19 fiz alguma ausência; (...) nunca esteve o Conv^o
20 feixado, nem se deixou de celebrar as mis
21 sas, e praticar as devoções de costume.

[fl. 2]

21 E q.^{to} Ex.^{mo} Senr. ao offerecimento que me faz V. Ex.^{cia}
22 de prestar-me auxilio p.^a recolher (?) subditos,
23 eu beijo as mãos de V. Ex.^{cia} e permitta-me que fa
24 ça alguma reflecção.
25 Os que habitão de pres.^e o nosso pobre Conv^o
26 acho-os sufficientes, os q. estao ausentes,
27 estão com licença legitima, alguns dos q.^s em serviço
28 da Igreja, onde estão V. Ex.^{cia} os encontrara fir
29 mes no seu posto de honra e possuídos daq.^{le} es
30 piritos de Carid.^e solenmim.^{te} recomendado p.^{lo}. Nos

Igrejas, conventos, cemitérios

*o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e
arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas*

31so S.^{to} Fundador. Se todos não se achão recolhi
32 dos é devido a falta de recursos e meios de sub
33 sistencia: todavia se V. Ex.^{cia} d'elles precisar todos
34 me obedecem prontam.^e sem ser preciso a for
35 ça; Pq creio que ali não haverão auctoridades
36 tão desmoralizadas, q. menosprezem e aconse
37 lhem a desobediência e protejão o crime.
38 Sendo os: Ex.^{mo} Sern^o o nosso Patremonio fun
39 dado na esmolla, eu me acho privado d'este úni
40 co animo a pedido de V. Ex.^{cia} e unicam^e no men
41 guado recurso de m.^{as} Ordens tenho (?)
42 mal ao superiores despesas deste Conv^o q. (?)
43 me por aos hombros: estas continuadas precisões
44 me tem obrigado a fazer alguma breve ausen

[fl. 3]

45 ausencia: se estas e as outras razões q. venho
46 de expor a V. Ex.^{cia} são motivos de censura, e assim
47 de certo Ex.^{mo} Sern^o mal estaria eu se vem
48 tura m.^a consciencia me não tranquilizasse.
49 Grandes são os dessabores q me afligem
50 (?) nesta época q. outros deveres, outras
51 occupaões deviam cativar m.^a atenção;
52 m.^s felizmente V. Ex.^{cia} tem motivos p. conhe
53 cer-me.

[fl. 4]

54 Deos guarde V. Ex.^{cia} Conv^o.
55 de S.^{ta} Maria Magdalena das Alagoas.
56 03 de janr^o de 1856.
57 Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sern^oD.^{or} Antonio Coelho de Sá e
58 Albuquerque Dignissimo Presidente desta Provincia.

59 Fr. José de S.^{ta} Engracia Cav.^{te}

*Transcrição: Ana Cláudia V. Magalhães, 2016.

Igrejas, conventos, cemitérios

*o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e
arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas*

ANEXO B

CAIXA 456, Maço 1856 – Clero, Maço Freguezia das Alagôas
Arquivo Público de Alagoas

[fl. 1]

1 Illm^o. Ver^o. Sn^r.

2 Constando me, que se acha no Cemiterio pro
3 visório d'esta Cidade o cadáver de Joaq^m. Ant^o
4 do Nascim^{to}. para ser sepultado, e não o po
5 dendo fazer o encarregado do dito Cemitério
6 sem a competente licença de V. Exc^a. e não
7 convindo á salubridade publica qe estejam
8 p mto tempo cadáveres insepultos; es
9 pero qe V. Exc^a. mandará com a brevidade
10 possível sepultar o cadáver; visto esta
11 a completar vinte e quatro horas que mor
12 reo o mencionado Joaq^m. Ant^o. Espero que V.
13 Rev^o de sua parte me preste todo o auxi
14 lio que puder a fim de eu poder dar in
15 teiro cumprimento as ordens do Exc^o G^o da Província.

[fl. 2]

16 Deus guarde a (?)
17 Alagôas 18 de junho de 1856
18 Ill^{mo}. Ver^o. (?) Domingos Jose da Silva
19 Vigário deste Freg^a.
20 Ant^o. Jose de Cerqr^a. (...)
22 (...)

*Transcrição: Ana Cláudia V. Magalhães, 2016.

Igrejas, conventos, cemitérios

*o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e
arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas*

ANEXO C

Caixa 0258, Maço Comissão da obra do Cemiterio das Alagôas.

Arquivo Público de Alagoas[fl. 1]

1 Tendo officiado a V. Ex^{ca}. em 31 de
2 março, a cerca dos Enterramentos no Cemi
3 terio publico desta cidade, V. Ex^{ca}. se dig
4 nou responder-me que tinha mandado com
5 urgência que a Camara Municipal infor
6 masse se avia alguma postura que pro
7 ibice os Enterramentos nas Igrejas: de cujo
8 officio se dignou mandarme a copia; se
9 guiu=se a este primeiro officio um adi
10 tamento, que remeti a V. Ex^{ca}. em 11 do
11 corrente do qual não recebi respos
12 ta; hoje pellas 5 horas da tarde contra
13 toda a interpretação minha, recebi da Camara
14 Municipal, o officio que por copia tenho
15 a honra de transmitir a V. Ex^{ca}. sobre isto
16 tenho a ponderar que estando este negocio a
17 fecto ao Governo, eu devo aguardar a respos
18 ta sem o que nada posso fazer a respeito de
19 Enterramentos; demais estando estes enca
20 minhadados para o Cemiterio publico, causa grandes
21 transtornos a descontinuação delles,
22 alega a Camara Municipal que não se
23 deve enterrar no Cemiterio publico por q^e
24 não se estando acabado entrão os animais,
25 mas este inconveniente sessou depois
26 q o cemitério se mandou cercar, e hoje
27 já não entram mais animais, depois
28 disso temos a Lei que prohibe os Enterra
29 mentos nas Igrejas, parece esta medida
30 da Camara Municipal um patronato

[fl. 2]

31 patronato aos Religiosos que recebem
32 8, e 10 mil.rs por cada defunto e em
33 acento que depois da Camara Municipal
34 designar o pequeno espaço que medeia
35 entre o Convento de São Francisco
36 e a Ordem Terceira, e o governo tendo

Igrejas, conventos, cemitérios

*o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e
arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas*

37 aprovado deve ser considerado Cemi
38 terio publico, e os Religiosos nada de
39 vem perceber de Enterramentos, e se
40 puzece em execução os empenhos que
41 eles fazem, ou fazião para que la se
42 não enterrace mais pessoa alguma:
43 a cauza principal do Missionario
44 transferir os enterramentos para o Cemi
45 terio Publico foi enterrarem-se no pe
46 queno espaço do Convento dois, e três
47 defuntos, sem se terem consumido os
48 anteriores; aguardo a decisão de V. Ex^{ca}.
49 o mais breve possível, visto serem os
50 enterramentos de quase todos os dias,
51 não poder ademetir demora.

[fl. 3]

52 (?) Alagôas 20 de abril de 1870.
53 Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. D^{ro}. Jose Bento da Cunha Figueirêdo Junior Dig^{mo}. Presidente da
54 Provincia

[fl. 4]

55 P^e. Domingos Jose da Silva
56 Parocho das Alagôas.

*Transcrição: Ana Cláudia V. Magalhães, 2016.

Igrejas, conventos, cemitérios

o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas

ANEXO D

Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da cidade das Alagoas, 1803.
Capítulos 6 e 8.

Arquivo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Da Cruz e Tumba

Capítulo 6

[fl. 10]

01 Falescendo algu
02 Irmão, mulher ou filho familia de Irmão,
03 he obrigado o Procurador, congregar a Confra
04 ria com a sua tumba, para debaixo tam
05 bem da sua cruz, acompanhar sem es
06 mola taes defuntos, mas pelos estranhos,
07 sendo chamado, cobrará pela do uzo qua
08 tro mil reis, pela rica seis mil reis e quatrocentos
09 reis, e pela cruz trezentos evinte reis, e a tum
10 ba rica só conduzira aos oficiais da Me
11 za, falescendo no anno emq servirem, e aos
12 Juizes q já tiverem servido.

(...)

Capítulo 8

[fl. 14]

01 Havendo algum
02 pardo captivo que se queira incorporar nesta Conf

[fl. 15]

03 Confraria pagara quatro mil reis de entrada
04 aos competentes (?), sendo assignado o termo
05 de entrada pelo seu senhor, o qual fi
06 cara por ele obrigado, e não poderá servir
07 os encargos da Confraria, enem usara das
08 insignias della, nos competentes actos, e se
09 depois de ser Irmão se libertar, gozará de

Igrejas, conventos, cemitérios

*o Lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e
arquitetônica da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas*

10 todos os direitos da Confraria, como se
11 entrasse liberto, e este se lerá no dia da
12 entrada, e sendo sequeira assim mesmo
13 sугeitar se acceitará.

*Transcrição: Ana Cláudia V. Magalhães, 2018.